UM EXTRATERRESTRE NA GALILÉIA



C.R.P. Wells

MADRAS

C.R.P. WELLS

UM EXTRATERRESTRE NA GALILÉIA

MADRAS
2003

.. A conquista da paz em nosso mundo provará que existe vida inteligente no planeta Terra."
Rogério C. Chola

Dedicatória

À Melinda, um grande achado em meio à turbulência de meus dias. Um anjo e criatura especial que veio trazer paz e esperanza em minha vida. A minha adorada e sempre recordada avó, Sra. Virgínia Garcia Corrochano de Paz, pois, sem seu esforço e sacrifício, jamais teria vindo ao Brasil. A meus segundos pais, meus amados tios, Sra. Rosa Paz de Larenas e Sr. Leon Larenas Izquierdo, pelo lar e carinho que me ofereceram nesta terra, e pelo auxílio e apoio que sempre souberam dar.
A minha querida e sempre lembrada irmã, Rose Marie, uma grande criatura e uma fantástica curiosa do desconhecido. A Francisco Annicelli e dona Sara Garcia Annicelli *(in memorian*), pessoas maravilhosas que jamais esquecerei. A incomparável "tia Helena", cujo afeto, compreensão e ternura proporcionaram grandes e maravilhosos momentos em minha

vida. À corajosa psicóloga Gilda Moura, uma pioneira e desbravadora na investigação do contatado, que lutou contra o preconceito e conquistou o respeito e a admiração de toda uma geração. A Luiz Márcio Mourão e Martins, que num grande ato de generosidade e confiança, fez de mim um profissional de comunicação. A Guilherme Colleti, pelos seus incontáveis conselhos e generosa orientação.

A meu falecido pai, que em paz descanse, e a quem sempre serei grato pela oportunidade que me brindou.

A Carlos Grande, Fabinho, Julho, Marcelo, Alessandra e todos meus companheiros, atuais, antigos e futuros, que um dia cruzaram seus caminhos comigo e que, ainda, um dia os cruzarão.

E a todos aqueles que, indistintamente de seus credos, linha de trabalho, filiação esotérica ou filosófica, acreditam que ainda é possível construir um mundo melhor onde se possa viver em paz, dignamente e onde a fé na capacidade de realizar, a confiança no futuro, o respeito a todas as criaturas e o amor como forma de ser e estar, serão o exercício diário da própria vida.

Índice

PRÓLOGO.
INTRODUÇÃO
CAPÍTULO I
O PRIMEIRO EXPERIMENTO
CAPÍTULO II
O LADO ESCURO DO HOMEM
CAPÍTULO III
O CRISTIANISMO
CAPÍTULO IV

O AVANÇO DO CRISTIANISMO
CAPÍTULO V
A IGREJA INSTITUCIONALIZADA
CAPÍTULO VI
A RELIGIÃO DOS HOMENS
CAPÍTULO VII
OS SUMÉRIOS
CAPÍTULO VIII
OS APÓCRIFOS
CAPÍTULO IX
JESUS EXISTIU?
CAPÍTULO X
OS VIGILANTES
CAPÍTULO XI
OS MASSORETAS
CAPÍTULO XII
JESUS DE NAZARÉ
CAPÍTULO XIII
OS ANOS PERDIDOS DE JESUS
CAPÍTULO XIV
O SUDÁRIO DE TURIM
CAPÍTULO XV
O SUDÁRIO DE OVIEDO
CAPÍTULO XVI
REFLETINDO
CAPÍTULO XVII
O PROJETO EMANUEL

"... O machado já está posto à raiz das árvores e toda árvore que não produzir bom fruto será cortada e lançada ao fogo...". (Mateus 3:10).

"... Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem e todas as tribos da terra baterão no peito e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com Seu poder e grande glória. Ele enviará os seus anjos que, ao som de grande trombeta, reunirão os seus eleitos dos quatro ventos, de uma extremidade até outra extremidade do céu...".(Mateus 24:30-31).

"... Meu reino não é deste mundo. Se meu reino fosse deste mundo, meus súditos teriam combatido para que eu não fosse entregue aos judeus. Mas meu reino não é daqui...". (João 18:36).

"... Ele, porém, lhes dizia: Vós sois daqui de baixo e eu sou do alto. Vós sois deste mundo, eu não sou deste mundo...". (João 8:23).

"... Jesus lhes disse: Em verdade, em verdade, vos digo: antes que Abraão existisse, eu tenho sido...".(João 8:58).

"... Se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos, e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará...". (João 8:31-32).

"... Vós sois do diabo, vosso pai, e quereis realizar os desejos de vosso pai...". (João 8:44).

"... Tu o dizes: eu sou rei. Para isso nasci e para isto vim ao mundo: para dar testemunho da verdade. Quem é da verdade escuta a minha voz...". (João 18:37).

"... Em verdade vos digo que esta geração não passará sem que tudo isso aconteça. Passarão o céu e a terra. Minhas palavras, porém, não passarão. Daquele dia e hora, ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, mas só o Pai...". (Mateus 24:34-36).

"... Ele veio como o eleito que há de escolher, como mensageiro da necessidade de uma mudança de consciência, porém não veio a falar para sua época, mas com vistas ao futuro. Ele veio deixar uma charada que vararia o tempo e as distâncias, para ser reconhecida e compreendida somente por aqueles que ele procura achar. Sua vida e obra são um mapa. Suas palavras um enigma. Quem souber ouvir que ouça, quem souber ver que veja...".
(Os Semeadores de Vida, Editora ícone, São Paulo, 1993, C.R.P. Wells).

Prólogo

Pouco menos de 2.000 anos se passaram desde que as agrestes e áridas colinas da Galiléia sentiram a cadência das pisadas de um homem que, de forma muito especial, agitou e conturbou a mente e o espírito de milhares de pessoas. Uma criatura misteriosa e ímpar, que gravou sua presença na história da humanidade, surgindo magicamente dentre o pó do deserto, empunhando apenas palavras de esperança, otimismo, liberdade, reflexão, mudança interior e, principalmente, amor ao próximo e a si mesmo.

Embora sua passagem pelo pequeno mundo daquela época tenha sido rápida, resulta incrível perceber que, depois Dele, esse mesmo mundo nunca mais foi o mesmo.

Seja como for, sua presença representou para a humanidade uma revolução como jamais foi vista em toda a sua história. Porém, cabe analisar até que ponto realmente esta revolução decorreu conforme Ele, o próprio Jesus, planejava.

Afinal, será que era para ser como foi? Ou era outro o resultado esperado por Ele ou por quem o enviou?

Atualmente, e para nossa grande sorte, as descobertas arqueológicas e as constantes investigações históricas realizadas nestes últimos 60 anos têm trazido para perto de nós informações mais concretas sobre como foi a vida dos antigos habitantes da Palestina e da Judéia, mostrando que este provável filho de carpinteiro, misto de profeta e Deus encarnado, verdadeiramente existiu, pois, embora pareça estranho, ainda para muitos sua existência tem sido uma questão discutível. E mais do que isso, os mais recentes achados trouxeram consigo a evidência do que Ele, provavelmente, tentou dizer na época e como sua maravilhosa e profunda mensagem resultou, deliberadamente, manipulada e descaracterizada pela interferência de inúmeros interesses ao longo dos tempos.

Com as descobertas de antigos documentos judeus, cristãos, romanos, copias, cátaros e apócrifos em geral, resgatados por hábeis e curiosos pesquisadores, vieram à tona relatos detalhados que se elevaram, no cenário científico mundial, como desafiantes testemunhas de eventos e fatos antes nunca revelados, propositalmente omitidos ou, até, simplesmente, ignorados pelas religiões judaica e cristã. Fatos e eventos que, se hoje analisados sob a ótica deste século, decerto deixariam de ser considerados de cunho divino e muito menos miraculoso.

Além do mais, em meio a todo este mar de pesquisas históricas, surge, neste momento, mais um fator que se soma às já diversas fontes de investigação e especulação como elemento de resposta.

Eis que aparece, no cenário mundial, uma variável que, até algumas décadas atrás, seria impossível de imaginar ou considerar, revelando um outro lado, inusitado e fantástico, do nosso provável passado. Um fator por si mesmo extraordinário e diferente que, sem dúvida alguma, representa uma afronta à própria história e ao surgimento das religiões. E esse é o fator extraterrestre.

Assim, ao longo destes últimos 50 anos em que se discute a provável visita de seres de origem extraterrestre ao nosso pequeno planeta, um grupo, do qual participo, antigamente denominado de Missão Rama — Plano Piloto ou Missão Rama do Brasil e agora de PROJETO AMAR continua, desde sua fundação em finais de 1974 e sua reformulação em 1995, a manter contato comprovado com seres de origem extraterrestre. Contatos estes testemunhados por milhares de pessoas de variadas nacionalidades, assim como por jornalistas, canais de televisão e profissionais de diversos segmentos.

Desta forma, no decorrer de 24 anos de contatos e diálogos com estas fantásticas criaturas, surgiram, inevitavelmente, perguntas a respeito do nosso presente e do nosso passado, dando espaço a desvendar, principalmente, a origem da espécie humana e o surgimento de nossos mitos e credos.

As respostas que se seguiram, vindas dessas entidades, não chegaram prontas nem fáceis de entender. Bem ao contrário do que imagináramos, vieram dentro de um contexto profundo e complexo, muito distante da nossa preparação de então.

Aguçada a curiosidade, a mesma nos motivou de forma até obsessiva a desenvolver uma detalhada e exaustiva pesquisa, com o objetivo de

construir uma base sólida e ampla, que nos permitisse entender e compreender o incrível significado que se revelava por trás de cada mensagem apresentada pelos extraterrestres. Assim, gradualmente, foi surgindo a imagem de um passado que justificava seu presente. O panorama de um estranho planeta chamado Terra foi ganhando forma e sentido pouco a pouco.

Tudo isso emergia violentamente do interior do abismo da nossa ignorância, mostrando-se importante e revelador demais para permanecer apenas entre nós. A responsabilidade de deter informações consideradas fundamentais para uma revisão de nossa história passou a ser um peso e uma preocupação, sendo necessário dividi-la com alguém, de alguma forma. E mesmo que pudesse soar "misticóide", ridícula, absurda ou incrível, valeria o risco e a pena partilhá-la.

Portanto, este livro foi desenvolvido pretendendo ser não somente um trabalho que transcreverá o que estas entidades alienígenas nos revelaram em resposta às nossas perguntas, mas um agregado singular de dados históricos nunca antes apresentados, buscando sustentar, por meio deles, as afirmações aqui expostas. Tudo isso mostrado de maneira criteriosa e diferenciada em relação ao que já foi escrito até hoje sobre o tema.

Acreditamos que muitos não aceitarão o que aqui está registrado e serão levados a considerar este trabalho fruto de uma loucura. Porém, pedimos honestamente a você, caro leitor, que se permita abrir sua mente e que., pelo menos por um instante, reflita se, mesmo parecendo tudo isto um absurdo, caberia a possibilidade, por menor que fosse, de ter alguma verdade contida entre estas linhas. Se no final deste trabalho obtivermos isso, poderemos ter certeza de que todo o nosso esforço foi alcançado generosamente.

Mas, mesmo considerando seu provável ceticismo, e para sermos coerentes com o que consideramos um legado oferecido a todos nós,

indistintamente, deixamos claro que a pesquisa aqui apresentada levou vários anos para ser concluída, já que os documentos e as fontes aqui citados foram coletados em diversos países, possuindo verdadeira sustentação histórica.

Embora todo esse trabalho tenha sido influenciado em certa forma por essas entidades alienígenas, isso jamais ofuscou a única motivação que orientou desde o início esta obra, a qual foi buscar desvendar e descobrir duas coisas: a primeira, saber que papel representa a figura de Jesus no futuro de nosso mundo; e a segunda, onde, em que lugar físico ou etérico, encontra-se a chave que poderá dar início à construção de um futuro digno e verdadeiramente humano para todos nós.

O objetivo, pois, deste trabalho, não é e nem foi destruir dogmas ou crenças, muito menos substituí-las, mas apenas encontrar respostas consistentes e oferecer a oportunidade de uma profunda reflexão sobre a natureza e o papel histórico de Jesus. Ao mesmo tempo, não foi e nem é propor novos credos, mas uma revisão objetiva de nossos mitos e superstições. E por outro lado, não foi nem será jamais o nosso objetivo o de destruir ninguém, criticar qualquer dogma ou condenar qualquer instituição, mas apenas o de propor um renascimento consciente e coerente em relação à vida, conhecendo a verdade dos fatos, quase sempre distantes do público.

Sinceramente, esperamos que, nestas humildes linhas, o homem da Galiléia deixe de ser adorado irracionalmente como um deus, para ser profundamente amado, corretamente, pelo seu sacrifício por amor a esta ignorante e selvagem humanidade que, no momento mais transcendental da sua história, não soube ouvir nem ver o que este ser realmente fez por todos nós. A mesma humanidade que, ao longo do tempo, transformou e manipulou vergonhosamente suas palavras e intenções.

Neste trabalho, procuraremos descobrir, sem mistérios, o segredo escondido entre as palavras deste fantástico personagem. Segredo que o tempo e o egoísmo humano buscaram teimosamente ocultar. Juntos, nesta viagem, procuraremos descobrir quando e de que forma Jesus, o pescador de homens, retornará para resgatar os seus eleitos e para julgar a todos, os vivos e os mortos.

Introdução

Durante muitos anos estudei no Colégio São Luis Gonzaga, da congregação marista, no tradicional bairro de Barranco, na cidade de Lima, capital do Peru, havendo sido catequizado e doutrinado sobre o que o catolicismo prega sobre Deus e a respeito da figura de Jesus. Nesse período, tal como qualquer cristão, participei dos ritos e atividades típicas de todo praticante, embora muitas dúvidas estivessem presentes em minha mente sobre a figura e natureza de Jesus, tanto como pessoa quanto como personagem bíblico.

Desde que meu pai, em 1955, fundara em Lima o Instituto Peruano de Relações Interplanetárias (I.P.R.I.), uma entidade pioneira na América Latina voltada à investigação do fenômeno extraterrestre, este se tornou para mim inevitável fonte de informações e questionamentos sobre a vida fora da Terra e sobre o papel de Deus no cenário Universal, pois desde minha infância apresentou um caudal de oportunidades de informação que influenciaram fundamentalmente o processo de minha formação intelectual e espiritual, as mesmas que esbarraram em cheio nos dogmas da fé.

Nesse sentido, a realidade da presença extraterrestre, confirmada pelos depoimentos de testemunhas, em princípio, e depois vivenciada por mim em inúmeros momentos de contato direto com os extraterrestres, obrigou-

me a rever esta visão sacrossanta do cristianismo. E mais ainda, quando numa oportunidade os próprios extraterrestres fizeram menção ao que denominaram de Projeto Emanuel, uma enxurrada de pontos obscuros emergiram na minha vida para serem esclarecidos.

Desde o início dos contatos com extraterrestres em 1974, e depois disso, foi gerada uma avalanche de situações, informações, conteúdos e vivências que instigaram a nossa busca por respostas claras e definitivas sobre a verdadeira origem do homem e a relação que Jesus teria tanto conosco como com os extraterrestres. Também outros investigadores famosos como o escritor Werner Keller, autor de *E a Bíblia Tinha Razão,* o médico Vamberto Morais, autor de *O Mistério de. Jesus,* o italiano Marcello Craveri, autor de *Vida de Jesus,* e outros tantos como o jornalista e escritor espanhol Juan José Benítez, autor da novela e *best-seller* internacional *Operação Cavalo de Tróia,* já no quinto volume, e do seu último livro sobre Jesus, chamado *O Enviado,* demonstraram uma grande curiosidade por este personagem.

No caso particular de J. J. Benítez, sua curiosidade por Jesus não é e nunca foi gratuita. Isto porque o escritor espanhol participou, no dia 7 de setembro de 1974, de um encontro próximo com duas naves de origem extraterrestre no litoral do Peru, quando ainda era um cético em relação ao tema. Nessa oportunidade, a experiência de avistar dois veículos de origem desconhecida a pouca distância, agendada por mim com cinco dias de antecedência, não foi o único ponto a tocá-lo, já que, posteriormente, por meio de seus livros, demonstrou haver-se impressionado profundamente com outras informações que lhe foram reveladas e confiadas durante as entrevistas que realizou conosco, inclusive, sobre a figura histórica de Jesus.

Cabe aqui informar que, segundo declarações dos próprios seres extraterrestres, com os quais estamos em contínuo contato, a sua

longevidade está próxima de superar os 4.000 anos terrestres. Isto é, qualquer um deles tem capacidade para viver todo esse tempo. Noutras palavras, um destes seres que esteja completando hoje seus 4.000 anos aproximadamente, teve oportunidade de conhecer pessoalmente não somente Abraão, quando chegava a Canaã com seus rebanhos, mas também viu Moisés atravessar o Mar Vermelho e Jesus ser crucificado no Gólgota. Isto significa que esses seres conheceram cada momento importante da história de nossa Terra e que, de uma maneira ou de outra, registraram esses fatos e/ou possivelmente perpetraram algum tipo de interferência ou contato com todos os protagonistas desses eventos.

Vivenciando pois quase que regularmente a experiência de trocar impressões e até informações com esses seres, tivemos a oportunidade de conhecer, de primeira mão, a possível verdade dos acontecimentos e perceber de que maneira os próprios extraterrestres estiveram envolvidos na concretização destes fatos. Digo aqui possível verdade por duas razões: uma, porque entendemos que toda essa informação aqui apresentada é fruto de uma profunda e demorada pesquisa, cuja avaliação dependeu, fundamentalmente, do material disponível, o que de imediato remete a considerar que existe muito ainda não investigado; e, a segunda, porque ao mesmo tempo as conclusões dependeram de uma troca com estes seres que, acreditamos, tenham nos dito a verdade.

Mas, conscientes da responsabilidade de repassar o que recebemos e isentos de simpatias, deixamos em aberto também três possibilidades em relação ao decorrido no contato: a) ou eles, os extraterrestres, nos mentiram intencionalmente por alguma razão por nós deconhecida; b) ou entendemos de modo errado tudo o que foi revelado; ou c) tudo o que foi dito é verdadeiro. E se tudo o que está aqui escrito é, afinal, a mais pura verdade? Seria isto possível? Por que não?

Seria Jesus um extraterrestre? Um enviado por eles? Um mestiço, meio humano e meio extraterrestre vindo cumprir um plano ou um propósito por nós desconhecido?

Quem foi este personagem magistral e fantástico que surgiu de repente e que modificou o rumo da história deste mundo?

Quem foi, ou ainda é, esta entidade atemporal que promete retornar no final dos tempos?

O que os extraterrestres têm a ver com a sua aparição histórica?

Será que Jesus também pode chegar a viver 4.000 anos como os extraterrestres, ou mais?

Seja como for, partiremos do princípio de que somos totalmente ignorantes em relação à história deste personagem, vindo a narrar os passos que guiaram a nossa pesquisa, assim como os eventos que geraram toda esta empreitada. Desta forma, juntos, procuraremos descobrir, ao longo deste trabalho, se os argumentos apresentados ou mesmo as informações coletadas comprovam, corroboram ou não a possibilidade extraterrestre da natureza e origem de Jesus, já que, de alguma maneira ou em algum lugar, deverá existir alguma prova, definitiva e contundente, que confirme ou destrua qualquer uma dessas conjecturas.

Por outro lado, devemos lembrar aqui que a figura e a prédica de Jesus chegaram até nossos dias fundamentalmente pelo desenvolvimento e expansão da religião cristã, reforçada pelos relatos contidos nos evangelhos do *Novo Testamento* e nos textos considerados apócrifos. Embora a religião islâmica, por meio do Alcorão, também nos remeta uma imagem bastante interessante sobre ele, seu conteúdo e orientação é bem diferente, assim como o que podemos retirar de documentos de natureza esotérica e espírita.

De qualquer forma, a presença histórica de um homem de nome Jesus, que viveu na Palestina há quase 2.000 anos, que predicou, fez milagres e

agitou as massas de uma época, é um fato hoje incontestável como iremos ver ao longo deste trabalho. Como também resultará evidente o fato de que Jesus morreu aparentemente na cruz e, tal como o havia previsto, logo depois ressuscitou dentre os mortos. E que, como o prometera em reiteradas ocasiões, um dia retornará, com seus anjos, para o julgamento e para o seu reencontro final com os seus eleitos da humanidade.

A partir de agora, mergulharemos num mundo em que passado e presente se misturam. Em que a verdade é mais fantástica que a própria ficção, e na qual a imagem de um homem chamado Jesus é mais viva e presente do que nunca.

O que seguirá nestas linhas não é ficção nem uma novela, mas o relato de fatos reais e verdadeiros comprovados diariamente pela pesquisa e por centenas de pessoas que, assim como J. J. Benítez, fizeram e fazem parte da maior aventura do contato extraterrestre jamais vivida pelo mundo moderno.

CAPÍTULO I
O Primeiro Experimento

O Sol, cumprindo obediente seu ciclo natural diário, afastava de todos nós sua luz e calor, ocultando-se lentamente por trás dos enormes prédios que cercam a gigantesca cidade de São Paulo. E enquanto o céu perdia sua cor, a noite chegava com seu escuro e frio manto, trazendo consigo uma copiosa chuva que se iniciava suavemente, alagando gradualmente as ruas e atrapalhando o trânsito e a vida dos paulistanos.

Apenas o som da água escorregando pelas calhas competia com minha voz, a qual procurava chegar a uma platéia curiosa e atenta. Poucos minutos faltavam para encerrar mais um longo seminário sobre a vida de

Jesus. E entre transparências e dissertações, o estimulado público formulava as mais diversas perguntas, jogando questões e procurando respostas que esclarecessem ou apoiassem as suas convicções pessoais. Religião, mitos, crenças e simpatias degladiavam-se ferozmente procurando espaço para sobreviver e continuar a existir. Informações e descobertas colidiam contra anos de vida, dogmas estabelecidos e décadas de evangelização, participando de uma silenciosa batalha interior de profundas conseqüências e terríveis decisões. E afinal não havia derrotados, vencidos ou vencedores, apenas espíritos perturbados em meio a decepções, descobertas e reflexões.

E entre dúvidas e esclarecimentos, sempre acabava me questionando sobre a razão que me levara a realizar esse tipo de trabalho. Qual o motivo para tal pesquisa? Qual a necessidade de reunir e apresentar tal cabedal de informação? O que pretendia com isso?

Quantas vezes havia enfrentado as mesmas perguntas em diferentes lugares, tempos e países? Provavelmente, não soubesse mais quantas somavam até o momento, mas a sensação que aquilo me provocava era sempre a mesma.

Era como se de imediato aquelas questões me obrigassem a rever-me, fazendo com que toda a minha vida passasse frente aos meus olhos em velocidade lenta. Não importava onde fosse. Bastava que aquelas perguntas fossem formuladas para que as lembranças de toda uma breve existência emergissem claramente com a violência de um vulcão em erupção, trazendo à tona um passado cujas marcas persistiam teimosamente, influenciando o meu presente e exigindo um futuro de grandes embates e sacrifícios.

A pesquisa sempre teve uma origem, é claro, assim como um propósito. Uma razão complexa e profunda, difícil de ser exposta e compreendida, resultando num tremendo desafio para explicá-la sem parecer louco ou

desequilibrado na tentativa, e, ainda, conseguir apresentá-la sem provocar resistência. Quantas coisas havia vivido e visto nestes últimos vinte e quatro anos de vida, que fariam qualquer filme de ficção parecer uma triste caricatura de uma realidade maior? Quão longe o homem estava de saber de coisas fantásticas que orbitam ao seu redor?

Ao mesmo tempo em que observava aqueles rostos interrogantes e desconcertados de uma platéia em conflito por informações antes desconhecidas, minha mente mergulhava fundo no tempo e nas lembranças, fazendo ressurgir os fantasmas de um passado ainda vivo. Como palavras mágicas, as perguntas transportaram-me no tempo, no qual um outro céu estrelado e escuro se refletia silenciosamente nas cinzentas e frias águas do oceano Pacífico. Era como viver tudo novamente, mas desta vez com maior controle da situação.

Entre as trevas do tempo que se abriam em minha mente, vislumbrava claramente a imagem das luzes da Universidade de Lima, lugar onde havia estudado antes de vir ao Brasil, localizada no bairro de Monterrico, região periférica da cidade de Lima, no Peru. Nessa oportunidade, lembro perfeitamente de que mais um dia havia transcorrido na faculdade, dando por encerrada a última aula. E, junto com meus colegas, entre comentários e algazarra, abandonávamos o prédio em direção ao ponto de ônibus.

Nessa época, fazia poucas semanas que o jornalista Juan José Benítez havia retornado para a Espanha com seu colega e fotógrafo Fernando Mugica, após haver participado de mais uma experiência de contato com naves extraterrestres junto conosco, mas desta vez por convite do meu irmão Sixto. Nesta nova e curta visita, o próprio Juan José comentara que as doze reportagens que publicara no jornal *La Gaceta del Norte,* de Bilbao, narrando sua primeira participação no encontro com duas naves extraterrestres a baixa altitude, haviam provocado uma grande agitação

em toda a Europa. E, conforme apontara, em breve, centenas de curiosos, assim como diversos meios de comunicação europeus, nos procurariam para saber mais sobre as nossas fantásticas experiências com os extraterrestres.

Tudo isso parecia incrível. Pensar que, poucos meses atrás, havíamos realizado a primeira experiência de contato programado com seres de outros mundos em que um jornalista e outros tantos convidados, previamente convocados, haviam participado. Isto era, sem dúvida, um marco na vida de todos, envolvidos ou não. E principalmente para J. J. Benítez, pois mal eu sabia que, em poucos anos, se tornaria uma das maiores autoridades européias na investigação do fenômeno extraterrestre e um dos mais conhecidos escritores sobre o tema, assim como de ficção. Nesse momento, apenas imaginava que, em breve, por meio do trabalho deste jornalista espanhol, o mundo conheceria os pormenores de nossa aventura interplanetária e aqui estava eu agora, olhando para os meus colegas de faculdade que, alheios a esta experiência e ignorantes deste fato de grande relevância, percorriam os corredores da escola sem imaginar o que estava ocorrendo ao seu redor.

Lembro-me de que, entre pensamentos e recordações das tantas aventuras transcorridas nestes últimos incríveis meses, deparei-me com algumas coisas importantes ainda pendentes a esclarecer, desviando sem demora meu caminho para a biblioteca da faculdade, à procura de alguns livros sobre história, Tinha coisas em demasia tomando espaço na minha mente nesse momento. Coisas que precisava esclarecer o mais rápido possível, pois o incômodo e a angústia de tantas dúvidas eram gigantescas.

As últimas mensagens em contato com o ser chamado Godar — um alienígena que me orienta desde o início de todas estas experiências — enveredaram para eventos relacionados com a origem de nossa humanidade e, é claro, também de nossas religiões.

Isto não somente pelo que os próprios extraterrestres representavam em relação ao nosso passado, dada a possibilidade de terem influenciado inúmeras culturas ao longo do tempo, mas especificamente porque numa das viagens até o planeta deles havia conseguido identificar numa escultura o que parecia ser o rosto de Jesus. É lógico que isto parece loucura, fruto apenas de um delírio, sendo razão mais que suficiente para buscar um esclarecimento por parte dos próprios extraterrestres em prol de minha sanidade mental. Condição que, até o momento, se negavam a propiciar.

E a questão ainda se complicava mais quando, depois de haver enfrentado a experiência de conversar com o guardião da caverna, chamado Joakm — durante uma incrível viagem que fizéramos em agosto de 1974 até o platô de Marcahuasi, na Cordilheira dos Andes —, muitas dúvidas e lacunas antropológicas e históricas se haviam formado em relação à genealogia humana. E, até esse momento, pouco tempo me havia restado para satisfazer toda essa enorme curiosidade.

Precisava de maiores dados para unir os elos do que parecia ser uma corrente capaz de responder grandes questões, não apenas sobre o nosso passado, mas de esclarecer as profecias existentes sobre o nosso futuro. E o futuro era algo que profundamente se demarcava como um envolvente enigma entre meus pensamentos. A cada momento, a cada reflexão, as trevas de um indefinido futuro tornavam angustiantes os momentos de ignorância.

Enquanto procurava referências de livros que tratassem sobre a origem do homem e das religiões para dar continuidade às minhas pesquisas, lembrava, claramente, das palavras do ancião intraterreno Joakm, quando, no interior da caverna nos dizia: *"... Este lugar em que vocês agora se encontram está longe do platô de Marcahuasi, mas está localizado entre os picos da cordilheira dos Andes peruanos. Aqui jaz o conhecimento*

esquecido do passado do mundo. Estão aqui os registros das humanidades que dominaram este planeta há milhares de anos, sua história, seus acertos, conquistas e erros. Nestas pranchas, encontra-se registrada a história jamais contada do homem. Uma história que remonta aos inícios do planeta, quando a vida começava seus primeiros movimentos. Sou, como vocês, um servo de um propósito maior. Minha existência está devotada a um trabalho que tem por objetivo o futuro. Um futuro em que possamos conviver em paz com o homem da superfície e em que todo o conhecimento, aqui guardado, possa ser oferecido em benefício comum...".

Quantas informações esclarecedoras se encontravam neste lugar, aguardando o momento de se dar a conhecer? Quantas perguntas ficariam respondidas a respeito de nossa origem dando um basta a tantas teses e teorias? De posse destes documentos, provavelmente a humanidade teria a oportunidade de retornar ao caminho do qual se afastou, dando início a um processo de unificação e convergência. Quantas possibilidades teríamos, afinal, levando conosco apenas uma destas pranchas? Mas, estaria a humanidade pronta para seu conteúdo?

Enquanto divagava sobre tudo isso, evocava também toda a nossa angústia daquele momento por não saber onde estávamos, perguntando diretamente a Joakm se nos encontrávamos numa caverna, numa base subterrânea, ou o quê. Ao que o ancião retrucou: "... *Realmente vocês se encontram em. um lugar especial. Podemos considerá-lo hoje uma base, onde a sociedade intraterrena desenvolve um trabalho conjunto com a Confederação de Mundos da Galáxia. Embora humano no aspecto, sou terrestre em termos. A origem de minha raça neste planeta remonta a uma época em que o proto-homem era apenas um simples hominóide. A este período alguns na superfície o denominam de Atlante. Nesses tempos, uma sociedade mais avançada, de origem extraterrestre, ainda*

não confederada, chegou ao planeta Terra com a intenção de transformá-lo no seu lar. Porém, topou com os sobreviventes de outras colônias extraterrestres que, em tempos ainda mais remotos, chegaram à Terra e sucumbiram entre conflitos e desastres naturais pela instabilidade do ambiente. Nosso povo tentou ajudá-los e os incorporou à nossa sociedade, mas com o tempo meu povo deixou de lado certos princípios básicos que devem primar sempre e, de maneira irresponsável, tentou alterar o rumo da natureza. Nossos cientistas, desejando melhorar as características do ambiente, perpetraram ações que modificariam a órbita da Terra. Porém, o jovem e instável planeta não estava preparado para tão radical intervenção, vindo a reagir com total fúria contra nós. Embora tivéssemos condições de prever, com relativa antecedênci a, o que estaria para ocorrer e providenciar a nossa proteção, a violenta reação do planeta e a queda provocada de uma das luas contra a Terra transformou o meio ambiente num terrível inferno, destruindo grande parte da vida que existia sobre a superfície e abalando irremediavelmente a nossa condição de cultura. Demoramos milhares de anos para conseguir novamente reestruturar-nos. Nossa tecnologia havia perdido sua força; nossa raça, sua capacidade de reprodução, e pouco a pouco éramos cada vez menos e mais frágeis. Com o tempo, fomos percebendo que estaríamos fadados a desaparecer se não tomássemos alguma medida; assim, mais uma vez, alteramos o rumo da natureza. Por idéia de um cientista chamado LUZBEL, escolhemos alguns hominóides e iniciamos um processo de investigação genética, com o único propósito de transformá-los em seres compatíveis biologicamente conosco e gerar, no futuro, uma eficiente força de trabalho, ao mesmo tempo em que procuraríamos aproveitar sua condição de fertilidade para nossa perpetuação. Com o tempo, esta intervenção resultou na aparição de um mutante ideal. Esta primeira

criatura, que gerou o que denominamos de RAÇA AZUL, havia sido criada com uma capacidade e estrutura física extraordinárias. Suas características lhe outorgavam uma fantástica resistência à intempérie, aos climas quentes, ao castigo dos raios solares, ao assédio de parasitas e às doenças, com uma inteligência apenas suficiente para ser dependente de nossos desejos. Treinados a nos obedecer, pois seríamos seu único sustento, transformaram-se em excelentes escravos, sempre dispostos a servir. A princípio, tudo parecia correr como planejado. Na verdade, nossa sociedade havia vindo do espaço e tínhamos criado um proto-homem. Estávamos tomando em nossas mãos um poder enorme, pois criáramos um ser com capacidade de receber uma alma e, com isto, incursionáramos num âmbito de leis universais extremamente perigoso. Nosso castigo não seria somente material, mas também atrelado às leis invisíveis que regem o Cosmos. Entre nós um, chamado SATANAEL, com alguns seguidores, revoltado com a condição destas ingênuas criaturas, cometeu o erro de dar condições a estes seres primitivos de tomar consciência de sua identidade e de poder aproveitar algumas vantagens de nossa tecnologia para si. Nós estávamos em desvantagem numérica e a possibilidade de sermos dizimados por esses seres era fácil demais. Assim, um dia, conseguiram descobrir que não éramos tão poderosos e muito menos imortais, percebendo também que, além de serem um produto da nossa necessidade, continuamente experimentávamos com suas vidas. Desta forma, fomos obrigados a expulsá-los de nossas cidades, lançando-os de volta ao mundo do qual os havíamos extraído. Seu pecado havia sido apenas começar a descobrir que éramos mais limitados do que eles. Mas isto não chegou a tanto. Durante séculos procuramos reatar a relação de submetimento, o que conseguimos com alguns grupos. Porém, desta vez com uma maior distância entre nós.

Muitas de suas religiões ainda preservam, deformadamente, os fatos que deram origem ao homem e que possibilitaram a sua continuidade..."

"... Como já disse, ao longo dos tempos, tomamo-nos ainda mais soberbos e arrogantes, tentando, por inúmeras vezes, resgatar essas criaturas para o escravismo. Até que a Confederação de Mundos interferiu. Não era possível que se cometessem tantas arbitrariedades contra criaturas indefesas, produto de um experimento egoísta. Assim, uma missão, comandada por SNT-KMRA, foi enviada à Terra para colocar as coisas em ordem. Com a presença dos confederados, nosso povo compreendeu os erros que cometeu alterando o destino deste mundo e decidiu, como pena, permanecer aqui e colaborar ao lado da Confederação para o resgate do desenvolvimento humano, pois parte deste caos é de nossa total responsabilidade. Assim, sou um terrestre como vocês, embora fosse melhor dizer intraterrestre. Atualmente somos poucos, em vista de que grande parte retornou ao nosso mundo de origem. São poucas as cidades ou bases espalhadas pela Terra. Hoje, quase todos os nossos centros estão divididos com os grupos da Confederação em missão na Terra, sendo que a este trabalho conjunto chamamos de o GRANDE PLANO. Vocês vieram, para este lugar porque serão parte deste processo. Estamos preparando pessoas como vocês para que se tornem os intermediários entre o fim. de um mundo e o despertar de outro totalmente novo. Sua preparação os levará a conhecer outros lugares como este, localizados em outras partes do mundo. Assim como seus guias que os orientam, nós também estaremos por perto para auxiliar seu trabalho quando for necessário...".

Todas estas palavras ganharam maior espaço em minha mente quando perguntei ao ancião a respeito dos evangelhos, procurando saber que informações teria sobre o contido nos mesmos, ao que Joakm declarou: "... Observa que, segundo as religiões cristã e judaica, houve no céu uma

disputa entre as diferentes hierarquias celestiais, o que fez com que anjos, agora considerados demônios, viessem à Terra. Isto é correto se entendermos que foi uma guerra no espaço o que provocou a nossa chegada ao sistema solar. Os astecas acreditavam que, a cada pôr-do-sol, os deuses travavam cruentas batalhas no céu, assim como os vedas, os egípcios e outros povos mesopotâmicos. Tudo isto não é, pois, apenas uma lenda, mas a história desfigurada de fatos reais. Ao perdermos o nosso lar, tivemos de vagar até a Terra e aqui recomeçar. Dentre os livros sagrados que relatam detalhadamente tudo isto, tens vários. Inclusive sobre o que aconteceu a seguir..."

"... Ocorreu que depois do processo de gerar o homem, o mesmo evoluiu. Com o passar do tempo, nossa sociedade também se dividiu em facções, algumas delas violentas e outras indiferentes. Desta forma, alguns de nossos irmãos foram banidos de nossas cidades pela sua prepotência e por suas idéias, acabando por formar grupos ou tribos que, ao longo, se misturaram com os primitivos. Um destes foi SEMJASA que, com mais outros tantos, tentaram utilizar-se dos humanos para formar exércitos contra nós. Tanto que acabaram por sucumbir à censura que nesse momento a Confederação de Mundos realizava para instaurar a ordem na Terra. Utilizaram-se então de alguns humanos para que mediassem sua punição, mostrando que seu erro não havia sido tão terrível. Ao longo da história, nós, ao lado da Confederação de Mundos, temos procurado interferir no desenvolvimento da humanidade, na tentativa de fazer com que o homem enverede por um caminho de desenvolvimento correto e coerente. Porém, somente com o tempo percebemos estranhas e profundas mudanças em nós próprios, ocasionadas pela ação do meio ambiente na nossa estrutura biológica. O que, por extensão, afeta também aos humanos, pois vocês são geneticamente similares a nós,

embora menos suscetíveis tão rapidamente à ação prejudicial do ambiente..."

"... Desta forma, após a chegada de SNT-KMRA, optamos por habitar em grandes cavernas artificialmente construídas para proteger-nos das ameaças da superfície, assim como da ação destrutiva da energia solar, a cada dia mais violenta. A química de nossa alimentação, associada à energia solar, junto com a nossa estrutura orgânica, passou a prejudicar totalmente nossa vida, provocando a diminuição de nosso ciclo vital, a predisposição a doenças e a alteração de nosso animismo, sendo vocês humanos também afetados em menor grau pelo nexo genético que existe entre nós. Esse efeito, gradual e cumulativo, se manifestaria em vocês, diretamente, no desenvolvimento do sentimento, do comportamento social, da longevidade e da saúde..."

"... Assim, todas as aparições históricas são marcas de nossa intervenção. O dilúvio existiu, mas de forma local, quando a Terra era completamente diferente e orbitava numa trajetória também diferente ao redor do Sol. Milhares de anos separam todos estes eventos. Dilúvios houve para diversos povos. O Huno Pachacuti dos incas, o NauiAtl dos astecas, a lenda de Manu dos indianos, de Deucalion e Pyrrha dos gregos e até o de Ziusudra, Utnapishtim e Gilgamesh dos sumérios, todos ocorridos com o propósito de uma purificação conforme as lendas, sendo que, na verdade, os mesmos foram naturais, jamais provocados por nós intencionalmente..."

"... Por outro lado, o projeto de enviar um alguém estava sendo elaborado há muito tempo. O MESSIAS tão aguardado, não somente por judeus mas por tantas outras religiões, era essa promessa. Através de um ser escolhido, mais humano, mais homem, mais carne, seria possível mostrar a vocês o grande pulo que poderiam dar como sociedade se engajados em princípios mais elevados..."

"... Um dos problemas que enfrentamos foi o incômodo politeísmo reinante no passado. Tantos deuses jamais permitiriam que chegássemos a um ponto comum, por isso foi necessário estruturar um plano que permitisse extrair um grupo e utilizá-lo como projeto experimental. Assim escolhemos, dentro do grupo de estudo já existente, uma família. Se vocês lembram, a primeira civilização mais desenvolvida culturalmente sobre a Terra foi a dos sumérios, que na verdade resultaram em nosso primeiro projeto de desenvolvimento dirigido, mas perdemos o controle da situação quando passaram a incorporar deuses e credos dos povos submetidos, o que dividiu a orientação. Desta forma, somente poderíamos trabalhar melhor tendo um grupo essencialmente monoteísta, e que a qualquer custo se mantivesse assim, pois não colocaria a orientação direta em perigo nem permitiria interferências externas. Foi desta forma que escolhemos dentre as famílias sumérias a de TARE, pai de Abraão. Foi com Taré que falamos e o mandamos sair de Ur, capital dos sumérios, e depois fizemos a seleção em vista de como todos haviam tomado esta comunicação com 'Deus'. Posteriormente, foi uma questão de ver se uma nova hibridagem, realizada com Sara, esposa de Abraão, serviria para melhorar o processo de desenvolvimento e orientação, tencionando gerar um grupo capaz de impressionar o restante do mundo se desse certo. Seria importante também, preparar o cenário em que o ELEITO teria de se desenvolver; para tanto, diversas pessoas foram contatadas e geradas para manter este projeto vivo e ativo, além de perpetrar mudanças que viessem a favorecer a parte final do experimento..."

"... Foi assim que Ana, mãe de Samuel, também foi escolhida, pois Samuel seria responsável por grandes mudanças históricas que, ao longo, permitiriam realizar experiências paralelas e medir resultados. Inclusive, foi o caso de Ezequiel, Elias, Daniel e muitos outros..."

"... Assim pois, aquela escultura que viste em Apu é daquele que realmente identificaste. Ele é parte de todo este projeto, mas continua sendo especial, pois vive o presente no aguardo de que se cumpra o que foi escrito. Ele veio como o ELEITO que há de escolher, como mensageiro da necessidade de uma mudança de consciência, porém não veio a falar para sua época, mas com vistas ao futuro. Ele veio deixar uma charada que vararia o tempo e as distâncias, para ser reconhecida e compreendida somente por aqueles que ele procura achar. Sua vida e obra são um mapa. Suas palavras, um enigma. Quem souber ouvir que ouça, quem souber ver que veja..."

"... Hoje, dois mil anos depois, enfrentamos novamente com o homem o mesmo problema. Embora na antigüidade o exagerado politeísmo fosse uma dificuldade complexa, hoje enfrentamos um politeísmo espiritual que barra novamente o exercício de uma comunicação clara e a existência de um relacionamento mais íntimo. A interferência provocada pelo 'bojo' esotérico desvirtua radicalmente o conteúdo da nossa mensagem, por isso vocês estão aqui agora..."

"... Bom, nada mais tenho a lhes dizer agora, a não ser que muito ainda lhes será revelado. Tudo a seu tempo. Quando o tempo é chegado, os frutos amadurecem, não adianta forçar algo que tem de ser natural. Agora voltem que o dia já vai clarear. Haverá o momento em que voltaremos a nos encontrar e em que o livro daqueles que se vestem de branco chegará como suporte para suas realizações. Não um documento nem apenas palavras, mas um sinal contido nas entranhas de um discurso e nas entrelinhas de uma mensagem. Permaneçam atentos àqueles que chegarem perto de vocês...".

Com estas palavras, o ancião Joakm havia encerrado uma das mais incríveis experiências de nossas vidas, deixando presente uma enxurrada

de elos soltos que agora precisávamos unir. Tantos dados e informações nos haviam deixado confusos, porém um resíduo havia ficado.

De toda essa narrativa, estava claro que, aparentemente, o homem era produto de um processo artificial de geração, fruto de uma intervenção extraterrestre. E que, pelo que entendia de tudo isso, ao longo do curso evolutivo humano os extraterrestres vieram nos influenciando direta e gradualmente, com o objetivo de permitir e garantir um desenvolvimento positivo humano. Inclusive que, dentro desse processo de intervenção, até o judaísmo, como religião e etnia, haveria surgido como conseqüência de contatos realizados com seres de origem extraterrestre. As diversas aparições de anjos e entidades identificadas com o próprio Deus teriam propiciado mudanças na rotina deste povo, construindo ritos e tradições decorrentes dessas experiências. Porém, Joakm também havia confirmado que a escultura encontrada nesse distante planeta pertenceria realmente a Jesus, o que era simplesmente absurdo. Qual a relação de Jesus com esses seres? Seria ele um enviado envolvido nesse projeto de orientação humana?

Precisava investigar para descobrir um elo objetivo e claro que pudesse esclarecer essas questões. Embora Joakm fosse uma entidade estranha à nossa realidade, o que nos havia relatado era muito louco para aceitá-lo de forma tão calma. Era importante descobrir se existiam realmente registros históricos que pudessem atestar toda essa informação, pois assim, realmente, teríamos condições de compreender melhor o nosso passado, apresentar argumentos para sustentar nossas afirmações e levar o mundo a uma reflexão construtiva Porém, por onde começar?

Os dias que se seguiram não foram muito felizes na coleta de dados e informações que pudessem responder minhas dúvidas e dar sustentação às afirmações de Joakm. A falta de documentos mais completos e fontes de informação mais profundas e detalhadas dificultavam a investigação.

Os crescentes compromissos e o tempo escasso acabaram por ser meus inimigos mais cruéis durante os meses que se seguiram. Palestras, encontros, entrevistas e reuniões surgiam a cada momento e o tempo, de forma inexorável, foi passando de maneira extremamente tumultuada, vindo a comprometer totalmente o desenvolver de minha pesquisa. Embora tivesse oportunidade de coletar algumas informações, o pouco tempo disponível não colaborava para que pudesse montar este terrível quebra-cabeças. Era o momento do nascimento dos primeiros grupos Rama no Peru. A necessidade de dar atenção às pessoas, assim como a uma avalanche de cartas que jorrava diariamente do exterior e interior do país, apenas se somava a todas as tarefas que, naquela época, realizava com pouca ajuda. Diariamente, freqüentava uma média de dois grupos, além de ter de realizar algumas saídas a locais afastados durante os finais de semana, objetivando dar continuidade aos contatos. Tudo isso acompanhado do estudo na faculdade e do trabalho profissional.

Obviamente, as dificuldades no começo de todo projeto são muitas. Mas também a colaboração de grandes e maravilhosas pessoas que logo se somaram a nós, permitiu que o trabalho prosperasse.

Ainda durante esse período, iniciei o processo de formação de um conselho administrativo, com o objetivo de melhorar o atendimento aos grupos, ao mesmo tempo em que esta estrutura me libertaria para outras atividades, inclusive para meu próprio contínuo desenvolvimento e pesquisa.

Assim, um dia, como de costume, com um total de 30 pessoas, todas elas procedentes de vários grupos de Lima, havíamos sido convocados para ir à região de Chilca mais uma vez, localizada ao sul de Lima, onde habitualmente realizávamos as nossas experiências de contato. Nesta oportunidade, o trabalho em campo estava sendo coordenado pelo jovem boliviano Rodolfo Aramayo Diez de Medina, objetivando que todos os

presentes realizassem os exercícios habituais, além da possibilidade de participar do avistamento de uma nave alienígena.

Dentro das orientações de praxe, chegamos ao local viajando durante quase uma hora, percorrendo 60 quilômetros rumo ao sul pela rodovia Panamericana, nas proximidades de uma zona urbana chamada de Papa Leon XIII. Sem maiores dificuldades, situamo-nos numa várzea entre as montanhas, abandonando os veículos e caminhando por alguns minutos em direção aos morros. Enquanto Rodolfo instruía o grupo nos afazeres para garantir os objetivos da experiência, além de mostrar aos demais instrutores presentes os procedimentos habituais de trabalho em campo, mergulhava em lembranças de outros tempos não muito distantes.

Nessa noite, limitava-me apenas a observar e corrigir alguns eventuais erros e esclarecer as dúvidas do grupo. Meu objetivo aqui era unicamente de colaborar para que, em breve, outros pudessem dar continuidade a esta tarefa sem ter mais necessidade de minha presença. Somente assim a florescente Missão Rama poderia progredir, tendo pessoas habilitadas e experientes para promover a reflexão e estimular uma busca ordenada e coerente em direção ao autoconhecimento. Desta forma, os extraterrestres teriam entre nós pessoas dignas de confiança e credibilidade, tendo condições de engajar-se dentro de tarefas e trabalhos mais complexos e delicados.

Num desses momentos, enquanto o grupo realizava um relaxamento, ouvi que meu guia extraterrestre, Godar, me chamava mentalmente. Estimulado a responder, o guia solicitou que me levantasse e caminhasse em direção a uma quebrada estreita à esquerda, a qual se afunilava a menos de 100 metros de onde estávamos. Sem questionar a instrução, deixei Rodolfo na coordenação dos trabalhos e segui na direção indicada.

Curioso pela orientação, dirigi-me calmamente por entre as encostas da montanha, munido apenas de uma lanterna. O vento do deserto castigava

impiedosamente, lançando o frio por entre as frestas da minha roupa. Era inverno no Peru nessa época, e o deserto não deixava a gente se esquecer disso.

Sem demora, consegui me afastar o suficiente, a ponto de rodear a montanha e deixar de ver o local onde o grupo se encontrava trabalhando. Durante o percurso, insisti reiteradamente em saber o que Godar tencionava, mas um silêncio total pairava na minha mente.

Finalmente, contornei a montanha, chegando até uma área relativamente plana, onde ouvi mentalmente a voz de Godar dizendo para me deter. Sem muita demora, aproveitei para dar uma boa olhada ao meu redor, achando uma confortável rocha ao lado para poder me sentar.

Crente que haveria a presença de alguma nave ou projeção de algum ser, passei a meditar um pouco aguardando alguma coisa acontecer.

Entre pensamentos, a evocação do que ocorria nesse momento na pequena e pacata cidade de Lima fez meu peito se apertar. Uma terrível sensação de solidão tomou conta de mim nesse momento. Uma dolorida saudade de tantos momentos ao lado daqueles com quem iniciamos tudo isso apertou ainda mais meu coração. E emocionado pelo contraste, surgiram na minha memória as imagens de tantos momentos, alegrias e dificuldades que enfrentamos e, agora, eu estava aqui, em meio a um deserto, longe de todas essas pessoas.

Enquanto curtia uma desagradável depressão, evocava também a lembrança da dificuldade que tive quando convidei J. J. Benítez ao contato, indo contra a opinião e aprovação de todos os meus companheiros, já que todos temiam, na oportunidade, que não fosse ocorrer nada no momento e que, por essa ocasião, virássemos alvo de possíveis ataques da imprensa mundial. Obviamente, o resultado final foi um sucesso, coroado pelo avistamento de duas naves extraterrestres a menos de 500 metros de altura."

Porém, o medo de futuros fracassos havia provocado a retração do grupo em relação ao público. Condição com a qual não concordava. Não havia aceitado ficar fechado e negar ao mundo a nossa experiência, situação que, em definitivo, me custou o afastamento voluntário do que restava do grupo original.

Quantas brigas, quantas diferenças, mas por que tudo isso? Por que sempre a briga, a disputa, o ego? Estaria eu errado em ter tomado essa atitude? Em sempre ter acatado o que considerei correto, mesmo que tivesse de me colocar contra todos? Seria possível que apenas um pudesse ter razão enquanto que os demais estivessem errados?

Enquanto martirizava meu espírito com estas reflexões e sentia um claro sentimento de culpa pelo distanciamento, Godar manifestou-se furtivamente em minha mente, dizendo:

"... Lembra, não estás só, nem jamais estarás. Cada criatura tem seu momento e seu ritmo, e em nada adianta querer acelerar o que somente o tempo pode remediar. Agora teu compromisso é outro, amanhã será diferente, e conforme o tempo caminhe, novas exigências existirão para que tua preparação seja realizada a ponto de concluir satisfatoriamente cada missão. Não mergulhes no desespero nem na dor. Tudo faz parte de um processo de amadurecimento que tem. sua hora de vingar. Se estás certo ou errado, o tempo revelará a resposta. Apenas busca ser coerente, no propósito e nas ações, sendo objetivo com aquilo que esperas de ti mesmo e dos demais.

Busca promover o questionamento em tudo de forma positiva e ser exemplo de uma procura construtiva e coerente. Esquece o rancor e a raiva, pois elas são destrutivas e te afastam de poder ver as coisas com clareza. Procura sempre descobrir o caminho a trilhar mesmo que possa parecer solitário, e tenta sempre ter por perto o juízo do mundo para ser teu guia e teu referencial. Não importa que possa parecer exagerado ou

ingrato, pois sempre haverá alguma verdade a considerar, por menor que seja, no interior dessa crítica. Todo pensamento é solitário, mas a realização é grupal. Toda atitude é individual, mas a sua construção coletiva. O indivíduo realiza-se no grupo e o grupo no indivíduo. E fundamental para a sobrevivência humana compreender as suas diferenças e convergir nos objetivos. Sendo que os objetivos a atingir devem ser maiores que o próprio ego".

Aquelas palavras chegaram reconfortantes para meu abatido ânimo que, a essa altura dos acontecimentos, precisava de uma boa injeção de motivação, embora sempre um recado de revisão se fizera necessário.

E enquanto me ajeitava na pedra buscando uma melhor posição, uma luz começou a formar-se na minha frente a escassos metros. Aquela manifestação já conhecia de outras tantas aventuras. Era um *Xendra* uma porta interdimensional, que se abria vagarosamente, realizando um sugestivo convite a atravessá-lo. Poucos segundos passaram e o portal se encontrava plenamente fonnado. Sua luz, quase azulada e com destelhos dourados, sem irradiação aparente, formava uma cúpula de névoa compacta, fazendo um contraste curioso frente àquele cenário desértico. Mentalmente, Godar confirmou o convite de ingressar na luz, informando que me aguardava do outro lado do túnel interdimensional.

Respirando fundo, levantei-me da rocha que me dera seu apoio até esse momento e, caminhando sem duvidar, ingressei rapidamente no interior da luz.

Mais uma vez, as terríveis sensações de dor, ardor, tontura e enjôo tomaram conta de mim. Embora a passagem dimensional seja uma aventura fantástica, é também uma experiência muito desagradável. Seus efeitos sobre o corpo se deixam sentir torturantes tão logo se inicia a passagem.

Alguns segundos se passaram quando consegui sair finalmente do interior da luz. Com pressa de abandonar os incômodos efeitos do transporte, lancei-me para fora sentindo uma terrível pressão no peito, a ponto de cair no chão quase sem respiração. De imediato, voltei a sentir um líquido quente escorrendo pelo meu nariz, o que me fez tomar meu lenço do bolso para limpar a hemorragia nasal que apenas começava, tal como havia sido da primeira vez quando fora transportado até uma cidade extraterrestre no planeta Apu," na constelação do Centauro.

Recuperado aos poucos, reparei que estava novamente em Ilumen, nome de uma cidade extraterrestre em que já havia permanecido por 15 dias, anteriormente. Este maravilhoso lugar que mais parecia uma verdadeira obra de arte, sonho de qualquer arquiteto, é um dos locais de moradia e trabalho da civilização alienígena à qual pertence Godar, o ser com o qual tenho estado em contato habitualmente.

Como na viagem anterior, Godar aguardava em pé a pouco mais de 50 metros de onde me encontrava. Desta vez, o extraterrestre vestia um macacão branco gelo, ornado por um cinto largo com uma fivela metálica, ostentando uma espécie de cristal no seu centro, além das tradicionais botas de cano longo, feitas de um material brilhante parecido com uma fina lâmina de bronze.

Reposto da experiência, mas ainda sob os efeitos da passagem, levantei-me procurando acostumar minha respiração ao novo ambiente. Graças à atmosfera do lugar, como na vez anterior, a hemorragia nasal parou segundos depois de iniciada. Assim, recolocando o lenço no bolso, dirigi-me rapidamente até o extraterrestre, que acenava para que o seguisse.

Esta viagem estava ocorrendo num momento importante para mim. Era como se toda a depressão provocada pela incompreensão local e as lutas com meus antigos companheiros tivessem ficado para trás, na Terra.

Nesse instante me sentia feliz, satisfeito e, principalmente, apoiado e reconhecido entre amigos.

Chegando ao seu lado, Godar, cuja grande altura me permitia atingir apenas até seu peito, pediu-me que o acompanhasse. E lógico que comentei a alegria que representava para mim estar nesse momento em Ilumen, mas, curioso e bastante desconcertado, perguntei o motivo dessa viagem.

Sem qualquer restrição, Godar respondeu: "... A situação que se gerou entre vocês (referindo-se à divisão entre nossos grupos, pois eu havia deixado o grupo inicial, do qual meu irmão fazia parte, para fundar a Missão Rama), será de grande importância para nossos propósitos, pois desejamos acompanhar a evolução de seus trabalhos e, por meio disto, compreender como o ser humano aproveita para si as oportunidades de um desenvolvimento. Da mesma forma, poderemos avaliar o grau de desvio, alienação, deturpação e fantasia dos envolvidos, tanto de um lado como do outro, percebendo quem se identifica com o quê, e como os valores, paradigmas e outros fatores formativos interferem com o processo de reformulação necessário para superar suas dificuldades, inclusive suas carências afetivas e necessidades de auto-afirmação. Vocês serão para nós uma única e relevante oportunidade extremamente interessante de controle, que nos permitirá avaliar os fatores de estímulo ao desenvolvimento, assim como quais os mecanismos que promovem a auto-reflexão e quais as variáveis que determinam a realização de um trabalho de reformulação interior nos seres humanos. Os grupos gerados por vocês e pelos métodos aplicados de trabalho nos oferecerão a condição de observar o grau de insatisfação em que se encontram, o potencial de realização de sua força de vontade, da sua determinação, a sua capacidade de superação e os elementos que interferem para uma correta avaliação de sua condição interior, assim como compreender até

onde são capazes de aventurar-se para desvendar suas próprias vidas e superar seus complexos egos. O objetivo de te trazer até aqui é o de te preparar para um novo estágio e submeter-te a um novo desafio. Em breve, uma situação diferente surgirá em tua vida e para enfrentá-la faz-se necessário que algumas coisas estejam claras em tua mente. Embora estejas apto para as experiências de contato e para oferecer esta oportunidade a outros, não estás pronto ainda para enfrentar teu próprio mundo. Esta oportunidade de estar aqui entre nós será derradeira para você no futuro. Sem esta vivência dificilmente poderás seguir em frente e enfrentar o que te aguarda. Mas o entendimento disso não será agora, porém, somente bem mais adiante...".

Enquanto caminhava com Godar pelas amplas e maravilhosas ruas empedradas de Ilumen, extasiado pelo que podia apreciar da paisagem, realmente não conseguia entender a profundidade de suas palavras, mas percebia que toda esta aventura estava apenas começando.

Durante o trajeto em direção a um prédio que desconhecia, guiado pelo extraterrestre, deparei-me novamente com a praça dos bustos. Nesta praça, bem no centro, levantava-se uma maravilhosa fonte de uns dez metros de diâmetro em forma de elipse, retocada por jatos de águas coloridas, os quais realizavam movimentos quase rítmicos na variação da pressão. Em meio à fonte, que parecia talhada de um único bloco de mármore rosa, não pude deixar de contemplar novamente aquela escultura que, já anteriormente, me havia impressionado.

Entre esculturas feitas de algo semelhante a um bronze, representando criaturas de diferentes origens interplanetárias, uma em particular se destacava ligeiramente por cima. Era o busto de um homem totalmente humano, de raça branca, talvez caucasiana ou nórdica. A escultura olhava para o alto, com o rosto virado levemente nessa direção, apresentando cabelo comprido penteado para trás e repartido quase ao meio; usava

barba recortada e bigode claramente definidos, além de ostentar uma expressão implorante, observadora e serena. Era um rosto perfeitamente humano, mas aparentemente de um humano especial. Nesse momento, lembrei nitidamente do comentário feito pelo intraterrestre Joakm, quando, no encontro com ele na Cordilheira dos Andes, no Peru, confirmara minhas suspeitas.

Sem pensar duas vezes, interroguei Godar sobre o busto, aludindo aos comentários de Joakm, demandando, é claro, uma explicação objetiva do significado de tal presença, tanto no monumento como no planeta.

Godar olhou para mim mantendo-se em absoluto silêncio. Seu semblante não expressava nenhuma mudança frente à minha enquete. Parecia intocado, totalmente isento de qualquer abalo e até indiferente.

Sem me dar qualquer resposta, o guia continuou a caminhar em direção a um conjunto de prédios e eu na "cola". Parecia que não seria tão já a chegada de uma contestação à altura da minha pergunta, mas, por que tanto mistério? O que se escondia por trás de todo esse silêncio? Passaria muito tempo para compreender toda essa atitude, mas agora estava para aprender algo novo e importante. Uma nova maneira de ver e entender o ser humano seria revelada e, para isso, uma longa conversa estaria para começar, a 4,5 anos-luz de casa, num outro planeta, na distante constelação do Centauro.

CAPÍTULO II
O Lado Escuro do Homem

Percorrendo a cidade, chegamos a um prédio cupular cuja estrutura parecia ter sido construída de acrílico ou plástico amarelo, sugerindo, pelo tipo de material e forma, ser de uma única peça. A altura da obra era imponente, chegando a uns quase 30 metros na entrada e uns 100 metros

no ponto mais alto. A frente, bem na entrada, grandes portões num tipo de vidro fumê amarelo surgiam majestosos. Um grupo de pequenas peças metálicas douradas, a modo de figuras estilizadas e dispostas de maneira caprichosa, simulavam um mosaico irregular que decorava as paredes da entrada ao lado dos portões. Tudo acompanhado de árvores, flores e jardins ao redor do prédio e da entrada, apresentando uma maravilhosa combinação de avançada tecnologia arquitetônica e um sofisticado arremate paisagístico.

Ao chegar, as duas portas de vidro abriram-se para o lado, oferecendo-nos passagem. No interior, um enorme salão circular se abria, mostrando a existência de vários andares, os quais desembocavam nesse impressionante saguão. Era um espetáculo arquitetônico indescritível, positivamente maravilhoso que parecia tirado de um filme de ficção científica. Plantas e elegantes jardineiras pendiam de algumas sacadas, adornando multicoloridamente com flores e trepadeiras toda a estrutura interior. Formas de acrílico imitando estalactites de gelo que desciam de alguns pontos do teto do salão permitiam o curso de fios d'água, desembocando em pequenos chafarizes, fontes e espelhos d'água, postos em diferentes alturas e níveis, cujo conjunto e jogo pareciam um balé delicado e encantador.

E nosso trajeto não parou por aí, seguindo em direção a uma porta no interior do salão, bem na frente da entrada do edifício. Chegando, pude observar que ingressávamos numa sala enorme, também circular, de rara beleza, decorada com um carpete alto, bastante felpudo e macio, de cor tabaco, e uma iluminação baixa. O teto era cupular, semelhante à abóboda da nave central de uma Igreja, num estilo até mourisco. O acabamento assemelhava-se a blocos esmaltados ou tijolos de cor caramelo, lembrando bem as estruturas espanholas de influência árabe. A iluminação era indireta e parecia sair das paredes, nas quais havia um tipo

de estrutura estranha, metálica, que não conseguia identificar. Parecia que as paredes estavam revestidas de um forro de alumínio ou aço escovado, com detalhes dourados dispostos verticalmente. No centro, havia um grupo de poltronas ao redor de pequenas mesas, também circulares, cujo tampo se assemelhava ao mármore. Dava a impressão de se tratar de um salão de leitura ou de jogos.

Godar pediu para que me sentasse, enquanto ele se dirigia a uma das paredes. Tocando num enfeite dourado, uma parte da parede correu verticalmente deixando exposto um grupo de pequenos segmentos que mais pareciam ornamentos. De imediato, tocou numa espécie de botão que ficava à frente de cada segmento, deixando aparecer um tipo de gaveta, a qual se abriu a 1,5 metros do piso, colocando para fora um mostruário de pequenas peças de cristal, todas semelhantes em forma e tamanho a fichas de dominó. Na visita anterior à cidade já havia visto algo similar a essas peças, porém num outro prédio.

O guia escolheu cuidadosamente uma em particular, segurando-a com a mão e fechando a gaveta. Parecia com a bandeja de um *Cd Player,* já que se abria do mesmo jeito. De posse da peça, Godar veio até a mesa em que me encontrava, colocando-se bem do meu lado.

A mesa em questão, embora plana e redonda, possuía um relevo bem no centro, dando a impressão de ser uma segunda plataforma, também circular. O relevo deveria ter 1 centímetro de altura, eqüidistando uns 30 a 40 centímetros da borda. E ainda no meio deste suposto segundo miniandar, bem no centro, havia um enfeite em forma de cruz ou X.

Ambos estávamos defronte a uma espécie de marcas ou pequenas saliências próximas à borda do segundo nível da mesa, dispostas em fila horizontal e, logo acima, alguns centímetros depois, havia uma ranhura, exatamente do tamanho da peça de cristal que o meu anfitrião espacial havia retirado da gaveta. Sem demora, Godar apertou uma das seis

saliências, acionando algum tipo de mecanismo que, ante meu espanto, fez elevar, daquela cruz central, uma placa retangular de cristal bem fina.
A placa era totalmente transparente, parecendo um vidro de janela, com uns 4 a 5 milímetros de espessura. Meu orientador inseriu o cristal no furo do tampo, apertando outra tecla e acionando, imediatamente, a formação de uma imagem dentro da placa de cristal. Era, na verdade, a tela de um monitor de vídeo. Perfeitamente colorida, plana e de formato horizontal, devia ter mais ou menos uns 30 centímetros por 20 centímetros (do tipo 16.9), sem qualquer presença de circuitos ou algum tipo de mecanismo que revelasse a origem da formação da imagem. Eu estava impressionado e sem palavras.
Enquanto procurava trazer um pouco de calma para dentro do meu agitado coração, podia observar perfeitamente cenas da Terra. Eram imagens de algum noticiário em que se podia distinguir, claramente, manifestações estudantis, confrontos violentos entre grupos políticos ou contrários; enfim, eram brigas, lutas, tanto entre pessoas como com as autoridades. Pouco a pouco, as imagens variavam entre brigas familiares, tumultos de torcidas, querelas de trabalho e situações típicas de choques diários. Tudo numa nitidez extraordinária e com um som perfeito que se projetava da própria mesa.
Estava totalmente distraído procurando compreender como aquele "treco" funcionava, quando Godar me perguntou: *"Que estás percebendo de comum em todas estas imagens?"*.
Um pouco inseguro pela pergunta, respondi que somente havia violência em todas as cenas. Ao que Godar retrucou: "A violência é uma manisfestação que é conseqüência de um outro fator. Fator este que, mesmo que a violência não seja explícita ou evidente, a promove".

Sem entender bem do que se tratava, perguntei: "... A que você se refere, Godar?... Qual é esse fator que pode levar as pessoas a agir dessa maneira, tirando-as do seu normal?".

O extraterrestre olhou firme e fixamente para mim, penetrando em meus pensamentos. Seu olhar parecia varar minha alma e revelar meus mais íntimos segredos, tudo sem eu poder oferecer nenhuma resistência e contra minha vontade. A força do seu olhar era enorme. Sentia-me transparente, nu e sem qualquer condição de defesa. Não havia forma de barrar essa força que perturbava meu espírito e que me deixava vulnerável. Nesse instante, um tanto assustado, percebi Godar perguntando: "O *que você sentiu no momento em que não havia forma de brecar meu olhar?".*

No ato respondi: "Desconforto, medo, fragilidade, vulnerabilidade, enfim, total desproteção, senti-me indefeso e incômodo. Realmente é uma situação desagradável sentir-se exposto e totalmente sem ação."

Godar ouviu-me em silêncio, esboçando um leve sorriso. E sem demorar, retornou: "... Como podes perceber, é muito desagradável encontrar-se numa situação em que não há forma de se proteger ou se defender. Sentir-se sob pressão, seja qual for a forma da mesma, é uma condição desconfortável e incômoda. Principalmente se esta ocorre contra vontade. Qualquer criatura que tiver seu espaço invadido, sua integridade ameaçada e sua tranqüilidade comprometida experimentará a mesma sensação e, provavelmente, tenderá a reagir de alguma forma, até agressivamente, para deter ou barrar essa interferência e retomar ao seu normal. A sensação de fragilidade, vulnerabilidade e de influência externa que agride o status normal de qualquer ser gera o medo, e este é fundamental para a sobrevivência de qualquer espécie, portanto, senti-lo é algo natural e próprio de todas as formas de vida, desde as mais primitivas até as mais desenvolvidas."

Um pouco confuso com a colocação do extraterrestre, não conseguia entender bem o que pretendia, ao que inqueri prontamente: *"Godar, o que você pretende dizer? Que a insegurança e o medo geram violência?".*

Mais uma vez, o ser olhou para mim. Desta vez mais complacente e suave, comentando: "Entre os animais, o medo é uma condição que alerta sobre encontrar-se numa situação desconhecida ou de estar na presença de algum predador ou, simplesmente, da existência de algum tipo de ameaça à sua integridade, liberdade ou vida. O medo é pois um estado, uma condição instintiva que estimula a criatura a reagir quando da proximidade de qualquer tipo de perigo, ou de procurar proteção se exposto. E graças a ele que a vida se preserva, pois faz as criaturas fugirem ou enfrentarem uma situação que signifique conflito, objetivando sua continuidade e sobrevivência. Não existe criatura no universo incapaz de sentir medo, já que sua ingenuidade significaria o potencial extermínio de sua espécie. No teu mundo existem inúmeros exemplos dessa extinção, seja de animais como de grupos humanos que, por ingenuidade ou despreparo, pereceram, pois não identificaram em tempo a situação de perigo em que se encontravam..."

"... O medo faz parte da vida e do desenvolvimento — continuou Godar —, pois está embutido em cada ser e, assim como a evolução segue seu curso, o medo também evolui e se transforma. Numa criatura mais avançada, o medo se transmuta em prudência, cuidado, cautela, prevenção e, principalmente, em consciência. Porém, até chegar lá, a irracionalidade deve progredir e levar a entidade à racionalidade, isto é, à condição de compreender, entender e visualizar tudo ao seu redor e, daí, à consciência. É o medo o principal motivador que leva as criaturas a buscar dominar o seu meio, a desenvolver a sua capacidade e a superar suas limitações, estimulando-as a criar condições para não mais ser escravas dele. Mas, da mesma forma como pode libertá-las, também

pode prendê-las e escravizá-las indefinidamente. O medo é um elemento fundamental da vida que, embora seja um benefício motivador, pode constituir-se num malefício destrutivo e limitador. Se compreendido, leva as criaturas à sua libertação e desenvolvimento, impelindo-as a encontrar saídas para as dificuldades e soluções para sua insatisfação. Porém, se escondido, se não admitido, se oculto, se não descoberto, o medo coloca as criaturas numa prisão invisível e eterna, transformando-se numa corrente que prende suas vítimas ao obscurantismo, ao dogma, ao imaginário, à fantasia, à resposta fácil, ao não-questionamento, à passividade, ao escapismo, ao servilismo, à dependência e à violência..."

"... O medo pode ser estimulado de diferentes maneiras. Tanto pode ocorrer frente a uma ameaça evidente ou visível, como por meio do confronto, restrição, limitação, dor, insegurança, indefinição ou simples informação. Ou seja, até uma nova descoberta ou uma nova informação pode representar um tipo de ameaça, a qual provocará medo e uma reação conseqüente de violência, distanciamento ou simples defesa. Desta forma, para os seres humanos na Terra, habituados a participar de uma sociedade competitiva em que a concorrência é constante, tudo se constitui como fonte geradora de medo, pois seu próprio semelhante é seu pior inimigo. A vida que o ser humano leva resulta numa constante ameaça à sua integridade, conforto, segurança, tranqüilidade, emotividade, espaço, reconhecimento, status, enfim, a tudo que constitui sua maneira de viver, pois desconhece o sentido de sua existência e a razão de pensar. Para tanto, qualquer diferencial que vier a surgir, que afete a sua estrutura interior, que afete a sua auto-confiança, construídas com tanta dificuldade e sacrifício, representará uma ameaça potencial à sua estabilidade, tranqüilidade e domínio conhecido, estimulando-o a agir. Qualquer coisa, por maior ou menor que seja, pode desestabilizar sua estrutura pessoal e social, promovendo a necessidade de mudanças

radicais. A ignorância, a insegurança, a indefinição e a falta de esperança provocam o pior de todos os medos..."

"... Em teu mundo, habitualmente, todos escondem seus medos. Ocultam-nos desesperadamente procurando fazer de conta que não existem. Fogem da luz da verdade, pois não admitem suas fraquezas. Destroem a quem se atrever a colocar à tona sua intimidade ou quem ousar apontar seus erros. O medo é a pior fraqueza que pode ser admitida entre os teus. Todos o experimentam, porém, ninguém o admite. E quem se atrever a desafiar a estabilidade alheia arrisca-se a ser atacado e destruído, pois ninguém pode ficar por baixo. Até a maior amizade e o maior carinho podem ser afetados por essa intromissão..."

"... Da mesma forma como olhei para tua alma, ninguém, em teu mundo, admitiria ser exposto, seja para o público ou seja para si mesmo. A maioria veste uma máscara diariamente e representa um personagem no drama da sobrevivência. Ter revelada sua ficção implicaria admitir a existência de uma total vulnerabilidade pelo contínuo medo, pela agoniante incerteza, pela absoluta insegurança e pela constante espreita das exigências que o sistema social humano demandam. Mostrar-se intimamente ao mundo dos humanos é ingressar numa jaula repleta de predadores famintos, vindo a ter um terrível fim. O ser humano percebe que suas bases são frágeis, reconhecendo a existência de uma total ignorância frente aos objetivos e razões da vida, além de descobrir-se solitário na luta pela subsistência. Revelar o íntimo é constatar a presença de uma pobreza de espírito constrangedora, em que os ideais de realização aparecem apenas como um sonho desesperado e uma ilusão inatingível. A hipocrisia e o cinismo deixaram de ser situações eventuais para ser a regra diária das relações humanas. O medo, por não ter defesa, por não ter para onde fugir, resulta na necessidade de construir uma imagem de proteção, uma camuflagem que afaste qualquer

suspeita de fragilidade ou de vulnerabilidade. Vencer no mundo terrestre somente é possível sendo forte, destemido e arrojado, mesmo que isso no íntimo não seja verdadeiro. O que vale é sempre a imagem que se transfere. Na Terra, vence quem conseguir trabalhar os medos individuais, seja superando-os ou escondendo-os, e para isso é necessário voltar-se totalmente contra os potenciais inimigos. O ataque será muitas vezes a melhor defesa, e a insensibilidade ou indiferença a melhor política. Assim., a mentira ou as meias-verdades serão excelentes ferramentas para toda essa manipulação. Ninguém se atreve a procurar a verdade ou contestar a situação vigente, pois estaria comprando brigas desnecessárias, resultando em frontal opositor daqueles que manipulam o mundo. Desta forma, mesmo que seja evidente a injustiça, o medo de ser a próxima vítima inibe qualquer ação de auxílio, reparo ou contestação. O triste é que terá melhores oportunidades quem nunca confiar em ninguém e de forma inescrupulosa galgar cada degrau da vida, passando por cima dos demais sem se importar com quem ficou para trás. O pior medo do homem é defrontar-se com o próprio homem e seu possível destino, o real e o imaginário..."

"... Mostrar a existência de tudo isso ao ser humano é uma tarefa bastante difícil; olhar para o interior da alma desse mundo sem se influenciar, um enorme desafio; e a possibilidade de não se corromper frente a tantas provocações, uma dificuldade. Não é à toa que enfrentas problemas entre os teus. Para alguns, é quase impossível conseguir olhar para si aberta e sinceramente. Para outros, é mais difícil superar seus diferentes medos do que pode ser para uma minoria. Colocar-se numa condição de exposição frente a um público não é algo que qualquer um faça. Assim, a coragem ou a determinação agride e ameaça aqueles que têm dificuldade em quebrar sua dependência para com o medo.

Simplesmente pensar em mudar pode ser aterrorizante, principalmente se o objetivo e a razão não estiverem claros ou perfeitamente definidos..."

"... Dois mil anos atrás, uma criatura veio à Terra procurando mostrar tudo isto. De forma engenhosa e inteligente, encontrou maneiras de dar o seu recado, mas acabou, pregado num madeiro, já que o medo tomou conta do poder. Da mesma forma, sempre que me perguntas sobre a escultura na praça dos bustos, resulta difícil, responder. Não porque desconheça a resposta, mas porque conhecê-la pode representar uma ameaça, seja para você como para aqueles aos quais dirigirás teu conhecimento..."

"... Teu maior desafio, ao longo deste trabalho, será enfrentar o medo que provocarás nas pessoas. Um medo terrível e absurdo, pois estarás estimulando o questionamento de toda a estrutura que cada ser que te ouve construiu a duras penas ao longo de sua vida. Estarás provocando a revisão de seus princípios, daquilo em que acreditou durante anos ou daquilo que adquiriu daqueles em que acreditava. Trarás caos e sofrimento ao íntimo de muitos, já que as pessoas nunca se defrontaram com um processo de análise e reformulação semelhante. Provocarás muita dor ao fazer a pessoa descobrir as mentiras em que acreditou, tanto a respeito do mundo como em relação a si mesma. Embora grande parte venha à tua procura por curiosidade, serás alvo da violência provocada pela ansiedade, impaciência, afobação, insegurança, desânimo, desconfiança, desespero e falta de fé na mudança, tudo provocado pelo medo de enfrentar-se consigo mesmo, as estruturas ou o desconhecido, isto é, de enfrentar uma nova forma de vida completamente diferente de todo o imaginado e, portanto, longe de parecer real. Por outro lado, a falta de confiança e a descrença no semelhante te colocarão num conflito permanente com aqueles que se sentem auto-suficientes e para os quais representarás uma ameaça a

suas certezas. A cada passo que seja dado em teu desenvolvimento e trabalho, uma avalanche de resistência e violência será estimulada..."

"Muitos virão até você movidos pelo desejo de saber e descobrir. Enquanto o que tiveres a oferecer for informação, resultarás numa fonte inesgotável de suprimento e querida por quem dela bebe. Mas a partir do momento em que o teu conhecimento questione e censure a condição daqueles que te cercam, a defesa de suas estruturas estará por cima do que um dia representaste. Não haverá gratidão nem reconhecimento do que algum dia significastes, apenas a indiferença e a violência da dor que causastes. O passado cedeu à dor da descoberta e ao incômodo despertar da realidade. Uma silenciosa cobrança com um alto preço surgirá em meio a um paraíso de conhecimentos gratuitos. O amor que um dia pensaste existir terá sido apenas a máscara do medo, da incerteza e da dúvida empregada para aproximar-se. Porém, nem todos serão assim. Embora o medo seja grande por parte de muitos, a vontade de descobrir a verdade poderá prevalecer entre poucos. E, para poder compensar o efeito da confusão, facilitando a definição, a única arma disponível será o argumento, a coerência, a informação, o conhecimento, a evidência, a prudência e a sabedoria. Para isso, uma longa e demorada preparação terá de ser iniciada. Se estás tão curioso a respeito dessa escultura, ela será teu primeiro e mais importante desafio. Procura investigar quais os fatos históricos que apontam nesta direção. Procura saber por que essa imagem merece estar aqui, para assim ter capacidade de ver mais longe e aprender a entender. O homem contenta-se com pouco, não fazendo idéia do que está perdendo ou poderia ganhar. Sua ignorância é sua perdição. Busca conhecer e terás a vida. Busca compreender e terás a sabedoria. Busca saber e darás como resultado o amor. Conquista o amor e o medo se tornará prudência. O sucesso do teu trabalho depende de saber o porquê da vida e do

sofrimento. Para conquistar a vida é necessário conquistar-se. Para viver é necessário saber. E para poder oferecer algo ao teu mundo tens de ter experimentado a superação de tua ignorância e medos interiores. Quando estiveres melhor capacitado, voltaremos a conversar sobre o homem da praça dos bustos, e te garanto que nesse dia responderei a todas as tuas perguntas. Não adiantará agora, pois o teu mundo não acreditará em você apenas pelo que afirmas ter visto, conhecido ou experimentado, mas pelo caminho que oferecerás para a compreensão da vida e pela coerência da reflexão sobre a vida que promoverás".

Embora não contasse com mais de 21 anos na época, certas coisas não conseguia digerir tão facilmente, mas, no geral, acreditei que havia entendido o "espírito da coisa".

Godar tinha me colocado numa situação inusitada. Não cabia qualquer argumento para poder retomar o assunto; desta forma, humildemente, aceitei o desafio e mudei o teor do diálogo.

Durante 12 dias permaneci totalmente consciente entre os extraterrestres de Ilumen, sem tocar no tema novamente. Nesse período, aproveitei a estada para visitar a cidade, conhecer sua civilização melhor e discutir aspectos relativos ao projeto Missão Rama e sobre qual deveria ser minha atitude daqui para frente. Em todo momento, Godar deixou livre a escolha das opções a seguir, não interferindo em nada na minha decisão. A essa altura, estava resolvido a deixar, definitivamente, a liderança deste trabalho, colocando outras pessoas adiante, e sair do país na primeira oportunidade que surgisse. Desejava eliminar o mais rápido possível qualquer suspeita de protagonismo ou de liderança, e a melhor forma era renunciando a qualquer fama ou reconhecimento.

Entre tantas explicações, ditas durante essas quase duas semanas na cidade, deu para perceber que a relação homem/extraterrestres estava longe de ser apenas um evento fenomenológico, e sim uma experiência

sociológica de grandes conseqüências. Colocado de outra forma, a aproximação desta civilização implicava numa fratura sem precedentes no curso normal do processo evolutivo cultural e social humano. Ou seja, o potencial influenciador destes seres era total para com a nossa civilização, razão mais que suficiente para que toda e qualquer forma de aproximação estivesse sob um estrito controle e ocorresse sob um esquema muito bem planejado. Segundo Godar, uma aproximação global e simultânea soaria como uma inevitável invasão, armando de imediato o mundo contra a sua chegada e consumando totalmente a desconfiança já experimentada na atualidade em relação às intenções extraterrestres. Qualquer passo em falso e seu descrédito seria total, reforçando de imediato uma imagem negativa e duvidosa em relação ao objetivo de sua vinda ao mundo, principalmente frente à política de desmoralização e amedrontamento da população, que vinha sofrendo por parte de algumas agências e agentes de alguns países já de longa data, especialmente por aqueles que consideram sua chegada uma ameaça a seus interesses. Por outro lado, sua presença, isto é, a sua chegada, não poderia nem deveria em qualquer hipótese provocar uma alteração radical no quadro das atividades econômicas, profissionais e institucionais humanas, pois o custo social disso seria terrível, levando a civilização humana ao caos e ao desemprego. Uma chegada sem preparação ou jeito levaria todo o sistema financeiro mundial a desarticular-se por completo, afetando a situação de milhões de pessoas. Desta forma, não lhes restava nada mais que realizar um programa gradual de aproximação com diferentes frentes e sob várias alternativas de resultado, mesmo que isto levasse décadas, e, se necessário, várias gerações humanas para ocorrer, até o dia definitivo de sua apresentação mundial. Pois nesse momento a humanidade, como um todo, estaria não somente convencida de sua existência, mas teria discutido obrigatoriamente uma política mundial sobre como enfrentar a

situação, dada a pressão que estariam exercendo pelas suas constantes aparições. Ao mesmo tempo, contariam paralelamente com diversos grupos humanos que, previamente preparados, teriam condições de servir de referencial para a exemplificação de seus propósitos, mostrando na prática os benefícios de um relacionamento pacífico e construtivo entre civilizações. E esta era a nossa missão: ser um referencial de maturidade intelectiva e espiritual, em que a vida é levada com responsabilidade e dignidade, vindo a exercer uma existência consciente e construtiva em prol da paz e do desenvolvimento da vida em nosso mundo. Deveríamos ser pois uma amostra viva e prática de suas intenções.

Finalmente, chegado já o momento de retornar, Godar insistiu em não me preocupar com o divisionismo que existia entre os elementos antigos com que iniciáramos o contato. Segundo ele, cada um deveria ser responsável pelo caminho que havia escolhido, já que tanto uns como outros estaríamos sendo objeto de estudo para que, afinal, um resultado fosse conseguido. E esse resultado seria o melhor indicador de quem teria chegado a construir, satisfatoriamente, uma estrutura harmônica e produtiva, na qual pessoas teriam obtido a oportunidade de achar um sentido claro, profundo e positivo para viver. Em síntese, o apoio dos guias ao trabalho, sua presença, o crescimento gradual de uma estrutura forte, coesa e eficiente, a satisfação dos seus participantes manifesta num contínuo crescimento interior e uma ação concreta, na realização e construção de uma nova sociedade, seriam os indicadores de fracasso ou êxito do nosso trabalho, e, portanto, a referência a acompanhar.

Enquanto caminhávamos em direção ao local de despedida, fazia rapidamente uma avaliação de tudo o que foi discutido, conversado e esclarecido ao longo desses incríveis dias. Nesse momento, tocou-me algo que mais era um incômodo do que uma dúvida, externando de imediato a Godar meu sentimento: "... *Godar, tudo o que você me*

comenta sobre o ser humano é um tanto triste e até constrangedor. Os humanos estão sempre numa condição limitada e quase selvagem. O parecer de vocês a nosso respeito acho que soa um tanto depreciativo. Será que temos alguma coisa que valha a pena? Será que temos algo de bom debaixo de tantas limitações?...".

Numa expressão que esboçava um leve sorriso, o meu anfitrião extraterrestre retrucou: "... Tanto vocês como qualquer outra forma de vida carrega consigo uma contradição maravilhosa. A capacidade de realizar, construir, modificar, realçar e até melhorar que se contrapõe com o mesmo potencial para destruir..."

"Na natureza você depara com criaturas de estonteante beleza, porém, bastou tocá-las para sofrer a ação do seu veneno ou de qualquer agente de proteção que a cerca. De igual forma, a vida transita dentro de um ambiente em que circulam possibilidades de ações fantásticas e de resultados generosos e positivos, se articulada de forma pertinente e coerente. Mas, se orquestramos estas ações de forma errada, de maneira irresponsável e ignorante, o resultado será desastroso não somente para o promotor da ação, mas também para todos aqueles que o cercam, sejam seus iguais ou não..."

"No maravilhoso mistério da existência, a capacidade de sentir e dar prazer, a habilidade de sentir e dar amor, o poder de sentir e dar carinho, o potencial de sentir e dar apoio e proteção cabe especificamente às criaturas inteligentes; porém, o caminho para este degrau está repleto de espinhos. O Universo sabe escolher seus parceiros, razão pela qual os testa de igual forma que os premia..."

"Realmente, todas as criaturas possuem a rara beleza da existência, a maravilha das cores de sua configuração, a plasticidade de suas formas e o fascínio do seu potencial de ação. Pelo único fato de existir vocês já carregam consigo a extraordinária capacidade de tornar o Universo

diferente e promover nele fantásticas mudanças. Mas, paralelamente, seu despertar para esse potencial e para o seu exercício é um duro e árduo percurso, carregado de armadilhas e tropeços. Vocês são lagartas no jardim do Universo, onde, na sua ignorância, devastam tudo à sua frente para alimentar-se na busca do conhecimento e da evolução. Um dia iniciarão a metamorfose, prendendo seu casulo em. algum lugar e num determinado momento. Seu percurso deverá tê-los preparado para fazê-lo em lugar seguro e no tempo certo. Se o processo se realizar corretamente e em segurança, tornar-se-ão borboletas vistosas cujas cores e ações coroarão o Universo de beleza, mas se não for assim terão perecido vítimas de sua ignorância..."

"Não menosprezamos vocês nem. qualquer outra espécie. Bem ao contrário, objetivamos a compreensão de sua condição assim como de suas possibilidades, certas ou erradas. Para que, dessa forma, nem. vocês nem qualquer outra forma de vida padeça pela sua ignorante teimosia e perigosa persistência. Queremos confiar em vocês, assim como todo o Universo aguarda o despertar de sua responsabilidade existencial. Viver é por si mesmo algo maravilhoso quando compreendido, ou um inferno se não bem aproveitado. Admiramos em vocês a sua criatividade, flexibilidade, persistência e determinação, mas abominamos o seu desrespeito pela vida e a irresponsabilidade de seus atos. Estamos aqui para colaborar, jamais para julgar. Não somos juízes de seus atos, nem desejamos sê-lo, estamos apenas trabalhando para garantir que o Universo e a vida à margem de vocês não sofram as conseqüências pelo desenvolvimento atrapalhado, irresponsável e ignorante de sua humanidade."

Sem mais o que dizer, pois o discurso me havia oferecido muito em que pensar, Godar acompanhou-me até o iugar de costume para me despedir. Um *Xendra* foi aberto a poucos metros de mim, marcando o momento do

meu retorno para a Terra. Nesse momento, minha mente balançou. Será que desejava voltar? Será que gostaria de enfrentar o mundo e meus próprios amigos numa empreitada talvez solitária e incompreendida? Teria coragem suficiente para enfrentar o mundo e toda a violência de seu julgamento sobre meus atos?

Godar percebeu minhas dúvidas e, novamente, como na primeira viagem, me tentou perguntando: "Desejas não voltar? Preferes permanecer entre nós definitivamente? Lembra que o que o Universo oferece é o que o homem em seu coração encontra, já que o conhecimento do espírito está nele mesmo. A paz não existe fora de você, mas apenas em teu coração se a tua consciência compreende o que a cerca...".

Por um momento hesitei. Novamente a tentação de ficar em definitivo nesse lugar maravilhoso era enorme, mas meus pensamentos trouxeram a lembrança de tantos rostos de pessoas. Rostos anônimos de criaturas sem esperança, rostos de seres queridos ignorantes do seu futuro, rostos de criaturas massacradas diariamente pela repressão de um mundo indolente, severo e cruel. Quantas pessoas poderiam construir para si e para os demais um mundo melhor? Quantos seres humanos, se orientados, poderiam transformar este frio presente numa cálida recepção para um futuro digno? Quantas pessoas lutavam desesperadamente neste mundo na esperança de ter um caminho para a vida? Quantos como eu ansiavam por uma oportunidade de transformar o pessimismo em esperança?

Seria eu capaz de permanecer neste paraíso extraterrestre sem me importar com todos esses rostos sem nome atropelando minha mente e invadindo meus sonhos? Não, toda essa fantástica experiência me havia ensinado a compreender que, havendo uma mente e um coração ávido, há esperança. A esperança de realizar dias melhores. Minha consciência jamais teria paz, sabendo que eu poderia ter colaborado para reunir toda a energia de um grande sonho numa única direção. Meu lugar jamais seria

a 4,5 anos-luz da Terra. Mesmo imperfeito, como uma obra inacabada, alguém tinha de fazer algo. E eu tinha certeza que, nesta Terra, assim como eu, existiam muitos aguardando uma oportunidade, um caminho para unir esforços na retomada do desenvolvimento. E como Godar havia dito, a oportunidade de um mundo melhor estava escondida dentro de nossos corações, pois a própria criação nos colocou ali por um motivo maior, e esse motivo devíamos descobrir por meio do nosso conhecimento.

Olhando para Godar com ternura e uma profunda gratidão, virei-me para o portal de luz. Não sabia se algum dia retornaria a este lugar ou se iria vê-lo novamente. Assim, respirando fundo, dei uma última olhada para aquela fantástica paisagem, dirigindo-me rapidamente para meu amigo extraterrestre, percebendo um sorriso leve e assentindo com a cabeça. Um profundo suspiro aliviou minha tensão e, sem mais pensar, ingressei na luz.

No retorno à Terra, muitas coisas haviam mudado em mim. Sentia tudo diferente, mas não conseguia definir o quê. Dessa maneira, prossegui com o trabalho, organizando um conselho administrativo que poderia dar continuidade ao processo. Sem muita complicação, as coisas foram surgindo gradualmente, facilitando a estruturação desse grupo e permitindo meu futuro afastamento.

Naquele período, a lembrança da escultura e as palavras de Godar não se afastavam de minha memória. A cada momento estava presente cada sílaba e cada imagem que, como fantasmas, assombravam meus pensamentos. O problema era arranjar tempo para continuar a pesquisa e responder ao desafio de Godar, o que não seria tarefa fácil.

Durante as semanas seguintes realizei algumas saídas com Rodolfo e mais alguns grupos, contando sempre com a presença de naves e algumas outras manifestações. O "Conselho de Terra", como denominamos o

grupo de coordenação, já se havia formado. Um guia de práticas básico e um estatuto normativo haviam sido estruturados para facilitar o trabalho de orientação aos grupos e auxiliar o processo de comunicação. Tudo parecia definido, tranqüilo e, pelo menos, organizado.

Por outro lado, Juan Acervo, um outro companheiro que se havia retirado do grupo inicial, junto com alguns simpatizantes, trabalhava recluso e fechado em suas pautas. Algumas vezes ainda nos encontrávamos para trocar algumas idéias, mas sem pensar em qualquer integração, já que seus objetivos eram outros. Da mesma forma, Sixto iniciava a abertura de mais um grupo, seguindo uma linha própria. Às vezes, convidava meu irmão e alguns dos meus antigos parceiros de experiência para oferecer palestras ou mesmo realizar bate-papos com os grupos novos. Eu não era contrário às idéias dos outros, por isso procurava que todos tivessem a oportunidade de trocar pontos de vista, mesmo que diferentes. Parecia que tudo estava conforme os guias haviam previsto, um processo de expansão se havia iniciado.

Assim, um dia como tantos, saí da agência de propaganda em que trabalhava em Lima e optei por caminhar. Nesse dia, sentia uma grande necessidade de meditar e refletir sobre o destino da minha vida. A Embaixada do

Brasil ficava a um quarteirão da agência e era passagem obrigatória na minha caminhada.

No trajeto, observei que na entrada da embaixada havia um anúncio, relativo a vagas para bolsistas que desejassem estudar no Brasil. Por total curiosidade, entrei para saber mais a respeito. Uma simpática recepcionista me atendeu, informando que a inscrição se encerraria no dia seguinte e que, para participar, seria obrigatório apresentar uma longa documentação. Dentre as vagas abertas, havia a de Psicologia, matéria na qual me havia matriculado nos estudos gerais da Universidade de Lima.

Ao todo, havia apenas cinco vagas, sendo uma delas na Universidade de São Paulo, cidade onde morava minha tia Rosa, irmã do meu pai e que, coincidentemente, passava férias com sua filha — minha prima Pamela — em Lima, aproveitando para visitar também sua irmã Virgínia e sua mãe, minha avó.

Sem saber por que, retirei a relação de documentos necessários e os formulários de inscrição. De novo na rua, caí em mim, pensando: "Como vou conseguir toda essa documentação em apenas um dia? E como vou para um outro país que nem sequer conheço e muito menos seu idioma?"

Enquanto dava os primeiros passos, olhei para o céu. Detive-me e pensei: "Godar, se é isto que vocês querem, então vocês me ajudarão para que seja."

Assim, parei um táxi e fui direto para a casa dos meus pais. Extremamente agitado e numa corrida contra o tempo, consegui levantar várias certidões e atestados que minha mãe guardava, mas mesmo assim algumas faltavam. De imediato fui para a casa de minha tia Virgínia, pois sua irmã, minha tia Rosa, encontrava-se de visita nesse momento. Antes de mais nada, precisava saber se, no caso de obter a bolsa, minha tia Rosa aceitaria ter-me na sua casa, já que minha família jamais teria condições econômicas de me sustentar no exterior.

Chegando à casa da tia Virgínia, consegui achar todos presentes naquele momento e, principalmente, contar o que pretendia à minha adorada avó e, é claro, à tia Rosa. Pamela, minha prima e filha única da tia Rosa, ficou empolgada com a idéia e colaborou para que minha tia aceitasse. Dona Virgínia, sua mãe e minha avó, comprometeu-se a me dar a passagem de avião e, afinal, depois de algumas negociações, a maravilhosa tia Rosa deu sua aprovação.

Agora, precisava correr atrás do que faltava. Chamei meu amigo Rodolfo por telefone, um amigo incondicional como existem poucos, que se

prontificou a me dar todo seu apoio, e assim, juntos, fomos de lugar em lugar coletando os documentos que faltavam. Era impressionante observar como todos os cartórios e registros colaboravam para emitir os documentos de imediato. Ninguém criou qualquer problema e nada emperrou em nenhum lugar. Todos pareciam movidos por uma força de colaboração incrível. Assim, faltando apenas alguns minutos para fechar o expediente da Embaixada do Brasil no dia seguinte, cheguei com toda a documentação para realizar minha inscrição. Agora o problema estava com os guias. Havia somente cinco vagas para o curso de Psicologia, sendo apenas uma para São Paulo. O número de postulantes era enorme: mesmo que conseguisse um segundo ou terceiro lugar no quadro de méritos, todos desejavam a vaga para São Paulo e, sendo escolhido por outro, automaticamente eu estaria fora, pois era em São Paulo que residia minha tia Rosa.

Tudo isto ocorria em finais de novembro de 1975. Sem ter qualquer idéia do que seria esta nova aventura em minha vida, permaneci aguardando o resultado.

Enquanto a avaliação se processava na Embaixada do Brasil, alguma coisa me fazia crer que a viagem ocorreria, razão pela qual procurei preparar todos os instrutores de forma que a minha ausência não fosse obstáculo para a continuidade dos trabalhos. O "Conselho de Terra" deveria organizar suas atividades de maneira a gerenciar a abertura de novos grupos e administrar o trabalho dos existentes; porém, meus pressentimentos de que não seria bem assim estariam para se confirmar futuramente.

Em dezembro, o resultado foi comunicado e o primeiro lugar era meu. Podia escolher uma das cinco vagas em qualquer das universidades que desejasse para estudar Psicologia. A Universidade de São Paulo, no Brasil, seria meu próximo destino.

No dia em que recebi a notificação, olhei para o céu pela janela da casa de minha tia Virgínia. Sabia que era este o momento do início de uma nova etapa a que Godar se referira no contato em Chilca. Em breve viajaria a um outro país, com costumes e idioma diferentes. Estaria completamente só para começar tudo de novo. Não teria nenhum dos meus amigos para me ajudar nem qualquer testemunha de nossos feitos. O jornalista espanhol J. J. Benítez era um total desconhecido para esta nova terra e eu, uma pessoa sem passado ou presente, apenas com um futuro totalmente desconhecido.

A razão transcendental que me levava a viajar, aquela que seguia os desígnios dos extraterrestres, ainda era desconhecida para mim. Levaria alguns longos anos para compreender profundamente o sentido de tudo isto e a relevante importância que toda esta aventura teria para o futuro de nosso trabalho e para minha formação como ser humano.

Uma nova terra, uma nova vida, uma nova humanidade e um novo Charlie estariam para surgir, fruto de uma aprendizagem que só esta nova experiência seria capaz de conseguir.

E assim, após uma maravilhosa festa de despedida realizada por todos os grupos e instrutores em fevereiro de 1976, aproveitando para comemorar também meu aniversário, nascia uma etapa diferente de desenvolvimento e trabalho na história de minha vida. E no dia 19 de fevereiro de 3976, uma quinta-feira, depois de minha primeira experiência de voar num avião consumar-se, desembarcava no Aeroporto Internacional de Viracopos, em São Paulo.

O início no Brasil foi tumultuado, seguido de êxitos e fracassos, de encontrar gente maravilhosa como algumas terríveis. Mas a experiência serviu para compreender melhor todo o processo, vindo a elaborar com Godar, em conjunto, um plano de desenvolvimento e identificação de pessoas úteis ao propósito de construir, na prática, um mundo melhor. A

este projeto denominamos inicialmente de PLANO PILOTO, uma versão melhorada de todo o projeto inicial, que seria aplicado no Brasil de forma experimental. Nesse processo, trabalharia com as pessoas de maneira diferente de tudo o que havíamos realizado até o momento, permitindo maximizar os recursos disponíveis e potenciais, e identificar, rapidamente, quem verdadeiramente, desejava investir no seu desenvolvimento e lutar por uma condição de vida melhor e mais digna. O contato extraterrestre seria encarado como uma ferramenta, e não mais como a razão do trabalho. O objetivo maior seria, especificamente, a conquista de um estado de consciência mais amplo e de uma percepção mais clara da razão de viver, com metas definidas a curto, médio e longo prazos, com vistas a permitir a construção concreta de uma comunidade humana universalista e útil.

Este modelo foi desenvolvido e aplicado durante vários anos, vindo a ser reformulado em 1995, apenas no que diz respeito sua denominação, passando a chamar-se de Projeto Amar e eliminando o nome Missão Rama — Plano Piloto. Esta mudança decorreu dos problemas enfrentados pela proliferação de grupos que assumiram mundialmente o nome de Missão Rama, Missão Rahma, Missão Rama Humanidade, etc., a revelia do encerramento em 1990 das atividades do meu irmão, que divulgara também a Missão Rama no exterior. Porém, mesmo finalizada sua gestão e após o seu afastamento dessa atividade, grupos continuaram a existir ou formar-se sob uma estrutura e atividades completamente diferentes da nossa, incorrendo numa atitude proselitista, fanática, mística e interesseira em muitos casos, além de envolver atividades econômicas e lutas pelo poder. Assim, no intuito de não sermos colocados na mesma "panela", decidimos desvincular-nos definitivamente de um nome que, infelizmente, estava sendo considerado em muitos países como uma seita

pseudo-religiosa, em que fanáticos eram recrutados e cujo comportamento deixava muito a desejar.

Foi pois com muito pesar que, tendo sido o principal responsável pela denominação de Missão Rama deste projeto ainda no Peru, decidimos de comum acordo entre todos os instrutores e grupos do Brasil pela mudança do nome. Não porque nos considerássemos melhores que ninguém, é claro, mas porque priorizávamos o respeito à vida mental, espiritual e física, tanto nossa como de todos aqueles que nos cercam.

Sabemos que todos os seres humanos estão errados em relação à forma como encaramos e percebemos a vida; somente em nosso caso, desejamos errar cada vez menos. Somos cientes de nossa responsabilidade para com o mundo, portanto, não podemos aceitar ser prejudicados por aqueles que desejam errar irresponsável ou propositadamente.

E é claro que nossos objetivos sempre foram altruístas e idealistas, procurando acertar sempre que possível e realizar a nossa proposta da melhor forma. Mas nem tudo é um mar de rosas e nem sempre tudo sai como a gente gostaria. Principalmente, quando a matéria-prima do principal trabalho é o próprio ser humano.

Desta forma, no decorrer de alguns anos, percebi que a aproximação de pessoas em torno de nossa atividade, embora fosse volumosa, não obedecia realmente ao objetivo de uma transformação em prol de um mundo melhor ou de uma reformulação pessoal visando a uma percepção mais ampla do sentido da vida e, com isso, tornar sua participação, em nosso meio, melhor e mais produtiva. Não, pelo menos, da maioria, pois numa pequena parcela era sim visível essa proposta ou pelo menos essa intenção.

Embora continuássemos o nosso trabalho de forma consciente e responsável, zelando pela sanidade mental dos integrantes, objetivando a

formação e o desenvolvimento de novos grupos, dava para perceber a permanente ansiedade de uma grande maioria de pessoas pela experiência extraterrestre. Na verdade, o ex-Plano Piloto, hoje Projeto Amar, não era e nunca foi um programa estanque ou rígido. Bem ao contrário, foi e será sempre um plano de trabalho dinâmico e mutável, adaptável a qualquer condição, situação ou grupo, razão pela qual toda e qualquer mudança é permitida, sempre e quando esta venha em benefício do grupo e de seus objetivos finais. Porém, seu foco sempre foi o crescimento mental e espiritual do ser humano e a experiência extraterrestre, apenas a decorrência natural desse resultado, como colocado anteriormente.

Assim, foram e continuaram sendo formados grupos em todo o país, por meio de um processo de seleção, que trabalhava dentro de um esquema de autogestão, permitindo o desenvolvimento natural dos seus integrantes e a identificação de interesses comuns ou não. Dinheiro jamais houve, nem qualquer tipo de cobrança, sendo exigido apenas responsabilidade e dedicação. Todos teoricamente deveriam trabalhar estimulados pela oportunidade de uma descoberta ampla de sua realidade pessoal, do papel que sua vida representa no universo e das possibilidades que existem para construir um mundo mais digno e humano. Mas, infelizmente, não foi bem esse o resultado nem os objetivos da maioria.

A possibilidade de um contato extraterrestre acabou sendo o chamariz principal desta proposta, e o processo, um mero degrau para chegar a realizar essa fantasia e matar a curiosidade pessoal. As pessoas caíam gradualmente em desmotivação ao não ver seus objetivos pessoais ufológicos correspondidos e passavam a minar a estabilidade do trabalho, procurando denegrir a validade da proposta assim como questionar a sua metodologia. Até a permanência do meu contato chegava a ser questionada inúmeras vezes, pois não era oferecido qualquer tipo de *show* de confirmação de sua existência para acalmar os irados ânimos.

O desejo egoísta de ver um sonho pessoal realizado permitia o engajamento das pessoas e respectiva submissão à metodologia de trabalho, mas por um tempo relativo, até que a sua impaciência rompesse a estabilidade das atividades. Nesse momento, as cobranças surgiam duras, exigentes e improcedentes, pois desde o início sempre havia sido dito que o contato seria a decorrência natural de um nível de desenvolvimento conquistado e não o objetivo do projeto, no qual os extraterrestres, uma vez obtida uma relativa ou plena confiança nas intenções, compromisso e determinação de quem participava, manifestar-se-iam ao considerar o resultado dessa experiência positivo em relação a seus desdobramentos e conseqüências, já que considerariam as pessoas envolvidas maduras e responsáveis o suficiente para transferir ou oferecer uma vivência e conteúdo de acordo com o propósito do projeto e as necessidades do momento, sendo que todo esse resultado seria ofertado ao mundo com a tranqüilidade de não carregar consigo qualquer possibilidade de corrupção na interpretação do adquirido.

Mas o tempo encarrega-se de revelar as verdadeiras intenções e mostrar quem é quem. Porém, a situação tornou-se desgastante e injusta.

Durante mais de 25 anos devotei a minha vida gratuitamente em prol de uma mudança e de uma abertura de pensamento em relação ao ser humano e sua participação no cenário universal. Centenas de pessoas no decorrer desse tempo vivenciaram experiências incríveis a meu lado. Porém, o egoísmo pessoal e a necessidade de uma auto-afirmação ou a fundamentalização de uma auto-estima fazia com que uma independência surgisse, vindo a se contrapor a um submetimento humilde de aprendizado. Quando a confiança em certas questões estava consolidada e o domínio de alguns conceitos incorporados, ou uma amizade se havia estabelecido, facilmente surgia a competição e a luta por um destaque,

pela formação de uma platéia ou pelo simples desejo de experimentar o assédio de simpatizantes.

Mas se, por diversas razões, a experiência extraterrestre ainda não havia ocorrido, o comportamento se tornava hostil como resposta a uma frustração. Não importavam os motivos pelo qual ainda não tivesse ocorrido, a questão estava em relação em quando haveria um encontro mais próximo. Sempre havia uma questão e uma frustração pendentes. E, como conseqüência, uma pressão e hostilidade crescentes.

Era como se o contato dependesse de mim e não da maturidade das pessoas. Era como se eu fosse obrigado a satisfazer a demanda desse público para garantir a sua lealdade ao processo ou conquistar sua adesão eterna.

Com o tempo fui percebendo que realmente ainda estamos longe de olhar para o Universo com humildade. Que ainda estamos num campo de batalha onde as nossas carências falam mais alto e onde o transcendental se ofusca pelo egoísmo e pelo desespero de uma existência vazia. E que as lutas pelo poder, pelo destaque, pela possibilidade de ser diferente são maiores que a amizade, que o reconhecimento de nossa ignorância, assim como maiores que enxergar o tamanho, potencial e possibilidades do universo que nos cerca.

Toda esta oportunidade de trabalho e desenvolvimento, que obviamente levou anos para ser construída, foi permitindo-me testar cada vez mais a validade do meu esforço e se o momento dessa proposta realmente era para ser neste tempo, nesta época. Ao longo, fui procurando dar espaço e medir respostas, buscando condutas e atitudes de acordo com os objetivos deste projeto, e assim fui me afastando gradualmente para definir um novo rumo e dar uma nova tônica à minha vida. Ainda tinha muito por aprender, conquistar e descobrir e, provavelmente, o meu excessivo

idealismo, a minha total ou parcial ignorância, ingenuidade e despreparo teriam sido os responsáveis pelo fracasso do meu esforço.

Mas no decurso de todo esse processo e durante suas diversas etapas, comecei a ter cada vez mais tempo disponível para leitura e investigação. E as minhas prioridades de pesquisa estavam muito bem delineadas.

Em nenhum momento havia esquecido a escultura na praça dos bustos. Isto porque, ao longo destes anos, retornei à cidade de Ilumen pelo menos umas três vezes mais, nas quais o rosto esculpido permanecia como um compromisso a desvendar na primeira oportunidade que surgisse. O que não tardou a acontecer.

Conforme tive a oportunidade de viajar para o exterior em visita a diversos grupos, tanto nossos como antigos Rama, similares ou de outras linhas, surgiu a possibilidade de também visitar grandes bibliotecas e livrarias especializadas, o que permitiu ter acesso a documentos reveladores, bem como sobre a vida de Jesus e sobre a origem das religiões no mundo. Assim, em pouco tempo, consegui reunir dados e informações que ofereciam um panorama esclarecedor, a ponto de permitir, em breve, entender os objetivos e a natureza de Jesus.

CAPÍTULO III
O Cristianismo

Durante os anos em que passei investigando, principalmente no Peru, devotei meu tempo inicialmente a descobrir aspectos relacionados com o início das religiões. Na verdade, a religião é um fenômeno social curioso e importante, pois basicamente sugere a busca de uma compreensão maior da própria origem do ser e de uma razão que justifique a sua existência, assim como a sua morte.

Resulta pois fácil imaginar que, durante a nossa pré-história, o homem primitivo deve ter adquirido consciência de ser produto de um poder criador a partir do momento em que ele próprio se percebeu capaz de reproduzir, no interior das cavernas, o que ocorria ao seu redor. Desta forma, no instante de contemplar a sua obra pintada e plasmada na parede de uma escura gruta, deve ter, necessariamente, percebido que ele criara algo, vindo a entender que ele próprio, assim como tudo a seu redor, seriam produto de um outro autor ou processo criador, independente e poderoso.

A partir deste momento, inúmeras perguntas a respeito de sua identidade vieram surgindo, buscando desesperadamente respostas que pudessem satisfazer a demanda de sua confusa ignorância em relação ao sentido de existir. E mais ainda, questões sobre a vida e a morte, a necessidade da dor e do sofrimento devem ter assombrado como fantasmas seus dias, sem encontrar uma justificativa razoável que explicasse esses mistérios. Mas, com o passar do tempo, respostas foram construídas por diversas vias, necessidades e sob variadas circunstâncias. Muitas delas servindo a propósitos nem sempre ingênuos, existenciais ou transcendentais, se bem ao contrário, apenas possivelmente a interesses egoístas e autocráticos.

Em suma, explicações, verdades ou pseudoverdades foram sendo construídas pelo homem numa tentativa de compreender as circunstâncias de sua existência, justificar seu sofrimento e dificuldades, assim como para celebrar o seu prazer e alegrias. Tal situação gerou a formação de comunidades, confrarias, seitas e agremiações doutrinais cuja participação legislava-se sob a tônica da obediência e do submetimento às verdades estabelecidas por divindades ou sacerdotes, resultando em únicas respostas às incógnitas da vida e da morte. É claro que a forma e a estrutura dessas respostas geralmente se sedimentaram e ainda se sedimentam em dogmas e bases doutrinais que buscam uma explicação

simplista e até ingênua para a origem de nossa cosmogonia e cosmogênesis. E muitos destes grupos escolhem seus participantes apenas sob a aceitação passiva de quem simpatize com os seus dogmas e preceitos. Sendo que, até nossos dias, têm aparecido inúmeras opções de escolha para o gosto e exigência de cada um.

O curioso é que um pretenso membro, para participar, deve aceitar de forma inquestionável o dogma da fé, pois ela está estruturada dentro de mistérios distantes de sua compreensão. E como a nossa inteligência é "limitada" frente aos desígnios divinos, resulta impossível compreendê-los, portanto, temos simplesmente de acatá-los passivamente e submeter-nos aos intérpretes do poder. Em outras palavras, basta acreditar e submeter-nos para sermos integrados numa comunidade religioso-filosófica, sob pena de castigos físicos e espirituais. O interessante é que o sentimento de culpa acaba sendo o fator de continuidade e vínculo, pois se a pessoa não respeitar os preceitos do culto, ela será punida, inclusive, pela eternidade, ou jamais será salva, estando condenada ao sofrimento.

Porém, outras alternativas de resposta também surgiram em diversas culturas, encontrando-se hoje uma miscelânea de justificativas e argumentos, todos curiosos e surpreendentes, que procuram esclarecer a respeito da vida, da morte e da necessidade do sofrimento para o desenvolvimento.

Mas o surpreendente de tudo isso é que, em vez da religião libertar o ser para uma busca e relação com Deus mais ampla e profunda, de maneira geral o submete a procedimentos-padrão e rituais específicos sob pena de castigos sem direito a qualquer questionamento. Digamos que, nesta situação, existem intérpretes diplomados por Deus para mostrar quais os procedimentos que "Ele" aprova como os mais eficientes, obrigando as pessoas a segui-los para atingir sua salvação. E isto confina as pessoas a seguirem pessoas apenas para chegar a Deus. A única liberdade que nos

resta é apenas da escolha de quem vende melhor a sua *joint venture* com Deus. Algo um tanto estranho, como se Deus escolhesse alguém e revelasse apenas a esta pessoa seus desígnios, desejos e vontades, o que coloca os demais numa situação de desprezo, embora todos afinal sejamos produto da mesma criação, o que resulta num contra-senso. Alguns merecem e outros não? Como? Todos não fomos criados iguais? Ou existem os prediletos de Deus?

Por outro lado, o número de religiões existentes em nosso mundo é enorme, apenas do budismo temos mais de 10.000 variantes e do cristianismo mais de meia centena, inclusive dentro do judaísmo temos algumas linhas bem diferenciadas. Isto sem contar as demais, sendo que todas elas se apresentam como a única e verdadeira fé, representando o único caminho para chegar a Deus e à verdade. Todas apresentam inúmeros argumentos para garantir o resultado desejado a seus fiéis, apelando a serem dignos representantes do poder divino, sendo que cada uma delas menospreza as concorrentes, alardeando que aquele que estiver fora do seu caminho estará perdido pela eternidade, pois não percebeu seu erro e não identificou o verdadeiro caminho da Luz. Lembro neste sentido que o famoso Joseph Smith, no século XIX, enfrentou essa terrível dúvida. Tanto seu pai como sua mãe pertenciam a religiões cristãs diferentes, resultando numa situação difícil para ele optar. Como solução final, após uma revelação, acabou criando ele próprio uma terceira opção, a Mórmom.

Com tudo isso, o ser humano tem construído, criado, combatido e destruído religiões ao longo dos séculos. Porém, nenhuma delas tem sido tão importante nem transposto fronteiras como a cristã, assim como aqueles movimentos espiritualistas em que a figura de um judeu de nome Jesus está vinculada. E acredito que tudo isso tenha uma razão.

Seja como for, a figura de Jesus e o que ele resultou ser ao longo dos tempos chegou até nós fundamentada pela religião e, em muitos casos, pela influência que a religião cristã e católica tiveram na cultura humana. Podemos não ser cristãos ou católicos hoje, nem praticantes, ou até membros de outras comunidades religiosas, filosóficas e até esotéricas, mas a infiltração social e cultural histórica da religião católica, principalmente nos tempos dos meios de comunicação, tem provocado hibridagens quanto à imagem e o significado da presença histórica de Jesus em nosso mundo. Até uma relativa simpatia em relação à sua saga histórica surgiu, mesmo entre os não-crentes, dado o bombardeio da mídia e de outros fatores culturais e até comerciais. E isto é um fato. Resulta difícil alguém não saber quando celebra-se o Natal, a Páscoa ou a Semana Santa, mesmo pertencendo a outra religião. E não devem faltar pessoas de outros credos que não tenham "curtido" um filme no cinema sobre a *Bíblia* ou sobre a vida de Jesus, e até se solidarizado com o sofrimento e vida deste personagem.

Desta maneira, para descobrir primeiro a forma e as características do Jesus que é oferecido para consumação pública, dada a situação atual, eu deveria conhecer um pouco dos aspectos históricos que envolveram a institucionalização de sua imagem e prédica. Assim, cheguei à conclusão de que, para poder compreender inicialmente quem foi verdadeiramente Jesus, ou pelo menos para saber o que havia chegado dele até nossos dias, resultava fundamental entender, basicamente, a origem e a história do fenômeno chamado "cristianismo". Pois foi este grandioso evento que trouxe até nós, supostamente, a vida e obra deste personagem. Posto de outra maneira, seria impossível descobrir quem foi Jesus sem ter condições de avaliar a credibilidade e origem do cristianismo enquanto representante de suas palavras e intenções, pois foi este movimento que

apresentou sua vida, pessoa e obras, sugerindo ser tradutor fiel dos seus propósitos, objetivos e ensinamentos.

Vale lembrar que a maioria das pessoas faz uma idéia de Jesus baseada no que a religião cristã, isto é, especificamente a católica, ofereceu ao mundo historicamente, seja inclusive por filmes, programas de televisão, diversas literaturas e informações coletadas pela atividade pastoral daqueles que a praticam. Poucas ou raras são as pessoas que conseguiram ou pelo menos tentaram ler a Bíblia em algum momento de sua vida. Portanto, muito do conteúdo cristão e da figura de Jesus resulta mais numa herança até familiar e social do que num resultado que seja fruto de uma procura ou pesquisa por iniciativa pessoal. Além do mais, as misturas ou hibridagens de informação provocadas por trocas ou passagens por diversos grupos esotéricos e até espiritualistas colaboraram ainda mais para confundir.

Assim, de maneira sistemática, desenvolvi um trabalho profundo e detalhado do caminho que este polêmico movimento percorreu, desde a razão do seu nascimento até a versão final. Procurando, sempre que possível, a escora e ajuda de tudo quanto apareceu para apoiar ou destruir as conclusões que fui elaborando. Era muito importante ter uma visão isenta e objetiva deste movimento, pois somente assim teria capacidade de avaliar se os objetivos de Jesus foram atingidos. Inclusive, descobrir, afinal, quais foram esses objetivos.

Desta forma, no decurso da investigação, ainda no Peru, ficou claro que o cristianismo foi e é um movimento mundial desde sua origem, havendo pois impactado sobremaneira o mundo conhecido. Por outro lado, resulta importante saber que, embora tenha surgido desde o início da prédica do Nazareno na Palestina, foi gerado especificamente logo depois que Jesus ressuscitou, sendo que o nascimento deste movimento ou religião já aconteceu dividido. E o mais curioso de tudo isso é que a sua aparição,

tanto na Palestina como fora dela, está envolvida numa trama repleta de intrigas, lutas internas, interesses particulares e aspectos misteriosos.

Segundo consegui apurar no decorrer das investigações, as verdadeiras dificuldades e distorções começaram por volta do ano 27, logo depois que Jesus ressuscitou e ascendeu aos céus como narram as escrituras. Ao que tudo indica, o jovem e ainda embrionário cristianismo judaico já havia sofrido uma terrível e dramática divisão. Por um lado, havia os apóstolos iniciais de Jesus, comandados por Simão Pedro ou Cefas e conhecidos como "Jerosolimitanos" ou apóstolos de Jerusalém. Do outro lado, havia um outro movimento que se considerava tão fiel a Jesus quanto o primeiro, chamado de "Helenista" (*Atos* 9:29). Este segundo grupo, sob o comando de Estevão (*Atos* 6:5) estava composto por judeus de formação cultural grega ou helênica, os quais, por diversas razões, haviam retornado à Palestina. Alguns investigadores consideram este segundo grupo como judeus de língua grega, originários das colônias do período da dispersão (diáspora), posteriormente estabelecidos em Jerusalém. Pelo seu nível cultural, este grupo criticava sobremaneira os apóstolos originais *(Atos* 6:1-4), pois os considerava incompetentes e despreparados, tanto que regularmente ocorriam desavenças entre ambos os grupos *(Atos* 9:29). Em diversos momentos, o próprio Pedro os chamou de arruaceiros e desordeiros, já que os helenistas realizavam grandes e tumultuadas manifestações, a ponto de serem expulsos da cidade.

Após a retirada dos helenistas de Jerusalém, os mesmos se refugiaram na Samaria, antiga capital do reino de Israel, destruída no avanço dos assírios no ano 721 a.C., pelo rei Sargão II. Desta cidade, espalharam-se gradualmente por Chipre, Fenícia e Síria, havendo conseguido um grande grupo de seguidores por toda a Palestina, principalmente em Damasco.

Por volta dos anos 31 e 33 d.C., Estevão, aparente líder dos helenistas, morre vítima da revolta dos judeus, em função de seus constantes ataques contra o Templo de Jerusalém (*Atos* 7:58). Paradoxalmente, a Igreja católica considera Estevão, ainda hoje, como o primeiro mártir do cristianismo, o que na verdade é um contra-senso, já que os helenistas não respeitavam nem consideravam os doze primeiros apóstolos como autênticos representantes dos ensinamentos de Jesus. Inclusive, criticavam-nos ferozmente em relação à sua deficiente formação e à maneira como predicavam.

Mas, dentre os judeus que martirizaram Estevão, encontrava-se um cidadão de nome Saulo *(Atos* 7:58), natural da cidade de Tarso, na Cilícia, nascido por volta do ano 10 d.C. *(Atos* 22:1). Porém, esta informação foi colocada em dúvida por São Jerônimo no século IV e pelo exegetaFócio no século IX, apontando que Saulo seria natural de Giscala, na Judéia, de onde teria sido deportado pelos romanos para Tarso, na Cilícia junto com seus pais.

Os evangelhos dizem que Saulo ou Paulo era cidadão romano de nascimento *(Atos* 22:29), porém judeu da tribo de Benjamim *(Filipenses* 3:5). Na sua juventude, foi doutrinado no judaísmo em Jerusalém pelo grande Gamaliel, o Velho, doutor fariseu da escola laxista de Hillel, membro do Sinédrio e primeiro a quem foi outorgado o título de "Rabban" *(Atos* 5:34 e 22:3). Porém, Saulo, ou mais adiante, Paulo, era um caçador de cristãos *(Atos* 8:3, 9:1 e 22:4), como narra São Cipriano, bispo de Cartago, morto no ano 240 durante a perseguição do romano Décio. No seu livro *Confissão,* São Cipriano narra o seguinte: "... *Então Eusébio disse: 'O apóstolo de Cristo chamado Paulo, sem dúvida não foi um mago, mas esteve entre os mais ardentes perseguidores dos escravos de Cristo. Havia consentido com a morte de Estevão. Inclusive com ordens do governador...'".*

De qualquer forma, pelo que sabemos, um dia Paulo foi solicitar cartas ao Sumo Sacerdote de Jerusalém para as Sinagogas de Damasco, com a intenção de continuar a prender e executar cristãos judeus *(Atos* 9:2). No caminho, entretanto, sofre uma terrível insolação, sendo posteriormente cuidado e curado por Ananias ou Anás, chefe dos cristãos helenistas de Damasco *(Atos* 9:10).

Porém, deste evento, ao todo, existem três versões totalmente diferentes entre si, narrando a famosa conversão de Paulo. Na primeira versão achada em *Atos dos Apóstolos* (9:3-19), Saulo ou Paulo relata que próximo de Damasco emerge à sua frente uma luz que o envolve, vinda do céu. Caído em terra, ouve uma voz que lhe pergunta: *"Saul, Saul, por que me persegues?"*. Ao que Saulo pergunta: *"Quem és, Senhor?"*. Ouvindo: *"Eu sou Jesus, a quem tu estás perseguindo. Mas levanta-te, entra na cidade, e te dirão o que deves fazer"*. Isto ocorrido, os homens que viajavam com ele ouviram a voz, mas não viram ninguém. Segundo a narrativa, Saulo se levantou cego e foi conduzido até a cidade, permanecendo nesse estado por três dias sem comer nem beber. Nesta versão, Ananias é enviado até Saulo por uma aparição de Jesus, o qual o instrui sobre como chegar na casa de Judas e procurar por Saulo.

Numa segunda versão, também encontrada em *Atos dos Apóstolos* (22:6-16), a narrativa é totalmente diferente, pois nela Saulo afirma que era por volta do meio-dia quando aparece uma grande luz vinda do céu que o envolve. Cai ao chão e ouve uma voz dizer: *"Saul, Saul, por que me persegues?"*. Ao que Saulo responde: *"Quem és, Senhor?"*. Ouvindo: *"Eu sou Jesus, o Nazareu, a quem tu estás perseguindo"*. De acordo com esta segunda narrativa, os homens que estavam com Saulo viram a luz, mas não escutaram nada. Os aspectos posteriores, isto é, a chegada a Damasco e vinda de Ananias, são semelhantes.

Na terceira e última versão, também em Atos (26:12-18), Saulo afirma que, por volta do meio-dia, observa uma luz vinda do céu, e nela está Jesus. Porém, a luz também envolve seus acompanhantes fazendo-os cair por terra. A voz ouvida por Saulo, fala em língua hebraica dizendo: "Saul, Saul, por que me persegues? E duro para ti recalcitrar contra o aguilhão". Ao que Saulo responde: "Quem és, Senhor?". Ouvindo: "Eu sou Jesus, a quem tu estás perseguindo. Mas levanta-te e fica firme em pé, porque este é o motivo por que te apareci: para construir-te servo e testemunha da visão na qual me viste e daquelas nas quais ainda te aparecerei. Eu te livrarei do povo e das nações gentias, às quais te envio para lhes abrires os olhos e assim se converterem das trevas à luz, e da autoridade de Satanás para Deus. De tal modo receberão, pela fé em mim, a remissão dos pecados e a herança entre os santificados".

Surpreendentemente, temos aqui três versões diferentes de um mesmo evento, nas quais aparecem detalhes totalmente inéditos entre si, o que demonstra, em cada narrativa, a clara intenção de justificar a importância do evento e, principalmente, reafirmar a escolha de Paulo como apóstolo dos gentios. Porém, as três versões têm poucos pontos verdadeiramente em comum, incorrendo até em banais contradições, sendo Lucas quem escrevera estas três narrativas e não Paulo. E Lucas foi discípulo de Paulo.

De qualquer forma, cabe destacar primeiro que Paulo nunca conheceu Jesus pessoalmente; segundo, que foi catequizado por Ananias em Damasco, que era cristão helenista. Nesta cidade permaneceu por três anos, vindo pregar a palavra de Jesus na Sinagoga local; e terceiro que, por ser de formação intelectual grega, Paulo não teve dificuldades em assimilar o pensamento helenista inicialmente, incorporando o conceito do Cristo ao nome de Jesus por conta própria. Daí que surgiu o nome Jesus Cristo, algo totalmente fora do contexto judeu, pois os apóstolos

originais chamavam Jesus de "Rabi" (*João* 1:38 e 9:1 e *Mateus* 26:25), que significa "meu mestre". Esta afirmação se contrapõe totalmente a uma outra que encontramos em *Mateus* (23:8), quando vemos Jesus afirmar que ninguém deve ser chamado de "Rabi", dando a entender, sorrateiramente, que ele é o Cristo. O mesmo ocorre em *Mateus* (16:13-20), quando corrobora o fato dele ser o Cristo. Esses textos, assim como outros, apresentam uma nítida alteração de conteúdo realizada pelos copistas paulíneos que traduziram os documentos e os manipularam intencionalmente, como veremos mais adiante, já que, para os judeus, a idéia do Cristo não pertence à tradição judaica, apenas à mitologia grega, menção que não cabe no contexto religioso judaico que está orientado à busca do messias.

Cabe aqui esclarecer que o conceito CRISTO vem da palavra grega CHRESTOS, que significa UNGIDO, e a mesma está em relação direta à mitologia grega, sendo utilizada no século V a.C. por Ésquilo e Heródoto, principalmente. Uma outra modalidade esotérica grega foi empregar a palavra CHRISTOS, uma instância da anterior, no sentido de significar PURIFICADO. Tanto uma como a outra, já que são literalmente complementares, foram utilizadas por Paulo de Tarso para desenvolver o seu próprio cristianismo. O que seria, na verdade, uma combinação do helenismo, isto é, do que Estevão entendeu do esoterismo grego, com a visão e interpretação que Paulo teve da palavra de Jesus.

Sob o argumento da terceira visão de sua conversão, Paulo de Tarso partiu para catequizar principalmente os gentios, isto é, os não-judeus *(Gálatas* 2:7-9). Esta atitude contraria em princípio, totalmente, uma menção feita por Jesus (*Mateus* 10:5-8), na qual desconsiderava os gentios de participar do evangelho, embora aparentemente o evangelho se contradiga mais tarde; já que ao longo do avanço da ação catequizadora dos jerosolimitanos Pedro quebra parcialmente o mesmo princípio,

cedendo à conversão de alguns gentios durante um discurso na casa de Cornélio, um centurião romano da corte itálica (*Atos* 10:48). Esta passagem em si é muito suspeita, já que *Atos dos Apóstolos* também foi escrita por Lucas, seguidor de Paulo, que intencionalmente manipulou os relatos procurando amenizar os problemas existentes entre as facções cristãs, principalmente entre os paulíneos e os jerosolimitanos, valorizando com efusividade o trabalho de Paulo. Porém, a narrativa da conversão dos gentios por Pedro demonstra como os demais apóstolos entendiam o tema, pois, no texto, Pedro é obrigado a justificar sua atitude frente aos demais (*Atos* 11:1). De qualquer forma, a idéia de uma possível prédica aos gentios por parte dos jerosolimitanos foi sempre vista com muita reserva. Por esta razão, durante quase todos os anos do cristianismo jerosolimitano os apóstolos originais de Jesus dificilmente se afastaram da Palestina, em vista de que os adeptos desta forma de cristianismo não concebiam que a palavra de Jesus poderia ou deveria sair de território Palestino, muito menos estender-se fora dos limites judaicos.

Assim, está claro que, na primeira metade do século I d.C., as palavras de uma criatura chamada Jesus já haviam desencadeado três poderosas frentes de interpretação: a dos jerosolimitanos ou dos apóstolos originais, dirigidos principalmente por Pedro, João e posteriormente Tiago; a dos helenistas da qual, após a morte de Estevão, Filipe ficou à frente; e uma terceira que desa- brochava forte e poderosa, a de Paulo.

Para melhor entender, vale relembrar o seguinte: os jerosolimitanos, isto é, os apóstolos originais de Jesus, concebiam um cristianismo fundamentado no judaísmo, ou seja, embasado na tradição mosaica, na qual os rituais judaicos estavam e deviam ser preservados, inclusive a circuncisão como símbolo da aliança com Deus. Nesta ótica, somente um circunciso e ao mesmo tempo judeu poderia ser cristão. Além do mais, aqui Jesus era chamado de Rabi (o Mestre) e seus seguidores de

Nazoreanos. Neste conceito, era reconhecido como um profeta chegado de Deus, identificado como o messias anunciado, que pleiteava a reflexão, o conservadorismo das tradições e uma confissão de fé amena, tudo numa atitude pacífica e prudente. O pacifismo era a tônica principal, assim como o cumprimento das escrituras judaicas.

Por outro lado, como já definira anteriormente, tínhamos os helenistas. Todos judeus de língua grega, cuja visão religiosa intelectualizada expressava fundamentos neoplatônicos e simpatias com as tendências herméticas, os quais manifestavam um entendimento mais apaixonado e sacrificado do evangelho. Seu comportamento, de caráter fundamentalmente disciplinar e ofensivo em termos da prédica, arremetia-os frontalmente contra o poder religioso e político vigente, ao extremo de agir violentamente. Em outras palavras, consideravam Jesus uma nova ordem religiosa, inclusive, reformista e superior ao próprio judaísmo, a ponto de levar a sua visão da mensagem de Jesus a todos sem exceção numa forma arrasadora, firme e contundente, sem se importar com as conseqüências. Para eles, a condição de ser ou não judeu era irrelevante, já que ser cristão representava uma nova religião, uma nova e renovada visão e percepção de Deus e seus objetivos para com o homem, totalmente superior e independente da judaica, assim como de qualquer outra existente.

Finalmente, haveria a terceira linha que podemos chamar de paulínea, já que foi gerada por Paulo de Tarso, nascendo originariamente dentro da influência dos helenistas, sendo que, mais adiante, entraria em frontal embate com os mesmos, a ponto de ameaçar a própria vida de Paulo pelas suas diferenças e desentendimentos (*Atos* 9:29), situação que o obrigaria a fugir da Palestina.

Na verdade, Paulo fundiu aspectos helenistas-gregos e elementos de várias filosofias para gerar sua própria linha, a ponto de legislar

absolutamente e de forma centralizadora o comportamento dos fiéis, completamente à margem dos preceitos judaicos, construindo, assim, os dogmas fundamentais do cristianismo atual.

Cabe destacar, porém, que a chegada e o apostolado de Paulo não foram somente mal recebidos entre os jerosolimitanos, isto é, entre os apóstolos de Jesus (*Atos* 9:26-28), mas também geraram posteriores e graves conflitos (*Atos* 15:1-29). A situação chegou a tal ponto que os apóstolos de Jesus questionaram a forma de conversão que Paulo realizava (*Atos* 21:17- 25), dando a entender que seu procedimento não era correto. A esta intervenção, os apóstolos de Paulo responderam, procurando, gradualmente, dirimir a imagem de Pedro nos evangelhos de sua autoria, vindo a enaltecer a relevância de Paulo como apóstolo e enviado de Jesus aos gentios. Esta afirmação pode ser corroborada, se observarmos o contido numa passagem em que Paulo, de forma severa e repreensiva, cobra de Pedro uma postura coerente, dando um discurso claro de admoestação e colocando-se por cima do principal representante de Jesus ao qual chama de Cefas *(Gálatas* 2:11-14). Tudo isto, obviamente, na intenção de reafirmar, mais uma vez, a legitimidade do apostolado de Paulo e destruir qualquer argumento sobre a desconfiança manifestada por Pedro e pelos demais apóstolos, já que, ao que tudo indica, existiam, na época, facções bem definidas e distanciadas com os respectivos simpatizantes de cada linha (1 *Coríntios* 1:10-13), as quais se degladiavam constantemente.

Seja como for, a expulsão dos helenistas de Jerusalém provocou sua rápida expansão e influência por diversas regiões da Palestina, na Samaria — que rejeitava a linha jerosolimitana —, na Galiléia, Síria, Fenícia e Chipre.

Aparentemente, as dificuldades e desencontros da época tornaram o relacionamento entre jerosolimitanos e helenistas mais flexível e menos

violento, permitindo trocas e intercâmbios em diversos momentos. Isto provavelmente em função da morte pelos romanos das principais cabeças helenistas durante seus primeiros anos de existência. O relacionamento entre ambas facções chegou ao ponto de haver uma notória influência por parte dos jerosolimitanos em alguns aspectos, mas que escondia apenas uma utilização mútua por necessidades de momento.

Seja como for, o avanço dos helenistas foi notório, chegando a incomodar os jerosolimitanos, não lhes restando mais do que tentar conviver da melhor forma possível. Tal foi a situação que, embora existisse uma tênue relação entre jerosolimitanos e helenistas — como foi a citação da conversão do centurião Cornélio, inicialmente estimulado ao cristianismo pelos helenistas de Antioquiana Síria, e confirmado por Pedro *(Atos* 10:1) —, Antioquia tornou-se um grande centro fundamentalmente helenista. Nesta situação, temos que Barnabé, apóstolo natural de Chipre e provável helenista ou simpatizante dessa tendência, foi colocado pelos jerosolimitanos como responsável desse florescente centro cristão, fundamentalmente composto no início por uma grande colônia judaica-helênica.

Perante a dificuldade de haver gentios dentre a comunidade e um grande número de fiéis, Barnabé, inseguro, optou por não enfrentar a situação sozinho, indo procurar para tanto alguém em Tarso, na Cilícia, com mais experiência do que ele: o próprio Paulo. E isto demonstra claramente um desacordo por parte de Barnabé em relação à política de doutrinamento dos jerosolimitanos.

Mais de dez anos haviam transcorrido desde sua conversão, quando Paulo chegou à Antioquia. Sua estada na Palestina havia sido breve, apenas uns três ou quatro anos, desde sua conversão em Damasco, quando partiu para o reino de Arábia, e depois Síria e finalmente até Tarso na Cilícia. A margem dos jerosolimitanos, juntos, Barnabé e Paulo conseguiram no

ano 44 d.C. que uma grande quantidade de gentios aderissem ao cristianismo sem passar pelo judaísmo nem pela circuncisão. Depois da consolidação da Igreja de Antioquia, novas campanhas realizadas em Chipre, Panfilia e Anatolia central tiveram grande êxito *(Atos* 13).

Porém, todas estas incursões, independentes e nitidamente diferenciadas da linha jerosolimitana, implicaram numa ação drástica por parte de Pedro e Tiago: o envio dos apóstolos Judas e Silas até Antioquia *(Atos* 15:22-35). O objetivo era claro. A intenção era resgatar a pureza ritual e o conteúdo evangélico, nesse momento, deturpado pelos helenistas, isto é, pela influência de Paulo e Barnabé. Após esta intromissão, uma grande briga se instala entre Paulo e Barnabé, gerando uma litigiosa separação em que Barnabé continuará com Marcos para Chipre e Paulo com Silas para Síria, Cilícia, Derbe e Listra.

Durante mais de dez anos (de 48 a 58 d.C. aproximadamente), Paulo predicará sua visão do evangelho por quase todas as cidades do mar Egeu, impondo sua autoridade aos diversos colaboradores que nomeará e nas diversas comunidades que formará.

Mesmo enfrentando acirradas disputas com autoridades locais, religiosas, romanas e políticas, inclusive emissários dos jerosolimitanos como Apolo e um tal Pedro (não Simão Pedro ou Cefas), e diversos desapontamentos, Paulo conseguiu fundar um grupo de Igrejas que, sob a supervisão de seus seguidores e fundamentados em seus dogmas, permaneceram em franco desenvolvimento mesmo depois de sua morte, graças a seus escritos.

Vale salientar que todas estas Igrejas não somente estavam constituídas de gentios, mas também de comunidades judaicas. Sua organização não tinha nenhuma estrutura jurídica, mas repousava num esquema de colaboração ativa de todos os participantes segundo orientação do Espírito Santo. Isto é, cada um tinha seu "poder espiritual" e era

convidado a fazer uso dele em benefício de todos. Assim, os membros faziam uso de qualidades ou talentos pedagógicos, musicais, proféticos, carismáticos, curativos e até mediúnicos obtidos pela presença neles do Espírito Santo, colocando-os a serviço da Igreja e da comunidade. Toda esta atividade cristã primitiva, da forma como existia, curiosamente nos lembra muito o que seria hoje o trabalho interno realizado por uma instituição espírita por meio dos seus médiuns. Mas, além de todo esse aparato mediúnico, todos eram induzidos a reconhecer a autoridade excepcional de Paulo como apóstolo de maneira indiscutível, e intérprete infalível da vontade de Jesus Cristo, devendo o mesmo reger a existência de seus seguidores até nos mínimos detalhes.

O cristianismo de Paulo, resultava um misto de helenismo judeu, jerosolimitanismo e uma pitada do que restava do Saulo grego/judeu, que aos poucos já tomava conta do mundo da época, iniciando rapidamente suas incursões entre as colônias e cidades romanas.

E enquanto Paulo peregrinava pelas cidades, alguns acreditam que o desaparecido apóstolo Pedro se encontrava em Roma desde o ano 44, em razão da perseguição que sofrerá por Herodes Agripa, vindo permanecer até o ano 67, período em que alguns acreditam que teria aproveitado para escrever duas *Epístolas.* Além do mais, segundo se afirma, nesse período em Roma ou mais adiante, Pedro teria sido auxiliado por Lino, um italiano nascido em Volterra, na Tuscia, que mais tarde ficaria à frente como seu sucessor até o ano 76. Porém, estas afirmações não são verdadeiras.

Nas antigas cronologias dos bispos de Roma, o nome de Pedro não consta nunca, isto é, Pedro não é nem foi considerado o primeiro bispo de Roma. Neste sentido, existem documentos redatados por Irineu, bispo de Lyon desde o ano 178 até o ano 200, o qual foi discípulo de Policarpo, bispo de Esmirna, que foi discípulo de João, o Evangelista. Irineu enumera na sua

Oração Eucarística e nos seus escritos todos os bispos de Roma, até o vigésimo, mencionando que o primeiro não foi Pedro nem Paulo, mas Lino. Na *Constituição Apostólica* do ano 270, também se menciona Lino como primeiro bispo de Roma, havendo sido escolhido e eleito por Paulo e não por Pedro. Em outras palavras, Pedro nunca foi o primeiro Papa nem o primeiro bispo, pelo menos reconhecido.

Tudo indica que a razão de Pedro ter viajado para Roma residia em procurar reorganizar o cristianismo jerosolimitano por meio da comunidade judaica romana, a essa altura evangelizada por Paulo e seus seguidores.

Porém, não existem referências históricas de quando teria viajado, já que em *Atos dos Apóstolos* 12:17, após a sua prisão por Herodes Agripa e sua miraculosa libertação, Pedro desaparece de qualquer nova menção no evangelho, sendo substituído por Paulo, agora no destaque principal. Por outro lado, Paulo escreve no ano 58 a famosa *Carta aos Romanos,* na qual saudava a famílias inteiras, mencionando o nome específico de 29 pessoas, omitindo totalmente o nome de Pedro. Por que se esqueceria dele? Obviamente porque ele não se encontrava em. Roma. Além disso, num escrito do ano 300, de autoria de Eusébio de Cesaréia, conhecido como pai da história da Igreja, consta o seguinte: "... *Se tem notícia de que Pedro predicou aos judeus por todo o Ponto, Galatia, Bitínia, Capadócia e, no final de seus dias, encontrando-se em Roma, foi crucificado."* Outro aspecto, é que Pedro nunca escreveu as famosas Epístolas que lhe são atribuídas, pois ambas foram na verdade redigidas pelo apóstolo Silvano, seguidor de Paulo. É importante pois destacar que existe muita dúvida em relação aos 25 anos de Pedro em Roma, sendo falsa qualquer afirmação definitiva. A maioria dos historiadores se atrevem a afirmar que Pedro esteve em Roma, no máximo, apenas por três ou quatro anos.

De qualquer maneira, temos já por volta do ano 45 d.C. a onipotente Roma que começava a dar seus primeiros sinais de incômodo em relação a esta florescente religião. Isto se confirma quando no ano 49 d.C. o Imperador Cláudio fez a tentativa de expulsar os cristãos de Roma sem grande sucesso, pois os mesmos voltaram logo depois. Já em 50 d.C. a conversão de Corinto, importante colônia romana, detonaria uma pesada onda de influência e crescimento cristão que impactaria totalmente a Roma.

Por volta dos anos 60 a 70 d.C., as Igrejas paulíneas/helenistas continuavam firmes na Síria, Cilícia e Chipre, havendo surgido também ao longo do mar Egeu, em Anatolia, norte da Mesopotâmia, sul da Itália e norte do Egito, especificamente em Alexandria. Ao todo, havia centenas de Igrejas paulíneas, sendo poucas as que se reportavam aos jerosolimitanos de Jerusalém.

A partir do ano 50 até 60 d.C. a febre nacionalista dos zelotes tomaria conta dos judeus desembocando numa revolta que chegaria até Roma, precipitando o fim do cristianismo jerosolimitano. O poder de Roma não tardaria em esmagar a resistência judaica e impelir aos inimigos do cristianismo de Jerusalém a tramar e realizar a sua gradual destruição.

Na primavera do ano 58 d.C., Paulo coloca-se a caminho de Jerusalém com o objetivo de levar dinheiro à Igreja jerosolimitana. isto como uma tentativa de reconciliação e reconhecimento daquela comunidade pelo que representava, buscando, ao mesmo tempo, uma clara aproximação com intenções de unificação com seus membros e a sua definitiva aceitação como apóstolo. Infelizmente a acolhida foi fria e distante, sendo questionado sobre seus métodos e procedimentos *(Atos* 21:20), não conseguindo realizar seu ambicionado objetivo. Logo depois, Paulo é preso por adversários em Jerusalém sendo levado a responder por seus atos diante do Sinédrio (*Atos* 22:30). Por ser cidadão romano, é

transferido para Cesaréia, permanecendo durante dois anos em prisão vigiada, entre os anos 60 e 62, sendo levado posteriormente para Roma. Nesse decurso, sob a pressão dos zelotes e do Sumo Sacerdote Ananias ou Anás, o Sanedrim condena à morte o apóstolo Tiago, o Justo, chefe da Igreja cristã de Jerusalém, aproveitando-se da morte do procurador romano Festo e da demora da chegada do seu imediato sucessor, Albino. Vale destacar que este Tiago era considerado irmão de Jesus, não havendo sido parte dos doze apóstolos originais, já que os Tiagos que conheceram Jesus e foram parte dos doze eram o filho do Zebedeu e irmão de João, e o filho de Alfeu. O primeiro morreu decapitado por Herodes Agripa no ano 44 d.C., sendo que do segundo se desconhece o seu fim. Assim, durante a festa da Páscoa em que ocorreu a morte de Tiago, o Justo, Pedro foi detido na prisão *(Atos* 12:3).

Vale comentar que, segundo narra a tradição, Tiago, o Justo, irmão de Jesus e líder da Igreja primitiva, inicialmente foi jogado do pináculo do Templo para depois ser morto a pauladas, junto com outros membros da Igreja. Após a sua morte, um golpe duro e pesado para a Igreja jerosolimitana, seu primo Simeão, filho de Cleofás, assume seu lugar. Porém, embora parente da dinastia de Tiago e do próprio Jesus, Simeão não gozava da mesma autoridade e nem tinha prestígio suficiente para manter a estrutura e coesão da Igreja jerosolimitana, principalmente num momento tão crítico quanto o da invasão romana em Jerusalém. Assim, por volta do ano 107 d.C., após um terrível martírio sob ação do Imperador Trajano, morre Simeão, bispo de Jerusalém, e com ele mais outros treze bispos judeu-cristãos, levando ao seu fim o cristianismo jerosolimitano.

Junto com Simeão, perece o centro religioso de um cristianismo desconhecido, dando espaço ao surgimento de outros centros religiosos. Com o tempo, os poucos remanescentes do judaísmo-cristão, fugidos de

Jerusalém e segregados pelas Igrejas de língua grega, viram-se levados a estabelecer alianças com diversas seitas e movimentos religiosos locais, sendo que, por volta do século II d.C., sua integridade em relação à antiga Igreja primitiva estava totalmente destruída. Um destes grupos, estabelecido na Transjordânia, desenvolveu seu próprio evangelho por volta do século II. Inspirados nos evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas, produziram um híbrido chamado de *Evangelho dos Ebionitas,* cuja estrutura apresentava mudanças e adaptações doutrinais diferenciadas do movimento original, demonstrando as deformações sofridas pelas miscigenações a que foram expostos. De qualquer forma, ao longo do tempo, uma única corrente cristã seria aquela a sobreviver e a fortificar-se: apenas a paulínea. Neste sentido, o historiador eclesiástico Wilhelm Nestlé comenta o seguinte: "... *o cristianismo foi a religião fundada por Paulo, que substituiu o evangelho de Cristo por um evangelho sobre Cristo...*".

Assim, finalmente como dado histórico, podemos aceitar que entre os anos 62 e 63 teriam chegado a Roma os apóstolos Pedro e Paulo, conforme alguns especialistas apontam. Pedro haveria chegado por volta do ano 63 ou 64, exatamente no período em que o Imperador Nero realizara o famoso incêndio da cidade de Roma, cuja responsabilidade imputou aos cristãos (Tácito, *Anais* XV:44 e Suetónio, *Nero* XVI). Nesse mesmo ano, Nero proclamaria o cristianismo como não sendo mais uma Collegia Lícita, isto é, um agrupamento permitido, ameaçando de morte quem fosse declaradamente cristão. Ao que tudo indica, Nero, filho de Domício Aenobardo e de Agripina, foi posteriormente adotado pelo Imperador Cláudio, sucedendo-lhe ao trono entre 54 e 68 d.C., após a exclusão de um pretendente de nome britânico. Depois de alguns anos de um reinado tranqüilo, Nero mandaria matar Britânico e, a seguir, sua mãe

Agripina e a sua esposa Otávia, passando obcecado e encarniçadamente a perseguir os cristãos.

Acredita-se que Pedro tanto quanto Paulo chegaram a Roma com a intenção de reagrupar os cristãos e dar continuidade à consolidação da Igreja Romana, porém, o objetivo de Pedro provavelmente se limitava a reorientar o rumo ideológico do cristianismo, a essa altura totalmente paulinisado; já que, segundo se observa, a linha de pensamento paulíneo incorporou à florescente religião os dogmas do pecado original e da trindade. A este respeito, temos uma consideração realizada em 1919 na Alemanha, pelo teólogo Overbeck que afirma: "... *Tudo o que há de bom no cristianismo provém de Jesus e tudo o que há de mau, de Paulo...*".

De qualquer maneira, as informações históricas em relação à presença de ambos em Roma resultam ser um tanto pobres e, em alguns casos, contraditórias, demonstrando pois que Pedro somente chegou a Roma entre 63 e 67 d.C., apenas para sua execução por Nero no dia 29 de junho de 67. Por outro lado, é sabido também que em 67 d.C. Paulo morre decapitado por solicitação do imperador. E, repentinamente, de um momento para o outro, o universo cristão, mesmo que paulíneo, perde seus dois principais expoentes e como conseqüência seu norte.

Diante desta catástrofe, Lino, um paulinista convicto, assume no ano 67 a liderança da Igreja de Roma, bem logo após a morte de seus dois principais líderes, Pedro e Paulo, quando sob o Imperador Vespasiano será martirizado e morto no dia 23 de setembro do ano 76. Em seu lugar, no ano 77, segundo as referências de Irineu, assume Cleto ou Anacleto I, um grego também da Igreja helenista paulínea, natural de Atenas. Sua morte provavelmente ocorreu no dia 26 de abril do ano 88, porém não existem maiores referências a seu respeito. Na seqüência, no ano 89, virá Clemente I, um suposto discípulo dos antigos apóstolos de Jesus, que governará a Igreja de Roma até o dia 23 de novembro do ano 98.

Sob o reinado do Imperador Domiciano (81-96 d.C.), apegado à religião tradicional do Império, as perseguições continuaram localmente num tom pouco sangrento, neste caso apenas sacrificando os principais representantes do clero. Mas por volta do ano 110 d.C., a caça aos cristãos importantes é estendida à Antioquia, na Síria, onde o bispo Ignácio morre sob martírio. Será pelos anos 112 e 113 que Plínio, o Moço, governador da província romana de Bitínia-Ponto, iniciará em colaboração com o Imperador Trajano uma caçada sangrenta e impiedosa, procurando amedrontar qualquer um que deseje ser cristão.

Com tudo isso, o cristianismo se tornará uma seita ainda mais fechada e secreta, em que o símbolo de um peixe os identificará. Vale lembrar que esta associação, da imagem de um peixe com o cristianismo, repousa na definição de messias que transitava entre os cristãos, sendo: "Jesus, Cristo, Filho de Deus, Salvador"; o qual, traduzido ao grego, seria: "Ieosus Christos, Theou Uios, Soter". Separadas as iniciais destas cinco palavras e reunidas numa só apresentam a palavra ICHTHUS, que mais tarde foi transformada em ICHTHYS, que significa "peixe". Uma outra razão, apontada principalmente pelos astrólogos, é que no período em que Jesus nasceu se iniciou a "Era de Peixes", no ano 7 a.C., após a conjunção planetária de Júpiter e Saturno.

De qualquer forma, o mundo daqueles dias passaria por grandes mudanças. Transformações estas cujos efeitos seriam sentidos até hoje, e onde muitas delas brecariam o desenvolvimento positivo do homem, assim como a descoberta do que é verdadeiramente certo ou errado.

CAPÍTULO IV

O Avanço do Cristianismo

Depois da destruição mortal da Igreja palestina e da desaparição de suas duas importantes cabeças — os seus dois principais dirigentes e representantes, Pedro e Paulo —, a maior parte das comunidades cristãs se retraíram. Um clima de medo e insegurança tomou conta do mundo cristão, apagando as manifestações e incitando à prudência. Logo depois, enfrentada e passada a tempestade do temor e da apreensão, as Igrejas paulíneas necessitaram de algum tempo para reorganizar-se. O que fizeram razoavelmente bem.

Como existia a expectativa de ocorrer, a qualquer momento, a tão esperada volta de Jesus ou sua segunda vinda — uma promessa descrita nas mensagens de João e Mateus, os apóstolos originais, isto é, os jerosolimitanos —, os fiéis cristãos não se haviam preocupado em registrar ou escrever quase nada dos ensinamentos proferidos por Jesus. Porém, conforme foi passando o tempo e na clara evidência de não haver qualquer sinal de sua chegada, alguns textos tiveram seu início, transcritos dos relatos falados, das tradições orais existentes e de alguns manuscritos sobreviventes. Somente os mais versados ou preparados deram início a este processo de resgate, mas, a essa altura dos acontecimentos, os relatos já haviam sofrido a influência deformadora dos helenistas e dos paulíneos.

Nesse período de timidez e ostracismo, surge uma abundante literatura em língua grega que começa a emergir e circular entre os cristãos paulíneos. Eis que, em meio a uma necessidade premente de coesão e ânimo, aparece o *Evangelho segundo Marcos,* publicado por volta do ano 75. Esta segunda versão, que provavelmente seja a atual, teve uma anterior mais primitiva na sua concepção; escrita provavelmente por volta

dos anos 60 ou 70. Porém, acredita-se que o texto atual esteja incompleto, faltando aparentemente seu início e o fim. Seu conteúdo, parece copiado de uma pregação de Pedro, embora seja uma versão mais simplista se comparada às de Mateus e Lucas. Cabe observar que, embora este evangelho seja o mais antigo que se conheça dentro dos que compõem o *Novo Testamento, é* atribuído a São Marcos, também conhecido por João Marcos (*Atos* 15:37), discípulo de Paulo de Tarso em Jerusalém e primo do apóstolo Barnabé. Marcos foi um grande tradutor dos textos de Pedro, embora existam dúvidas sobre o tal Pedro, já que seria, aparentemente, o discípulo de nome Silvano, também seguidor de Paulo, que escrevia sob pseudônimo. É importante destacar que Marcos nunca conheceu Jesus, pois foi apenas seguidor de Paulo.

Segundo se acredita, esta segunda versão foi colocada a circular em Roma, vindo a juntar-se a ela as posteriores de outros autores, encontrando maior ou menor eco nos diversos e diferentes meios que se começavam a gestar dentro do cristianismo paulíneo, o qual passava a sofrer da influência de idéias diferentes em sua origem.

A necessidade de ter um referencial de base se fez crítica ao surgirem novas propostas de documentos, textos ou narrativas que confundiam a cabeça dos crentes e os colocavam em confronto. A situação foi tal que, por volta do ano 95, um autor anônimo tomou a iniciativa de reunir e difundir as cartas transcritas de Paulo, invadindo apenas algumas comunidades em detrimento de outras. Neste sentido, grupos e comunidades cristãs passaram, aos poucos, a escolher os textos cuja simpatia e conteúdo se identificavam com suas características locais, culturais, históricas e políticas. Paralelamente, núcleos se formaram na pesquisa de novos textos atribuídos aos apóstolos, dando origem a novas transcrições. E isto gerou mais confusão, pois os apóstolos jerosolimitanos nunca foram homens de letras, isto é, não foram homens

cultos nem preparados intelectualmente, razão pela qual seus escritos originais devem ter sido bastante limitados e confusos. Isso facilitou aos copistas posteriores promoverem alterações ou até adequações significativas no conteúdo das mensagens e das narrativas.

Foi também durante o ano de 95 que a Igreja de Corinto passou a enfrentar um sério problema, vindo a interferir Clemente I de Roma (89-98 d.C.). Este líder da Igreja, romano de nascimento e presbítero, sucessor de Anacleto e também posteriormente conhecido como santo, sofreu perseguição pelo Imperador Trajano, vindo a trabalhar nas minas e a morrer jogado ao mar com um peso amarrado aos pés no dia 23 de novembro de 98. Foi autor da *1ª Epístola de Clemente de Roma,* dirigida aos fiéis de Corinto, exortando-os a acabarem com os problemas.

Vale destacar que cada Igreja local passou a ter seu presbítero ou bispo, respeitando a orientação de Paulo, sendo este o único poder existente e responsável pela sua administração. Neste caso, a *Epístola de Clemente* é o primeiro registro da influência explícita do bispo romano em comunidades fora de Roma, o que representava uma quebra na autonomia do poder dos bispos locais. Agora, uma cabeça central comandava não somente os desígnios das comunidades romanas, mas a sua influência refletia nas atividades das demais comunidades não-italianas. Este era o início quase imperceptível do surgimento de uma centralização do poder e da autoridade, que no futuro faria toda a diferença.

Resulta relevante salientar que, em nenhum momento, Pedro deixou explicitamente mencionado ou escrito que alguém, após sua respectiva morte, deveria sucedê-lo como cabeça universal da Igreja. O que na prática também nunca aconteceu, pois não houve nenhum seguidor de Pedro em Roma, somente de Paulo. De igual forma, Jesus nunca deixou explicitado que Pedro tivesse autoridade ou poder de delegar um sucessor

(*Mateus* 16:13-20). Ou que esse poder e autoridade oferecido pelo próprio Jesus pudesse, por alguma via, ser transmitido a alguém.

Desta forma, o mais grave de tudo é que Pedro nunca ofereceu essa continuidade a ninguém, já que foi Paulo quem nomeou o primeiro bispo de Roma, sendo todos os demais seus sucessores. Jesus deixou Pedro como ponto de seus agremiados e representante de suas palavras, sem outorgar efetivamente a ninguém o poder de representá-lo oficialmente. Situação que foi usurpada e oficializada mais adiante pelos paulinistas, sem qualquer validade, pois carecia do endosso do próprio Jesus.

Mas de qualquer forma, de alguma maneira, a representação de Pedro tornou-se uma regra. E isto está corroborado na obra *Cartas de Ignácio,* bispo de Antioquia, quando no ano 110, durante seu translado a Roma onde devia ser executado, congregava os cristãos a reconhecer num bispo único, a autoridade universal sobre a Igreja, sendo representante na Terra do próprio Deus. Caracterizando aqui uma nascente hierarquia de domínio geral dentro da instituição a exemplo de Clemente I.

Os anos que se sucederam foram de luta e dificuldades. Entre os anos 117 e 138, durante o reinado do Imperador Adriano, o cristianismo paulíneo se encontrava enfraquecido, empobrecido intelectualmente e confinado pelo medo, mantendo-se atuando como uma seita. Apesar de sua considerável expansão a essa altura e sua relativa independência em relação ao judaísmo, ainda não contava com a força de participar integralmente no cerne da sociedade de então. Os intelectuais e os homens relacionados com o estado sequer sonhavam algum dia fazer parte deste estranho grupo de fanáticos — como na época eram considerados.

E neste período que se inicia a consolidação dos ritos cristãos numa imitação cada vez mais diferenciada do judaísmo, englobando: leituras das escrituras dos textos da Torah, traduzidos ao grego, procurando

exaltar os trechos relacionados à razão da chegada de Jesus ao mundo; leituras de alguns evangelhos paulíneos; ceia comunitária (eucaristia) e a realização de cantos grupais.

Aos poucos, a filosofia cristã paulíhea foi cobrindo cidades e territórios. No decorrer do ano 125, Roma, na Itália, Alexandria, no Egito, Cartago, na África, assim como outras diversas cidades da Itália, Hispania e Narbonense estavam integradas. E em meados de despontar o século III, à Gália, Babilônia, Frígia, Bitínia, Macedônia e Acaya somavam-se a Síria e a Ásia. Somente na África, as Igrejas já somavam mais de cem e os fiéis, dezenas de milhares. Mas nem tudo era tão romântico assim.

Ao final do reinado de Adriano, chegou a Roma o grego Justino, que, sem ser ateniense, fazia parte de uma nobre elite intelectual grega. Pagão de nascimento e atrás de longo período de busca filosófica, abandonou Éfeso, após ter morado ali por longo tempo, vindo a procurar residência em Roma, onde abriu uma escola. Após sua conversão ao cristianismo, Justino desenvolveu profundas teses a respeito da doutrina, vindo a representar uma poderosa alavanca no processo de penetração desta religião nos estratos intelectuais da sociedade de então. Embora assassinado no ano 165 por Marco Aurélio, este filósofo impactou sobremaneira a jovem seita, deixando as bases intelectuais que provocariam o surgimento de novas linhas de pensamento cristão. Por outro lado, seria este personagem um grande incentivador de textos atribuídos ao apóstolo João, dando bastante destaque e divulgação ao texto apocalíptico da Revelação, gerando até um clima escatológico de grande envergadura entre os grupos cristãos.

Será no decorrer deste período, entre os anos 125 a 150, diante da efervescência de inconformismos e inquietudes doutrinárias, que aparecerá o grande movimento gnóstico entre os grupos cristãos, o qual será duramente combatido por Irineu.

Ao longo dos anos seguintes, o otimismo do helenismo paulíneo, cujo tom moralizador e reformista se mantinha, mesmo depois de haver ingressado em seu interior um embasamento intelectualizado sob influência de Justino no conteúdo doutrinário, começou a enfrentar disparidades entre alguns grupos mais exigentes. Embora aparentemente calma, a jovem seita dava a impressão, para alguns fiéis mais atentos, que se arrastava por uma pendente fanática e perigosa. Este alerta já se fazia presente no trabalho *Pastor do romano Hermas,* publicado em 140, no qual este profeta cristão, numa linguagem apocalíptica, questionava toda a estrutura extremamente rígida existente, assim como as atitudes de muitos grupos de fiéis, pouco condicentes com a doutrina. Este fervoroso crente apontava a necessidade de uma atitude mais ética e ascética, voltada para uma conduta penitente e arrependida. A este propósito escreveu o historiador romano Ammianus Marcelinus o seguinte comentário no século II: "... *Nem mesmo animais selvagens, sedentos de sangue, se lançariam uns contra os outros como muitos cristãos o fizeram contra seus irmãos de fé...".* Por outro lado, Celso, também crítico romano e declarado anticristão, afirmou: "... *o nome 'cristão' é a única coisa em comum que estes grupos apresentam...".*

Pior ainda resultava o fato de continuar a existirem diversos textos e conteúdos doutrinais, norteando as atividades de muitas comunidades, situação esta que facilitava uma gama desconexa de opiniões e comportamentos, todos sem possibilidade de entrar em acordo. A este respeito, no ano 140, houve a tentativa de Papias, um dos padres da Igreja, de definir alguns textos como válidos e oficialmente reconhecidos, fracassando rotundamente pelos interesses políticos existentes.

Seja como for, diversos fiéis começaram a lutar a favor do aprisionamento da mensagem cristã dentro do marco de uma organização na qual as aspirações e as reais necessidades da maioria não deviam

constituir uma regra. Grupos surgiram obstinados e intransigentes, armados de um duro radicalismo contra as tentações de uma modernização. Desde a influência de Menandro, discípulo de Simão, o Mago, residente em Antioquia em finais do século I, mudanças radicais já se vertiam sobre uma faixa cristã, dando espaço a conceitos doutrinais que se misturavam com a mitologia judaica, vindo a idealizar Deus de uma maneira totalmente diferente e dando aos anjos uma função e natureza oculta, numa esfera de luta por salvar o homem do mundo inferior. Satornil, sucessor de Menandro, foi mais longe que seu antecessor, a ponto de conceber a existência de um Deus mau, criador do mundo inferior, inclusive de aceitar a existência de duas raças de homens: aquela capaz de participar da luz superior do Deus oculto; e aqueles que estarão para sempre condenados a jamais visualizar o conhecimento. Depois de Satornil, vieram Cerinto, Carpócrates e Basílides como principais representantes gnósticos, sendo superados nos séculos seguintes por uma nova leva de pensadores gnósticos como: Isidoro, Valentin, Teodoro, Heracleão e Tolomeu. Porém, nem o próprio gnosticismo se manteve incólume, vindo também a se desdobrar em duas linhas diferentes entre si: os setianos e a barbelognóstica.

Mas a coisa não parava por aqui, outras ameaças interiores viriam a fracionar ainda mais a jovem seita cuja estrutura teológica era frágil e precária. Tal foi o caso de Marcião, um cristão originário da província do Ponto, nascido entre cristãos e homem de poder e riqueza. Desde jovem colaborou com as comunidades cristãs, desempenhando um papel ativo, Este homem foi excomungado em Sinope por afirmar que os textos relacionados ao *Antigo Testamento* não eram representativos como documentos importantes para os cristãos, e por promulgar a dualidade de haver um Deus Legislador e um Deus Criador. Suas idéias teológicas diferenciadas da doutrina tradicional, o fizeram instalar-se numa

província da Ásia, dando início ao surgimento de uma Igreja cismática chamada de Mareionista. Após alcançar um grande número de seguidores, por voltado ano 144 chegou a Roma, tencionando obter simpatizantes dentro da Igreja romana. Sem ter sucesso em sua empreitada, optou por se separar definitivamente da Igreja oficial, fundando em Roma sua sede. Marcião morreu no ano de 160 e suas Igrejas sobreviveram por vários séculos, tanto dentro das províncias do próprio Império romano como na Pérsia, Mesopotâmia e Arábia.

Logo depois, um terceiro movimento nascido também da negativa de integrar-se às tradições greco-romanas veio a instalar-se dentro da já tumultuada seita cristã. Foi próximo do ano 150 que um tal Montanus começou a profetizar em Ardabau, cidade de Frígia, situada nos confins de Mísia. Sua prédica vivia anunciando o fim do mundo, o retorno do reino messiânico e a chegada da Jerusalém celestial, convocando o mundo cristão para o arrependimento. Aos poucos chegou a despertar um amplo movimento, apesar de encontrar bastante resistência. Em breve, o Montanismo expandiu-se pelo ocidente e pelo oriente até a Ásia Menor, chegando no ano 177 até Roma e Lyon, na França, seguindo depois para Síria, Mesopotâmia e África. Seja como for, os montanistas poderiam ser classificados como cristãos tradicionalistas, rigorosos, hostis a todo tipo de compromisso com o mundo e voltados à chegada do final dos tempos. À semelhança dos marcionistas, os montanistas, ou "frígios" como também eram conhecidos, procuravam encontrar um estilo de cristianismo mais satisfatório e menos medíocre. Esta linha, radical e puritana, alastrou-se séculos adiante, vindo a impactar a origem de linhas reformistas e protestantes. Cabe destacar que até o famoso apologista cristão Quinto Septímio Florente, melhor conhecido por Tertuliano, acabou aderindo ao montanismo, resultando no seu melhor historiador.

Com o início da ortodoxia, o século III descarregou sua parte de problemas gerando novas fraturas na comunidade. Foi quando apareceu Taciano, de origem síria e discípulo de Justino, que não chegou a convencer os líderes da Igreja de Roma com suas idéias avançadas. Logo depois, houve a tentativa de Teodoro de Bizâncio e de Práxeas, originários da Ásia, que procuraram apresentar idéias cristológicas diferentes do tradicional, acabando por serem energicamente combatidos. Assim, foi a vez de Noeto de Esmirna, fundador do Monarquianismo, que reafirmava a unidade do Pai e do Filho que, embora tivesse grande acolhida na Ásia e por alguns grupos de Roma, foi totalmente rejeitado pelos líderes romanos.

Com a chegada do bispo Irineu deEsmirnaem 140, teólogo e sacerdote de Lyon, que alcançou a condição de bispo em 178, o ataque aos gnósticos e às outras linhas iniciou um período de atrito e polêmica. Agora, as verdades fundamentais da fé se erguiam contra as heresias, oferecendo uma expressão sistemática baseada nos textos evangélicos. Por outro lado, a influência grega permanecia presente e atuante nos desígnios do cristianismo. Esta foi a colaboração de Panteno, de origem estóica, mestre de Clemente de Alexandria, que passou a ensinar por volta de 175. Seu discípulo e sucessor, Clemente, originário de Atenas, adquiriu celebridade durante o reinado do Imperador Cômodo (180-192), sendo contemporâneo de Irineu. Destacando-se como um grande intelectual, alavancou para o rebanho de fiéis uma franca e crescente adesão, resultando em mestre de um grande apologista, exegeta e teólogo, chamado Orígenes.

Orígenes, nascido em 183 no seio de uma família cristã em Alexandria, no Egito, que também se considerou discípulo de Panteno e do renomado filósofo alexandrino Ammônio Saccas, representaria para o florescente cristianismo intelectual um grande reforço assim como um futuro

problema. Desde jovem começou a ensinar para ganhar a vida, chegando a ter muito sucesso. Nessa condição, tornou-se um asceta rigoroso, vindo a desmentir publicamente alguns textos que considerou propositalmente forjados pela Igreja para beneficiá-la, como foram as *Epístolas de Barnabé.* Ao longo, este alexandrino daria início a uma nova e importante linha cristã, a Origenista ou Origeniana, que capturaria um renomado grupo de intelectuais. Segundo se conhece por meio de Gregório Taumaturgo, um de seus discípulos, o processo de estudo desenvolvido por Orígenes partia de uma aula sobre a necessidade e utilidade da filosofia, passando por uma preparação posterior em que seriam colocadas à prova suas aptidões e sua autonomia intelectual e estimulada uma discussão de tipo socratiano. Mas adiante, incluíam-se os estudos da lógica, da dialética e das ciências da natureza, passando ao estudo da ética que era concebida como tema de reflexão racional e como educação da alma. Finalmente, para encerrar, vinha a pesquisa teológica. Nesta etapa, a doutrina de Deus era exposta, examinada e criticada, desembocando num estudo profundo dos textos evangélicos. Este importante representante de um movimento filosófico cristão neoplatônico, de amplo fundamento poético, ofereceu, ao longo de vinte anos de trabalho, um interessante *Tratado de Princípios,* obra compreendendo o conteúdo teológico cristão da época. Porém, sua postura e doutrina perduraria por muito tempo, influenciando sobremaneira a cúpula da Igreja e o pensamento de muitos hierarcas, mas afinal seus trabalhos e legados seriam também severamente censurados em 310 por Metódio, bispo de Olimpo de Lícia, um teólogo culto e escritor dotado.

Por volta de 252, Orígenes morreria na cidade de Tiro, sendo considerado um grande e importante influenciador na fundamentalização de um pensamento de bases gregas. Cabe destacar como curiosidade

interessante que Orígenes defendeu sempre a doutrina reencarnacionista e a lei do Karma, isto é, a tese da existência de vidas sucessivas da alma e a tese do retorno condicionado. Crenças que eram comuns nos primeiros três séculos do cristianismo, sendo depois condenadas no famoso concílio de Constantinopla II (553 d.C.), realizado durante o reinado do Imperador Justiniano I. Segundo Orígenes: "... *cada alma receberá sempre um corpo, de acordo com seus merecimentos e o resultado de suas prévias ações...".* Por outro lado, numa oportunidade, respondeu para um tal Celso que, dentro da Igreja cristã, existia uma doutrina esotérica, a qual não era revelada ao povo, pois estas verdades somente deveriam ser mostradas àqueles que estavam preparados, complementando o seguinte: "... *sobre os assuntos que são de natureza mística, convém guardar cuidadosamente o segredo de um rei, portanto não devemos falar da entrada das almas aos corpos diante de um intelecto comum...".*

Cabe referenciar que o judaísmo, religião de Jesus e que influenciou drasticamente o cristianismo primitivo, aceitava tacitamente o conceito da reencarnação. E isto temos referido no *Talmud,* que assinala que a alma de Abel, depois de ser morto por Caim, passou ao corpo de Set, e que por sua vez, reencarnou em Moisés. Além disso, o documento afirma que Deus criou um número limitado de almas, cujo destino consistia em reencarnar até que estivessem purificadas para o dia do julgamento final. Este conceito também se encontra referido na *Cabala* e no *Zohar.* Neste último, consta a seguinte afirmação: "... *As almas devem voltar a ingressar de onde emergiram, mas, para realizar isso, devem desenvolver todas as perfeições, a semente do que nelas foi plantado; e se não cumprirem esta condição durante uma vida, deverão iniciar outra e outras mais, até que tenha adquirido a condição proposta para sua reunião com Deus."* Ao longo, a Igreja abandonaria este credo por ser

perigoso aos seus interesses, substituindo-o pelo conceito grego do Hades ou inferno, e do Olimpo ou paraíso.

Independentemente disso, depois de Orígenes, outros importantes hierarcas da Igreja também promoveram cismas e quebras nesse período, demonstrando a fragilidade da estrutura e a repressão existente em relação às idéias. Tal é o caso do surgimento de uma outra singular figura. Em 251, surgiu o antipapa Novaciano, que se tornou o fundador de uma linha diferenciada de cristianismo, chamada Novaciancenista, a qual persistiu por muitos séculos e influenciou profundamente o pensamento cristão posterior.

O cristianismo, outrora símbolo das palavras de um extraordinário personagem, encontrava-se interpretado por diversos núcleos. Cada um com a certeza de ser seu melhor tradutor e proprietário da compreensão mais acertada. A essa altura, Ebionitas, Helenistas gregos, Helenistas paulíneos ou paulicionistas, Gnósticos, Marcionistas, Montanistas, Monarquianistas, Origenistas, Novaciancenistas, Unitaristas, Maniqueístas, Mesalianistas e diversas ortodoxias compunham um universo de contradições e combates regulares.

Porém, o sofrimento desta florescente religião encontrou seu pior momento em finais de 249 e início de 250, quando um rigoroso edito do Imperador Décio contra os cristãos, após vencer a Filipo, o Árabe, foi promulgado. Décio, general enérgico, nascido numa família romana na Panonia Inferior, apresentou-se como restaurador do Império e defensor intransigente das tradições nacionais. Os termos do edito exigiam de todos os habitantes oferendas ao Imperador em forma de culto, vindo a receber um certificado ou *Libellus* após o ato. Os que não se apresentavam na data exigida ou se negavam ao culto, eram submetidos à prisão e inclusive a torturas. Desta forma, as autoridades procuravam identificar os cristãos e submetê-los. Ao que tudo indica, o Imperador

teve grande êxito na sua empreitada, fazendo com que grande número de cristãos abdicassem de sua fé. Mas, mesmo assim, muitos conseguiram fugir e até, em alguns casos, houve resgates espetaculares e armados daqueles que foram cativos.

Neste período, a imolação de mártires foi enorme. Tal foi o caso dos bispos Dionísio de Paris e Saturnino de Toulouse, na França; o bispo Fabião e o sacerdote Moisés, em Roma; e de muitos outros anônimos em todas as partes do Império.

Sem perceber, esta nova situação colaboraria também para fraturar a Igreja, provocando um cisma que enfraqueceria ainda mais a comunidade.

Assim, ocorreu que o bispo Cipriano de Cartago, na África, saído da clandestinidade durante a perseguição na primavera de 251 pelo edito do Imperador Décio, acreditou-se no dever de reafirmar as antigas regras frente aos apóstatas (aqueles que haviam renunciado à fé), pois os mesmos desejavam retornar ao seio da Igreja. Alguns clérigos estavam perdoando facilmente aos que haviam renegado da fé, enquanto que Cipriano queria fazer valer o castigo. A decisão de Cipriano teve o apoio do concilio provincial de 251, no qual somente se aceitou a reintegração dos fiéis pecadores, após um longo período de penitência. Esta atitude provocou um cisma, encabeçado pelo sacerdote Novato e o diácono Felicíssimo, sendo ambos excomungados logo depois. Ambos dispunham de grande número de seguidores, o que provocou acirrados problemas e disputas. Mesmo que em anos posteriores houve tentativas de amenizar ou acabar com o cisma, este continuou, a ponto de, no futuro, esta linha se fundir com os montanistas, preparando o caminho para uma outra linha que chegaria mais tarde, chamada de Donatismo.

Durante anos, Cipriano rivalizaria em poder com Roma, vindo a ter discussões severas e pesadas com os diversos bispos da "Cidade Eterna".

Inclusive, chegando a ser ameaçado de excomunhão pelo então vigésimo terceiro Papa, Estevão I (254-257). Tal foi o desejo de influenciar o mundo cristão e expandir seu poder que Cipriano já havia sido responsável pela eleição de Cornélio como bispo de Roma.

Ocorrida a morte do Imperador Décio, numa batalha contra os godos, colocou-se um fim à perseguição, vindo a instaurar-se um período de pressão mais leve contra os cristãos, somente reiniciada no quarto ano do Imperador Valeriano, em 257. Ao longo desse período, os massacres foram brutais e os assassinatos em massa. Chegando ao cúmulo de que as execuções duravam dias para serem realizadas. Tudo isso somente teve fim após a morte de Valeriano pelo rei persa Sapor I em 260, quando seu filho Galieno subiu ao poder. Bastante supersticioso e enfrentando uma severa crise no Império, Galieno relacionou o fracasso de seu pai à perseguição aos cristãos, razão que o levou a deter os massacres. Em função disso, durante quarenta anos o cristianismo atuou em calma, sendo que tudo voltou com maior violência, logo depois.

Após o cisma provocado pelos africanos, outro surgiria para destruir ainda mais a unidade da Igreja, a essa altura mantendo-se pela idéia de que Roma era o centro do cristianismo.

Logo depois da morte do bispo de Roma, Fabiano, em 250, Cornélio seria seu sucessor (sendo considerado o vigésimo primeiro Papa), permanecendo à frente por apenas três anos. Esta eleição, em março de 251, provocou a separação de Novaciano e de seus seguidores, que o nomearam como verdadeiro Papa. Agora, a Igreja tinha duas cabeças simultaneamente. Esta divisão persistiria até o século V, tomando conta de todo o mundo cristão da época.

As disputas entre a Igreja de Cartago, reduto de Cipriano, e a Igreja de Roma, agora com o grego Dionísio (259-268) como vigésimo quinto Papa, exigiram uma mediação diplomática constante. Além disso,

Dionísio viu-se obrigado a combater o surgimento de uma corrente milenarista, cuja base era uma interpretação literal do *Apocalipse* de São João, originada no Egito, além de outras correntes heréticas surgidas na Líbia e Alexandria.

Nessa época, as bases teológicas sobre a natureza de Jesus, sua divindade, sua relação e vínculo com Deus, assim como os conceitos relativos à preexistência da alma, ainda estariam para ser definidos e formalizados. Apenas pequenos concílios provinciais e alguns sínodos mais abrangentes haviam sido organizados para debater alguns temas considerados importantes. Mas o funcionamento das diversas Igrejas, sob uma relativa democracia, outorgava-lhes uma certa autonomia na atividade operacional e nas decisões. Embora existissem estruturas hierárquicas funcionais, isto é, escalas de poder e que reclamavam uma certa prestação de contas, não existia ainda oficialmente uma cabeça centralizadora. A definição de bispo de Roma, vigário de Cristo, sucessor dos apóstolos, pontífice máximo da Igreja universal, patriarca do ocidente, primado da Itália, arcebispo e metropolitano de Roma, soberano da cidade do Vaticano e servo dos servos de Deus, ainda estaria para se oficializar, vindo a sofrer muitas mudanças ao longo. Somente em 1073, por orientação do Papa Gregório VII, é que a cabeça da Igreja seria oficialmente chamada de Papa (do grego "Pai"), proibindo a utilização desta denominação aos demais bispos.

Seria apenas em 302 d.C., quando o Imperador Deocleciano, um dálmata modesto e soldado de carreira, e Galério, com quem dividia o poder, que se iniciaria uma terrível e sangrenta caçada aos cristãos, à qual se juntou Maximiano, outro dálmata, soldado de carreira e também co-regente.

Nessa época, Roma estava sendo governada por quatro imperadores: Deocleciano, elevado ao poder em 284 d.C. após afastar seu rival Carino; Maximiano, que designou um outro co-regente de nome Constâncio

Cloro, de origem macedônica; e Galério, um dácio duro e sem refinamentos.

A esta cruel e sangrenta guerra contra os cristãos, o único a manter-se um pouco afastado foi Constâncio Cloro. Sua visão religiosa era menos fanática e um tanto aberta, situação que faria grande diferença no futuro.

No dia 1º de maio de 305, Deocleciano e Maximiano abdicam do poder em Roma, permanecendo Galério e Constâncio Cloro que, por sua vez, nomeiam a Severo e Maximino Daia, sobrinho de Galério, como co-regentes na condição de Césares.

Antes de morrer em 306, Constâncio Cloro nomeia na condição de César a seu filho Flávio Valério Constantino, depois de um período de grande tensão com Galério. Nessa época, bastante difícil e violenta, surge Majêncio, filho de Maximiano, o qual se faz proclamar publicamente "Princeps" para ficar ao lado do seu pai, pois este desejava novamente o poder. Tudo isto detona uma grave guerra civil que dura alguns anos e que, afinal, beneficiaria o cristianismo.

Na seqüência, morre Severo em 307, seguindo Maximiano em 310 e Galério em 311, deixando a Licínio como co-regente. Porém, a luta continuava entre Maximino Daia, Licínio, Majêncio e Flávio Valério Constantino.

No ano 310, enquanto Constantino se encontrava na Gália numa de suas campanhas, é surpreendido com a aparição de uma criatura fantástica. De acordo com a história, era um homem alto, jovem de idade, de espetacular beleza e brilho, cujos cabelos pareciam raios de sol. A visita impressionou tanto, que Constantino acreditou tratar-se de uma visita em pessoa do próprio deus Apolo.

Segundo se sabe, Constantino era muito vaidoso, supersticioso e religioso, adepto do culto ao deus solar "Mitra". Este culto mitráico era chamado de *"Dies Natalis Soiis Invicti",* tendo sido incorporado ao

império romano pelos imperadores Heliogábalo (204-222), Galieno (253-268) e Aureliano (270-275), transformando-se numa religião nacional. Este culto correspondia ao mito astronômico de 21 a 25 de dezembro, quando o Mediterrâneo ingressa no solstício de inverno. E aqui que o número de horas com luz aumenta e se inicia a primavera.

Flávio Valério Constantino nasceu no ano 274, e, como mencionei, resultou filho de Constâncio Cloro e de uma concubina de nome Helena, que logo se fez cristã. Inquieto e casado duas vezes, Constantino era inteligente e frio, tendo um histórico familiar sangrento. Segundo a história narra, assassinou Crispo, filho de sua primeira mulher em 326. Já sua segunda esposa foi afogada no banho, matando também seu sobrinho de 11 anos e seu cunhado, logo após em que ambos solicitaram sua proteção. Embora não perseguisse cristãos, matou quase toda a família, sendo que obteve sua consagração e posição social, militar e política apenas pela espada.

Comentários à parte, temos que a Itália e África do norte continuavam governadas por Majêncio, sendo que o mesmo permanecia interferindo nas atividades cristãs, a ponto de obstaculizar a eleição do seguinte bispo de Roma desde o ano 308. Enquanto isso, nas regiões dos países baixos e na Gália germânica, Licínio também continuava sua caçada. Já na Grécia, Trácia e Ásia Menor, Galério continuava também a sua repressão. Maximino Daia no Egito, na Síria e nas províncias próximas também não deixava por menos a perseguição, a quai era mais acirrada. Porém, passado o ano 308, a fúria repressora anticristã encontrou uma trégua por questões políticas. Aos poucos, os Imperadores perceberam o poder econômico e político representado pelos cristãos como evidente auxílio a uma campanha na luta pelo poder. Assim, em abril de 311, com a exceção de Majêncio, Galério, sob orientação e pressão de Licínio, juntam-se a ambos, Maximino Daia e Constantino. Dessa união, resulta a

assinatura de uma proclama pública, na qual é dado a todas as religiões do império o direito de existir livremente, beneficiando de imediato o florescente cristianismo, passando o mesmo a ser uma *religio licita* (religião permitida).

Este histórico documento recebeu o nome de EDITO DE TOLERÂNCIA DE MILÃO. Além de permitir a liberdade de cultos e reconhecer o direito de qualquer religião existir, eram também restituídos às Igrejas e aos perseguidos todos seus bens, mesmo que alienados após o confisco. Embora a liberdade de fé estivesse explicitada, o documento trazia consigo alguns itens complementares, nos quais deixava entender a existência de certas restrições e ameaças aos cristãos. Estando à beira de quase sua total extinção, o cristianismo repentinamente conseguia se perceber aceito, mesmo que nesse momento enfrentasse mais uma divisão na sua estrutura. Mas mesmo assim, os longos anos de perseguição e sofrimento davam espaço a um período de grandes possibilidades, e um certo otimismo tomava conta das parcas e sofridas comunidades cristãs fazendo com que muitos apóstatas iniciassem seu retorno ao seio de suas Igrejas.

Nesse instante, o recente cisma meleciano ou melecião no Egito incomodava o ocidente cristão. Tudo havia surgido por atitudes do bispo Pedro de Alexandria, que pouco depois de 304 havia emitido indulgências reintegrando alguns fiéis apóstatas. Diante disto o bispo Melécio de Licópolis no Alto Egito iniciara contra ele uma campanha, apelando ao fato de sua covardia por fugir da perseguição. Nesta briga, com a fratura destes dois clérigos criando um cisma local, a situação somente piorou sob a influência de uma nova corrente doutrinária, o *Arrianismo.*

Iniciada por Arrio, um sacerdote de Alexandria, homem de avançada idade, respeitado pelos seus conhecimentos e antigo discípulo de Luciano

de Antioquia, passou a incomodar sobremaneira os tradicionais hierarcas romanos e egípcios. Arrio havia assumido a instrução sagrada do bispo de Aquila, antigo chefe da escola de Alexandria em 312, de predicar e ensinar uma linha de pensamento doutrinário diferenciado. Sua tese baseava-se em conceber que dentro da Trindade o Pai era o único a não haver sido engendrado nem chegado a ser, sendo ele próprio o princípio de todos os seres. Por sua vez, o Filho ou "Logos", não ficava assimilado ao resto das criaturas, encontrando- se subordinado ao Pai, único que poderia considerar-se Deus no sentido completo do termo. Assim, Arrio, da mesma forma que Orígenes, Dionísio de Alexandria e Luciano de Antioquia, desejava combater as simplificações que a Igreja realizava, como era o caso de confundir por completo Cristo com o Pai, o que a seu ver era contestar totalmente o *Antigo Testamento.* As idéias deste humilde personagem provocariam grandes mudanças em breve, demonstrando mais uma vez a intransigência de uma Igreja fechada em si mesma.

O edito de tolerância havia-se difundido rapidamente no universo cristão. Porém, Majêncio não havia nem queria tomar conhecimento. As imolações e torturas contra os cristãos permaneciam inalteradas em seus territórios. Nesse período, a morte de Galério em 5 de maio de 311 permitiu a Maximino Daia a anexação dos territórios da Ásia Menor a seus domínios. Situação que serviu de pretexto para desrespeitar os termos do edito, e deixar de aplicá-los. Além do mais, não somente reiniciou a perseguição aos cristãos, mas também criou, de acordo aos modelos das Igrejas cristãs, uma outra pagã, dotada de meios importantes e com capacidade para atuar contra os cristãos. Dirigida por altos funcionários e magistrados do estado, a nova religião fez difundir o texto *Atos de Pilatos,* que apenas eram escritos contra Jesus. Toda essa loucura

desencadeou uma nova e sangrenta caçada aos cristãos que finalizou somente no ano de 312. E nesse mesmo ano, Constantino invadia a Itália.
Após um sonho misterioso em que ouve o nome de "Christos" e vê um símbolo em diagonal que lembra um "X", Constantino obriga todos seus soldados a usarem nos estandartes e escudos o *labarum,* a imagem vista em seu sonho como talismã. No dia seguinte, 25 de outubro do ano 312, próximos da Ponte Milvio, em direção a Saxa Rubra, uma localidade a 15 quilômetros ao norte de Roma, Constantino enfrenta e vence definitivamente a Majêncio após uma sangrenta batalha.
Dada a enorme superstição de Constantino, o mesmo passa pois a acreditar que sua vitória foi conseqüência de uma intervenção divina, restaurando de imediato todas as Igrejas cristãs destruídas e permitindo o retorno de todos os bens confiscados pelos Imperadores anteriores.
Mais tarde, por volta do ano 313, Constantino e Licínio reúnem-se em Milão, com o objetivo de discutir a integral aplicação dos termos do edito de tolerância em todo o território do Império romano, incluindo os de Maximino. Neste encontro, porém, fica claro que Maximino Daia não se havia enquadrado na proposta, respondendo a ambos com a imediata invasão da Trácia.
Em função disso, Licínio parte para enfrentar Maximino Daia combatendo-o ferozmente no território invadido. E após alguns confrontos posteriores, no dia 30 de abril de 313 Licínio acaba vencendo definitivamente a Maximino Daia, o qual se suicida no campo de batalha.
Assim, Licínio e Constantino unem-se politicamente, estruturando uma aliança forte e aparentemente duradoura, aplicando os termos do edito ao longo de todo o Império.
A essa altura, uma nova era se iniciava dentro da Igreja, a mesma que havia perdido em todos esses anos de terríveis provas seus mais preciosos membros. Milhares de fiéis haviam perdido a vida, encabeçados pelos

mais renomados representantes da fé. O que restava era um grande número de apóstatas, pessoas que em algum momento haviam renunciado a sua fé para salvar a vida e que agora queriam retornar. Obviamente, com a clara indignação dos poucos cristãos que se mantiveram sempre fiéis à sua fé, mesmo sob ameaça de morte e tortura. Muitos dos sobreviventes eram pessoas de pouco conhecimento, ou que apenas gozavam do reconhecimento pela sua coragem frente ao martírio, enquanto que outros haviam perdido totalmente seu prestígio. Havia um novo tempo confuso, cujo terreno era fértil para as idéias cismáticas, para as heresias e para o fanatismo. As palavras de Jesus perdiam-se no tempo, na dor, na aflição e na ignorância. Somente a visão greco-romana havia sobrevivido. O antigo helenismo paulíneo mantinha-se no poder de Roma, enquanto isso as heresias fervilhavam em todos os cantos do mundo. Da lembrança dos antigos apóstolos, apenas as lendas e os mitos permaneciam, como encorajamento para novos e melhores tempos.

Entretanto, embora Constantino seguisse o culto mitráico, cujas bases conceituais eram muito semelhantes às do cristianismo primitivo, continuava à frente de seus rituais pagãos normalmente.

Porém, o bispo de Roma, Silvestre I (314-335), sucessor de Melcíades ou também Melquíades (311-314), procurou ganhar a confiança do Imperador, fazendo Constantino acreditar que havia sido escolhido por Deus para guiar o mundo e os cristãos à verdade de Jesus. A tentativa de convencimento chegou a tal ponto que Silvestre I proclamou Constantino como o Décimo Terceiro Apóstolo, frente ao mundo cristão da época. Mas Constantino, embora vaidoso e supersticioso, não havia subido ao poder por ser tolo; sua desconfiança frente aos hierarcas era nítida, a qual encontraria fundamento e sentido mais adiante.

Em 315, Constantino realizou o primeiro concílio chamado de Aries, no qual procurou acalmar as tensões existentes entre as diferentes linhas de

pensamento cristão e acertar a forma de organizar a Igreja. As lutas internas, os cismas existentes, as heresias batendo nas portas de todas as Igrejas e o surgimento de novas modalidades rituais e comportamentais abalavam a tranqüilidade dos bispos, assim como sua autoridade, confundindo cada vez mais os fiéis.

No mesmo ano, foi concluído o arco do triunfo de Constantino, atribuindo sua vitória a uma inspiração divina sem identificação expressa. Mesmo com toda essa relação íntima com a cristandade, o imperador continuou cunhando moedas com o símbolo do sol, mantendo as vestais do templo e os altares aos deuses romanos, além de permanecer com o título de PONTIFEX MAXIMUS, que significa ser cabeça do culto do estado, isto é, do culto a Mitra. Está claro, pelos eventos posteriores, que a intenção de Constantino ao realizar o "Edito de Milão" foi oferecer a todos a liberdade de culto, mas não priorizar algum em particular, pois não acreditava na isenção, justiça nem pureza dos cristãos da época, pelo menos de seus líderes. Esta afirmação, embora ríspida, encontra sustentação em dois fatos bastante importantes, os quais surgiram logo depois.

Mas as lutas internas dentro da Igreja continuavam, e Arrio, o sacerdote alexandrino, é fortemente pressionado, recusando submeter-se. Assim, num breve e atribulado concilio realizado no Egito, tanto ele quanto seus seguidores, uns vinte no total, são destituídos e exonerados do seu vínculo com a Igreja.

Porém, tempo depois, inconformado pela sua situação, Arrio vai para Cesaréia, na Palestina, à procura do bispo Eusébio. Com o apoio deste religioso consegue a adesão de Eusébio de Nicomédia, com o qual vai a Roma. Este segundo Eusébio, antigo discípulo de Luciano, havia conseguido a simpatia e confiança da imperatriz Contanza, irmã de

Constantino e esposa de Licínio. Mesmo com todo esse apoio, o bispo Alexandre nega-se a reabilitar Arrio, vindo a atacá-lo ainda mais.

Mas, sem abalar-se ou retrair-se, Arrio continua a intensificar sua prédica pelas ruas com seus seguidores, encontrando grande acolhida e simpatia pelas suas idéias. Sendo nesse momento que se efetua seu retorno a Alexandria.

No ano 323, estoura uma pesada guerra contra Licínio, mas desta vez é uma guerra religiosa. Por um lado, temos Constantino sob o *labarum.,* o símbolo que o levara a vencer Majêncio; e por outro, Licínio, sob juramento de exterminar os cristãos. Ocorre uma dura e sangrenta batalha, Constantino vence Licínio, vindo a executá-lo em finais de 324, transformando-se em dono e senhor de todo o Império romano.

Neste momento, Constantino favorece totalmente o cristianismo, libertando todo e qualquer cativo cristão, retornando terrenos, propriedades, dinheiro e fundos aos clérigos e laicos. Sem perceber a extensão dos fatos, uma nova época se abria para a Igreja.

Em 20 de maio de 325, sob contínua crise religiosa, Constantino congrega um segundo concilio, ocorrendo na cidade de Nicéia, próxima a Nicomédia, contando com a presença de mais de 300 bispos. Neste evento, bastante tumultuado pelas diversas facções cristãs presentes, são relevados os problemas existentes pela influência específica de duas linhas cristãs, a monarquianista e especificamente a arriana; além de decidir em consenso que os sacerdotes ordenados poderiam manter suas esposas e que os solteiros não poderiam se casar uma vez ordenados. Porém, o mais importante e frustrante no decorrer foram os termos e idéias da doutrina monarquianista que foram discutidos, uma tendência que como vimos foi outrora condenada e que, no decorrer do evento, acabou sendo aceita sob pressão do Imperador sem qualquer questionamento. Afinal, Constantino exigiu que os termos do texto

definitivo, tal e qual haviam sido redigidos, deveriam ser assinados por todos os presentes sem exceção, condenando ao exílio a quem se negasse a firmar. Somente Arrio e seus seguidores se negaram a assinar o documento, partindo de imediato para as regiões germânicas, sendo que todos os demais o assinaram. Entre outras coisas, o evento também adotou medidas conciliatórias em relação ao cisma meleciano do Egito, com a esperança de incorporá-los à unidade romana, mas que ao longo do tempo fracassariam. Por outro lado, foram também acordados os métodos de cálculo para a data da Páscoa, assim como também quais seriam os textos evangélicos considerados coerentes, vindo a destruir ou banir aqueles discordantes. Durante o concilio, foram apontados erros nas traduções, manipulação intencional do conteúdo dos textos e a falsificação descarada de documentos. Aqui, Constantino percebeu mais uma vez que os preceitos de Jesus haviam ficado perdidos no tempo e no espaço. Agora, uma entidade lutava pelo poder de convencer e o proselitismo estava acima de qualquer moral. Este foi o primeiro fato, percebido, que deu a Constantino a razão de sua desconfiança e o fez transformar-se num agente policial que reprimiria ao máximo a ação dos bispos, interferindo absolutamente nos desígnios da religião.

Após o concilio, alguns bispos perceberam que se encontravam submetidos por Constantino, tal foi o caso de Eusébio de Nicomédia, Maris de Calcedônia e Teognis de Nicéia, que fizeram saber publicamente que haviam assinado sob medo e que desejavam retratar-se. Ao saber, Constantino exilou-os, sem piscar, para a Gália, exigindo das respectivas Igrejas a eleição de novos bispos. Perante isso, o bispo Teodoro de Laodicéia, na Síria, tentou fazer o mesmo, recebendo prontamente uma carta de Constantino para refletir antes de agir. No outono de 325, uma relação Igreja-estado se havia estabelecido, sendo

que o resultado complicaria ainda mais a integridade do que um homem, humilde e pacífico, havia predicado nas colinas da Galiléia.

O segundo fato que reforça a afirmação anterior de uma desconfiança evidente por parte de Constantino é que durante a Páscoa de Pentecostes, exatamente no dia 22 de maio de 337, o próprio Imperador morre na Vila Achyronia, perto de Nicomédia. O inusitado deste evento é que momentos antes de morrer havia sido batizado por Eusébio, bispo de Cesaréia, membro da seita cristã arriana, a qual o próprio imperador havia considerada herética durante o concilio de Nicéia. Clara evidência de que Constantino reconheceu a autenticidade de quem o desafiou em virtude de uma linha de pensamento honesta, e que, afinal, não botava fé nem autenticidade no já florescente e autoritário cristianismo de São Paulo.

Mas, mesmo num grande Império, agora quase cristianizado, os exemplos a seguir seriam diferentes, principalmente dos seus Imperadores cristãos. Por volta do ano 335, o Imperador Constantino havia dividido o Império entre seus filhos convertidos ao cristianismo. Para Constantino II, Constâncio II e Constante, uma parte da grande Roma mundial havia sido cedida, sendo isto apenas o início de uma cruenta e selvagem carnificina familiar.

Após a morte de Constantino, seu filho Constâncio II, que se considerava um enviado de Deus e bispo dos bispos, iniciou em agosto de 337 o extermínio de quase todos os membros masculinos da família imperial em Constantinopla. Embora a Igreja o considere como um dos mais notáveis devotos, sendo que até o próprio Eusébio argumenta que o jovem Imperador recebeu orientação divina para perpetrar semelhantes atos, este jovem foi cruel e irracional em seus massacres.

Nesse período, um outro irmão, Constante, um adolescente de apenas dezessete anos, já abocanhava duas terceiras partes do Império. Embora

batizado e publicamente casto, pois fugia das mulheres, já que abertamente considerava a castidade a máxima virtude cristã como naquela época era valorizada, preferia apenas a companhia de jovens germânicos, tanto escravos como reféns, com os quais realizava solitárias e curiosas caçadas. Foi generoso com os prelados, oferecendo sempre seus favores e grandes somas de dinheiro, destruindo apenas aos incorruptos, como foi sua cruel perseguição aos donatistas, seguidores do ancião Donato, que sempre se mantiveram fiéis a seus princípios. Nessa empreitada, Constante esmagou os donatistas assassinando seu maior representante, o bispo Márculo, além de destruir suas Igrejas.

Porém, entre os irmãos imperiais havia disparidades de fé que promoveram verdadeiros conflitos. Enquanto Constantino II seguia uma linha de acorde com a Igreja cristã de Roma, assim como Constante, o terceiro irmão, Constâncio II, que mais adiante herdaria todo o Império após a morte dos irmãos, preferia seguir a linha arriana. Linha esta que assumiu destaque quando Constâncio II ficou como único Imperador no poder, o que mais uma vez criou um clima de divisão e separatismo dentro da Igreja, agravado agora pelo aval do estado.

CAPÍTULO 7
A Igreja Institucionalizada

Recapitulando, temos pois que, em finais do terceiro século, o cristianismo jerosolimitano, isto é, a única linha cristã que havia tido contato direto com Jesus, já se havia perdido. Os apóstolos originais estavam mortos e seus escritos haviam sido traduzidos ou copiados por seus seguidores ou por meros cronistas. Na maioria dos casos, os copistas eram paulinistas ou filiados a alguma outra seita cristã, vindo a manipular os textos conforme seus interesses. O que existia em abundância eram os

textos gregos dos helenistas, as cópias das cartas de Paulo e relatos e tratados realizados pelos próprios paulinistas.

Nesse sentido, uma religião se havia desenvolvido, fundada não por Jesus, mas por Paulo, sendo Jesus apenas desculpa para as idéias de Paulo, conforme as palavras do teólogo e historiador eclesiástico Wilhelm Nestlé. E no século XVIII o filósofo inglês Lord Bolingbroke afirmava: *"... dentro do Novo Testamento temos duas religiões completamente diferentes: a de Cristo e a de Paulo."* Afinal, a fachada era Jesus, mas o fundo era Paulo. Como alguns diriam: *"Jesus levava a fama, enquanto Paulo deitava na cama".*

Séculos haviam transcorrido desde a chegada de Jesus, repletos de interpretações, perseguições, lutas e sacrifícios, confluindo numa estrutura cada vez mais burocrática e cada vez mais poderosa. Altas somas de dinheiro e grandes concessões eram entregues aos bispos. A riqueza e o poder começavam a invadir a vida dos hierarcas da Igreja. Grandes quantias eram oferecidas para obras de caridade, construção de novas Igrejas, manutenção dos clérigos, enfim, quem estava ã frente da congregação administrava o poder, a influência e o dinheiro.

A supremacia do bispo de Roma em relação aos demais bispos, já havia sido reclamada por Estevão I em 254, alegando que a sucessão apostólica do bispo romano estava na herança de São Pedro, que teria sido o primeiro bispo de Roma. Obviamente uma inverdade, já que foi Lino o primeiro bispo, havendo sido colocado por Paulo. Porém, nos séculos seguintes, a Igreja havia deixado entender que o bispo de Roma realmente tinha sim supremacia sobre os demais bispos. E isto, somente se reivindicaria em 440, após a ascensão de Leão I ou Leão Magno, como bispo de Roma e que utilizaria pela primeira vez o termo "Papa" para diferenciar-se dos demais bispos. Na verdade, na conversão ao cristianismo pelo estado, gerar-se-ia um fenômeno curioso, em função de

que a capital do Império romano se havia transferido para Constantinopla, permanecendo em Roma um bispo que administrava e solucionava os problemas, tanto espirituais como políticos, reportando ao Imperador o que ocorria. Um segundo poder se havia institucionalizado em Roma. E essa situação se consolidaria em 445 pelo edito do Imperador Valentiniano III, no qual reconhecia a supremacia do bispo de Roma em assuntos espirituais, tornando-se lei para todos. O que seria corroborado pela Igreja em 590, quando, baseado nos textos de Mateus (16:18-19), entenderia que o bispo de Roma era herdeiro universal e incontestável de São Pedro.

Mas, mesmo durante o decorrer do século III e início do IV, ainda a luta entre as dispersas e diferentes Igrejas regionais e locais continuava. Cada uma querendo primar sobre as demais. Cada uma querendo ser mais verdadeira que a outra. Cada uma querendo congregar mais fiéis e poderosas personalidades, o que representava sempre uma interessante possibilidade futura de melhores condições de vida e, é claro, de bons negócios.

Neste sentido, por volta do ano 363, realiza-se o Sínodo de Laodicéia, celebrado pelo bispo Libério (considerado o 36º Papa), em que, após perceber a continuidade de uma grande disparidade de conceitos e linhas cristãs existentes, acerta-se em definitivo, percebendo a necessidade de estabelecer quais seriam os textos evangélicos a serem aceitos e criar, finalmente, um documento que transcrevesse a linha mestra da ortodoxia e do pensamento cristão.

O documento em questão, deveria ser aceito e respeitado por toda a comunidade cristã fiel ao poder central, isto é, ao grupo de bispos que comandava a Igreja, já que os ensinamentos contidos na obra seriam a tradução irrefutável das palavras de Jesus, colhidas por seus "verdadeiros" evangelistas. Logicamente, tudo isso sob a ótica dos

hierarcas da Igreja, pois seriam eles e mais ninguém que determinariam quais seriam os textos aptos a ingressar nesse documento.

A idéia da empreitada acabou sendo aprovada por consenso geral dos integrantes do Sínodo, estabelecendo como base a utilização de apenas quatro evangelhos para abrir o documento, isto é, quatro textos de autoria dos quatro apóstolos mais relevantes. A justificativa de ser apenas quatro esteve em relação a haver quatro pontos cardeais em que o cristianismo se encontrava espalhado.

A tarefa era difícil, pois existiam pelo menos uns 4.000 textos atribuídos aos apóstolos e a outras personalidades, a serem traduzidos, analisados e considerados. Mas, depois de muito trabalho e grandes discussões, o número ficou reduzido a um total de 80 textos, o que representava uma considerável redução. Caberia analisar apenas quais foram os critérios de tão drástico corte. Segundo se conhece, o pedido para que os quatro evangelhos iniciais fossem os atuais veio do bispo de Alexandria, de nome Atanásio, membro de uma Igreja que enfrentava nesse momento vários conflitos, como a continuidade do cisma meleciano e a grande influência do arrianismo. De acordo com outras tradições, Atanásio teria influenciado fortemente para definir em 27 o número total de textos a compor o *Novo Testamento* nesse período, os mesmos que teriam chegado até nós.

De qualquer forma, as coisas iam de mal a pior. Sob uma bandeira de pureza, paz, amor, respeito e humildade, escondiam-se interesses, hipocrisias e cinismo dignos de ministros do inferno.

A situação tomou tal rumo, que ao redor do ano 366, após a morte do Papa Libério, as rivalidades entre as diversas linhas cristãs haviam adquirido proporções violentas e sangrentas. Tanto que em diversas ocasiões os confrontos haviam cobrado incontáveis vítimas, a ponto de existir uma verdadeira guerra para definir quem comandaria os desígnios

da religião. Inclusive, para definir quais os evangelistas que seriam considerados finalmente para compor o documento definitivo que orientaria o cristianismo no seu credo. Paradoxalmente, a religião que outrora havia sido perseguida e execrada pelos descrentes pagãos, agora sofria pelas suas lutas internas. Lutas que os afastavam, cada vez mais, de uma compreensão real dos verdadeiros objetivos de um homem, especial e humilde, que séculos atrás havia chegado pregando o amor, o respeito à vida, a consideração, a humildade, a busca da verdade e o direito à liberdade.

Foi nesse período que surgiram dois fortes candidatos ao cargo de bispo de Roma: Ursino e Dâmaso. Cada um, supostamente munido das melhores intenções para o desenvolvimento da Igreja e para com seus fiéis. Cada um, estimulado pelos seus seguidores, foi elevado ao cargo de bispo de Roma. Duas pessoas ficavam ocupando um único cargo, havia pois dois Papas. Mas, depois de duros enfrentamentos entre as duas facções de seguidores, os partidários de Ursino se refugiaram na basílica de Santa Maria, a Maior, conhecida pelo nome de "Nossa Senhora das Neves", erigida no monte Esquilino pelo Papa Libério. Enquanto isso, os partidários de Dâmaso cercaram a basílica, assaltando-a e massacrando a seguir os ursinistas durante três dias. O saldo final demonstrou a ferocidade do combate. O resultado apresentava um total de 137 mortos, todos eles seguidores de Ursino.

Mais tarde, Ursino foi exilado pelo delegado imperial e Dâmaso foi eleito o único Papa por meio do sangue derramado. O novo bispo de Roma, assumia o nome de Dâmaso I, vindo a permanecer de 366 a 384 (37º Papa) no sólio pontifício. Segundo afirmaria uma carta de São Jerônimo a Dâmaso I, o novo Papa estaria vindo a sentar, oficialmente, na cadeira de São Pedro, a rocha sobre a qual a Igreja foi construída. Evocando assim, a famosa frase dita ao Papa na sua coroação: *"Tu és Pedro"*.

Será nesta época e desta forma que a definitiva *Bíblia* católica surgirá como uma grave necessidade na segunda metade do século IV, tanto como documento unificador da fé e da doutrina, assim como elemento que aumentaria o prestígio e a importância dos hierarcas de Roma. Correspondendo a São Jerônimo (340-420), bispo da Igreja e secretário do Papa Dâmaso I, em 382, a incumbência de produzir o documento.

Cabe destacar que São Jerônimo foi um hábil comentarista e tradutor, natural de Veneza. Na sua juventude, resultou ser um aprimorado estudante que viajou por Roma e pelas cidades da Gália, sendo batizado em 360. Após visitar Antioquia, adotou a vida monástica, ocasião em que aprendeu o hebraico. Por volta de 386, graças à generosidade de uma rica senhora romana, viajou para a Palestina, onde morou num retiro em Belém por 35 anos. Somente no ano 388 foi que São Jerônimo conseguiu efetuar a tradução do *Novo Testamento* do grego para o latim, fazendo mais tarde o mesmo com a versão em grego do *Antigo Testamento*, chamada de *Septuaginta.*

Durante esta difícil tarefa de tradução, vale mencionar que surgiu um grande número de problemas para São Jerônimo. Dentre eles, como já mencionado, o defrontar-se com a existência de mais de 80 textos apenas referidos à vida de Jesus, cuja procedência era a mais variada. Assim, percebendo que nos documentos escolhidos existiam menções ao nascimento e à infância da Santa Virgem Maria e de Jesus, a Igreja interferiu.

Os bispos Parmenio e Virino solicitaram a São Jerônimo que estes documentos ou menções relativas à infância fossem totalmente desconsiderados de participar do documento final, pois poderiam ser empregados contra os interesses da Igreja. A esta atitude se somaram os bispos Cromácio e Heliodoro que, após constatar nas traduções realizadas alguns pontos dúbios e comprometedores, solicitaram que fosse dado

"um jeito" nos textos finais para evitar situações constrangedoras e insinuantes por parte dos heréticos. E foi desta forma que o *Novo Testamento* começou a ser montado, sob pressão de todos os lados e procurando responder apenas aos interesses locais.

Assim, foi compilado um trabalho composto de um total de 27 livros, os quais foram divididos da seguinte forma: quatro evangelhos de abertura, sendo três *Sinópticos* (Mateus, Marcos e Lucas) por serem parecidos entre si, e um quarto chamado *Teológico* (João), por dar importância à natureza divina de Jesus; *Atos dos Apóstolos* escrito por Lucas; um total de 21 *Epístolas* e o *Apocalipse de São João.*

Todas as pesquisas que realizei apontaram que estes textos parecem haver sido redigidos originariamente em grego, sendo que dos 27 livros ou documentos que compõem o *Novo Testamento* apenas oito são atribuídos verdadeiramente a seus autores, isto é, 19 não são obra original dos seus autores, mas produto de mais de uma pessoa, sendo que nenhuma delas foi testemunha ocular dos fatos ali relatados.

Uma curiosidade interessante é que a palavra pela qual os textos são conhecidos, isto é, Evangelho, vem do grego *Evangelion,* que significa boa nova. Até hoje, infelizmente, não se tem notícia de existir algum texto original do *Novo Testamento* para consulta. As transcrições atualmente conservadas datam em média do século IV d.C., embora o texto mais verdadeiro sobre os tempos de Jesus seja uma cópia copta do *Evangelho de São Tomé,* atribuído ao apóstolo Tomé, o Jovem, achado em Nag Hamadi, entre as sepulturas de Luxor, no Egito, em 1946. Porém, o texto mais antigo achado até hoje é o *Papiro 52,* escrito por volta do século II d.C. Por outro lado, acredita-se que os documentos que conformam o *Novo Testamento* tenham sido compostos originariamente entre os anos 60 e 95 d.C., aproximadamente.

Relembrando a pesquisa, vale recordar que o evangelho conhecido mais antigo que compõe o *Novo Testamento* é atribuído a São Marcos ou João Marcos, conhecido como intérprete de Pedro, discípulo de Paulo e primo do apóstolo Barnabé, havendo sido destes dois últimos companheiro de pregação. Porém, conforme uma tradição que circulou através do testemunho de Pápias em 135 d.C., este evangelho teria sido o segundo em antigüidade. Aparentemente, Marcos e Pedro teriam mantido alguma relação conforme apontam os evangelhos (*Atos* 12:12), servindo para que Marcos mais adiante escrevesse seu evangelho baseado provavelmente numa pregação de Pedro, embora persista a dúvida em relação à identidade do tal possível Pedro (ou Silvano). O texto de Marcos que conhecemos hoje, parece ser uma possível segunda versão, sendo que a original teria sido composta em Roma durante a prisão e morte de Paulo. O documento contém 16 capítulos atualmente e deve ter sido escrito por volta dos anos 60 e 70 d.C., porém, acredita-se que esteja incompleto, faltando o início e o fim. Alguns consideram que este documento influenciou os evangelhos de Mateus e Lucas, havendo servido de base para a elaboração dos dois trabalhos.

O segundo evangelho em antigüidade dentro do *Novo Testamento* é o de São Mateus, com um total de 28 capítulos, embora uma tradição que circulou durante o século II por conta de Pápias o coloque como o primeiro em antigüidade. Porém, tudo indica que o original foi escrito em aramaico e que a versão que chegou até nossos dias foi escrita em grego, provavelmente na Síria. As características da versão grega, excluem radicalmente ter sido obra do próprio apóstolo pelo domínio do grego, sendo possível haver sido resultado de algum de seus discípulos. Em outras palavras, a versão grega seria uma cópia melhorada do original aramaico sob a óptica de um discípulo culto. Segundo alguns especialistas, o original teria sido escrito entre os anos 70 e 80, sendo

depois traduzido ao grego por volta do ano 90. Para alguns, a versão atualmente conhecida, a grega, é considerada como uma terceira mais apurada, havendo existido uma primeira mais antiga em hebraico, anterior à versão aramaica. O que significaria que foi a partir deste texto que teriam surgido os de Marcos e Lucas, caso tivessem tomado conhecimento de sua existência. O que resulta uma simples possibilidade no momento. Cabe destacar que Mateus morreu na Pérsia, sendo ele um dos doze discípulos de Jesus, também conhecido por Levi *(Marcos* 2:13-14).

Desde o século II, atribui-se o terceiro evangelho em antigüidade ao *Evangelho de São Lucas,* com 24 capítulos. Segundo se especula, foi provavelmente redigido em Efeso em língua grega por volta dos anos 70 ou 90, embora alguns pesquisadores o considerem bem mais antigo (63 ou 69 d.C.). Sua narrativa está moldada no *Evangelho de São Marcos* com amplos exageros, tanto nos fatos relatados como no número de parábolas atribuídas a Jesus. Lucas morreu aos 84 anos em Beócia. Era médico, natural de Antioquia e foi discípulo apenas de Paulo, sendo que nunca conheceu Jesus. Vale ressaltar que alguns exegetas duvidam que realmente Lucas tenha sido médico e discípulo de Paulo. Por outro lado, seu evangelho está dedicado a um tal Teófilo (*Lucas* 1:1), parecendo que o documento foi construído procurando ser um relato ordenado de eventos colhidos junto às testemunhas dos fatos, visando ser um romance ou história sagrada sobre Jesus dirigida a um público específico.

Segundo o testemunho de Irineu de Lyon por volta de 180 d.C., a tradição atribui o quarto evangelho a São João, filho de Zebedeu, irmão de Tiago, o Maior, que foi discípulo de João Batista e de Jesus. Viveu seus dias em Éfeso onde teria escrito o documento, morrendo durante o período do Imperador Trajano. Seu trabalho consta de 21 capítulos, aparentemente escritos ou ditados por ele e editados pelos seus seguidores por volta de

90 ou 100 d.C., provavelmente. Este documento é chamado de *Evangelho Teológico* porque seu conteúdo está voltado especificamente para a natureza divina de Jesus, sendo considerado complementar em relação aos outros três. Porém, segundo consta, este evangelho é mencionado pela primeira vez apenas durante a primeira metade do século II. Em relação a isto, temos que, de acordo com as descobertas de um antigo papiro, realizadas pelo historiador inglês Grenfell, as mesmas apontam que este evangelho deve ter sido redigido por volta do ano 120 ou 125 por copistas paulíneos. Recentemente, o historiador e jornalista espanhol, Pepe Rodríguez, apontou que o *Evangelho de São João* pode na verdade ter sido redigido pelo apóstolo grego João, o ancião, e não pelo evangelista jerosolimitano, tendo sido misturados elementos hebraicos e essênios junto com lendas e mitos obtidos sobre Jesus. Nesse sentido, teria sido construído por volta de finais do século I e início do II, o que justificaria ser tão diferente em relação aos demais textos e contendo erros tão específicos.

A seguir, temos os *Atos dos Apóstolos,* um documento escrito por Lucas. O mesmo está composto por 28 capítulos, cuja narrativa conta a formação da Igreja de Jerusalém, o surgimento dos helenistas, a conversão e a saga de Paulo de Tarso, sua peregrinação, trabalho e viagem a Roma, as atividades de alguns apóstolos originais como Pedro e Tiago, e os problemas entre as diversas facções cristãs da época.

Na continuação, temos uma coletânea de cartas, ou também chamadas de *Epístolas de São Paulo,* as quais foram escritas aparentemente pelo próprio "apóstolo". Condição que explica algumas das posturas do "apóstolo" quando se defronta com Pedro, procurando sempre colocar-se por cima, dada a rivalidade existente entre ambos. Ao todo, são 14 epístolas ou grupos de cartas, endereçadas às diferentes colônias de

cristãos, contendo diversas passagens do processo de evangelização que realizou e orientação para o melhor comportamento dos fiéis.

Depois, surgem as epístolas católicas, as quais são a reunião de textos de origens variadas, dentre as quais temos: *As Epístolas de Tiago,* não de Tiago, o Maior, ou de Tiago, o Menor, mas aparentemente de Tiago, o Justo, irmão de Jesus. Porém, cabe alertar que alguns historiadores confundem a autoria deste trabalho como sendo de Tiago, o Menor, filho de Alfeu, cujo final e morte se desconhece. Este trabalho possui apenas cinco capítulos. Na seqüência temos a primeira e segunda Epístolas de Pedro, com cinco capítulos a primeira e três capítulos a segunda. Como já mencionei anteriormente, esta obra é atribuída ao discípulo Silvano e não ao apóstolo Pedro, também conhecido por Simão ou Cefas, o pescador, irmão de André. A seguir temos a primeira, segunda e terceira *Epístolas de São João*, com cinco, um e um capítulos respectivamente. Os trabalhos são atribuídos ao próprio São João, filho de Zebedeu e irmão de Tiago, o Maior. Depois temos a *Epístola de São Judas.* Esta obra não é de Judas, irmão de Jesus (*Marcos* 6:3), nem do apóstolo, mas de um seguidor de Paulo. Tem apenas um único capítulo.

E, finalmente, temos o *Apocalipse* ou a *Revelação* de São João. Segundo a tradição divulgada por Justino no século II, o apóstolo teria chegado na pequena ilha de Patmos, pertencente ao arquipélago do Dodecaneso grego, no Mediterrâneo, deportado de Éfeso durante as perseguições do Imperador Domiciano. Ali, após derrotar o feiticeiro e mago Cinopo e transformá-lo num recife de pedra, teria iniciado a redação do documento durante dezesseis meses no interior de uma gruta, a qual ainda existe a escassos quilômetros do porto de Skala, hoje transformada numa igreja bizantina levantada em 1088 por vontade do asceta São Christodolous, natural de Bitínia. Nesse local, atualmente conservado pelos padres ortodoxos, o ancião apóstolo teria ditado o precioso texto ao seu discípulo

Prócoros. Porém, acredita-se na verdade que o *Apocalipse* tenha sido escrito aos poucos por um ou vários discípulos de São João por volta do ano 70 ou 95 d.C., sendo posteriormente remontado. Segundo os especialistas, existem evidentes diferenças na composição literária da obra, se comparada com outros escritos atribuídos a São João.

Como todos os evangelhos escolhidos para compor o *Novo Testamento* falavam amplamente sobre a chegada de Jesus ao mundo, sua obra, prédica e milagres, era necessário ter alguma referência que viesse justificar sua vinda. Assim, a Igreja determinou utilizar os textos antigos da *Torah* judaica que, já no Sínodo de Jamnia em 90 d.C., haviam sido considerados inspirados e coerentes para compor um prólogo, chamado de *Antigo Testamento.* Desta forma, como já foi mencionado antes, São Jerônimo completou a sua composição com a versão em grego da *Torah* e de alguns dos livros judaicos dos profetas, também chamados de *Neviim,* sendo ao todo considerados: o *Neviim Rishonirm* o *Neviim Aronim* e o *Fere Asar,* além de alguns apócrifos judaicos; assim, deu-se origem à primeira *Bíblia* católica escrita em latim, conhecida por VULGATA LATINA.

Por outro lado, vale destacar que a divisão dos capítulos como hoje se conhece na *Bíblia* data apenas de 1128, havendo sido introduzida pelo Cardeal Estevão Langton, arcebispo de Cantuária. E a divisão em versículos, foi empregada pela primeira vez em 1551, sendo realizada pelo editor francês Roberto Estienne.

As cópias mais conhecidas do *Novo Testamento* são o *CODEX VATICANUS* e o *CODEX S1NAITICUS,* sendo que o primeiro leva o nome de onde se encontra conservado, e o segundo, de onde foi descoberto em 1844 por Tischendorf, dentro do mosteiro de Santa Catarina, no monte Sinai. Ambos datam do século IV d.C., ou seja, contemporâneos da *VULGATA LATINA.* Existe também o *CODEX*

ALEXANDRINUS, achado no convento do monte Athos, em 1628, pelo patriarca grego ortodoxo Cyrilo Lucar, que o ofereceu ao rei da Inglaterra. Este documento está datado como pertencente ao século V d.C. Por último, temos o *CODEX EPHRAEMI RESCRIPTUS,* também datado do século V d.C., conservado atualmente em Paris. Este último documento é um palimpsesto, isto é, um manuscrito em pergaminho que, após ser raspado e polido, era novamente aproveitado para a escrita de outros textos.

Embora o empenho de São Jerônimo fosse muito para resultar numa obra adequada, algumas coisas ficaram estranhas e incoerentes. Não somente algumas adequações ficaram confusas, mas também contraditórias entre si. Dentre elas, o caso de não existir qualquer menção à morte de São José, pai de Jesus, e de termos uma genealogia errada em relação ao próprio Jesus e a José. Ou de existirem festividades a ocorrer em comemoração aos pais da Virgem Maria, sem haver qualquer menção aos nomes dos mesmos no *Novo Testamento.* Além, é claro, de interpretações conforme os interesses vigentes do momento e de manipulações e alterações posteriores, que vieram séculos depois, realizadas por vontades e desejos de diversos Papas.

Por outro lado, existem algumas coisas contidas nos evangelhos difíceis de explicar e de se entender. Como o fato de em cada evangelista termos diferentes milagres, palavras e parábolas. Isto é, no evangelho de Mateus menciona-se um total de 20 milagres atribuídos a Jesus, sendo que apenas 15 estão em concordância com Marcos, 13 com Lucas e dois com João. De igual maneira, Marcos menciona em seu evangelho um total de 18 milagres, sendo que apenas 15 estão em concordância com Mateus, 12 com Lucas e dois com João. Por sua vez, Lucas menciona um total de 20 milagres, sendo que apenas 13 estão em concordância com Mateus, 12 com Marcos e um com João. Finalmente, João menciona um total de oito

milagres, uma quantidade muito pequena para quem foi o discípulo predileto e bem amado de Jesus. Além do mais, como já vimos, os milagres em geral pouco concordam entre si, isto é, apenas dois com Mateus, dois com Marcos e somente um com Lucas se relacionam. Em outras palavras, Mateus, Marcos, Lucas e João possuem milagres diferentes entre si, ou seja, no caso de João, menciona-se seis milagres apenas referidos por ele, Mateus três, Lucas seis e Marcos dois, sendo que nenhum dos outros evangelistas sequer comenta alguma coisa a respeito. Parece como se somente os milagres mencionados tivessem sido presenciados por eles próprios, sendo que os outros não, mas esta afirmação poderia ser válida unicamente para João e Mateus, já que apenas ambos foram dentre todos os verdadeiros apóstolos de Jesus e testemunhas oculares dos fatos, o que não se confirma claramente, pois ambos apresentam nos evangelhos a descrição de milagres completamente diferentes entre si. Mas a coisa é mais crítica ainda, se compararmos a quantidade e tipos de parábolas atribuídas a Jesus.

O apóstolo Mateus menciona 20 parábolas, sendo que sete concordam com Marcos e dez com Lucas. No caso de Marcos existem oito parábolas registradas, onde sete concordam com Mateus e sete com Lucas. Por sua vez, Lucas menciona um total de 27 parábolas, onde dez concordam com Mateus e sete com Marcos, e isto significa que pelo menos um grande número de parábolas são de propriedade única do autor. E o mais incrível de tudo é que o evangelho de João não menciona nenhuma parábola.

Aqui temos novamente uma incoerência, pois Mateus faz referência a pelo menos dez parábolas próprias, Marcos uma e Lucas 17. Todas elas sem que qualquer um dos demais evangelistas sequer as enunciem. Como é possível que Mateus e João, que estiveram pelo menos três anos juntos com Jesus, apresentem semelhantes diferenças entre milagres e parábolas? Isto é, inclusive, onde João sequer se refira a uma única

parábola? Realmente aqui havia algo muito estranho e deveria ter uma razão de ser. Embora João tentasse apenas abordar aspectos relativos à natureza divina de Jesus e Mateus apresentar as condições e situação da atividade apostólica do seu mestre, não seria suficiente desculpa para tantas diferenças, inclusive em relação a alguns aspectos de cunho histórico.

Enfim, as diversas interferências sofridas na época por São Jerônimo haviam provocado a emissão de um documento cujo objetivo era apenas de servir aos interesses da Igreja, buscando equiparar as informações doutrinais e servindo de balizador da atividade pastoral. Ninguém podia agora justificar sua linha de trabalho se esta fosse diferenciada, nem fugir da censura. Afinal, se havia estabelecido um consenso forçado de cunho doutrinal, onde as palavras e ensinamentos de Jesus haviam sido formalizados por um parecer interesseiro.

Um homem apenas havia sido destacado para determinar quais foram as palavras proferidas por Jesus, e que documentos mereciam ser levados em consideração para iluminar o mundo. Quais foram os critérios? Quais os argumentos que determinaram a escolha?

Uma coisa estava clara, neste momento Paulo de Tarso, o apóstolo dos gentios, consolidava-se como articulador, fundador e senhor da doutrina cristã. Seus sermões, cartas, obras e atividades se viam imortalizados pela ação inicial dos seus seguidores, que agora se reforçava por aqueles que o confirmavam na patente de apóstolo de Cristo por necessidade. Clérigos que jamais o conheceram, nem a qualquer um dos verdadeiros apóstolos de Jesus, e que muito menos conheceram pessoalmente o autor da prédica inicial da qual pretendiam ser cronistas e intérpretes. De qualquer forma, mesmo com toda essa confusão e interesses unilaterais, o cristianismo demorou pouco para se consolidar. Nessa etapa de reconciliação da Igreja com o estado, mudanças terríveis se perpetraram no processo doutrinal.

A Igreja lentamente foi dominada pelo estado romano, simplesmente em função de que os Imperadores romanos desejavam uma doutrina única a fim de unificar o estado e salvar a cultura greco-romana. O cristianismo, ainda frágil e disperso no seu conteúdo doutrinal, não havia conseguido formar e definir um corpo sólido. Logo, a antiga Igreja Católica Imperial daria espaço para a nova Igreja Católica Romana.

Durante o período de Constâncio II, as comunidades cristãs já iniciavam suas perseguições contra os não-cristãos. Clérigos como Cirilo de Heliópolis, o sacerdote Marco de Artusa e Greorgios de Alexandria lideraram e deram início à destruição de templos e de locais sagrados pagãos. Porém, em Roma, ainda se mantinham os cultos antigos. Para o Imperador Constâncio II, manter um bom relacionamento com a aristocracia romana era econômica e politicamente interessante, preservando assim o templo de Júpiter sobre o Capitólio, o privilégio das vestais e os ritos pagãos em geral. Mas, uma mudança absurda perfilava-se no cenário. Uma jovem religião antes perseguida passava agora à condição de perseguidora. A causa cristã era argumento suficiente para autorizar qualquer cristão a destruir a possível ameaça ao credo verdadeiro. Os tempos do antigo Império retornavam, sendo que os Neros da atualidade utilizavam a violência em nome de Deus. Uma aura de fanatismo religioso cristão irradiava-se do interior de todas as comunidades, atingindo a hierarquia eclesiástica e o estado, os quais interpretavam a melhor forma de agir segundo sua conveniência.

Após a morte de Constâncio II, outros Imperadores cristãos como Galo, Juliano, Joviano, Valentiniano I e Valente continuaram o arrianismo e a caça às seitas e aos cristãos não-arrianos. Principalmente Valente foi o mais acirrado na sua perseguição, sendo este o último Imperador arriano e um dos mais fanáticos contra a bruxaria, estipulando a tortura e a pena de morte para quem a praticasse.

A contínua expansão do cristianismo e sua conseqüente consolidação hierárquica representava uma interessante via para a liderança, a iniciativa e a ambição, condições que não passavam desapercebidas. O paganismo, outrora forte e impiedoso, agora se encontrava diminuído em número de fiéis, enfraquecido frente ao estado, perseguido quase que em todo o Império e com os dias contados.

Porém, embora existisse uma vontade final de união dentro da comunidade cristã, razão pela qual um documento que "expressasse totalmente" as palavras de Jesus e considerado oficial havia sido redigido, a doutrina ainda não estava plenamente definida, o dogma sedimentado, nem a união concretizada. A linha mestra doutrinária ainda carecia de consenso, sendo que as diferenças entre comunidades eram berrantes, inclusive em relação ao próprio destino final da alma.

Tal é o caso que, nessa mesma época, São Gregório Niacianceno (328-389) entendia que: "... *a alma possuía uma necessidade natural de ser curada e purificada, e que, não sendo assim nesta vida, teria que ocorrer em outras vidas, mesmo seguintes e futuras".* Naquela época as idéias em relação ao pós-morte e transmigração da alma distavam muito de um conceito de céu, inferno e purgatório como vemos hoje. Tanto que, na mesma época de Jesus, os judeus como Filón de Alexandria, Flávio Josefo, os Fariseus e Saduceus em geral, aceitavam e difundiam a tese da transmigração da alma. O que Jesus demonstra ter aceito também, quando em *Mateus* (17:12-13) afirma sobre João, o Batista: *"Eu vos digo, porém, que Elias já veio, mas não o reconheceram...".* Em nenhuma parte do evangelho, Jesus condena ou faz censura a este tema, o que nos permite aceitar a idéia de que para ele a reencarnação era um fato. Porém, a falta de um domínio pelo medo da condenação espiritual fugia do controle e da repressão dos hierarcas da Igreja, permanecendo apenas o medo da punição física. Uma nova doutrina teria de fundamentar-se para submeter

de vez um rebanho crescente e indócil. O temor a um castigo eterno deveria ser crucial para definir o comportamento dos fiéis e garantir o controle total de suas vidas. E isso não tardaria em ocorrer.

Em relação a isto, logo a Igreja encontraria sua inspiração para um céu e inferno eternos nos relatos sobre os gregos do historiador judeu Flávio Josefo, quando afirma: "... E no quadro do mesmo pensamento (destino da alma), ao que me parece, que os gregos reservaram para seus bravos, que denominam heróis e semideuses, as ilhas dos bem-aventurados, e para as almas dos perversos o lugar dos ímpios, no Hades, onde, ainda segundo sua mitologia, alguns personagens sofrem seu suplício..." (Guerra dos Judeus, 157).

Um novo pensamento emergente do âmago de um desejo de poder dominante e totalitarista estava apenas começando. A vitória final do cristianismo sobre o paganismo e o estado veio em 381 d.C., quando Santo Ambrósio, arcebispo de Milão, colocou toda sua influência sobre o ancião Imperador Teodósio I, o Grande (347-395), que, após a chacina de Tessalonica em 390, transformou o cristianismo católico na religião oficial de Roma. Agora, a religião antes caçada era a caçadora.

Eram pois tempos promissores para aqueles que um dia foram perseguidos e execrados. O clima era favorável e as mudanças a favor de uma nova realidade doutrinai não se fizeram esperar. Desta maneira, logo depois, no ano 392, era promulgado o chamado *"Código Teodosiano",* um edito que estipulava a proibição dos cultos e rituais pagãos, assim como a existência de seitas cristãs não católicas, sendo as mesmas consideradas ilegais e subordinadas a penas, o qual somente seria redigido em definitivo em 430. Por outro lado, ficaram também estabelecidos os limites precisos dos direitos civis judaicos no império. Entre algumas coisas, os judeus eram proibidos de casar com cristãos, ter

escravos dessa religião e de construir novas sinagogas. O código serviria posteriormente à Igreja para iniciar o processo de repressão aos judeus.
Para a Igreja, o novo edito representava sua liberdade final, um triunfo sobre o mundo e sobre todas as religiões. Os privilégios concedidos no código estabeleciam que os sacerdotes católicos somente poderiam ser julgados pelos próprios bispos, inclusive em caso de delitos criminais. Nesse momento, a Igreja fugia da autoridade do estado para ela própria exercer sua única e total autoridade. O tempo de uma decadência espiritual, intelectual e estrutural havia começado a agravar-se. Somente no concilio de Calcedônia do ano 451 foram encontrados mais de 40 bispos analfabetos, sendo que os Papas que viriam a seguir mal falavam latim e muito menos dominavam o grego.
Assim, em 553, durante um tumultuado concilio sob pressão imperial e posterior responsabilidade do Papa Virgílio, a Igreja deu o último golpe de morte aos resquícios do seu passado judaico, com o objetivo de fundamentar o controle espiritual sobre todos os seus fiéis e tornar independente sua doutrina de qualquer outra religião. Nesse ano, colocou um fim definitivo ao credo reencarnacionista. A total condenação desta crença foi imposta no concílio de Constantinopla II, dentro do qual foi promulgada uma lei radical que declarava: *"Todo aquele que sustenha a mística idéia da preexistência da alma e da maravilhosa opinião de seu retorno será condenado e amaldiçoado". Em outras palavras, quem acreditasse nesta possibilidade (de reencarnar) seria perseguido e castigado. Isto, obviamente, contrariando o próprio evangelho, já que em João (9:1-3), no trecho chamado de "A cura de um cego de nascença", os apóstolos perguntam a Jesus: "... Rabi, quem pecou? Ele ou seus pais? E Jesus respondeu: Nem ele nem seus pais pecaram, mas é para que nele sejam manifestadas as obras de Deus".*

Neste simples exemplo, é possível apreciar que a condição de haver nascido cego estaria, no conceito dos apóstolos, vinculada a uma ação anterior ao próprio nascimento, ou a uma ação dos seus pais antes dele nascer. Isto se caracteriza como a crença de uma existência anterior à atual e, ao mesmo tempo, a aceitação da Lei de causa e efeito (Karma). E este pensamento fazia parte do discurso de muitos clérigos da Igreja, como o próprio Orígenes e outros também importantes nos primeiros séculos do cristianismo. Porém, embora curioso, existem várias versões históricas sobre a razão pela qual o assunto reencarnação foi retirado do cristianismo.

Durante décadas o tema parece haver provocado sérios problemas ao exercício da atividade pastoral, comprometendo de certa forma o submetimento dos fiéis, tendo em vista que o mesmo enfraquecia o poder crescente da Igreja, dando aos homens tempo demais para buscarem a salvação, razão pela qual foi declarado herético o conceito da reencarnação. Mas, numa das supostas versões, encontramos a referência de que aparentemente foi o imperador bizantino Justiniano I o principal articulador deste ponto, havendo exercido grande influência para banir os ensinamentos da pré-existência da alma e o retorno condicionado do seio da doutrina e dogma da Igreja Católica Romana.

Em princípio, pelo que se conhece de forma geral, quase todos os historiadores da Igreja acreditam que a doutrina da reencarnação foi declarada herética durante o Concílio de Constantinopla II em 553 d.C. No entanto, a condenação da doutrina parece dever-se a uma ferrenha oposição de interesses essencialmente pessoais do Imperador Justiniano I, que nunca esteve ligado aos protocolos do Concílio. Segundo Procópio, a ambiciosa esposa de Justiniano, filha de um guardador de ursos do anfiteatro de Bizâncio, era na realidade quem manejava o poder à sua vontade. Ela iniciou sua rápida ascensão até o trono como simples

cortesã. Sendo que, para se libertar de um passado que a envergonhava, ordenou, mais tarde, a morte de quinhentas antigas "colegas de atividade" e, para não sofrer as conseqüências dessa ordem cruel em uma outra vida, como pregonizava a Lei do Karma, empenhou-se em abolir toda e qualquer referência à doutrina da reencarnação, pois no dogma cristão bastava um arrependimento "sincero" que o pecado estava perdoado e a possibilidade de ganhar a vida eterna no céu era completa.

Desta forma, e servindo aos interesses familiares, o imperador Justiniano I, sem levar em conta o ponto de vista Papal, declarou, em 543 d.C., guerra frontal aos ensinamentos de Orígenes, condenando-os por meio de um sínodo especial. Em suas obras *De Principiis* e *Contra Celsutn,* Orígenes (185-253 d.C.), o grande padre da Igreja, tinha reconhecido, abertamente, a existência da alma antes do nascimento e sua dependência de ações passadas. Ele pensava que certas passagens do *Novo Testamento* poderiam ser explicadas somente à luz da reencarnação.

Foi pois no concilio convocado pelo imperador Justiniano I, que só participaram bispos do Oriente (ortodoxos) e nenhum de Roma, onde as coisas foram ajeitadas. Desta triste forma, o Concilio de Constantinopla, o quinto dos Concílios Ecumênicos, não passou de um encontro, mais ou menos de caráter privado, organizado por Justiniano I, que, mancomunado com alguns vassalos, excomungou e maldisse a doutrina da preexistência da alma, apesar dos protestos do Papa Virgílio, com a publicação de seu *Anathema.* Segundo consta referido por alguns historiadores, após quatro longas semanas de discussão, a conclusão obtida do Concílio teve de ser submetida ao Papa para ratificação. Na verdade, os documentos que lhe foram apresentados (denominados *Três Capítulos)* versavam apenas sobre a disputa a respeito de três eruditos que Justiniano I, há quatro anos, havia declarado heréticos por um edito. Os trabalhos nada continham sobre Orígenes ou sobre o tema

reencarnação. Os seguintes Papas que sucederam a Virgílio como Pelágio I (556-561), Pelágio II (579-590) e Gregório (590-604), quando se referiram ao quinto concílio, também nunca tocaram no nome de Orígenes. A Igreja aceitou passivamente o edito de Justiniano I, declarando oficialmente como conclusão final que: *"Todo aquele que ensinar esta fantástica preexistência da alma e sua monstruosa renovação será condenado."* Portanto, segundo esta versão, a proibição da doutrina reencarnacionista não passou de uma censura interesseira às idéias de Orígenes e de uma manipulação do poder, não contendo qualquer validade eclesiástica.

Mas, conforme foi possível identificar numa outra versão, encontramos que a necessidade de impor e restringir o comportamento dos fiéis fez com que dogmas fossem criados na intenção de submeter o comportamento da comunidade e assim controlar sua atividade. Nesse sentido, o Papa Virgílio teria visto nos interesses de Justiniano I também os interesses da Igreja, onde aceitar tal situação seria conveniente para deter, definitivamente, o poder sobre a vida, a morte e a alma dos fiéis. Desta forma, a Igreja estabelecia as regras não apenas de como viver, mas as penalidades eternas para quem as infringisse. E isto ficou claro nos concílios de Lyon (1274) e de Florença (1439), onde céu, inferno e purgatório se consolidaram nos moldes gregos sem mais discutir, como a morada da alma ao findar a vida física. Aparentemente, o homem, agora intérprete de seus interesses, utilizava a imagem de Jesus apenas para justificar seus próprios desígnios e determinações, negociando convenções para atender às necessidades do momento. A Igreja sabia o que era melhor para todos, mesmo que para isso fosse necessário negar ou modificar tudo o que Jesus havia dito ou acreditado como judeu.

Desta forma, séculos mais tarde, e sob uma nova condição de existência, o cristianismo se havia expandido em quase toda a Europa numa cruzada

cruel e despótica contra o paganismo e no objetivo de levar a "verdade" aos ignorantes da fé. O fanatismo havia tomado conta de todos, inclusive do estado, dando exemplos de absurda repressão.

Assim, por volta de 613, o rei Sisebuto da Espanha obrigou a todos os judeus e fiéis de outras religiões do país a aceitar o batismo, sob um argumento bastante convincente, o exílio ou a morte. Um ano mais tarde, em 614, a lendária Jerusalém resultava capturada pelos Persas, sendo que três anos depois acabaria retomada pelos cristãos, massacrando seus ocupantes e proibindo o ingresso de judeus.

Mais adiante, em 629, a França também aderiu à conversão forçada, ameaçando com a expulsão ou a morte a quem não se fizesse cristão. O autoritarismo, a perseguição e o radicalismo começavam a destruir os preceitos de respeito, irmandade e amor à vida que, séculos atrás, um simples carpinteiro havia procurado ofertar a um mundo quase selvagem.

A riqueza, a opulência e a ostentação passavam a invadir cada vez mais o centro da cristandade. Assim, no ano de 683, pela primeira vez, é sepultado um Papa em São Pedro no Vaticano, cabendo ao Papa Leão II (682-683) tal honraria. O luxo de seu funeral e o requinte do seu túmulo revoltariam qualquer antigo apóstolo de Jesus.

Nos séculos posteriores, entre o VI e o VII, os Papas ficaram apenas no trono por períodos curtos, entre dois a três anos quanto mais. Isto porque, na sua maioria, eram homens velhos e doentes, colocados no ponto mais alto da Igreja como um prêmio por serviços prestados. Mas nem tudo seria desta forma e nem sempre as coisas acabariam bem. Tal é o caso da eleição do Papa Sisínio, elevado ao sólio no dia 15 de janeiro de 708. O homem estava tão doente de artrite, que sequer conseguia comer, a ponto de permanecer no Papado por apenas vinte dias. Para complicar ainda mais a situação, a Igreja dava sinais de que seguir os desígnios de Deus era vencer e colocar-se por cima do mundo e de qualquer um. Desta

forma, no dia 26 de março do ano de 752, Estevão II foi eleito Papa, sucedendo a um outro Estevão II, eleito em 22 de março, que permaneceu no pontificiado por apenas quatro dias quando faleceu. Nesse mesmo ano, os longobardos avançavam pela Europa, representando uma séria ameaça ao mundo cristão, em especial a Roma. Numa hábil e lamentável atitude, Estevão II forjou um documento, o qual apresentou ao rei Pepino, o Breve, rei dos francos. O suposto documento, datado de 30 de março de 315 e denominado de Doação de Constantino, o qual ostentava a assinatura do próprio Constantino, rezava, em síntese, que o Imperador outorgava à Igreja poder acima do estado. Isto é, no texto, ficava claro e determinado que o Papa, sucessor de São Pedro e Constantino, tinha poder acima do Imperador, tendo condições de nomear e coroar quem considerasse apto aos olhos de Deus, assim como de destituir.

Desta forma, Estevão II fez de Pepino e seu filho, Cario Magno, patrícios romanos na abadia de Saint Denis, em troca de sua proteção contra os longobardos. Sendo que, mais tarde, no ano 800 e por mãos de Leão III, Cario Magno seria coroado como Imperador do Sacro-Império Romano. Desta fraude, eis que surge a tradição de que alguém somente poderá ser sagrado rei ou imperador pelas mãos da Igreja e não de outra forma, já que o poder da Igreja é o poder de Deus.

Será somente em 1440 que o colaborador pontifício, Lourenço Valia, realizando uma minuciosa análise da Doação de Constantino, afirmará que o documento é totalmente falso. Porém, somente conseguirá publicar suas conclusões por terceiros em 1517, vindo a servir a Lutero para elaborar suas críticas.

Os séculos posteriores assim como os seguintes Papas se encarregaram por demonstrar que não somente o tempo se distanciava do dia em que Jesus predicou pela primeira vez na Galiléia, mas também como suas

palavras ficaram perdidas e esquecidas. A temida e sádica Roma de Nero voltava à vida encarnada nos representantes de Deus.

CAPÍTULO VI
A Religião dos Homens

Depois do ano 880 aproximadamente a Igreja de Roma se transformou num verdadeiro covil de ladrões, assassinos e dementes. Durante os séculos IX ao X, isto é, em apenas 150 anos, houve um total de 35 Papas. Não porque fossem velhos e doentes desta vez, bem ao contrário, na sua maioria eram adolescentes, mas porque foram assassinados.

A loucura nas altas esferas da Igreja era tanta que crimes e absurdos se sucederam num volume incrível. Assim, temos que, em maio de 896, foi eleito o Papa Estevão VI, por influência do duque de Spoleto, que permaneceu no sólio pontifício até 897, para logo acabar preso e morrer estrangulado. Este Papa em particular envenenou seu antecessor o Papa Bonifácio VI (896), ficando célebre por realizar o que foi chamado de "Sínodo Cadavérico".

Tomado pela loucura, desenterrou o corpo do Papa Formoso (891 - 896), morto fazia nove meses. Estevão VI, vestiu o cadáver e o sentou no trono e procedeu a interrogá-lo pessoalmente em junho de 897. O cadáver de Formoso foi culpado de subir ao Papado por meios espúrios e por pertencer ao bispado de um outro lugar, o que invalidava sua possibilidade de eleição como bispo de Roma e anulava sua autoridade. Na verdade, Formoso havia coroado rei ao príncipe Arnulfo da Alemanha, em vez do príncipe Lamberto de Spoleto, que se utilizou de Estevão para perpetrar a sua vingança e invalidar a coroação de seu adversário. Como castigo, o cadáver de Formoso teve três dedos

decepados e o corpo jogado no rio Tibre. Mas, as loucuras não morreriam tão cedo.

Tal é o caso do Papa Sérgio III (904-911), que após assassinar seu antecessor, desenterrou mais uma vez o corpo do Papa Formoso e o condenou novamente. Este Papa, contando na época com 45 anos, teve como amante uma jovem de 15 anos, Marozia, da família dos Teofilato, com quem teve um filho. Dois Papas sucederam a Sérgio III: Anastácio III, que permaneceu apenas três anos e morreu envenenado; e Lando, que reinou por apenas dois anos. Ambos reinaram sob comando e dependência da nobreza romana, sempre beneficiando seus patrocinadores. Mas, a mãe da jovem e formosa Marozia, Teodora, se envolveria logo com um novo amante, que se transformaria em Papa, assumindo o nome de João X (914-928), com quem teve uma filha chamada também de Teodora. Este Papa morreria estrangulado numa prisão em 2 de julho de 928 a mando de Marozia, pois o mesmo teria assassinado seu marido, Alberico I de Toscana. Este Papa havia nomeado uma criança de apenas cinco anos de idade como arcebispo de Reims.

A esta seqüência, se somaram os Papas: Leão VI, colocado no sólio por influência de Marozia em 928, o qual permaneceu por apenas seis meses, e, a seguir, Estevão VII (928-931), que teve cortados o nariz e as orelhas ainda em vida, elevado ao Papado também por Marozia e o conde de Túsculo. Estevão, permaneceu apenas pouco mais de três anos, e ambos os papas morreram assassinados em circunstâncias misteriosas.

A essa altura, o filho de Marozia com o Papa Sérgio III contava com 20 anos apenas quando foi transformado no Papa João XI (931-935). Sendo que, no ano 932, o jovem Papa João XI oficiava em Roma o matrimônio de sua mãe com o terceiro esposo, irmanastro de seu falecido marido, Hugo, rei de Provenza. O Papa João XI, morreria com pouco mais de 25

anos na prisão do palácio de Latrão, onde foi recolhido pelo seu irmão Alberico II.

Passados os Papas Leão VII, Estevão VIII, Marino II ou Martin III e Agapito II, a famosa Marozia conseguiu ver seu neto ser Papa. Este foi Otaviano, filho de Alberico II, que assumiu o sólio pontifício em 955 com apenas 16 anos, vindo tornar-se João XII (955-964). Este Papa foi abominado e odiado por todos, principalmente depois de haver criado pecados desconhecidos, realizado incesto com a sua mãe, copulado com a sua sobrinha e com a amante do seu pai, além de ter formado um harém no palácio de Latrão, inclusive, por premiar seus "companheiros" de orgias com os cálices de ouro de São Pedro, havendo, numa ocasião, brindado em homenagem a Satanás no altar-mor da catedral. Tais foram os excessos cometidos por ele que teve de fugir numa oportunidade de Roma para Tivoli. Morreu com apenas 26 anos de um golpe na cabeça, perpetrado por um marido que o flagrou no leito da amante.

Logo depois, foi eleito Leão VIII (963-965) por exigência do Imperador Oton I ou Otão I. Porém, Benedito V ou em português conhecido por Bento V (964-965), que em 964 fugiu de Roma após estuprar uma jovem, foi logo eleito Papa em substituição de Leão VIII. Após violentas brigas entre ambos para definir quem seria o verdadeiro Papa, o Imperador Oton I sentou no sólio a um terceiro, o Papa João XIII (965-972), que caracterizou-se pelos requintes de crueldade contra seus inimigos.

Na seqüência, veio Bento VI (973-974), que foi assassinado na prisão meses depois pelo conde Crescêncio e o cardeal Bonifácio Franco; sendo este último o novo Papa sob o nome de Bonifácio VII (974). Logo subiu ao poder Bento VII (974-983), outro que morreria flagrado por um enciumado marido, num ato de adultério no leito de uma amante.

As loucuras da época não tinham tamanho. Os Papas que se sucederam como João XIV (983-984), Gregório V (996-999) e outros mais, também

foram assassinados. O mesmo que ocorreria com Bonifácio VII (984-985) que teria retomado o poder assassinando João XIV no castelo de Santo Ângelo.

O dinheiro, o poder e a sede de privilégios entre as famílias dominantes não conheciam barreiras ou dificuldades, movendo céus e terra para conquistar seus objetivos, mesmo que tudo isso pudesse ser uma afronta à prédica de Jesus. Desta forma, em novembro de 1032, após a morte do Papa João XIX, membro da casa dos Túsculo, os mesmos consideraram que o poder deveria permanecer na família. Assim, Alberico III gastou uma fortuna para colocar o seu filho Teofilato no sólio, assumindo o nome de Bento IX (1033-1044), em janeiro de 1033. O incrível era ter um Papa de apenas 11 anos de idade dirigindo os desígnios do universo espiritual cristão. Caberia saber o que Jesus pensaria ao ver tudo isso acontecer?

Este Papa realizou as mais absurdas loucuras, gerando revoltas por parte da população e tendo de fugir da cidade. Chegou ao cúmulo de vender sua abdicação por mil liras de prata a João Graciano, que veio a se eleger como o Papa Gregório VI, em substituição ao Papa imposto pela população, Silvestre III. O mais absurdo de tudo é que, mais tarde, Bento IX retornaria ao Papado por várias vezes (em 1045 e em 1047 até 1048), dando continuidade às suas loucuras e megalomanias.

Após a eleição de Papas que pagaram para serem eleitos, e outros tantos colocados por reis e imperadores, seria com o Papa Gregório VII (1073-1085) que ocorreria a última eleição de um Papa em que se dependeria da presença e da confirmação de um rei, imperador ou delegados imperiais. Seria com este Papa que o relacionamento com a monarquia e impérios passaria a uma nova etapa.

Foi com Hildebrando, agora Gregório VII (1073-1085), que o poder da Igreja se consolidou, e as falsificações cobraram impulso para garantir o

poder total da Igreja por cima do estado. A situação chegou a tal ponto que um príncipe ou rei correria grave risco opondo-se ao Papa. Poderia simplesmente ser deposto e perder sua autoridade, assim como seu prestígio. Tal foi o castigo sofrido pelo Imperador do Sacro-Império Romano, Henrique IV, que foi terrivelmente humilhado pelo Papa na fortaleza de Matilde, em Canosa, entre os Apeninos, a uns 33 quilômetros ao sudoeste de Parma no ano 1077.

Por outro lado, tão logo havia sido eleito Papa, Gregório VII procurou reformar absolutamente tudo. Inclusive rompeu em definitivo com a Igreja de Bizâncio (Constantinopla) e acabou com o matrimônio dos clérigos, pois o celibato era coisa que ninguém obedecia. Cabe destacar que o objetivo desta retomada do celibato, inclusive sob pena de castigo caso não fosse respeitado, respondia a um objetivo pouco louvável. O Papa simplesmente não desejava que as propriedades da Igreja fossem repartidas entre os dependentes e herdeiros dos clérigos falecidos, mantendo desta forma as propriedades apenas dentro da Igreja. Esta atitude gerou por parte de um grupo de bispos italianos a realização em 1076 de um concílio em Pávia, onde lançaram a excomunhão contra o Papa por separar os maridos-sacerdotes de suas esposas, e por preferir a promiscuidade do clero, a matrimônios assumidos e aceitos. A questão do celibato somente seria finalmente resolvida no século XVI durante o Concílio de Trento por uma simples imposição. De qualquer forma, todas as mudanças realizadas por Gregório VII ficaram marcadas na vida e na linguagem da Igreja. Por sua obra e desígnio, o Papa abandonou a condição de vigário de São Pedro, e passou oficialmente a ser o vigário de Cristo, dando a entender que ser Papa é ser o representante de Cristo na Terra e não apenas seu apóstolo.

Este Papa morreu no exílio em Salerno, desterrado por quem humilhara ao extremo e a quem havia excomungado quatro vezes, Henrique IV, que

após julgá-lo colocou no sólio a Guiberto de Rávena como o Papa Clemente III (1080-1100) que não aceito foi considerado anti-Papa. Os cardeais em desacordo escolheram a Vítor III (1086-1087) que, logo depois, retirou-se e indicou a Urbano II (1088-1099) que, além de expandir o cristianismo pela Turquia, Síria e Palestina, combateu acirradamente toda e qualquer atividade da Igreja bizantina.

É neste período que surgem as famosas cruzadas. Sendo a primeira entre 1096 e 1099, cujo objetivo era reaver os santos lugares e, obviamente, para articular ações de interesse econômico que viessem a lesar a Igreja bizantina, os árabes e os judeus. A primeira cruzada foi organizada pelo Papa Urbano II durante o concílio de Clermont, contando com duas expedições, sendo que somente a segunda chegou ao seu objetivo.

Na segunda expedição da primeira cruzada, sob comando de Godofredo de Bouillon, o mesmo conseguiu tomar Jerusalém no dia 15 de junho de 1099, queimando vivos os homens, mulheres e crianças residentes, em nome de Deus, pois todos foram considerados hereges.

As loucuras da época não tinham tamanho. Em 1163, o Papa Alexandre III proibiu a todos os clérigos o estudo da física por considerá-la desnecessária e herética. Logo depois, em 1182, o atual Papa Lúcio III promulgou a bula *Ad abolendam,* ordenando aos clérigos a fazer a "inquisição" em busca de heresias, dada a situação existente de influência estrangeira entre os cruzados, isto é, nos participantes das cruzadas e naqueles que chegaram ao ocidente, além da pressão dos cátaros e de outras seitas cristãs. Alguns historiadores consideram esta passagem como os primeiros passos do surgimento do Santo Ofício de forma não-oficial.

Até 1192, mais duas cruzadas foram realizadas, todas elas acabando em total fracasso e na perda de Jerusalém para o sultão Salah Al-Din Jusuf,

também conhecido por Saladino I. Sendo que foi a terceira cruzada que contou com a presença do famoso rei Ricardo Coração-de-Leão.

Mas toda a megalomania e prepotência que Gregório VII havia distribuído fartamente durante seu reinado perdeu para Inocêncio III (1198-1216), que quis ser, em poucas palavras, o dono do mundo.

No dia 8 de janeiro de 1198, o cardeal Lotario, pertencente à família dos Túsculo, havia sido eleito Inocêncio III com apenas 38 anos de idade ao ouvir do seu oficiante: "Aceita esta tiara e tem presente que tu sois pai de príncipes e reis, governador do mundo, vigário de Nosso Salvador Jesus Cristo sobre a Terra, cuja honra e glória preservarão através da eternidade".

Nesta cerimônia, que teria escandalizado ao próprio Jesus, ninguém acreditou tanto nestas palavras quanto o próprio Inocêncio III. Com seu desejo de conquistas, empreendeu a 4ª cruzada em 1202, tendo no comando Bonifácio de Montferrat e Balduino de Flandres. Os soldados de Deus sob comando da Igreja invadiram Constantinopla em 1204, saqueando totalmente a cidade, além de massacrar os homens, estuprar mulheres e freiras, roubar relíquias e tesouros da antiga catedral de Santa Sofia e assaltar os túmulos dos imperadores.

A visão que Inocêncio III apresentava da Igreja e do mundo foi algo espetacular. Segundo ele interpretava, a Igreja era a alma e o império, o corpo do mundo. Para ele, a Igreja era o Sol e o império, a Lua, pálida e tímida que refletia a luz no planeta da Igreja de Cristo. Segundo argumentava, o Papa não é o vigário de nenhum homem, mas de Cristo, por isso reis e imperadores devem sempre inclinar-se na presença de um Papa. Por outro lado, a sua visão do homem não era menos criativa nem menos impressionante. Na sua obra De Contemtu Mundi podemos ler o seguinte: "... O homem é concebido por meio de sangue estragado e a única companhia do seu cadáver são os vermes e o túmulo. Vivo produz

piolhos; morto produz vermes e moscas. Vivo produz escrementos e vômitos; morto, fedor e podridão. Vivo engorda somente a si mesmo; morto engordará milhares de vermes. Para que servem as riquezas, os banquetes, os prazeres? O mãe, por que gerou este filho da amargura e da dor? O indigna baixeza da condição humana! Olhem para as ervas e as árvores, elas produzem flores e frutos e você só produz piolhos. Elas oferecem óleo, vinho e perfumes, no entanto você só produz escarro, fezes e urina. Elas exalam uma fragrância de perfumes; você só emana o fedor da sua corrupção...".

Realmente a visão humana deste Papa não era otimista nem simpática. Bem ao contrário, com o tempo, apenas acumularia a fama de cruel, frio, ambicioso e de menosprezar o ser humano. Foi este Papa quem elegeu o primeiro rei, Oton IV, considerado eleito pela "graça de Deus e do seu pontífice". Seu poder chegou a tanto, que colocou toda a Inglaterra sob castigo durante anos, havendo sido exemplo de um dos mais sangrentos e poderosos pontífices, chegando a afirmar: "... *Todo clérigo deve obediência ao Papa, inclusive se este ordena fazer o mal; porque ninguém é capaz de julgar o Papa...".* O curioso é que um dia, em 1209, conheceu um jovem maltrapilho de nome Francisco a quem julgou demente e fora de toda a realidade, não lhe dando qualquer atenção, pois estava preocupado em governar o mundo, reconhecendo apenas seu movimento assim como suas boas intenções. Agora, agonizante e defronte à pequena cidade de Assis, o dono do mundo, que havia deposto e nomeado reis à vontade, falecia. Com o tempo, o mundo se esqueceria deste Papa e de sua cruel megalomania, mas lembraria eternamente do jovem desmiolado e idealista que nunca desejou nada para si, apenas amar as criaturas de Deus, assim como ao irmão Sol e à irmã Lua.

Entre todas estas loucuras de uma época, a necessidade de uma polícia secreta e de um tribunal que pudesse calar a boca daqueles que, de

alguma maneira, expusessem os excessos da Igreja, se fez mais que imperiosa. Todos aqueles que representassem qualquer perigo e até os judeus, foram vítimas desta "santa" caçada. Os judeus em particular já sofriam de uma lamentável segregação desde os tempos da oficialização do cristianismo em Roma, tendo a sua situação comprometida a cada momento em que se fortalecia a instituição cristã. Inclusive, vindo a enfrentar uma acirrada perseguição desde o IV Concílio Lateranense de 1215, convocado pelo Papa Inocêncio III, no qual haviam sido emitidos decretos que os afetava por toda a Europa de forma injusta e radical. É nesse período que Inocêncio III institui e oficializa a Inquisição. Além do mais, nas leis impostas pela Igreja no concilio, obrigava-se de forma inescrupulosa a que os cristãos reprimissem de forma exemplar os judeus, segregando-os de qualquer atividade. A situação chegou a tal ponto que em 1240 na França foi dado início a um processo de condenação sumária à leitura do *Talmud,* promovendo uma queima enorme desses livros em Paris.

Desta forma, e sob a aura de um iminente saneamento doutrinai, o famoso Santo Ofício ou Inquisição inicia sua atividade de maneira abrangente durante a gestão do Papa Gregório IX (1227-1241), que a regulamentaria entre os anos 1227 e 1233, como procedimento eclesiástico empregado contra as heresias, confiando sua execução aos dominicanos. O objetivo aparente e público seria o de destruir, radicalmente, toda e qualquer influência religiosa negativa ou prejudicial que afastasse os ignorantes e ingênuos do caminho da verdadeira fé. Assim, durante o concilio de Toulouse, em 1229, institui-se um tribunal permanente para julgar os hereges, ou qualquer um que atentasse contra a Igreja e seus fiéis. Mais adiante, em 1542, a Inquisição Romana foi orientada pelo Papa Paulo III (1534-1549) contra a difusão da Reforma Luterana, vindo a funcionar como um verdadeiro tribunal. Sendo que, em

1586, o Papa Sixto V (1585- 1590) a transforma na famosa "Congregação do Santo Ofício Romano", sendo suprimida em definitivo apenas no dia 26 de março de 1966, por instrução do Papa Paulo VI (1963-1978).

Toda esta empreitada levou à morte milhares de pessoas, como o ocorrido nas mãos de Pierre De Lancre, juiz do parlamento de Bordeaux, somente ele assassinou mais de 500 pessoas entre adultos, jovens e até crianças. A loucura era tal, que em 1596 na França, o juiz Rémy de Nancy, em apenas alguns anos, queimou mais de 800 mulheres sob a acusação de bruxaria, chegando a afirmar: "... *Minha justiça é tão boa que no ano passado houve 16 bruxas que preferiram suicidar-se para não passar pelas minhas mãos...".* Somente até o século XVI na Espanha, França, Alemanha e Bélgica o famoso Santo Ofício executou mais de 50.000 pessoas sob diversas acusações. Infelizmente, ao findar a Idade Média por volta do século XVII, o governo do terror deixou para trás a vida de inúmeras pessoas, inclusive da recém-descoberta América. Milhares de pessoas do mundo dessa cruel época pereceram torturadas e foram executadas sem piedade em nome de um estranho Deus, cujo filho teria vindo para resgatar o amor ao próximo e o valor da vida. Todas elas vítimas de uma radical e fanática interpretação humana do que significa "ser fiel a Deus". Uma interpretação em que, a verdade da fé, vale mais que qualquer vida.

No decorrer da história, em 8 de maio de 1343, foi eleito o francês Clemente VI (1343-1352), outrora Pierre Roger de Beaufort, um monge beneditino, arcebispo de Rouen e chanceler do rei da França. Como não gostava da Itália e dos italianos, havia transferido o centro religioso do cristianismo de Roma para Avinhão na França, a qual comprou por 18.000 florins. Uma tradição em que o haviam precedido os Papas Celestino VI, João XII e Bento XII.

Este Papa, Clemente VI, sabia como gastar, transformando em uma eterna festa seu reinado. Numa oportunidade afirmou: "... *Antes de mim, ninguém tinha idéia de como ser Papa...".* Seu principal objetivo foi aproveitar a vida e satisfazer os desejos de seus súditos mais próximos, o que realizou sem reparar em gastos, a ponto de as ferraduras dos cavalos dos hierarcas serem de ouro. Se o desejo era ter imóveis, era assim feito. O que provocou que alguns cardeais chegassem a ter mais de quatrocentas luxuosas residências. Se o desejo implicava em ter à disposição formosos rapazes ou belas senhoras, não havia problema, aquilo seria de imediato providenciado. Tal era o excesso, que Petrarca, o grande literato e poeta da época, demonstrou seu descontentamento afirmando: "... *Avignon é a vergonha da humanidade, uma vertente de vício, cloaca que recolhe todas as sujeiras do Universo...".* Clemente VI teve na condessa de Turena, filha do conde de Foix, uma das suas grandes aventuras, embora não tenha sido a primeira nem a última. O fim deste discípulo de Vênus e de Baco chegou em três de dezembro de 1352 em Roma, dia em que um raio se abateu sobre o Vaticano. O que muitos atribuíram a um sinal de Deus.

Um grande número de Papas virão a seguir, cada um deles mudando o curso da história. Quando Francesco delia Rovere se tornou Sixto IV em 1471, o mesmo tinha ao seu lado um grande número de filhos, ou também denominados "sobrinhos". Dentre eles, estava Pietro Riaro, em que o historiador Theodor Griesinger assinala como filho tido com a sua própria irmã. O jovem Pietro foi eleito por Sixto IV, bispo de Treviso, cardeal arcebispo de Sevilha, patriarca de Constantinopla, arcebispo de Valência e arcebispo de Florença. Porém, consumido pelo vício e a promiscuidade Pietro morreria jovem.

Sixto IV foi o responsável pela edificação da capela italiana que leva o seu nome, decorada mais tarde por Miguel Ângelo Bonarotti. Porém, este

Papa ficou famoso, não pela capela e seus excessos, mas por ter descoberto uma inesgotável fonte de riqueza para a Igreja.

Por volta do século X, já era famosa a venda de relíquias e o enriquecimento por este comércio. Peças, relicários, ossos e até corpos inteiros de mártires ou santos eram vendidos para os laicos, Igrejas ou clérigos que fizessem a melhor oferta. Porém, era difícil manter o comércio de algo que se esgotava facilmente. Embora desse para falsificar muita coisa, teria sempre um limite. Assim, surgiu o comércio das "indulgências" ou "perdão", utilizadas já no início das cruzadas. Este benefício implicava no pagamento de uma soma de dinheiro para que o Papa assinasse uma espécie de certidão em que todos os pecados do pagante estavam perdoados, sendo isto ainda em vida. Sixto encarregou-se de estender as indulgências para mesmo depois de morto. Em outras palavras, se a família tivesse dúvidas com relação à situação de algum familiar falecido, bastava pagar a indulgência que, imediatamente, seus pecados seriam perdoados e, assim, transferido de onde estivesse para o paraíso.

Sixto IV encontrou nas indulgências pós-morte uma mina de ouro inesgotável, além de ter dado impulso e força ao Santo Ofício (Inquisição) na sua bula de 1478. Somente em Andaluzia, Espanha, em 1482 mais de mil pessoas foram executadas pela Inquisição como hereges.

Ironicamente, em 1648, quando da realização do tratado de paz que finalizava a Guerra dos Trinta Anos em Westfalia, o rei decidiu outorgar igualdade de direitos a todos aqueles cuja crença diferisse do estado, mas o Papa Inocêncio X condenou radicalmente tal atitude, conflitando severamente com o rei. Uma atitude assim havia dado ao cristianismo, séculos atrás, a condição de existir, oportunidade que o catolicismo agora negava aos demais.

Além do mais, o fanatismo católico e a segregação contra outras religiões não tiveram limites. Em 1380, uma decisão do Parlamento francês proibiu o estudo da química, reportando-se a um decreto do Papa João XXII. E durante o pontificado do Papa Paulo II (1464-1471), o mesmo decidiu, para evitar motins por parte do povo, instituir e incentivar o carnaval. Para tanto, eram organizadas festas e corridas de búfalos, cavalos e burros ao longo das avenidas principais, as quais foram chamadas de "Corsos". Mas a nota pitoresca disto, conforme registrou o historiador Gregoróvius no seu trabalho *Passeggiate per l'Italia: Roma e Lazio,* é que o Papa mandava colocar um grupo de judeus previamente engordados para correr junto com os animais, produzindo um espetáculo "mais interessante", dada a sua dificuldade. Sendo que, o Papa, assistia ao "divertido" espetáculo da sacada do palácio de São Marcos, ao lado da elite dominante.

Mas os absurdos de uma época chegaram também para o jovem continente, obrigando em 1512 ao Papa Júlio II a decretar que os índios da recém-descoberta América também eram seres humanos pois possuíam uma alma imortal, em função dos massacres que vinham sendo realizados por considerá-los apenas animais. Sendo que as loucuras continuavam também em outros níveis. Assim, em 1564, a Santa Inquisição condenou à morte o médico e curandeiro André Vesalio, fundador da anatomia moderna, por ter aberto um cadáver e afirmar que ao homem não faltava a costela da qual fora feita Eva. Além de outras significativas perdas científicas como a morte de Giordano Bruno em 1600 pelas suas idéias astronômicas. Nesse período, as razões para morrer na fogueira eram das mais curiosas. Como no caso ocorrido em 1655, com o Sr. Isaac De La Payrere que foi queimado vivo em Paris por afirmar que Adão e Eva deram origem a uma única raça e que, provavelmente, seria a judia.

De igual forma que os Papas durante esse nefasto período as diversas seitas cristãs que surgiram e sobreviveram paralelamente nasceram convencidas, e continuam assim ainda hoje, de seguirem, palavra por palavra, o que Jesus dissera durante sua vida.

Realmente, mais de uma religião se havia fundamentado, mas religiões construídas e formalizadas apenas por homens. Sua forma, roupagem, dogmas, normas, sacramentos e hierarquias resultavam apenas numa estrutura que havia perdido seu conteúdo original, dando espaço aos desejos e anseios dos interesses vigentes, assim como às megalomanias egoístas de poucos.

A realidade histórica nos mostrava que, matar, torturar, ambicionar poder, destruir, perseguir, segregar, impor, reprimir, falsificar e mentir, tudo isto em nome de Jesus, foi algo tão normal quanto natural ao longo da história da Igreja. Aparentemente, a dor e a morte não eram páreo frente à ignorância de estar fora da "verdadeira" fé. Desta forma, tudo se justificava, até destruir o que for ofensivo ou aquilo que barrar o caminho da conversão, desde sonegar informação até torturar.

A história e os documentos existentes nos têm demonstrado, claramente, a que ponto as palavras do carpinteiro da Galiléia pareciam referir-se a toda uma outra realidade, distante daqueles que se diziam seus seguidores.

Um homem veio há 2.000 anos para ser crucificado, torturado e escarnecido por um ideal. Qual seria esse ideal que mereceu todo esse sofrimento e sacrifício?

Mostrar-nos o significado do amor? De Deus? Ou a maravilha de compreender porque existimos, porque estamos vivos e qual é o nosso destino final?

Absurdo resultava perceber que a busca pela compreensão das palavras de Jesus até nossos dias havia gerado todas estas diversas seitas e grupos,

como: Cátaros, Arrianistas, Bogomilitas, Begardos, Coptos, Calvinistas, Luteranos, Anglicanos, Ortodoxos Gregos, Ortodoxos Libaneses, Ortodoxos Armênios, Ortodoxos Russos, Adventistas, Testemunhas de Jehová, Amigos do Homem, Anabaptistas, Antoinistas, Antroposofistas, Carismáticos, Católicos, Quaqueros, Amish, Puritanos, Darbistas, Missão Cristã, Christian Science, Encratistas, Gnósticos, Husitas, Jesus Freaks, Igreja de Cristo de Montfavet, Kimbanguistas, Mennonitas, Mesalianistas, Monaquistas, Crianças de Deus, Igreja da Unificação, Igreja do Deus Universal, Igreja Universal do Reino de Deus, Mórmons, Nova Igreja Apostólica, Metodistas, Valdenses, Pentecostais, Irmãos Livres, Palavra de Vida, Ministério da Graça, Chamada a Meia-Noite, Assembléia de Deus, Assembléia Apostólica da Fé, e muitas mais. Cada uma defendendo com unhas e dentes sua visão e entendimento, procurando ser a melhor intérprete e o melhor caminho. Como se a salvação estivesse entregue a alguém em particular, ou como se Jesus tivesse nomeado alguém como seu substituto. É claro que existem muitos pensando serem seu substituto, vale relembrar tudo o que foi escrito anteriormente. Mas, o que Jesus verdadeiramente tentou transmitir? Mesmo depois de toda essa manipulação e fraudação? Restou alguma coisa a aproveitar e que seja confiável?

Além das 12.000 versões diferentes de traduções bíblicas, algumas supostamente da original, e dos mais de 80.000 livros sobre Jesus que repletam as prateleiras de muitas livrarias, procurando ser a melhor tradução de um ideal e confundindo ainda mais a cabeça de todos, temos um universo de pessoas em desespero. Seres humanos mergulhados dentro de um mundo difícil e violento, onde a segurança inexiste e a esperança é o último consolo. Um mundo onde apenas sobreviver já é um desafio, uma batalha constante sem quartel nem descanso. Um lugar onde

a cada segundo alguém pode ser crucificado e morto social, afetiva e economicamente.

Vivemos num mundo onde a necessidade de ter esperança é tão crucial como o foi há séculos atrás, em que vida e morte eram e continuam sendo coisas rotineiras. Onde ter que padecer é algo normal e diário. Onde o futuro era e continua tão incerto quanto ter sucesso ou fracassar.

A vida nestes 2.000 anos não mudou. Agora, somos mais e com mais necessidades do que antes, além de contar com um espaço cada vez menor. A vida possui para todos nós um valor simbólico, pois desconhecemos a sua razão ou motivo aparente, e o continuar a viver se mostra como uma necessidade irracional e desconhecida, pois não entendemos o impulso que nos obriga a seguir adiante. Parece uma atitude masoquista. Viver sofrendo, viver lutando, viver representando são aspectos de uma contradição diária que atinge o ser humano desde os primórdios da civilização. Desde que se estabeleceu a necessidade de um poder central, e se formalizou a condição de dominador, surgiu um dominado. Um se beneficia e o outro sofre. Somente que esta relação continua sendo de minoria poderosa para maioria sofredora. Porém, as relações de quantidade de 2.000 anos atrás para hoje são absurdamente diferentes e a paranóia deste sofrimento está plasmada no rosto e nas atitudes do dia-a-dia. A dor de viver precisa ser aplacada. Um analgésico maior que qualquer outro conhecido deve conter o sofrimento de existir sem razão, de viver sem motivo, de lutar sem prazer, de buscar sem entender o que ansiosamente se procura, de viver sentindo-se constantemente só, de perceber-se perdido em si mesmo e angustiado pelo medo.

Apenas em 1993, a lendária Jerusalém foi visitada por nada menos que 12.808 brasileiros. Sendo que em 1995, a cifra chegou a 26.357, mais do que o dobro em relação a 93. E provavelmente a essa altura, os números

devem ter-se triplicado. Além do mais, segundo os dados do serviço de televendas da empresa Homeshopping, em três meses foram vendidas 15.000 unidades da "Cruz da Natividade", um crucifixo contendo em seu interior um fragmento de pedra da gruta de Belém. O que leva toda essa gente até esse lugar e a adquirir relíquias? Somente simples curiosidade? Fé? Um credo? Uma esperança? A necessidade de que Deus as agracie com algum milagre e redima seu sofrimento? De serem contempladas pela graça divina e que sua dor pela incompreensão da vida desapareça? Qual a razão?

O que nos leva a crer? A aceitar ou buscar uma solução miraculosa? Apenas por ser uma ou a única alternativa que nos resta? Um caminho ainda intocado pela mediocridade humana? Uma ilha mágica distante do turbilhão do mundo, onde ainda existe ou persiste a paz? Ou será que é a necessidade de aplacar o fogo interior de uma total ignorância do porque existimos? E por isso que mergulhamos na religião?

Será que o que Jesus tentou nos mostrar, seria entender esta questão, independentemente de qualquer tendencialismo o partidarismo filosófico ou doutrinário?

Talvez o que Jesus procurou dizer fosse exatamente qual é a razão da vida e qual o caminho da felicidade.

A ambição e egoísmo humanos haviam erigido uma monstruosa estrutura sobre um chamado à reflexão, construindo toda uma religião dogmatizada onde o pensamento livre e o entendimento da vida deveriam ter expandido a consciência e enaltecido o amor a todas as criaturas. Uma sombra bizarra teria coberto e apagado o brilho de um ser, que milênios atrás semeara a quebra de dogmas em busca de um Deus universal, que como um pai consciente e responsável oferta a possibilidade de descobrir o sentido da vida e a responsabilidade de viver.

Minha pesquisa logo me levaria a perceber coisas interessantíssimas, mas antes era necessário conhecer ainda mais a figura de Jesus, e isso não seria uma tarefa fácil.

Compreender o que Godar queria dizer quando me fez partir para uma pesquisa profunda havia provocado uma avalanche de dúvidas e ao mesmo tempo questões. O caminho da descoberta havia se iniciado, e agora não teria mais volta. O busto de Ilumen surgia mais misterioso e revelador que nunca. Quem foi Jesus afinal?

Capítulo VII
Os Sumérios

Desapontado, um tanto decepcionado sobre a história do cristianismo e bastante chocado pelos absurdos desse passado, não havia conseguido encontrar nenhuma pista sobre a possível natureza extraterrestre de Jesus ou qualquer coisa que pudesse justificar a existência do busto naquele planeta. Além do mais, em princípio, parecia que o resultado de sua passagem histórica poderia levar à conclusão de considerar sua missão um absoluto fracasso. Porém, resultava um absurdo pensar que toda essa loucura histórica não tivesse sido prevista com antecedência por Jesus ou por aqueles que desenvolveram o projeto de sua vinda. Se ele era ou é parte de um esquema ou projeto maior, seria possível que todo esse passado caótico já tivesse sido considerado e estivesse fazendo parte do possível plano? Seria provável que Jesus objetivasse algo que pudesse sobrepor-se a qualquer intervenção humana e sobrevivesse para se cumprir?

A pesquisa sobre o cristianismo apenas me havia demonstrado a corrupção de toda uma estrutura e prédica, colocando-me apenas numa sinuca. No passado da instituição católica não encontraria as respostas às

minhas perguntas, e isso estava mais do que evidente. Sabia agora tudo sobre a imagem e doutrina que foi oferecida para nós, assim como qual a sua credibilidade, dadas as interferências históricas. As respostas teriam de estar num passado mais distante, bem antes de toda essa corrupção e luta pelo poder ocorrer. Mas em que momento? Onde estava essa deixa para começar?

Nesta reflexão, lembrei das palavras finais do intraterrestre Joakm, quando na caverna de Marcahuasi explicou: "... *Ele é parte de todo este projeto, mas continua sendo especial, pois vive o presente no aguardo de que se cumpra o que foi escrito. Ele veio como o ELEITO que há de escolher, como mensageiro da necessidade de uma mudança de consciência, porém não veio a falar para sua época, mas com vistas ao futuro. Ele veio deixar uma charada que vararia o tempo e as distâncias, para ser reconhecida e compreendida somente por aqueles que ele procura achar. Sua vida e obra são um mapa. Suas palavras, um enigma. Quem souber ouvir que ouça, quem souber ver que veja...".*

Estava claro, segundo Joakm, que Jesus deveria estar ciente dos problemas a enfrentar com o tempo e que sua missão dizia respeito ao futuro. Mas, existiria algum documento em que realmente o próprio Jesus confirmasse essa informação? E se Jesus era ou continuava sendo um projeto, onde poderia achar uma pista histórica sobre a sua verdadeira natureza?

Para poder ter uma melhor idéia era necessário retomar um pouco alguns aspectos históricos interessantes, como o aspecto étnico. Isto é, a questão de porque Jesus nasceu entre os judeus e não entre os romanos, ou outro povo. Qual seria a razão pela qual se justificava o nascimento de Jesus entre os judeus?

Nesse momento, lembrei de outro comentário de Joakm, quando no interior da caverna afirmava: "... o projeto de enviar um alguém estava

sendo elaborado há muito tempo. O MESSIAS tão aguardado, não somente por judeus mas por tantas outras religiões, era essa promessa. Por meio de um ser escolhido, mais humano, mais homem, mais carne, seria possível mostrar a vocês o grande pulo que poderiam dar como sociedade se engajados em princípios mais elevados... Um dos problemas que enfrentamos foi o incômodo politeísmo reinante no passado. Tantos deuses jamais permitiriam que chegássemos a um ponto comum, por isso foi necessário estruturar um plano que permitisse extrair um grupo e utilizá-lo como projeto experimental. Assim escolhemos, dentro do grupo de estudo já existente, uma família. Se vocês lembram, a primeira civilização mais desenvolvida culturalmente sobre a Terra foi a dos sumérios, que na verdade resultaram em nosso primeiro projeto de desenvolvimento dirigido...".

Nesta declaração, Joakm dava a entender que o passado de Jesus estaria ligado ao povo sumério, o que de uma certa forma resultava numa dica importante. A melhor forma de poder seguir uma pista histórica com a possibilidade de encontrar argumentos de peso seria buscar as origens desta relação. Assim, temos as conclusões que poderíamos obter sobre as afirmações de Joakm arremedam a considerar os sumérios como um povo "trabalhado" pelos extraterrestres, sendo este povo o berço do judaísmo e talvez da humanidade civilizada. O fato de Jesus ser judeu significa, em princípio, que a relação sumérios/extraterrestres teria servido para a preparação de sua chegada, a construção de um determinado cenário de atuação e/ou experimentação, ou até para colher os resultados genéticos e culturais desta intervenção. Enfim, as possibilidades eram múltiplas.

O difícil de tudo isso era saber se toda essa estória poderia ter algum fundamento histórico. Afirmar e entender qualquer coisa resultava fácil, o difícil seria prová-lo. E não podia simplesmente aceitar tudo o que nos fosse dito, simplesmente porque era uma entidade diferente quem o

apresentava. Ele podia estar mentindo ou fazendo algum tipo de jogo. Por esta razão, necessitava saber da existência de achados ou descobertas que pudessem resultar em evidências históricas do relato de Joakm. Se o que esta entidade havia revelado era verdadeiro, deveriam existir registros sobre a relação entre os sumérios e os extraterrestres em algum lugar, inclusive envolvendo o próprio Jesus. Se esta cultura, dominante na sua época, responsável por influenciar o mundo desse então e do futuro, se haveria originado de uma intervenção intencional extraterrestre, necessariamente, deveria ter deixado algum vestígio a esse respeito.

Desta forma, durante longas seções de pesquisa, consegui descobrir que a presença de possíveis entidades alienígenas interferindo nas diversas culturas humanas ao longo de sua evolução não era algo tão improvável. A humanidade teria sido visitada e influenciada em diversas épocas como o sugere uma enorme diversidade de documentos antigos tais como: os *Vedas (Rig-Veda, Sama-Veda, Yadjur-Veda* e *Atharva-Veda),* os *Vedantas (Araniakas* e *Upanixades),* os *Puranas,* os *Iagamons,* o *Satapatha Brahmana, o Kojichi,* o *Huai-Nan-Tzu, o Shu-King,* o *Chuang-Tsu,* o *Liu-Shi-Ch'un'Ch'iu,* o *Feng-Shen-Yen-i,* o *Popol-Vuh,* o *Chilam Balam,* o *Kanjur,* o *Tanjur,* o *Ramaiana,* o *Samaranganasutradhara,* o *Mahabharata, o Drona Parva,* o *Bhisma Parva* e o *Vanaparvan.* E em quase todas as mais importantes lendas e mitos do antigo oriente, encontram-se relatos similares ao que Joakm confidenciou para todos nós na caverna de Marcahuasi, o que reforça a existência de um provável fundo de verdade da presença extraterrestre na antigüidade.

Para ilustrar melhor esta afirmação, podemos nos reportar a um fragmento do relato contido no *Vanaparvan,* um épico indiano escrito por volta do século II a.C., que numa passagem diz: "... *Arjuna ascendeu ao céu para obter dos seres celestiais, armas divinas e aprender seu uso...".* Como é possível que um lendário príncipe, de uma cultura remotamente

antiga, tivesse a facilidade de subir aos céus e ainda adquirir armas para combater seus inimigos? Que tecnologia existia nessa época que permitisse tal feito e que armas são essas? E a narrativa deste curioso texto não acaba aqui. No capítulo 102 do *Vanaparvan,* podemos ler: "... *Quando Arjuna retornou do céu com seu indestrutível veículo, descobriu uma maravilhosa cidade entre as estrelas... A cidade aparecia radiante girando entre as estrelas, cheia de estruturas e com seus acessos fortemente vigiados...".* Num outro trecho o texto diz: - "... *Quando Arjuna foi informado sobre a origem da cidade giratória chamada Hiranyapura* (que significa Cidade Dourada), *soube que pouco a pouco os Asuras se haviam apropriado dela, deixando os deuses de lado...".*

Para uma visão moderna, este relato descreve claramente a viagem ao espaço de um ser chamado Arjuna, que se defronta com uma estação espacial orbitando a Terra. E aqui, novamente, temos o relato da presença de entidades negativas que deixam de lado os deuses e passam a interferir no mundo. Seres que, buscando seu próprio proveito, submeteram a humanidade, sendo a mesma ajudada pelos verdadeiros deuses para se livrar dessa influência. E este não é o único relato existente. Documentos antigos narrando fatos similares, ou em que a presença e influência destas entidades foram das mais diversas, existem em grande quantidade esplalhados pelo mundo. E, por outro lado, quanto mais recuamos no tempo, mais interessantes são os relatos, pois mais parecem associados com a parafernalha tecnológica de que hoje dispomos. Tal é o caso de outros velhos textos antigos, escritos em sânscrito, que relatam sobre as divindades guerreiras que sulcavam os céus em suas carruagens voadoras chamadas de Vimanas, as quais portavam armas aterradoras e poderosas.

Num trecho do texto sagrado *Drona Parva,* escrito em sânscrito e traduzido em 1889, temos o seguinte relato: "... *Saiu disparado um projétil brilhante, possuído do brilho de um fogo sem fumaça, e os*

exércitos inimigos ficaram rodeados por um denso nevoeiro. Por todas as partes se fez a escuridão. Sopravam ventos terríveis e as nuvens se levantavam, vermelhas como sangue: os mesmos elementos mostravam a sua confusão. Girava o Sol e o mundo, calcinado pelo calor daquela arma, parecia tomado de uma febre. Os elefantes fugiam apavorados, buscando refúgio. As criaturas aquáticas se abrasavam e o inimigo caía como árvores derrubadas por um terrível incêndio... Cavalos e carros, destruídos pela energia daquela arma, semelhavam a troncos consumidos pelo fogo de um bosque. Por todas as partes se derrubavam carros e militares. E então, a escuridão se abateu sobre o exército...". Aqui temos perfeitamente a descrição de uma explosão de grandes proporções, muito próxima na descrição de uma detonação nuclear. Lembremos que a tradução deste texto é do século passado, sendo que a primeira bomba atômica a ser detonada ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial. Razão mais que poderosa para aceitar que a descrição deste velho documento com mais de 2.000 anos realmente coincide com uma realidade tecnológica hoje conhecida mas, teoricamente, totalmente desconhecida naqueles tempos. Os manuscritos antigos mencionam claramente diversos tipos de armas e tecnologias modernas, como a famosa "Seta de Indra" descrita no *Vanaparvan,* acionada por um mecanismo de reflexão circular. O qual se liga e desliga como um refletor, emitindo um raio luminoso cuja energia consumia em poucos segundos qualquer alvo, o que de imediato nos arremete a um raio laser. Ambos relatos sob a óptica de nossos dias, nos levariam facilmente a relacionar estas armas como perfeitamente atuais. Porém, estes relatos e descrições têm milhares de anos, havendo sido realizados numa época considerada primitiva e ignorante, bem distante de qualquer conceito tecnológico. De onde surgiu semelhante criatividade descritiva?

Num outro texto sânscrito apresentado por W. Raymond Drake no seu livro *Gods and Spacemen in the Ancient East* encontramos uma menção completamente fora do seu tempo e digna de um filme de ficção-científica: *"... arte de fabricar aeronaves cômodas para o viajante, como força unificadora do Universo que contribuirá para o bem-estar dos humanos... "*. Num outro trecho do mesmo manuscrito, encontramos a definição do "Vimana" como sendo *"o que se desloca por si mesmo como as aves, por terra, mar e ar"*. "Vimana" é pois o veículo capaz de viajar entre lugares, terras e mundos.

A versão inglesa deste texto, realizada por Maharishi Bharadwaja, foi publicada pela Academia Internacional de Estudos de Sânscrito de Mysore, na índia, e leva o surpreendente título de *"Aeronáutica: um manuscrito pré-histórico"*.

Se estes textos antigos, cuja antigüidade se remonta a vários milhares de anos no tempo, fazem clara referência a uma incrível tecnologia utilizada pelos deuses, apenas comparável à que conhecemos hoje em dia, resulta bem provável que em outros textos religiosos seja possível identificar eventos também voltados à atividade extraterrestre no passado. Neste caso, muitos outros investigadores consideram a própria *Bíblia* como um documento de grande conteúdo fenomenológico. Nesse sentido, alguns especialistas consideram que a estrela de Belém poderia ter sido perfeitamente uma observação ufológica como J. J. Benítez aponta em seu livro *"O OVNI de Belém"*. E isto pode ser considerado possível, já que os famosos Magos, segundo as narrativas do *Novo Testamento,* seguiram a trajetória da estrela até que ela parou sobre o local onde se encontrava o menino Jesus recém-nascido. É fato que nenhum corpo celeste poderia ter realizado semelhante feito, cabendo apenas a um objeto voador tal condição.

Um grande pesquisador de fenômenos extraterrestres em textos bíblicos, o pastor presbiteriano de Endwell, Nova Iorque, Barry L. Downing, opina que muitos milagres ou eventos de origem sobrenatural referidos na *Bíblia* poderiam ser interpretados como manifestações extraterrestres. Em vez de serem obra de espíritos ou mensageiros divinos, os anjos poderiam perfeitamente ser possíveis visitantes espaciais. Sendo que o Deus que dialoga com o homem e se mostra na imagem de um anjo referido nas escrituras também poderia ser considerado um possível ser extraterrestre desejoso de orientar os humanos em momentos críticos.

Examinando o livro do *Êxodo,* Downing assinala que, quando os judeus saíram do Egito, o "*Senhor*" ia diante deles *"de dia como uma nuvem"* e *"de noite como uma coluna de fogo para iluminar o seu caminho"',* já que assim poderiam prosseguir ininterruptamente. De acordo com Downing, aquela coluna de fogo referida no texto deveria ser perfeitamente algum tipo de objeto voador, razão pela qual recebeu várias denominações. Além do mais, considera que Moisés esteve na verdade em contato com extraterrestres e que foi deles que recebeu as Tábuas da Lei ou Decálogo, já que o texto claramente afirma: "... *A glória do Senhor pousou sobre a montanha e a nuvem a cobriu durante seis dias. Ao sétimo dia chamou o Senhor a Moisés do meio da nuvem.. A glória do Senhor aparecia à vista dos filhos de Israel como um fogo devorador sobre o cimo da montanha. Moisés penetrou na nuvem...".* Destes versículos Downing conclui que as descrições apontam claramente a acreditar que Moisés subiu a bordo de uma espaçonave alienígena, e ali recebeu as Leis que ordenariam o comportamento de um povo e, mais tarde, o mundo cristão e judeu.

O fato é que tanto judeus como cristãos prefeririam ter uma visão mais ortodoxa ou sobrenatural destes eventos religiosos. Porém, a quantidade de relatos contidos na Bíblia é verdadeiramente surpreendente. Tal é o caso da incrível experiência do profeta Ezequiel, um sacerdote que

naquela época deveria contar com uns 30 anos de idade (ano 563 a.C.). O relato do texto bíblico em que Ezequiel narra sua fantástica visão, nos diz: "... No trigésimo ano, no quinto dia do quarto mês, me encontrava entre os exilados, junto ao rio Cobar, eis que os céus se abriram e tive visões de Deus... Eu olhei: havia um vento tempestuoso que soprava do norte, uma grande nuvem e um fogo chamejante; em torno de uma grande claridade e no centro algo que não parecia electro, no meio do fogo. No centro, algo como forma semelhante a quatro animais, mas cuja aparência fazia lembrar uma forma humana. Cada qual tinha quatro faces e quatro asas. As suas pernas eram retas e seus cascos como cascos de novilho, mas luzentes, lembrando o brilho do latão polido. Sob as suas asas havia mãos humanas voltadas para as quatro direções, como as faces e as asas dos quatro. As asas se tocavam entre si; eles não se voltavam ao caminharem; antes, todos caminhavam para a frente; quanto às suas faces, tinham forma semelhante à de um homem, mas os quatro apresentavam face de leão do lado direito e todos os quatro apresentavam face de touro do lado esquerdo. Ademais, todos os quatro tinham face de águia. Aí suas asas abriam-se para cima. Cada qual tinha duas asas que se tocavam e duas que cobriam o corpo; todos moviam-se diretamente para frente, seguindo a direção em que o espírito os conduzia; enquanto se moviam, nunca se voltavam para o lado...".

O texto continua comentando que, a cada ser, lhe correspondia uma roda resplandecente que lhe acompanhava em todos os seus movimentos, inclusive, ao elevar-se do chão. Duas características específicas chamaram a atenção de Ezequiel: pareciam montadas uma dentro da outra e as rodas se moviam em qualquer direção, sem necessidade de girar. O profeta facilita muitos detalhes na sua narrativa, considerada já visionária, como indicando um grande esforço para expressar da melhor forma a sua visão empregando uma interpretação e linguagem simples.

Porém, esta descrição narrativa é por demais diferente de todas as encontradas na *Bíblia,* pois Ezequiel, embora sacerdote, utiliza uma minuciosidade assombrosa no seu relato, fugindo do misticismo clássico. Sem entrar muito na questão de qual seria o seu conceito de Deus e dos anjos, dá a sensação de que Ezequiel teria contemplado algo totalmente estranho, fora de sua compreensão e conhecimento, razão pela qual pontualmente pretende relacionar os componentes e propriedades que envolveram a visão. Razão mais que suficiente para que os partidários da presença histórica extraterrestre encontrassem neste conteúdo a melhor descrição de um encontro histórico remoto entre humanos e alienígenas.

Erick von Daniken, famoso escritor e pesquisador, resulta num dos melhores representantes deste tipo de investigador. O mesmo relata que o engenheiro espacial Josef F. Blumrich, responsável pelo desenvolvimento de projetos de veículos aéreos e espaciais para a NASA, como o famoso foguete Saturno V que levou a Apoio XI até a Lua em 1969, após um minucioso e detalhado estudo do relato da visão do profeta, reconheceu perfeitamente a descrição de aeronaves tripuladas, completamente fora da tecnologia da época. Segundo Blumrich, em seu livro *The Spaceships of Ezekiel,* afirma que os quatro seres do relato eram provavelmente os suportes de pouso de uma nave espacial, providos cada um deles com algum dispositivo capaz de girar em qualquer direção. Este tipo de roda descrita é hoje perfeitamente capaz de ser reproduzida tecnicamente e já se encontra patenteada. Quanto às quatro asas relatadas, provavelmente se tratava de hélices ou aspas similares ao rotor de um helicóptero, cuja forma dá a sensação de que ao girar se tocam entre si. Aparentemente, o impulso principal deveria ser proporcionado por algum tipo de foguete, alojado na estrutura central.

De toda a sua investigação, Blumrich conclui que a tecnologia apontada por Ezequiel não somente foge a qualquer ficção, mas que resulta

surpreendente a proximidade com a que atualmente possuímos. Além do mais, enfatiza que o objeto relatado deveria ser uma aeronave de pequeno alcance, dependendo necessariamente de algum tipo de nave-mãe.

Todas estas visões, sonhos, manifestações divinas, lendas e mitos documentados poderiam parecer para muitos uma coleção de simples contos, frutos da imaginação e produto de uma errada interpretação de alguns fenômenos naturais. Mas, seria possível que estas descrições pudessem ser o relato de fatos reais testemunhados há milhares de anos que, pela ignorância dos que vieram depois, foram tidos por mitos e lendas? Isto provavelmente pode ser uma triste realidade. Exemplo disso temos em grande número. Tal é o fato de que para os antigos sumérios a Terra era redonda, assim como para Parmênides em 500 a.C. e Aristarco de Samos, que calculou até a sua circunferência em 250 a.C., sendo que, para o mundo europeu de 1492, quase mais de 1.500 anos depois deste último, a Terra era plana. E no caso de Leonardo da Vinci que, no século XVI, empregou pela primeira vez o sistema das engrenagens quando, no século II a.C., o sábio grego Meton já havia construído o primeiro computador astronômico de engrenagens em bronze. Enfim, a eletricidade já era empregada e conhecida pelos babilônios séculos antes de Cristo, bem antes de Galvani ou Volta empregá-la oficialmente no século XVIII.

Por outro lado, no conteúdo de um manuscrito árabe chamado de *Murtadi,* traduzido em 1666 em Paris por Pierre Vattier, temos o relato da descoberta de duas estátuas, uma de um homem e a outra de uma mulher, ambas com características étnicas completamente diferentes das egípcias, encontradas no interior da "sala do rei", na pirâmide de Keops. Em meio a estas duas figuras, o texto narra da existência de um jarro feito em cristal vermelho que, quando cheio de água, apresentava o mesmo peso que quando vazio. Além do mais, a narrativa dá a entender do achado do

que parece ser um tipo de robô no interior da pirâmide, pois o texto afirma claramente: *"... Num lugar quadrado, como para realizar uma assembléia, havia muitas estátuas e, entre elas, havia a figura de um galo de ouro vermelho. Esta figura era incrível, e estava adornada por pedras preciosas, das que duas representavam seus olhos, os quais resplandeciam como grandes tochas... Quando os homens se aproximaram, o animal emitiu um. grito terrível, começou a bater as asas e, ao mesmo tempo, se ouviram vozes procedentes de todas as direções... ".* Aparentemente, este relato apresenta a perfeita descrição de um tipo de máquina animada com aspecto de galo, porém, ocorre que este tipo de tecnologia era totalmente desconhecida na época.

Uma outra situação similar ocorreu com duas personalidades famosas, Santo Tomás de Aquino e seu mestre Santo Alberto Magno, padre dominicano, filósofo e teólogo do século XIII. Segundo um relato da época, ocorreu que Santo Alberto descobriu entre escritos antigos e livros perdidos de origem egípcia os dados para construir um tipo de boneco articulado, capaz de realizar tarefas domésticas sob comando do seu construtor. De acordo com os contos da época, Santo Alberto decidiu reunir uma série de substâncias e metais desconhecidos, iniciando a construção do boneco com o formato de uma mulher, o qual levou vinte anos para ser finalizado. O resultado foi uma empregada maravilhosa, disposta a realizar um trabalho eficiente e ininterrupto. Porém, a atividade exagerada da doméstica mecânica, assim como uma contínua atitude inquieta e brincalhona fora dos limites, passou a incomodar ambos teólogos. Desta forma, irritado pelo barulho e cansado do robô, Santo Tomás pegou um martelo num momento de raiva, acabando completamente com a sua criação. E os relatos deste tipo de tecnologia não acabam por aqui. Até o famoso filósofo grego Platão, discípulo de Sócrates, comenta sobre seus robôs em vários dos seus escritos, inclusive

afirmando que eles eram tão perfeitos que era necessário tomar cuidado com eles, pois podiam chegar a agir por conta própria. Por outro lado, até os deuses do Olimpo grego possuíam robôs. Segundo as lendas, o deus Hefaistos, forjador ou ferreiro oficial do Olimpo, teria construído para si dois robôs cujas formas eram de duas belas e maravilhosas mulheres, as quais o transportavam nos ombros e corriam a socorrer a todo o exército de deuses quando necessário. Até nas aventuras de Perseu encontramos a presença de robôs, construídos pelos deuses para socorrer e proteger o filho de Zeus de todos os perigos que enfrentava.

Tudo isto pode parecer absurdo e irreal. Pensar em tecnologias desse gênero nos remeteria a questionar por que não foi achado qualquer vestígio da mesma em alguma escavação arqueológica, se tudo isso existiu? Por que nunca foi descoberto qualquer instrumento ou aparelho daqueles descritos nas lendas? Pois é.

Ocorre que em 1900, um grupo de pescadores se encontrava procurando refúgio para seu barco contra uma tempestade, enquanto coletavam esponjas no mar Egeu, bem nas azuis águas do Mediterrâneo. Na procura por abrigo, foram parar precisamente entre as ilhas de Creta e Citera, próximo da baía de Pinakakaia, na ilha de Antikythera. Após o temporal, os humildes pescadores do Dodecaneso mergulharam no local em busca de esponjas, encontrando apenas os restos de um antigo navio grego afundado a setenta metros de profundidade, provavelmente atingido por algum temporal muitos séculos atrás. Exultantes pelo achado, retiraram do seu interior vários objetos entre estátuas de mármore e bronze, ânforas e jarrões, além de outros objetos. Dentre eles, conseguiram levar para a superfície um objeto recoberto de cracas e disforme pela corrosão, o qual parecia apenas uma peça de bronze deformada, razão pela qual não lhe deram muita importância.

As posteriores pesquisas realizadas pelos historiadores Solla Price e Valerios Stais, assim como pelos especialistas Merrit e Jorge Stamires muitos anos depois, demonstraram que o navio grego correspondia a um naufrágio ocorrido no século I antes de Cristo, remontando-se a uma antigüidade de 2.000 anos. Mas, o melhor estava por vir, e isso somente ocorreu quando o misterioso objeto foi limpo, revelando-se aqui uma incrível descoberta. Tra- tava-se de um tipo de mecanismo, construído em bronze por volta do ano 85 ou 65 a.C., embora alguns acreditem ser mais antigo. A máquina, conservada atualmente no Museu Arqueológico de Atenas, foi construída reunindo um complexo sistema de engrenagens e dispositivos, compreendendo 40 rodas de vários tamanhos, nove escalas móveis, três eixos, uma roda central de 240 dentes, uma diferencial e um eixo maior que, provavelmente, serviria para colocar todo o mecanismo em funcionamento, saindo do exterior.

Conforme pôde ser investigado, a roda central continha uma borda dentada, cujo relevo era de 1,3 milímetros em cada dente. A máquina como um todo encontrava-se no interior de um tipo de caixa, também de bronze. De acordo com os pesquisadores, podem ser identificadas em seu interior algumas inscrições, sendo que algumas delas fazem menção ao famoso calendário grego de "Geminos de Rodes" (ano 77 a.C.), reproduzindo parte dele, além de aparecer desenhos representando o Sol, Vênus, as estações, o horário lunar e mais algumas coisas difíceis de definir pela corrosão. Por outro lado, também foi possível identificar reparos que foram realizados na estrutura e nas engrenagens em diversas ocasiões, o que revela que o mecanismo encontrava-se em uso havia bastante tempo. O aparelho demonstrou claramente tratar-se de um dispositivo de controle do tempo extremamente preciso e sofisticado, além de apresentar um requinte construtivo apenas comparável com a tecnologia atual. Tudo isso indica que a tecnologia existente naquela

época era capaz de desenvolver máquinas desse tipo e até outras no mesmo estilo para diversos fins, embora não exista nenhuma informação histórica que tenha sobrevivido até nossos dias a respeito deste projeto e de sua execução. Isto é, a descoberta da máquina de Antikythera demonstra a existência concreta de um extraordinário conhecimento um século antes de Cristo, ocorrendo que, até onde essa tecnologia chegou, como surgiu e qual foi o seu processo de desenvolvimento, jamais chegou ao conhecimento de nossos arqueólogos ou historiadores, representando um grande enigma em relação ao real potencial que a civilização grega atingiu. Ou seja, é bem provável que, num breve futuro, venhamos a descobrir outras máquinas similares ou até mais complexas, cujos fins poderiam ter sido os mais variados, porém, resulta claro que todo esse conhecimento perdeu-se no tempo. Nesse sentido, parece ridículo pois observar que foi Leonardo Da Vinci quem no século XVI utilizou a engrenagem pela primeira vez, tornando-se o pai da engenharia mecânica, sendo que, a mais de 1.500 anos antes dele, os gregos já haviam fabricado um computador astronômico.

A origem desta tecnologia está perdida no tempo, mas é bem provável que muitos escritos, documentos e registros sobre estas descobertas, assim como da origem das mesmas, tenham sido destruídos ao longo da história pelo "Santo Ofício", melhor conhecido pelo nome de Inquisição. Seja como for, ao que parece, muito sabíamos no passado e com o tempo tudo foi esquecido e transformado em apenas mitos e lendas, já que os documentos que mencionavam a existência de tais engenhos devem ter sido destruídos por serem considerados heréticos ou diabólicos, e destruindo junto um possível passado cósmico.

Mas, dentre todos os registros existentes sobre o desenvolvimento de antigas culturas, o caso particular dos sumérios, mencionados por Joakm, eram uma das mais intrigantes e apaixonantes descobertas, tanto sobre o

aspecto histórico como reveladoras em relação à minha proposta de investigação.

De acordo com os documentos pesquisados, consegui achar que segundo alguns recentes trabalhos de famosos arqueólogos e investigadores a antiga civilização Suméria, descoberta inicialmente de forma casual em 1854, e redescoberta como cultura em 1923, após o achado dos restos da antiga cidade de Ur (Ur em egípcio significa "terra distante"), teria surgido por volta de 4000 a.C. na desaparecida localidade de Eridu, uma região hoje árida e estéril da Baixa Mesopotâmia, outrora fértil e profícua, próxima ao golfo Pérsico. Exatamente localizada entre os rios Tigre e Eufrates, nas regiões do Oriente Médio, atual Iraque.

Todas as descobertas realizadas até o momento apontavam que essa antiga e fantástica civilização surgiu repentinamente, sem qualquer processo gradual ou transitório de desenvolvimento. Além do mais, ninguém sabia ao certo qual fora a origem deste povo, pois sua linguagem e cultura não apresentavam antecedentes identificáveis.

De acordo com um grande número de achados, foi possível descobrir que invenções como a roda, o forno e os tijolos já faziam parte do seu conhecimento tecnológico havia muito tempo, dando a entender que provavelmente aqui surgiram pela primeira vez em nosso mundo. Também foi aqui onde a religião, os templos e o sacerdócio se originaram, onde as cidades literalmente floresceram com prédios de vários andares, palácios requintados, portos para a navegação e o comércio, além de uma incrível rede de irrigação e canalização de água potável e esgoto. Um sistema legal com leis, cortes, juízes, advogados e promotores também existiu, não deixando nada a desejar em relação à moderna estrutura atual. As artes então, como a música, a dança e a pintura, enfim, todo esse segmento proliferou amplamente. De igual forma a educação e o ensino gozavam de escolas e academias onde se

estudava de tudo, inclusive medicina, química, matemáticas e outras ciências. Até resulta incrível o fato de que, no seu calendário, o ano estava dividido em doze meses.

Em meio a todos estes conhecimentos e conquistas, também encontrava-se a escrita, levada adiante dentro de um processo amplamente sofisticado de gravação. Recibos, contratos, códigos, leis, processos judiciais, arquivos reais, documentos históricos, dicionários de outras línguas e muitos outros trabalhos literários e científicos foram registrados em pequenas tábuas de barro, num processo de escritura chamada de "cuneiforme". As pequenas tábuas eram gravadas ainda frescas e moles, sendo que quando secavam tornavam-se registros permanentes. Ao longo das escavações foram encontradas centenas de milhares destas tábuas de argila, sendo que agora podem ser lidas e traduzidas. Em algumas delas, existem também contos épicos que relatam a vinda de entidades estranhas ao mundo e ofertam o conhecimento da civilização ao homem; ou estórias míticas de antigos dilúvios universais; e até a busca da imortalidade. Entre o enorme acervo de tábuas existentes, foram achados desenhos esquemáticos para decorar, ilustrar ou registrar o título do cabeçalho, isto é, para evidenciar a origem do documento como hoje fazemos a nível empresarial ou político. Em muitos casos, os desenhos eram realizados com uma espécie de sinete ou selo feito em metal, pedra ou cerâmica onde, ao rodá-lo no barro mole, deixava gravado em baixo ou alto relevo o seu desenho. Cabe destacar que o acesso aos textos sumérios foi conseguido por meio das descobertas de dicionários e documentos escritos em línguas de outras culturas (Acádica/Suméria), o que permitiu ir decifrando gradualmente o significado da escrita, já que não existiam antecedentes da evolução da mesma.

A civilização sumária, pátria de Taré e Abraão, isto é, dos pais do judaísmo, conforme narra o *Gênesis* no *Antigo Testamento,* viveu seu

apogeu durante 1.500 anos, resistindo heroicamente a mais de um século e meio de assédio político por parte de seus vizinhos do norte, os acádicos (reino de Acade). Mas, por volta de 2000 a.C., as investidas dos amoritas e elamitas acabaram com a sua estrutura, destruindo-os como civilização autônoma. Porém, as suas conquistas tecnológicas e culturais sobreviveram, vindo a influenciar as culturas próximas e posteriores, como a dos babilônios e dos assírios, inclusive, a dos judeus e gregos.

Vale lembrar que o judaísmo origina-se do pacto de Deus com Abraão, sendo que somente a partir de Jacó virão as doze tribos ou troncos, e que o reino de Judá virá apenas da separação do reino de Israel, bem depois da morte de Salomão. Até então, os que ingressam primeiramente na terra de Canaã são unicamente um grupo de sumérios enviados por Deus aguardando o início de tudo.

Como podemos apreciar, os sumérios eram pois importantes nos planos divinos, sendo que não somente impactaram o mundo em que viveram, mas também o mundo científico atual, pois demonstraram possuir uma alta sofisticação cultural em tempos incrivelmente remotos, mas, principalmente, por apresentar um conhecimento astronômico que somente hoje podemos confrontar, descobrindo que estes primitivos habitantes do Oriente Médio conheciam mais coisas do espaço há 6.000 anos atrás do que nós há menos de 50 anos.

Poucas pessoas hoje podem compreender que muitos dos conceitos atuais da astronomia moderna são basicamente de origem suméria. Dentre eles, como exemplo, temos o zênite (o ponto mais alto do céu), o horizonte, a esfera celestial e a divisão de um círculo em 360 graus. Além disso, temos também o conceito da banda celestial dividida em doze casas, na qual os planetas realizam seu percurso ao redor do Sol, inclusive a relação zodiacal associada a um determinado grupo de estrelas (constelações), com um nome e um símbolo pictórico. Por outro lado,

também temos os conceitos de ascensão heliacal e os critérios para os movimentos celestes; além do conhecimento do fenômeno da precessão equinocial (a qual precisa de uma observação de 2.160 anos para ser confirmada). Fora tudo isso, os sumérios sabiam que a Terra não é plana, mas redonda, e que giramos ao redor do Sol; conhecimentos estes que escaparam totalmente dos astrônomos posteriores ocidentais até o Renascimento, com as primeiras idéias de Copérnico e Kepler.

Os conhecimentos sumérios estão registrados em milhares de tábuas, representando um intrincado quebra-cabeças. Grande parte deste legado é exclusivamente sobre astronomia, onde podemos encontrar relações ou listas de estrelas e constelações na sua correta posição celeste, assim como manuais de observação para a saída e desaparição das estrelas e dos planetas. E tudo isto é relativamente fácil de entender, pois os sacerdotes sumérios eram fundamentalmente astrônomos, já que observavam o céu continuamente desde os tem- pios, os quais eram pirâmides ou torres escalonadas de elevadas proporções, chamadas de "zigurates".

Porém, simples observações, realizadas a olho nu, não explicam todo esse vasto conhecimento acumulado nos registros desta cultura. Resulta difícil de aceitar que somente olhando para o céu uma civilização ou cultura possa identificar o que é uma estrela ou um planeta há 6.000 anos atrás, sem qualquer instrumento ótico. E de fato, os sumérios conheciam, de alguma forma, a verdadeira natureza do nosso sistema solar. Eles descreveram o Sol, e não a Terra como sendo o centro do sistema, à diferença dos gregos. Para os sumérios, a Terra era considerada o sétimo membro do sistema solar, sendo que para nós é o terceiro a partir do Sol. Mas, se contarmos do último planeta em direção ao Sol, somos realmente o sétimo planeta. E isto não são especulações estapafúrdias, pois esta civilização deixou para trás uma série de documentos onde apresentam, não apenas a seqüência dos planetas na ordem correta, mas se dão ao luxo

de apontar as distâncias existentes entre eles. Tudo isso, há mais de 4.000 anos antes de Cristo, sendo que o último planeta a ser descoberto pelos nossos telescópios data apenas do ano 1930, como foi o caso de Plutão. Por outro lado, dada a sua cosmologia, consideravam a Lua como mais um membro do sistema solar, afirmando que o sistema todo reuniria um total de doze membros: o Sol, a Lua e mais dez planetas. Atualmente apenas conhecemos nove, mas os sumérios confirmavam a existência de um décimo planeta bem mais distante que Plutão chamado de Nibiru, do qual os seus mestres extraterrestres, os "Anunnaki", haviam vindo para a Terra.

A civilização suméria tem surpreendido o mundo moderno não apenas pelo seu alto grau de sofisticação e conhecimentos, mas pelas confirmações ocorridas destes conhecimentos por meio da tecnologia atual. Alguns anos atrás, a tecnologia aeroespacial norte-americana tornou possível comprovar outros detalhes extraordinários da astronomia suméria, como o relativo aos planetas além de Saturno (Urano, Netuno e Plutão), os quais também eram de seu conhecimento. Resultando ainda mais significativa a descrição que realizaram sobre os mesmos, pois os detalhes são simplesmente incríveis, já que a humanidade atual somente pode confrontar o relato sumário quando a Voyager 2 os fotografou entre 1986 e 1989.

Infelizmente as ilustrações dos sumérios não são coloridas, porém, as detalhadas descrições que realizaram superam essa dificuldade. Segundo os sumérios, o planeta Netuno era associado à água e denominado de HUM.BA, que significa "vegetação pantanosa". Por outro lado, Urano era conhecido por Kakkab Shanamma, isto é, pelo "planeta duplo". As fotografias lançadas para a Terra da Voyager 2 em 1986 demonstraram que Urano é um planeta de cor azul esverdeado, cujo eixo encontra-se tombado, girando quase que no horizonte. E o mais incrível de tudo foi

quando, em 1989, a sonda espacial enviou as primeiras fotos de Netuno, comprovando que o planeta é um perfeito gêmeo de Urano em tamanho e aspecto visual, além de apresentar também uma rotação tombada. E num outro catálogo cuneiforme, o mesmo chama Urano de EN.TI.MASH.SIG, que significa "planeta de brilhante vida verde".

A Voyager 2 colocou dentro de todos os lares do mundo as primeiras imagens em cores do verde e azulado Urano em 1986, além de descobrir que, aparentemente, existem grandes quantidades de líquido na sua superfície, apresentando enormes possibilidades de reunir as substâncias necessárias para dar início a um processo de geração de vida. E todas estas informações a respeito de Urano e Netuno existiam enterradas nas areias do deserto há mais de 4000 anos a.C., sendo absurdo que, somente entre 1986 e 1989, a sonda espacial Voyager 2 confirmaria as descrições sumérias. E tudo isso obtido dos deuses vindos de Nibiru.

Segundo a mitologia suméria descreve, por volta de uns 450.000 anos atrás, os seres do planeta Nibiru, os Anunnaki, perceberam que suas vidas corriam um sério risco e vieram para a Terra em busca de ouro para sua sobrevivência. Desta forma, chegado o momento, aterrissaram durante o período da segunda Era Glacial, encontrando um terço do mundo coberto de gelo. Por esta razão, os colonos Anunnaki procuraram dirigir-se para uma região mais quente, a qual seria, mais adiante, o Oriente Médio. Nesse lugar, no que seria a Mesopotâmia futuramente, encontraram um clima cálido, bem temperado e com bastante água, além de encontrar petróleo para utilizar como combustível. Foi nesta região que, originariamente, passaram a procurar ouro, mergulhando nas maravilhosas águas do golfo Pérsico.

Durante a prospecção e extração, os Anunnaki fundaram na região da costa setentrional do golfo Pérsico a sua primeira cidade, Eridu, que quer dizer em sumério "casa construída na distância". Pouco a pouco novas

cidades passaram a ser fundadas, num padrão que delinearia um corredor de aterrissagem visível para os astronautas que chegavam do espaço. Os textos parecem indicar que os Anunnakis deixaram objetos orbitando a Terra, como intermediários entre as naves vindas de Nibiru e as colônias da Terra. O deus chamado de Enki, nas velhas lendas sumérias, parece ter sido o líder da missão, havendo mantido a sede do seu poder na cidade de Eridu. Tudo indica que o seu mandato sobre a Terra teve curta duração, pois parece que não conseguiu ouro suficiente das águas do golfo. Desta forma, seu pai, Anu, o trocou por outro líder chamado Enlil, seu meio-irmão. Assim, após a primeira viagem, Enki foi obrigado a ceder o poder para Enlil. Como a média de vida dos Anunnaki era de 28.800 anos, a Terra já iniciava a sua saída da Era Glacial. As grandes massas de gelo se derretiam rapidamente aumentando o volume dos oceanos, passando a inundar os antigos centros de atividade Anunnaki. Os colonos foram obrigados, gradualmente, a modificar seus locais de residência, passando a habitar a região central da Mesopotâmia. Temporariamente, Enlil veio habitar a cidade de Larsa, enquanto que a nova capital Nippur começava a ser construída. Após 21.600 anos de obras, Nippur tornou-se um importante centro de atividade de comando, desde a qual podiam ordenar-se as viagens de transporte para Nibiru.

Após o terrível fracasso de Enki na procura de ouro no oceano, Enlil passou a procurá-lo em terra, acabando numa região de incrível beleza longe da Mesopotâmia. De acordo com alguns especialistas, esse luxuriante lugar provavelmente seria a região do atual Moçambique na África. E aqui, despreparados em relação ao clima, os Anunnaki se esgotaram terrivelmente com as condições de trabalho, produzindo-se uma situação de insatisfação geral. A dificuldade enfrentada chegou a condições realmente críticas, a ponto de que quando Enlil visitou as

minas teve de conter um motim de enormes proporções, narrado nos textos religiosos como a rebelião dos anjos.

De acordo com a tradição dos textos sumérios, os Anunnaki se revelaram violentamente, proclamando uma guerra interna. Mas, insensível e determinado, Enlil não se comoveu, sendo que os amotinados encontraram apoio em Enki, seu rival e, em Anu, seu pai. Frente a esta situação, Enki sugeriu, junto com a deusa da medicina, Ninharsag, que se criasse um "lulu", isto é, um trabalhador primitivo para aliviar o terrível trabalho dos deuses. Aceita a proposta, foram combinados genes de aves, bois, leões e diversos animais da Terra com os de um ser, o qual pareceria estar numa condição evolutiva acima dos demais: um homem-macaco, isto é, um hominídeo. Mas os experimentos foram uma total decepção para os cientistas Anunnaki. Até que, finalmente, conseguiram criar o "lulu" ideal, ou seja, o primeiro ser humano, misturando o material genético do homem-macaco com um Anunnaki, ao qual deram o nome de "Adamah" ou "Adapa", que significa "terrão" ou "pedaço de barro". Em função disso, e após mostrar a todos o resultado satisfatório do seu experimento, a deusa Ninharsag modificou seu nome para Ninti, que quer dizer "senhora que dá a vida".

O "lulu" feito pelos Anunnaki era muito similar a eles, bem ao contrário dos seus ancestrais mais próximos. De acordo com um texto sumério, o mesmo descreve o híbrido como: "*... a sua pele é como a de um deus"*. Ao que parece, os primeiros "lulus" eram estéreis, sendo reproduzidos em massa de forma artificial pelos Anunnaki.

Esta visão do gênesis sumério vem ao encontro de quase todos os mitos existentes da criação. Em cada um deles, os deuses criaram o homem à sua imagem ou, em outros casos, realizaram uma série de experiências até acertar, como no caso dos mitos e lendas dos povos da meso-américa. Por outro lado, todas as teorias evolucionistas em relação à origem do

primeiro homem apontam o continente africano como o berço gerador, o que parece uma interessante coincidência com o relato sumério. Cabe lembrar que a origem do primeiro verdadeiro hominídeo, o *Homo-Hábilis,* se dá em meio de um grupo de hominóides chamados de *Australopitecídeos,* isto é, em meio a um grupo de seres pré-humanos. O *Homo-Hábilis* surge em meio a estes seres sem estabelecer um elo de ligação gradual que justifique a sua distinção, ou seja, não há vestígios da ramificação da árvore genealógica humana que indique o momento exato de sua independência em relação à linhagem dos pré-humanos. Ao que parece, o surgimento do primeiro homem assemelha-se a uma aparição espontânea, sem vestígios históricos. Apenas sabemos que, paralelamente ao seu surgimento, co-existiam vários seres cujas características coincidem com a descrição de homens-macacos. E vale lembrar que, segundo os cientistas, os primeiros homens foram da raça negra.

De acordo com alguns investigadores, o *Homo-Sapiens* representa um salto extremo dentro do lento processo evolutivo de nossa espécie. Mais ainda se considerarmos a capacidade de falar, que sequer tem qualquer relação com os primatas primitivos. Em outras palavras, temos aqui a possibilidade de considerar a raça humana como produto de uma hibridagem extraterrestre, o que de imediato confirma o discurso do ancião Joakm em Marcahuasi quando se refere à Raça Azul, e até à lenda suméria da criação na qual os seus ancestrais teriam criado o homem para servir a seus propósitos. O que de igual forma ocorre se compararmos os detalhes com os textos bíblicos, sendo que as lendas desta cultura não acabam aqui.

Segundo os textos sumérios, depois da criação ocorrer, os humanos foram enviados para a Mesopotâmia. Ali, Enlil e Enki travaram uma terrível batalha pelo domínio do planeta. Na luta, Enki procurou estabelecer alianças com os humanos, encorajando-os a procriar. Assim, os humanos

descobriram a capacidade de procriar e o poder de reger suas próprias vidas. Enlil, enraivecido e temeroso de que os homens pudessem aprender também o segredo da imortalidade, os expulsou definitivamente do seu local de moradia, para que não descobrissem os segredos dos Anunnaki. Banidos, os humanos continuaram a procriar e disseminar-se pela Terra, chegando até a misturar-se com os Anunnaki. Enlil percebeu que um desastre estava a caminho. Nibiru logo passaria próximo da órbita da Terra, provocando uma influência gravitacional que desestabilizaria as camadas de gelo nos pólos, as quais invadiriam rapidamente os oceanos. Isto, como conseqüência, elevaria de imediato o nível das águas em todo o planeta, provocando o afogamento de toda a vida da superfície.

Quando o momento se aproximou, os Anunnaki sob comando de Enlil fugiram da Terra sem avisar os humanos do desastre. Porém, Enki, protetor da humanidade, havia informado a um homem sobre o desastre iminente, chamado de Utnapishtim. O mesmo, sabendo da inundação, construiu um enorme barco, carregando-o de plantas e animais de toda espécie. Assim, passado o desastre, a humanidade, a fauna e a flora sobreviveram. E logo depois que as águas secaram, os deuses retornaram para a Terra deparando-se com a humanidade que havia sobrevivido. Surpreso e enraivecido, Enlil parou para refletir, voltando atrás na sua posição de destruir a humanidade. Daquele dia em diante, os Anunnaki uniram-se aos humanos, trabalhando juntos como parceiros na Terra. Gradualmente, os deuses foram ensinando aos homens as bases de uma organização social, vindo a ofertar-lhes, mais adiante, o reino de Súmer, como um legado ao seu desenvolvimento e uma prova de responsabilidade.

Estes detalhes finalizam o mito da criação, da chegada dos deuses ao mundo e de como passaram a influenciar os descendentes deste processo de criação artificial. Aqui, encontramos uma lenda que justifica o

surgimento de uma civilização ímpar e fantástica para sua época, achando total correspondência com os textos do *Gênesis* bíblico judaico e cristão, inclusive, com o de outras culturas, além do relato de Joakm, explicando perfeitamente o porquê do nome adotado de "Raça Azul" para os "lulus", já que a cor destes primeiros homens era negra. Praticamente, a criação de Adão, o pecado do casal, a expulsão do paraíso, a luta dos primeiros irmãos, assim como a saga de Noé no dilúvio universal foram reproduzidos, com algumas diferenças, do relato sumério. De certa forma, resulta claro que o judaísmo, enquanto religião que deu origem ao cristianismo, herdou todas as suas bases religiosas deste povo mesopotâmico. Assim como todos os elementos que compõem o seu gênesis.

A origem dos sumérios, pois, resulta dentro do aspecto arqueológico enquanto civilização e império, num curioso enigma científico. Sendo que continuamente encontramos em seus textos a referência de que mudanças, leis, normas e fundamentos estabelecidos foram sempre fruto dessa misteriosa interferência divina, a qual se manteve e alastrou durante séculos. Tal é o caso do rei Urukagina que, em 2600 a.C., já havia estipulado um complexo código de leis, o mesmo que permitiu estabelecer normas e princípios em benefício de viúvas, divorciados, cegos, órfãos e outros grupos por solicitação dos deuses, mil anos antes de surgir o famoso código de Hamurabi na Babilônia; ou do caso do rei Urnammu de Ur em 2350 a.C., que refez leis para determinados grupos sociais por orientação do deus Nannar; ou do rei Lipit-Ishtar em 2100 a.C. que codificou 38 leis para sumérios e acádicos; e, finalmente, o caso do rei Eshnunna que em 2000 a.C. promulgou novas leis também por orientação divina.

O trânsito destes mestres extraterrestres entre os sumérios, ao que parece, era tão freqüente que, no interior dos templos, existiam acomodações

especiais e requintadas para eles quando da sua estada entre os homens, inclusive, hangares ou garagens haviam sido construídas para que os deuses depositassem aí seus veículos celestes, chamados em alguns casos de "Mu" ou "Shem".

Histórica e arqueologicamente, nunca foi achado nenhum disco voador em qualquer antiga cidade suméria, porém em todos os seus registros a presença de entidades superiores com a capacidade de viajar pelos céus em veículos celestiais é uma constante, assim como a presença de estranhos desenhos e esculturas lembrando foguetes em suas representações sobre os tais veículos. Relatos e descrições precisas sobre isso encontramos contido no famoso poema épico *"A Odisséia de Gilgamesh",* baseado nas aventuras de Gilgamesh rei de Erech, e às centenas de documentos do governador Gudea da cidade de Lagash, assim como do governador Lu-Utu da cidade de Umma e até do rei Urukagina. Além do mais, as construções e descobertas sumérias apresentam requintes sem uma origem justificada por qualquer evolução. E como foi possível apreciar, seus conhecimentos astronômicos ainda surpreendem até nos dias de hoje. Em outras palavras, os sumérios se apresentam como uma civilização de surgimento espontâneo, isto é, sem antecedentes nem passado, mas com um conhecimento tecnológico e científico comparável apenas com o moderno em muitos aspectos. Como explicar pois a origem desta civilização tão antiga e com semelhantes conhecimentos?

Resulta pois difícil acreditar que há 6.000 anos o homem aprendeu a astronomia diferenciando planetas de estrelas sem a ajuda de equipamentos óticos e realizou trabalhos arquitetônicos que persistem até hoje, inclusive compreendeu e aplicou a complexidade da matemática, quando há uns 7.000 anos sequer conseguia falar direito e ainda realizava pinturas nas cavernas em muitos lugares do mundo, como as encontradas

no Saara argelino, na região de Tassili, África, pertencentes a esse período. Todas as civilizações e impérios contemporâneos ou posteriores aos sumérios como a Acádica, Amorita, Elamita, Babilônica, Hurrita, Hicsa, Assíria, Persa, Egípcia, Grega, enfim, indistintamente de sua localização geográfica, herdaram deles o seu conhecimento. Se aceitarmos a possibilidade de que esta civilização foi um primeiro experimento extraterrestre organizado em nosso mundo, além de outras formas de troca anteriores ou contemporâneas dos sumérios, os desdobramentos históricos viriam a influenciar todas as culturas posteriores. Nada melhor do que construir um protótipo bem estruturado e disseminar essa base de influência para colher no futuro.

Se acreditarmos, pois, que os sumérios foram fruto de uma troca extraterrestre mais eleborada do que outras, todas as religiões derivadas receberam não apenas os mesmos mitos da origem da vida e os conhecimentos científicos, mas resultaram também da conseqüência de um projeto com objetivos específicos. Onde cada aparição e "milagre" cumpriria um propósito, subordinado a todo um objetivo e contexto. E ao que tudo indica, os sumérios seriam apenas um primeiro experimento ou teste em relação a descobrir qual a capacidade do "lulu" ou homem, de governar-se a si mesmo. Ou até, de descobrir quão inteligente e responsável poderia ser em relação à vida.

E os judeus, o segundo? Qual seria o papel de Jesus então, alterar o rumo do experimento? Corrigi-lo? E o mundo de hoje, seria ainda parte do experimento? Uma continuação?

Seja como for, embora existisse o registro de uma grande atividade de seres divinos interferindo, agindo e guerreando com e entre os homens num passado bem remoto, os sumérios teriam resultado num processo diferenciado. Porém, o projeto inicial aparentemente fracassou já que, ao longo do tempo, iniciou-se um afastamento gradual das relações entre os

deuses tradicionais e os sumérios. Tudo provocado pelas crescentes relações com outras culturas e sua franca expansão territorial e cultural, a qual propiciou o surgimento de novos e diferentes cultos, comprometendo o poder dos antigos deuses e fazendo com que sua orientação e autoridade divina minguassem progressivamente. De apenas doze deuses iniciais que comandavam o destino dos primeiros sumérios passaram para cinco mil em apenas 1.000 anos de desenvolvimento cultural expansionista. Em função desse problema, os deuses extraterrestres, ao que parece, decidiram mudar de atitude e de planos drasticamente.

De acordo com o exposto por Joakm na caverna, um novo projeto surgiu em conseqüência da perda do prestígio, do controle da situação e de um comprometimento com os objetivos iniciais de um trabalho conjunto. Assim, buscando retomar o controle e experimentar uma nova modalidade de orientação, novamente teocrática, mas, desta vez, sob coordenação de uma única entidade ou fonte, escolheram uma família dentre as que moravam na capital suméria, a cidade de Ur. Isto é, numa hábil manobra, selecionaram como objeto de experimento um grupo humano detentor de uma base cultural ampla, profunda e cuja configuração genética também fosse conhecida. Desta forma, promoveram uma primeira seleção dentro da comunidade suméria, e outras posteriormente dentro do próprio núcleo familiar selecionado, fazendo com que os escolhidos se engajassem dentro do novo processo facilmente, por meio de uma forma de aproximação e relacionamento estruturado na submissão incondicional. Assim, o esquema funcionaria por meio de uma única forma direta de instrução, vinda de uma única fonte básica sob penas severas em caso de fugir do compromisso, dando assim origem ao monoteísmo judaico.

Porém, ao longo do tempo, aparentemente, os objetivos e os procedimentos foram abalados e alterados novamente pela influência e intervenção gradual de outros grupos culturais e divergências familiares. O que obrigou a modificar a forma de relacionamento e a transferência das informações. Nesse sentido, em vez de desejar dominar o grupo pelo medo, pela punição e pela violência apelaram à condição de escolhidos e preferidos, buscando com que essa distinção os obrigasse moralmente a retomar o seu compromisso de desenvolvimento e de fidelidade. Porém, os diversos problemas internos de gestão e coesão obrigaram a estruturar novas medidas para melhorar a condição de vida e conduta desse povo, prometendo recompensas em troca e provocando intromissões futuras mais diretas e radicais. Em outras palavras, por meio do contato deste povo com diversas personalidades especificamente preparadas e do envio de outras, corrigiriam definitivamente os erros ocorridos, caso não houvesse a melhoria objetivada pelas diversas ações perpetradas ao longo do tempo. E pelo jeito, haveria uma personalidade em particular cujo papel seria derradeiro em relação ao mundo. Pelo menos, era isso que Joakm dava a entender.

Seria toda esta trama o famoso projeto Emanuel citado em Isaías (*Isaías* 7:14) no *Antigo Testamento*? E qual o objetivo final deste projeto? Apenas orientar o comportamento social do homem dentro de uma base filosófica mais humana, inteligente, coerente e respeitosa em relação ao valor e significado da vida, além de mais consciente em relação à importância do meio ambiente e das criaturas que povoam o Universo? Seria então Jesus esse enviado final?

Recordo que na época ainda não estava bem claro como tudo isso se encaixava com a participação histórica de Jesus e sua abrangência mundial. Ainda restavam muitas questões e dúvidas. Porém, lembro bem que toda essa visão sobre o gênesis do mundo e, principalmente, sobre o

judaísmo assim como sobre o cristianismo havia sofrido não um abalo com o depoimento de Joakm e por algumas mensagens recebidas, pois já aceitava algumas coisas fora do comum, mas sim uma profunda reformulação. Resultava urgente a necessidade de continuar a realizar uma investigação ainda mais ampla e detalhada para descobrir o significado de tudo isso. Não somente em relação ao objetivo da vinda, morte e ressurreição de Jesus, à origem do homem e sobre os possíveis desdobramentos deste suposto plano, mas de qual era também a razão pela qual nos haviam envolvido nesta aventura. Por isso, novos dados seriam necessários, e as fontes tradicionais não teriam condições de atender esta demanda. E seja como for naquele momento tudo isso ainda estava difícil de ser assimilado e compreendido em profundidade.

Naquele período, cansado e bastante perturbado por não conseguir unir os elos aparentemente soltos dessa complexa corrente, dei por encerrada minha pesquisa até colocar em ordem meus pensamentos. Nas seguintes semanas, apenas reflexões preenchiam meus pensamentos. Sabia, bem no fundo, que estava arranhando algo de proporções gigantescas, e a curiosidade que me tomava parecia fazer fervilhar o meu sangue. Um sentimento voraz de esclarecimento tomava conta de mim, enquanto que o silêncio dos extraterrestres a minhas perguntas apenas me confundia ainda mais.

Aquilo não era mais um simples desafio, resultava numa questão de determinação e perseverança, pois a cada nova informação surgia um beco sem saída e uma confusão enorme. Não era apenas reunir informação, mas dar forma e conteúdo a essa informação.

Capítulo VIII
Os Apócrifos

Durante aqueles dias, minha mente processava ininterruptamente todos aqueles dados obtidos destas primeiras investigações. Estava mais do que evidente que grande parte dos eventos bíblicos apontados no Gênesis católico e judaico não passavam de um plágio dos mitos sumérios. Desde a semelhança do nome "Adamah" com "Adão", do primeiro "lulu" ou primeiro homem, até a descrição da árvore da vida no paraíso (*Gênesis* 2:9) se assemelhava à lenda suméria de Tilmun, o jardim dos deuses. Por outro lado, a história do fruto proibido (*Gênesis* 3:2-3) estava mais próxima da lenda grega das Hespérides, as quatro filhas de Atlas, cujo jardim possuía uma árvore com maçãs de ouro, enquanto que Noés houve até três apenas entre os sumérios, sem falar de todas as demais culturas do Oriente Médio.

Objetivamente, o judaísmo derivou dos sumérios enquanto cultura, sendo toda a tradição religiosa judaica primitiva apenas uma salada de mitos sumérios com a nova relação de Abraão com Deus. Mais tarde, a descendência de Abraão haveria gerado as tribos responsáveis pelo judaísmo e o mesmo teria tomado forma mais independente dos sumérios nas mãos de Moisés, embora recebendo aqui grande influência Egípcia.

Ao longo do tempo, miraculosas intervenções angelicais como a ocorrida na geração física de Isaac, onde aparecem três destes seres, te riam permitido que mulheres estéreis pudessem dar à luz crianças muito especiais, cujo futuro provocaria mudanças na continuidade das relações entre Deus e seu povo, assim como alterações administrativas, ritualísticas, políticas e até governamentais. Lembremos que tanto Saul como Davi foram colocados no poder pelo profeta Samuel, o qual foi filho da estéril Ana. Os estranhos encontros de Jacó, Moisés, Josué, Saul,

Davi, Salomão, Daniel, José e os profetas Enoch, Elias, Eliseu e Ezequiel com Deus e seus anjos provocaram grandes mudanças nos rumos deste povo.

Dava para perceber também que se não fosse pelo pequeno José, que tinha o poder de interpretar os sonhos, filho de Raquel e Jacó, os judeus jamais teriam sobrevivido à fome que assolou Canaã. Foi graças a José que, sagrado primeiro-ministro do faraó, conseguiu trazer sua família para as terras de Gessen ou Gossen no Egito.

E aqui tem algo muito importante pois um faraó nomear um semita para semelhante cargo não era, em hipótese alguma, fato comum. De acordo com as tradições egípcias, somente familiares do faraó, sacerdotes ou generais poderiam almejar semelhante honra. Nesse sentido, jamais um forasteiro e muito menos um estranho à hierarquia poderia sequer pretender tal posição.

Porém, dentro da história do antigo Egito encontramos uma situação curiosa e de grande relevância, a qual corresponde a uma radical exceção na tradição milenar religiosa e governamental egípcia, a mesma que pode explicar e justificar perfeitamente a condição de José.

Para tal caso, a história antiga nos relata que, durante uma caçada de leões ocorrida no sexto ano do reinado do faraó Amenhotep IV, também conhecido por Amenofis IV — pertencente à XVIII dinastia segundo a cronologia do sacerdote egípcio Maneton —, um estranho objeto de forma esférica e brilhante apareceu à frente do aterrorizado monarca. Chocado pela observação e tendo-se comunicado com o suposto deus, ao qual foi dado o nome de Aton, o faraó mudou de imediato seu nome para Icunaton ou Akh-En-Aton que significa "quem serve a Aton". Logo após, movido pelos efeitos dessa estranha revelação mística, transferiu a capital de Tebas para Tell-El-Amarna, chamando-a de Akh-Et-Aton ou "lugar da glória de Aton". Isto alterou por completo o esquema religioso vigente,

promovendo um radical monoteísmo e conquistando o ódio dos sacerdotes de Amon, permitindo apenas o culto a Rá. Tudo isso provocou uma terrível desestabilização no processo religioso e político do Egito antigo, afetando completamente a credibilidade do faraó. Já que o mesmo passou a ser, junto com a sua família, os únicos sacerdotes de Aton, centralizando o culto e sendo o próprio faraó o principal oficiador dos rituais.

Sem encontrar compreensão e muito menos apoio, Akhenaton enfrentou diversas intrigas dos sacerdotes, dos militares e da corte, vindo a morrer assassinado algum tempo depois, assim como o seu co-regente e genro de nome Smenkhara, inclusive, o seu sucessor e familiar, o famoso Tutankamon partilhou do mesmo fim. Mas, enquanto isso não se concretizava, um jovem semita de nome José acabara de ser salvo da morte pelo seu irmão Ruben e vendido por 20 siclos de prata pelos demais a uma caravana ismaelita em direção ao Egito.

Chegando, o jovem José é vendido para Putifar, eunuco do faraó e comandante da guarda. Logo depois, por recusar a sedução da mulher do seu amo, é mandado à prisão. Ali, o jovem vidente interpreta os sonhos do Copeiro-Mor e do Padeiro-Mor, sendo profetisada a morte do segundo. Passado o tempo, o faraó recebe a indicação do Copeiro para que o seu terrível sonho seja interpretado por José (sete vacas gordas e sete vacas magras), que acerta perfeitamente no significado. Em recompensa, o faraó muda o nome de José para o nome egípcio de Safanet-Fanec, recebendo por mulher a jovem Asenet, filha de Putifar, Sacerdote de On e a investidura de primeiro-ministro.

Desta forma, o solitário faraó encontra num sábio jovem semita e interpretador de sonhos um sinal místico e a presença de uma crença comum: a fé profunda na existência de um único e verdadeiro Deus. Esta simples simpatia e convergência de credo valeu a José uma condição

hierárquica difícil de ser conquistada. Sendo que, se jamais tivesse ocorrido a estranha aparição para o faraó, a rotina religiosa do Egito dificilmente teria sofrido qualquer abalo; José teria apenas gozado de algum pequeno privilégio continuando na condição de escravo ou não, e Jacó e seus filhos teriam morrido de fome em Canaã. Já que foi a condição de primeiro-ministro que permitiu a José livrar a sua família da estiagem.

Cronologicamente, as datas em que ambos os personagens Amenofis IV e José co-existiram são realmente próximas pelo que se acredita (provavelmente entre 1800 e 1350 a.C.), o que reforça bem a tese dessa relação. E, por outro lado, em toda a história do Egito nunca existiu outro momento em que algo similar tivesse ocorrido.

Realmente, podemos perceber que a experiência deste faraó no deserto resultou muito conveniente para os judeus, garantindo-lhes sobreviver à fome. Podemos dizer que, de igual forma, quando a sua situação no Egito mudou pela postura da XIX dinastia, isto é, dos Ramsés, surgiu Moisés, um judeu salvo por Deus e criado entre a realeza egípcia, sendo depois tocado para libertar seu povo e estabelecer as leis que fundamentassem uma administração teocrática.

Se analisarmos detalhadamente os passos deste povo, em cada momento de sua longa saga por construir uma nação e depurar-se aos olhos do seu criador, surgiu um milagre, um anjo, uma personalidade, uma morte, uma orientação e até um nascimento, que alterou suas estruturas e promoveu uma profunda mudança, salvando-o inclusive de seus inimigos. E isso tudo parece acontecer em função de haver um programa e um resultado a ser cumprido, ou seja, de uma meta a ser alcançada.

Pelo menos, é o que poderia concluir frente ao que Joakm referiu e ao que os evangelhos apresentam. Porém, eu sabia que paralelamente aos escritos considerados sagrados e registrados na *Bíblia* (a qual é a mais

comum fonte de informação e a mais acessível) existiam muitos mais que não haviam sido considerados por aqueles que elaboraram o documento final. Faltava saber se, dentro destes outros documentos, poderiam haver considerações e relatos que pudessem reforçar ainda mais a possibilidade de ser o povo judeu realmente um projeto extraterrestre derivado de um anterior. Em outras palavras, provavelmente deveriam haver registros que pudessem proporcionar pistas históricas sobre esta relação.

Nesse sentido, procurei maiores informações sobre esses documentos, encontrando um farto volume de antigos textos religiosos, tanto cristãos como judeus e em sua maioria desconhecidos do público. Assim, deparei-me inicialmente com um texto de origem judaica chamado de o *"Livro dos Jubileus",* datado de 109 a.C. e encontrado na Etiópia, que indicava sobre o porquê da escolha do povo judeu por Deus. Especificamente, em síntese, o texto explicava que Deus teria escolhido Abraão e sua geração para distingui-los dos demais e orientá-los dentro de uma relação monoteísta estrita, pois os reconhecia como aptos para serem um modelo, destacando nesse sentido a Jacó e seus descendentes. Além do mais, o texto também fazia referência à vinda em tempos remotos de uma legião de anjos para a Terra comandados por Semjasa ou Semyase, e que, durante sua estada, ensinaram coisas proibidas aos homens, além de acasalar com as mulheres humanas e ter gerado uma raça de gigantes. Algo incrivelmente coincidente com o relato de Joakm e outros dois textos apócrifos judeus que também descobri: o *"Livro dos Segredos de Enoch"* e o *"Livro dos Vigilantes"*, ambos atribuídos ao profeta Enoch, isto é, anteriores à era cristã. Porém, para minha surpresa, embora bastante antigos, os textos não eram aceitos pelo judaísmo como documentos válidos.

Foi assim que descobri maiores detalhes sobre o termo "apócrifo", cujo significado era tão revelador quanto misterioso, incentivando-me a saber

mais a respeito. Esta palavra, existente tanto para judeus como católicos, significava, bem antigamente, "secreto", isto é, era empregada para identificar um documento cuja importância o colocava numa condição de leitura própria somente para alguns escolhidos. Ou seja, apenas pessoas seletas teriam acesso ao documento, não por ser mentiroso ou falso, mas porque seu conteúdo era por demais importante e/ou comprometedor. Porém, com o tempo, este termo passou a ser corrompido e deturpado, sendo empregado, posteriormente, apenas para identificar um texto, relato ou trabalho não aprovado ou aceito oficialmente. Desta maneira, a palavra "apócrifo" passou a categorizar apenas um documento considerado não inspirado por forças divinas e, portanto, não válido perante a Igreja católica e pela religião judaica. Na prática, porém, esta última definição nem sempre foi levada à risca. Para citar um exemplo bem simples temos que no *Novo Testamento* cristão não existe qualquer menção aos nomes dos pais da Santa Virgem Maria, mãe de Jesus, mas quase todos sabem que se chamavam Joaquim e Ana. Embora o texto oficial não os mencione, os nomes do ilustre casal fazem parte da liturgia, o que resulta em algo contraditório. Como poderíamos render culto a um casal não mencionado no *Novo Testamento*? De onde veio esta informação?

Entre os mais maravilhosos monumentos medievais existentes na Europa, temos um em particular que surge como testemunha exemplar acorde a esta questão. Na antiga e lendária Catedral de Burgos, uma maravilhosa Igreja gótica, construída por volta de 1221 e consagrada em 1261 na cidade de Burgos, Espanha — lugar onde Don Rodrigo Díaz de Vivar (1043-1099), o famoso "Cid", realizou seus sagrados votos para lutar pela expulsão dos árabes das terras espanholas —, existe, curiosamente, um altar do século XV dedicado exclusivamente a Santa Ana e São Joaquim, os pais da Santa Virgem Maria. Como isso é possível?

Um outro exemplo interessante que vem de encontro ao assunto, nós o encontramos entre os anos 1621 e 1623, quando o Papa Gregório XV instituiu oficialmente a festa de Santa Ana e São Joaquim para o dia 26 de julho, além de promulgar a bula *Sanctisimus Dominus Noster,* pela qual se proibia afirmar que a Virgem Maria foi concebida com o pecado original.

Como é facilmente possível constatar e já mencionei os nomes deste casal tão ilustre, isto é, dos pais da Virgem Maria, nunca estiveram presentes nos textos considerados válidos pela Igreja, apenas os encontramos no *Evangelho Apócrifo do Pseudo-Mateus,* um texto surgido entre os séculos II e III, atribuído na sua origem ao apóstolo Mateus ou a um homônimo posterior. Embora este documento relacione a genealogia da Virgem Maria e a história do seu nascimento, possui relatos curiosos e referências interessantes sobre como Maria, com apenas três anos, veio a morar no Templo de Jerusalém até completar os 14 anos, lugar onde recebia a visita constante dos anjos; que José, seu futuro e posterior esposo, era um homem velho, viúvo e com vários filhos do casamento anterior; enfim, temos que a Igreja, arbitrariamente, havia extraído deste texto apenas algumas informações que lhe interessavam desconsiderando as demais e vetando-as ao público. Tanto isso é assim que o reconhecido sacramento da "Extrema-unção", aquele estendido aos moribundos, encontra sua base de existência fundamental em apenas dois textos apócrifos: a *História Copta de José, o Carpinteiro* e *História Árabe de José, o Carpinteiro*; onde Jesus faz uma prece especial ao acompanhar a morte de José. Evento este sequer mencionado em qualquer lugar dos evangelhos do *Novo Testamento* católico. E, para finalizar esta abordagem, temos mais uma demonstração de incoerência ocorrida no ano de 435 d.C., quando o Papa Sixto III mandou decorar parte da Igreja de Santa Maria, a Maior, em Constantinopla, com motivos

obtidos do *Evangelho Apócrifo do Pseudo-Mateus*. E, mais tarde, complementou a decoração com temas de um outro documento, também apócrifo, chamado de *Proto-Evangelho de Tiago*.

Quantas festividades, afinal, dados e até coisas em que acreditamos são de origem apócrifa? Se a Igreja se dava a autoridade de selecionar o que estava correto ou errado, que fundamento histórico ou critério foi empregado para escolher o que deveríamos aceitar como verdadeiro? Quantos outros documentos existiriam ou ainda existem completamente desconhecidos? Quanto vinha sendo descartado e afastado do conhecimento público por conveniência? Quantas informações preciosas haveriam sofrido absurdamente de uma ignorante segregação ou mutilação?

Seja como for, a Igreja validava fragmentos de documentos que o próprio judaísmo condenaria por falhas históricas absurdas. Como o fato de Maria ainda criança ir morar no Templo de Jerusalém e de ter permanecido nele até a adolescência. Lembremos que no judaísmo a mulher não tem qualquer representatividade, principalmente nos aspectos que envolvem a religião. Desta forma, jamais a casta sacerdotal judaica teria permitido mulheres, mesmo crianças do sexo feminino, morar no principal santuário religioso de Jerusalém, ou em qualquer outro, nem sequer como serventes.

Assim, percebendo um enorme cabedal de contradições históricas e a evidência de rudes manipulações, iniciei meus primeiros contatos com este campo de investigação e após algumas interessantes leituras consegui perceber que a quantidade de textos considerados apócrifos, tanto no judaísmo como no cristianismo, era maior do que imaginava, sendo que, em muitos casos, seu conteúdo parecia não ter sentido aparente se comparado com os evangelhos aceitos oficialmente.

Na época, consegui reunir alguns destes documentos, sendo que incompletos na maioria, o que permitiu conhecer parcialmente apenas algumas situações, descrições e fenômenos extremamente curiosos para aqueles dias. Nesse então, havia procurado tomar contato com os textos apócrifos judeus existentes, desde os mais conhecidos como: o *Livro de Tobias, o Livro de Judite* e o *Livro de Baruque*; até alguns dos mais raros como o *Livro dos Jubileus,* o *Livro de Enoch* nas versões etíope e grego ou também chamados de *1 Enoch, o Livro de Jaser, o Apocalipse de Baruc,* as *Cartas de Aristecas,* a *Vida de Adão e Eva,* a *Ascenção de Isaías,* o *Sefer Hekalot* ou *Livro Hebraico de Enoch,* o *Testamento de Moisés,* a versão eslava do *Livro dos Segredos de Enoch,* os *Fragmentos Coptos de Enoch, o Apocalipse de Elias* e, finalmente, o *III e o IV Evangelho de Esdras,* este último também conhecido por *Apocalipse de Esdras.* Outros documentos ainda mais interessantes como *o Apocalipse de Lamec,* o *Testamento de Neftali,* o *Livro do Regulamento da Guerra dos Filhos da Luz contra os Filhos das Trevas,* o *Livro de Enoch* ou também conhecido por *Fragmentos Arameus de Enoch* e alguns mais, descobertos nas escavações de Qumram, foram de impossível ou parcial acesso, dada a sua raridade. Mas, no caso dos apócrifos cristãos, fiquei impressionado pelo número existente. Era algo em torno de centenas de textos. Razão pela qual tomei contato com apenas aqueles que considerei realmente interessantes, tanto pela sua antigüidade como pela sua origem. De tal sorte que alguns dentre eles resultaram em verdadeiros achados, como foram, principalmente: o *Evangelho do Pseudo-Mateus, o Proto-Evangelho de Tiago, o Evangelho do Pseudo-Tomé,* o *Evangelho de São Tomé,* a *História da Infância de Jesus Segundo São Tomé,* o *Evangelho da Natividade, o Evangelho Árabe da Infância, o Evangelho Armênio da Infância, o Livro da Infância do Salvador, a História Copta de José, o Carpinteiro, a História Árabe de José, o Carpinteiro, o Trânsito da Bem-*

aventurada Virgem Maria, o Trânsito da Bem-aventurada Virgem Maria segundo a versão de Vicente de Beauvais, o Trânsito da Bem-aventurada Virgem Maria segundo a versão de Dulaurier, a Correspondência entre Jesus e Abgar, Rei de Edessa, o Evangelho de Nicodemus e Descida de Cristo ao Inferno, o Evangelho de Bartolomeu, o Evangelho de Pedro, o Evangelho Segundo Tomé, o Dídimo, o Evangelho da Vingança do Salvador, o Evangelho da Morte de Pilatos, o Evangelho de Taciano, o Evangelho de Ammonio, o Evangelho de Valentino, o Evangelho de Felipe, as Memórias dos Apóstolos, o Evangelho de Apeles, o Nascimento de Maria, o Evangelho de Judas Iscariote, a Ascenção de Tiago, as Perguntas de Maria, o Evangelho da Perfeição, o Evangelho de Basílides, o Evangelho de Marcião, a Carta de Pilatos a Tibério, a Carta de Tibério a Pilatos, a Tradição de Pilatos, a Declaração de José de Arimatea, a Sentença de Pilatos, o Livro de São João Evangelista, o Livro de São João bispo de Tessalônica e a Narração do Pseudo-José de Arimatea, entre outros.

Mesmo com toda essa pesquisa até aqui, ainda não havia conseguido amarrar claramente todo o gênese sumério à figura de Jesus. Ambas as coisas pareciam um pouco distantes uma da outra, porém a presença de estranhas entidades que assessoravam o ser humano e outorgavam poder e tecnologia reforçava-se mais a cada momento, conforme mergulhava no universo desta escrita não oficial. A cada nova investigação os diversos textos apócrifos católicos e judeus existentes resultavam realmente esclarecedores, mostrando-se uma incrível e interessante fonte de informação. Porém, a questão era juntar as peças de um quebra-cabeças gigantesco. E o elo que faltava não demoraria em aparecer.

Algum tempo depois e viajando ao exterior, consegui ter acesso a um documento apócrifo interessantíssimo e muito revelador, chamado de o *"Evangelho Cátaro do Pseudo-João"*, o qual se encarregaria de

estabelecer o elo entre Jesus e os sumérios, assim como com quase todas as tradições que alegam sermos criação intencional de alguma inteligência externa.

Cabe explicar que o nome Cátaro vem da palavra grega "Katharos" que significa "Puros". A mesma designa os adeptos de uma antiga seita cristã oriental surgida ao longo dos países baixos, por volta do ano 1163 na região de Colônia e Renânia na Alemanha, firmando-se principalmente mais tarde na Itália e França. A seita professava um credo cristão extremamente piedoso e desprendido, cuja ideologia baseava-se no afastamento de tudo o que fosse material, na purificação pela pobreza, na inexistência de hierarquias, na propriedade comum e num moralismo radical. Sua rejeição ao Antigo Testamento e a estruturação dentro de uma proposta calcada no cristianismo primitivo colocou-os na condição de hereges perante a Igreja católica.

Os cátaros buscavam um evangelho coerente com as prédicas paulíneas, isto é, com a prédica e pensamento do apóstolo Paulo de Tarso, criticando radicalmente o materialismo e os excessos da Igreja católica da época, os quais não eram poucos, vindo mais adiante a romper em definitivo e não reconhecer suarepresentatividade doutrinária e institucional, fundando uma igreja paralela.

Para tanto, os cátaros reuniram de todos os cantos do mundo da época um dos maiores acervos de documentos antigos sobre as prédicas de Jesus e de Paulo de Tarso, procurando, desta forma, obter subsídios suficientes para a fundamentação de suas práticas doutrinais. Abastecida por esses sagrados documentos, a nova comunidade poderia espelhar seus pensamentos e atividades no conteúdo, sem temer estar à margem dos verdadeiros ensinamentos. E assim o fizeram.

Em função do seu crescente sucesso como uma nova igreja, a enciumada Igreja católica iniciou uma guerra total e cruenta, determinada a destruí-

los para acabar com a concorrência que haviam criado, já que ameaçavam o estado de submissão dos fiéis e a continuidade de sua hegemonia. Desta forma, o Papa Alexandre III (1159-1181) excomungou a todos os cátaros, declarando guerra total à sua prédica e convocando reis e grupos armados para provocar seu definitivo extermínio. De igual forma que nas Cruzadas, os nobres participantes do conflito seriam premiados com as indulgências, isto é, com o total perdão de seus pecados e a garantia do céu. Porém, para intranqüilidade geral, a luta somente culminou por volta do século XV, quando os cátaros foram totalmente aniquilados e suas propriedades confiscadas pela Igreja católica.

Dentre os documentos desta seita que conseguiram se salvar e que chegaram até nossos dias, existe um em particular, desconhecido do público, atribuído originalmente ao próprio apóstolo João, o último dos doze a morrer. O apócrifo em si, parece ser uma cópia realizada várias décadas depois da perda do original pelos seguidores de João, porém, especula-se que a antigüidade de sua primeira aparição pública tenha ocorrido provavelmente por volta do século II ou III. O documento apresenta nitidamente um estilo cristão paulinista, comportando quatro capítulos e setenta e três versículos, havendo sofrido significativas inclusões em seu conteúdo aproximadamente por volta do século IV, especificamente durante o período de São Éfrem (306-373), já que o mesmo apresenta características atribuídas ao discurso deste santo e aquelas correntes nesse século. Este curioso e revelador apócrifo, reúne uma série de detalhes considerados absurdos e discordantes para os cânones de sua época, mas profundamente esclarecedores para a nossa.

O documento em questão apresenta-se como um diálogo particular entre João e Jesus, onde o apóstolo interroga curiosa e continuamente a seu mestre sobre a origem da criação e da aparição do demônio. No primeiro capítulo, o jovem apóstolo descreve encontrar-se num diálogo a respeito

da iminente traição que sofreria Jesus, quando lhe pergunta a respeito de Satanás: "... *E eu disse: Senhor, antes de Satanás cair, qual era sua glória junto ao teu Pai? E Jesus me respondeu: Era uma gloria tamanha, que mandava nas potestades dos céus. E eu estava sentado junto ao meu Pai, e ele mandava em todos os imitadores do meu Pai. Descia dos céus até o inferno, e subia depois desde o inferno até o trono do Pai invisível. E foi ferido de orgulho pela glória de quem, como ele, dirigia os céus, e concebeu o pensamento de colocar sua residência por cima das nuvens dos céus, e quis ser semelhante ao Altíssimo...".*

No texto, perfeitamente calcado na influência paulínea/grega, vemos que Jesus responde claramente que Satanás *"mandava em todos os imitadores do seu Pai"* e que *"foi ferido de orgulho pela glória de quem, como ele, dirigia os céus, e concebeu o pensamento de colocar sua residência por cima das nuvens dos céus, e quis ser semelhante ao Altíssimo".* Se podemos interpretar as respostas, podemos entender que existiam outros criadores, chamados de imitadores, assim como que Satanás ficou tentado a fazer o mesmo. Em outras palavras, a independizar-se e vir a criar também como outros, além de Deus, o teriam feito.

E, para tanto, abandonou o seu lugar de moradia em algum lugar no espaço e foi visitar a Terra, chegando até o fundo dela, procurando conhecê-la para mais tarde utilizá-la para seus propósitos criacionistas. Nesse sentido o texto continua com Jesus relatando que: "... E, quando houve descido no ar, disse ao anjo do ar: Abre-me as portas do ar, e o anjo lhe abriu as portas do ar. E, descendo mais abaixo, se dirigiu ao anjo que presidia os céus, e lhe ordenou: Abre-me as portas dos céus, e o anjo as abriu. E, continuando seu caminho, encontrou toda a face da terra coberta pelas águas. E, descendo sobre a terra, encontrou clois grandes peixes estendidos sobre as águas como bois colocados lado a lado para lavrar, os quais, conforme o mandamento do Pai invisível, ocupavam

toda a terra, desde o pôr-de-sol até sua saída. E, quando desceu mais ainda, encontrou seu ossop, que é o elemento do fogo, e não conseguiu descer mais, a causa das chamas ardentes que o impediam. E Satanás retrocedeu, e foi até o anjo do ar, e até o que preside as águas, e disse: Tudo isto é meu. Se me escutais e me obedeceis, colocarei minha residência por cima das nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo. E, tirando as águas deste firmamento supremo, reunirei os demais lugares do mar, e não haverá água sobre a superfície da terra, e reinarei com vocês por todos os séculos dos séculos...".

Neste discurso, Jesus explica a João que Satanás visitou a Terra e a encontrou com grandes oceanos, chegando até o seu interior e encontrando apenas o magma incandescente por debaixo da superfície. Depois da vistoria e encontrando o local adequado para seus planos, procurou convencer os demais anjos para que o seguissem, negociando com eles a forma de premiá-los pela deserção. Porém, não demorou para que Deus percebesse o que estava ocorrendo, castigando a Satanás e seus seguidores: "... *E uma voz saiu do trono do Pai, e disse: Que fazes tu que negas ao Pai, e seduzes aos anjos? Indutor ao pecado, cumpre prontamente o que no pensamento concebestes. Então, o Pai deu ordens aos seus anjos, dizendo-lhes: Tomem suas vestes. E os anjos despojaram de suas vestes, de seus tronos e de suas coroas, a todos os anjos que lhe haviam ouvido e obedecido a Satanás...".*

Descobertos pois, todos os envolvidos foram identificados e punidos. Os privilégios e honras desses traidores foram apagados e em seu lugar restou apenas a humilhação e o banimento.

Em continuação, no segundo capítulo, o jovem apóstolo João pergunta a Jesus: "... E eu, João, perguntei ao Senhor: Quando Satanás caiu, em que lugar foi habitar? E o Senhor me respondeu: Meu Pai lhe desfigurou por causa do seu orgulho, e lhe arrebatou a sua luz, e sua face se tornou como

o ferro avermelhado pelo fogo, e foi semelhante à do homem e, com um só açoite do seu rabo, arrastou a terceira parte dos anjos de Deus, e foi lançado longe da sede do Altíssimo e da estância dos céus. E, ao descer no firmamento, não conseguiu achar nenhum repouso, nem para ele nem para os que o acompanhavam. E rogou ao Pai, dizendo: Tem compaixão de mim, e te devolverei tudo. E o Pai teve compaixão dele, e concedeu-lhe repouso, assim como aos que lhe acompanhavam, por espaço de sete dias...".

Aqui observamos que Satanás e seus seguidores abandonaram o seu lugar de moradia original e vagaram durante um longo período sem encontrar onde permanecer, até o momento em que procuraram por clemência. Somente nesse momento foi possível descansar da procura.

Até aqui, poderíamos estar simplesmente tendo a confirmação da famosa queda dos anjos mencionada no catecismo, a qual justifica a aparição do demônio e seus seguidores. O sempre lembrado pecado do orgulho e da arrogância que teria provocado a queda de Satanás parece claro. Porém, ocorre que a Igreja está dividida em relação a qual foi a razão pela qual os anjos foram transformados em demônios, já que no *Evangelho de São Judas* (1:5-7) e nas *Epístolas de São Pedro* (2:4) o conceito que se emprega para justificar a queda é o de *"Angeli Fornicatores",* isto é, anjos que pecaram pela carne. Colocado de outra forma, aparentemente os anjos foram expulsos do céu não porque se rebelaram contra Deus, mas porque fornicaram com as mulheres da Terra, isto é, porque tiveram relações sexuais. O que é muito diferente de um ataque de orgulho e vaidade. Porém, no início do texto, Jesus afirmava que assim como Deus existiam imitadores, o que significa que o objetivo de Satanás não era simplesmente sair do céu, mas o de criar vida em algum lugar, e isto se confirma na continuação do texto: "... *E Satanás se instalou no firmamento, e imperou no anjo do ar e no anjo da água. E estes*

levantaram a terra, a qual apareceu acima, e o anjo que dominava sobre as águas recebeu uma coroa. E com a metade dela fez a luz da lua, e a luz das estrelas, e com as pedras fez as aglomerações das estrelas. E tomou em seguida aos anjos por ministros seus, segundo a ordem estabelecida na mansão do Altíssimo, e criou o trovão, a chuva, o granizo e a neve. E enviou à terra os anjos, seus ministros. E mandou a terra produzir todos os voláteis, e todos os répteis, e as árvores, e as plantas. E mandou ao mar produzir os peixes e os pássaros do céu. E, refletindo entre si, quis fazer o homem à sua imagem, e ordenou ao anjo do terceiro céu que entrasse num corpo de barro. E, tomando uma porção deste corpo, fez outro corpo em forma de mulher, e ordenou ao anjo do segundo céu que entrasse no corpo da mulher. E os anjos choravam, ao ver-se revestidos de uma forma mortal e diferente da que sempre lhes havia correspondido. Mas, ele os mandou executar a obra carnal em seus corpos de barro, sem que eles compreendessem que cometiam pecado. E o autor do mal pensou em formar o Paraíso, e colocou nele o primeiro homem. E plantou uma árvore em meio ao Paraíso, e ocultou assim seu pensamento, para que os homens não conhecessem seu engano. E se aproximou deles, e lhes disse: Comam de todo fruto que se encontre no Paraíso, mas não comam do fruto da árvore do bem e do mal. E o diabo entrou no corpo de uma serpente perversa, e seduziu ao anjo que tinha forma de mulher, e em seu irmão repercutiu a concupiscência do pecado, e cometeu sua concupiscência com Eva no canto da serpente...".

Aqui encontramos uma declaração totalmente absurda atribuída a Jesus que contraria todos os textos do *Gênesis* bíblico conhecido, tanto por judeus como por católicos. Em outras palavras, Jesus confirma para João que o homem não foi criado por Deus mas por Satanás, resultando numa experiência. Definitivamente, é incrível que num texto tão antigo se

encontrem informações que conflitem inclusive com o próprio judaísmo, não encontrando correspondência com nenhum outro apócrifo cristão conhecido, porém, apresentando sim alguma semelhança com alguns textos judeus. E isto é realmente extraordinário, pois confirma completamente que, seres de uma outra natureza diferente de Deus, vieram para a Terra, a moldaram conforme seus interesses e fizeram o homem à sua imagem, procurando que o mesmo os servisse, alterando para tanto todo o processo evolutivo natural existente. O pecado destes anjos foi na verdade construir uma vida inteligente fora de um contexto criador soberano e utilizar suas experiências para proveito próprio, manipulando a criação a seu gosto. E isto, Jesus sabia perfeitamente, já que no *Evangelho de São João* no *Novo Testamento,* Jesus afirma categoricamente que o homem é filho do diabo (*João* 8:44), e que, de alguma maneira, estamos aqui para fazer o que ele, o demônio, nos programou a realizar. Colocado de outra forma, somos a criação de alguém, e esse alguém não é Deus. Jesus conhecia bem isso, deixando-o claro no *Novo Testamento,* mas pela falta de informações relativas ao passado histórico de seus discursos dificilmente alguém poderia compreender o verdadeiro significado dessa afirmação.

Nesse sentido e bastante curioso, o apóstolo João pergunta a Jesus a respeito de sua missão na Terra, obtendo a seguinte resposta: "... *Eis aqui porque meu Pai me enviou a este mundo, a fim de que faça conhecer aos homens os perversos desígnios do diabo...".*

Aqui temos algo fantasticamente interessante. Jesus explica que o seu objetivo é realmente esclarecer a humanidade sobre a sua origem e que estes seres ou demônios a teriam gerado, assumindo o papel de criadores. Em outras palavras, fomos criados artificialmente para servir e submeter-nos, carecendo provavelmente de certos elementos que deveriam libertar-nos e dar início a uma nova condição de vida, mas parece que não

conseguimos perceber a existência dessa limitação, razão pela qual a vinda de Jesus estaria relacionada com essa tomada de consciência e descoberta. Mas, seria somente isso?

Vale destacar que, no seu corpo, o apócrifo contém também alguns trechos bastante contraditórios e confusos. Dando a entender que a influência destas entidades chegou até os tempos do profeta Enoch, bem anterior ao dilúvio. Semelhante consideração colocaria em questão não apenas a origem da humanidade, mas também toda a história sagrada, pois as atividades decorrentes após a instalação e expulsão de Adão e Eva do paraíso envolveram a orientação de Deus e a participação dos seus anjos, até a salvação do dilúvio, comprometendo de imediato toda a tradição judaica e cristã. Em outras palavras, os copistas paulíneos exageraram provavelmente na transcrição e estruturação do texto, alterando de certa maneira algumas informações na tentativa de denegrir a imagem do profeta Enoch, já que seus textos comprometiam o cristianismo e sua doutrina em alguns aspectos como mais tarde descobriria.

De qualquer forma, no passado haviam informações muito diferentes das atuais transitando e que foram afastadas do conhecimento público, além de terem sido manipuladas intencionalmente em muitos casos.

Este apócrifo pois estava em perfeita concordância em muitos pontos da mitologia suméria e das informações de Joakm, demonstrando que Jesus também conhecia o nosso passado, reforçado pelo contido na própria *Bíblia.* Por outro lado, a antigüidade deste evangelho apócrifo resulta na sua melhor autenticação, demonstrando que já nos primeiros séculos do cristianismo a idéia de sermos produto de uma outra origem não era desconhecida. Ao contrário, temos aqui uma evidência importante, sugerindo que Jesus provavelmente procurou esclarecer os seus apóstolos sobre a nossa origem em algum momento do seu discurso. E aqui temos

um detalhe curioso. O apóstolo João foi o discípulo predileto do Rabi e o mesmo que recebeu a inspiração para escrever a *Revelação* ou *Apocalipse,* isto é, o livro dos sinais do final dos tempos. Praticamente teríamos a observar aqui que foi João quem recebeu de primeira mão a informação do início de tudo do próprio Jesus e, mais tarde, como seria o final de tudo na segunda vinda. Aparentemente, Jesus teria destinado ao jovem apóstolo João a revelação completa do seu propósito, explicando a razão que o teria trazido ao mundo, assim como qual seria sua missão final.

Dentro do cristianismo primitivo, pois, sabia-se perfeitamente sobre a nossa verdadeira origem, bastava apenas deixar claro qual seria o nosso futuro. E Jesus era esse elo de ligação. Ele parecia ser o elemento intermediário que poderia explicar o que estava ocorrendo conosco, sendo seu legado uma charada incrivelmente inteligente a ser desvendada como apontava Joakm, mas nada fácil de ser compreendida.

Tudo isto afinal me havia proporcionado uma base bastante sólida de informações, capaz de perceber pontos em comum, convergentes e até que corroboravam a narrativa de Joakm. Porém, ainda existiam espaços que precisava preencher melhor a respeito da identidade e objetivos finais de Jesus. Se era fundamental que toda esta realidade fosse conhecida pelo resto da humanidade, não podia ser apenas com a narrativa de nossa experiência e apenas alguns dados, mas sim, na demonstração clara através dos fatos históricos que poderiam provar ou pelo menos sugerir tudo isto.

Seria Jesus pois um extraterrestre ou um humano preparado por eles? Estaria vivo ainda e apenas aguardando o momento de se manifestar? Quantas questões a desvendar, e que pouco tempo para descobrir as respostas.

E, enquanto procurava novas fontes de informação, tênues imagens surgiam vagarosas encobrindo meus pensamentos, trazendo a lembrança de um rosto humano esculpido num outro planeta, ao mesmo tempo que evocava a vaga recordação, quase perdida entre as trevas de minha mente, do rosto do mesmo homem que vira no interior de uma nave extraterrestre. Não podia precisar ao certo se esse rosto era uma foto, um quadro ou alguém, mas a imagem estava relativamente clara e presente.

Nesse período de atividades, nenhum extraterrestre nos havia aclarado ainda especificamente sobre a natureza ou razão da existência destes dois rostos, um encontrado como escultura numa cidade extraterrestre e o outro no interior de uma nave; Godar continuava apenas a fazer valer o desafio, limitado-se a dizer que não era o momento de responder diretamente. E não era para menos realmente. Apenas o ancião Joakm, na caverna de Marcahuasi, havia confirmado: "... *Aquela escultura que viste em* Apu, *é daquele que realmente identificaste. Ele é parte de todo este projeto, mas continua sendo especial, pois vive o presente no aguardo de que se cumpra o que foi escrito...*".

Por enquanto esta era a única certeza que tinha sobre Jesus, sendo que estas palavras ecoavam excitando enormemente minha imaginação, pois se referiam a algo verdadeiramente extraordinário. Eu teria visto (segundo o que podia entender) o verdadeiro rosto de Jesus em Apu? E a que teria visto no interior de uma nave extraterrestre logo depois? Seria realmente ele ou era uma outra entidade parecida fisicamente? Estaria ele vivo ou morto? A quem os extraterrestres pretendiam enviar ao mundo para cumprir a promessa do seu retorno? Ou seria o próprio Jesus a retornar por orientação deles? Quem estava a frente de tudo isto: Jesus ou os extraterrestres? Tudo isso era muito louco para mim.

Se podia compreender o que Joakm me havia dito no encontro, a escultura que vira na cidade extraterrestre de Ilumen era realmente o

busto de Jesus, assim como o rosto visto no interior de uma nave extraterrestre havia pouco tempo, a qual não conseguia identificar como foto ou quadro. E, em conseqüência, tudo isto pressupunha que Jesus, afinal, não era apenas bem conhecido dos extraterrestres, mas estava diretamente vinculado ao plano de ajuda à Terra. Porém, ocorre que Jesus sempre foi visto e entendido em nosso meio como um personagem de origem divina, filho único de Deus, encarnado na Terra, com a missão de redimir os pecados do mundo e mostrar o caminho que nos leva ao encontro com Deus. Como poderia ser então que esta entidade, adorada e cultuada por várias religiões e movimentos esotéricos, tivesse alguma coisa a ver com os extraterrestres? Onde estava escrito da existência desta ligação? No *Evangelho Cátaro do Pseudo-João?* Ou em outro lugar?

Enquanto rememorava estas tão intrincadas questões, procurava escolher outros livros que passaria a investigar. Grande parte de minhas dúvidas a respeito de Jesus e sobre sua passagem histórica estava fundamentada pelas incoerências contidas nos evangelhos registrados no *Novo Testamento* e em alguns textos históricos raros, anteriormente citados. A quantidade de contradições e erros históricos achados nesses documentos era por demais relevante, ao ponto de me obrigar a procurar outras fontes de investigação que não somente as conhecidas para esclarecer tais absurdos. Mesmo com todo aquele passado medonho, alguma coisa deveria ter-se preservado no *Novo Testamento.*

Embora isto parecesse sem importância, existiam relatos nos evangelhos conhecidos que me haviam intrigado sobremaneira, como o mencionado em Mateus, no qual João, o Batista, primo de Jesus e profeta, embora o tivesse batizado no rio Jordão reconhecendo-o aparentemente como alguém muito especial, nunca se fez cristão, bem ao contrário, seus seguidores assumiram o nome de "Mandeos", enquanto que os cristãos judeus assumiram o nome genérico de "Nazoreos". De igual forma e

quase que num tom antagônico, novamente em João encontramos que Jesus nos coloca na condição de deuses em relação ao poder que possuímos e ao destino que temos a realizar (*João* 10:34). Inclusive, na continuação do versículo, sutilmente deixa entrever que autoproclamar-se "Filho de Deus" está em razão de sermos todos "Filhos de Deus" (*João* 10:35-36). Além disso, e um dos pontos mais intrigantes, é a afirmação clara do seu futuro retorno ao mundo, alertando aos apóstolos de que não se deixem enganar por falsos profetas. Inclusive, em relação ao próprio futuro da humanidade, também encontramos um documento em que Jesus promete retornar para acertar as contas conosco. É aqui, no texto final do *Apocalipse* ou *Revelação* de São João, que constam referências importantes em relação à sua volta definitiva, a como será a nova vida na Terra depois do julgamento e após a chegada da "Nova Jerusalém" vinda dos céus. Segundo o relato do apóstolo João, nesta nova condição de vida não haverá mais templos *(Apocalipse* 21:22), ou seja, não existirão locais de adoração e culto, nem sacerdotes ou intermediários, já que, segundo o texto reza, Deus habitará com os homens (*Apocalipse* 21:3). Em outras palavras, acredito que isto representaria o fim de todas as religiões, indistintamente, assim como de seus sacerdotes e intérpretes, num momento identificado como o do julgamento. Mas, então, qual seria o sentido de uma ou mais religiões existirem se o compromisso de Deus é, afinal, dar a oportunidade ao homem de encontrar um único caminho de justiça para que, mais tarde, ele próprio se integre ao espírito de Deus? Seria apenas o de confundir? Testar a humanidade?

Precisava conseguir novos dados e informações que pudessem auxiliar melhor o meu entendimento. Informações estas que permitissem esclarecer a origem de tantos erros e buracos. Não podia aceitar que um documento como a *Bíblia,* tão antigo, pesquisado e lido, nunca tivesse despertado a curiosidade de alguns mais interessados em conhecer a

verdade de sua origem e conteúdo. Assim, esgotando os recursos disponíveis no momento, passei a procurar novas fontes, aproveitando para refletir sobre todas as anotações.

Nas seguintes oportunidades que surgiram, abordei as Bibliotecas que apareceram à "cata" de novas fontes, tomando contato com alguns textos que contavam historicamente e em detalhe a origem e formação da *Bíblia.* Assim, iniciei uma nova etapa na investigação, procurando que fosse mais profunda desta vez.

Neste decorrer, pois, descobri mais alguns aspectos sobre a construção da *Vulgata Latina,* nome pelo qual foi conhecida a primeira versão oficial da *Bíblia* realizada por São Jerônimo. Aparentemente, o que deveria ter sido um documento para esclarecer, transformou-se num documento para submeter. E isto não é difícil de compreender, pois naquela época não existia uma orientação unificada nem um documento único que norteasse o rumo das atividades pastorais, muito menos um poder consolidado que permitisse uma convergência no relativo às prédicas de Jesus, e isto resultava em que cada grupo cristão local interpretava os evangelhos como bem entendia, pois cada região tinha os seus evangelistas preferidos, o que não significava que seus textos e relatos, afinal, fossem convergentes e coerentes entre si, muito menos aprovados ou aceitos por Roma. O documento seria agora a alternativa de evitar o surgimento de novas seitas e pasteurizar a informação.

Além do mais, nesse rebuscar de informações, entre outras coisas interessantes, achei que, na última versão revisada da Bíblia Luterana, realizada em 1975, apenas duas terceiras partes do texto total se reportavam à tradução original do próprio *Lutero*, Posto de outra forma, podemos dizer que uma em cada três palavras da obra original foi mudada. Assim sendo, das 181.170 palavras do *Novo Testamento* protestante, pelo menos houve uma inovação de 63.420 palavras cuja

origem e razão fogem totalmente da verdadeira obra. E essa situação, infelizmente, não era exclusiva apenas desta religião.

Mais adiante, já entre outros documentos, me deparei com que, durante séculos, a manipulação dos textos sagrados católicos havia produzido resultados desastrosos, provocando enormes e graves confusões, assim como dissidências. Apenas na Espanha, durante o século XIII, o rei de Castela e Leão, Afonso X, o Sábio (1221-1284), havia solicitado a realização de um total de 5.000 alterações textuais na versão bíblica cristã da época, isto é, na *Vulgata Latina.* Isso, por sua livre e espontânea vontade, com a única intenção de que a mesma ficasse melhor. Outra incontestável prova de manipulação foi a descoberta da existência de uma *Bíblia* totalmente diferente da aceita oficialmente. Era a *Bíblia Medieval Portuguesa,* um documento datado de 1320, também chamado de *Códice 349.* Este texto religioso cristão contendo a *Historian Veteris Testamenti* ou *Antigo Testamento* foi feito em pergaminho e fazia parte da biblioteca do mosteiro de Alcobaça, em Portugal, sendo mencionado no *Index Codicum Bibliothecae Alcobatiae* de 1775. Embora o original deste documento esteja desaparecido há muito tempo, foi investigado em 1827 pelo Frei Fortunato de São Boaventura, que em princípio pensou tratar-se realmente de uma obra do século XIV, vindo mais tarde a afirmar ser muito mais antiga. O mais curioso deste trabalho, é que não é uma tradução literal da *Vulgata Latina,* isto é, da *Bíblia* considerada oficial na época, mas uma versão totalmente diferente e pelo visto perfeitamente aceita nesses tempos. O estranho é que, no seu *Gênesis,* constam dados e informações incríveis, como a descrição detalhada da morte de Caim, o filho de Adão e Eva; assim como a menção do nome "Jesus Christo" em vários momentos, enfim, coisas que não constam sequer na *Torah* judaica de onde o *Gênesis* original foi extraído, além, é claro, de muitas outras diferenças.

Outra curiosidade histórica não menos surpreendente, relacionada à origem, redação e manipulação intencional do sacro documento cristão, ocorreu quando, em 1585, o cardeal Felice Peretti da Montalto se transformou no Papa Sixto V, sendo que, logo depois, uma nova *Bíblia,* bem diferente da atual, surgiu de sua total autoria. Embora no Concilio de Trento em 1546 a *Vulgata Latina* tivesse sido definida e considerada como a única versão a ser utilizada e, portanto, a oficial da cristandade, o Papa Sixto V, construtor da Biblioteca do Vaticano, perpetrou absurdas mudanças no seu conteúdo pois acreditava estar inspirado divinamente para melhorá-la. Assim, em abril de 1590, com a bula *Aeternus Ille* que declarava o novo documento como único e verdadeiro alguns exemplares recém-saídos da gráfica do Vaticano transitaram entre clérigos da época, provocando espanto e abafadas críticas. E, para agravar ainda mais a história, Sixto V morreria subitamente no dia 27 de agosto, sendo rapidamente substituído pelo Papa Urbano VII, o qual morreria também 13 dias depois. Na seqüência, o novo Papa Gregório XIV tem de assumir a dura tarefa do prejuízo, pois o sacro documento da cristandade não podia permanecer daquele jeito. Para tanto, acionaria uma equipe de especialistas a cargo de um tal Bellarmino, com o objetivo de corrigir o mais rapidamente possível o estrago realizado por seu antecessor.

A primeira versão da correção ficou pronta apenas em junho de 1591, esbarrando no problema de como apresentá-la. O Papa Gregório XIV ficou no papado apenas durante dez meses, sendo substituído, após sua morte, por Inocêncio IX que, por sua vez, sentou no trono por somente dois meses. Assim, em 1592, o lugar de São Pedro foi ocupado pelo Papa Clemente VIII (1592-1605), que assumiu a vaga e o problema, o que o obrigou a promover uma jogada estratégica para oficializar o novo documento e dá-lo a conhecer. A saída foi afirmar que o documento final era a verdadeira forma revisada do Papa Sixto V, sendo que a anterior

não passava de uma versão rudimentar e sem finalização, pois apresentava graves erros de copiagem e composição.

Por que seria tão difícil admitir um erro? O Papa era apenas um homem ou não? Na dúvida, procurei maiores informações para entender a razão de todo esse cuidado, descobrindo novamente fatos surpreendentes.

Em tempos ainda bem anteriores ao reinado do Papa Sixto V, um tal Hildebrando, filho de um humilde carpinteiro, assumiu o papado no ano de 1073, permanecendo no sólio pontifício até 1085. Na oportunidade de sua eleição, Hildebrando, nascido na Toscana, Itália, ficou conhecido como o Papa São Gregório VII. No seu amplo *curriculum* eclesiástico constava que atuou eficientemente como sacerdote do Papa Gregório VI durante o exílio do mesmo na Alemanha; que foi um sábio conselheiro de outros cinco Papas anteriores a ele e que trabalhou muito para acabar com a corrupção dentro da Igreja, vindo a morrer exilado em Salerno e que, mais tarde, foi transformado em santo. Porém, lamentavelmente, a história deste proeminente Papa não foi tão romântica nem maravilhosa quanto aparentava.

Segundo pude apurar pelos documentos que pesquisei, logo após ter sido proclamado Papa, Gregório VII redigiu um "Dictatus", isto é, uma lista que atribuía poderes a ele próprio e à Igreja, rezando o seguinte: "... O Papa não pode ser julgado por ninguém na Terra. A Igreja católica nunca errou nem poderá errar jamais até o final dos tempos. Somente o Papa pode depor aos bispos. Somente ele tem direito a usar as investiduras imperiais. Somente ele pode destronar imperadores, reis e dispensar a seus súditos das obrigações de obediência. Todos os príncipes estão obrigados a beijar seus pés. Seus emissários, mesmo não sendo clérigos, tem precedência sobre os bispos. Um Papa legitimamente eleito é, sem qualquer dúvida, um santo pelos méritos que São Pedro lhe confere...".

Obviamente, frente à existência deste documento, que até o próprio Jesus condenaria, não foi fácil em 1592 para o Papa Clemente VIII lidar com a "barberagem" do seu antecessor, o Papa Sixto V, pois, segundo o conteúdo do texto referido, nenhum Papa poderia errar em hipótese alguma.

E, como se este absolutismo fosse pouco, em 1073 o Papa Gregório VII foi também responsável por dar cobertura a uma legião de religiosos falsificadores a serviço de São Pedro, como foram: Anselmo de Lucca, sobrinho do Papa anterior; o cardeal Deusdebit e o cardeal Gregório de Pavia, entre outros. Nesse período, muitos documentos originais foram retocados intencionalmente para favorecer as determinações da Igreja e dar maior poder ao Papa.

Entre as loucuras da época, o Papa Gregório VII se apropriou das famosas *Pseudodecretais Isidorianas,* uma coletânea de documentos e epístolas Papais, originárias de Reims, na França, que o mesmo decretou como verdadeiras. As *Pseudodecretais* surgiram durante o pontificiado de Leão IV, entre os anos 847 e 855. As mesmas consistiam numa coleção de 115 documentos, significativamente redatados pelos primeiros bispos de Roma, compondo-se de três partes. A primeira com 60 epístolas, a começar por São Clemente I (88- 97), indo até Melcíades. A segunda parte com a famosa *Doação de Constantino* e resoluções de alguns concílios da área hispano-gaulesa. E a terceira parte com decretos dos Papas de Silvestre I até Gregório I. Além destes, 125 documentos ulteriores falsificaram inclusões que acrescentavam ainda mais o poder e a força do papado, a ponto de extender seu poder para ações cíveis e legais. A situação chegou a tal nível, que em meados do século XII, Graciano, um monge beneditino de Bologna, em sua obra *Decretum* ou *Código de Direito Canônico,* descobriu um absurdo. Em 324 passagens de citações pontifícias sobre os primeiros tempos, apenas 11

aparentemente seriam autênticas. Desta descoberta, era possível afirmar que as *Pseudodecretais Isidorianas* são, infelizmente, quase na sua totalidade, falsas, fruto de bispos corruptos cujo único objetivo era ampliar seu poder.

Quantas manipulações e falsificações haveriam mutilado os antigos textos? Quantas preciosas informações haveriam encontrado seu fim na noite dos tempos pela ação irresponsável de egoístas fanáticos? Quanto se haveria perdido, negando ao mundo o direito de conhecer o passado de uma fantástica figura como Jesus e sua prédica? Triste foi ler um trabalho do especialista no *Novo Testamento,* Ernst Kasemann, de Tubingen, que afirmou: "... *É deprimente verificar quão pouco do que está narrado sobre Jesus no Novo Testamento pode ser considerado autêntico...".* E descobrir que, recentemente, um grupo de 74 estudiosos das Sagradas Escrituras, todos do Centro Protestante de Estudos Bíblicos do Westar Institute da Califórnia, Estados Unidos, denominado de "The Jesus Seminar", afirmou que uma em cada cinco palavras atribuídas a Jesus no *Novo Testamento* é verdadeiramente de sua autoria, sendo as outras quatro agregadas por outros autores. Isto, apoiando-se numa análise detalhada do conteúdo, em que se havia verificado uma incrível similaridade de frases e textos com trabalhos gregos de Diógenes, Laércio e Plutarco. O que, afinal, reforça minha tese da grande influência helenista perpetrada pelos copistas e os simpatizantes paulíneos depois do primeiro século após a morte de Jesus.

Tanto o cristianismo foi mudando como o conteúdo do seu mais precioso documento, a *Bíblia,* embora a Igreja se negue a aceitar isso. No dia 18 de novembro de 1965, durante o concilio Vaticano II, enquanto realizava a revisão de sua constituição dogmática, a Igreja afirmou categoricamente que seu mais solene e importante documento, a *Bíblia,* emana diretamente de Deus, o que faz dela um texto santo e canônico, tanto nas

suas partes como na sua totalidade, havendo sido escrito sob inspiração do Espírito Santo. Em outras palavras: *"... Tudo o que foi escrito pelos autores inspirados deve ser considerado como tendo sido escrito pelo Espírito Santo."*. Ou seja, a *Bíblia* para a Igreja é infalível, confiável e fiel aos fatos, doutrina e ensinamentos.

Se esses senhores de São Pedro, assim como outros tantos ao longo da história, modificaram e utilizaram a "palavra de Deus" conforme sua conveniência, quantas outras alterações haveriam sido realizadas tanto nos documentos "oficiais" como no próprio evangelho? O que, afinal, seria verdadeiro neste documento? O que teria dito realmente Jesus e o que haveria restado disso nas *Bíblias* atuais, já que existem 12.000 versões diferentes? Como saber em que documentos ou fontes acreditar?

CAPÍTULO IX
Jesus Existiu?

Tudo parecia confundir-se cada vez mais e as complicações atropelavam qualquer conclusão. Minha cabeça estava quente e parecia que a cada momento mergulhava num beco sem saída. A cada momento e por trás de cada novo documento pesquisado, encontrava mais dúvidas do que esclarecimentos, vindo a questionar se em algum momento encontraria uma luz no meio desse buraco de confusão.

Naquela época, havia retornado ao Peru para visitar minha família e levar alguns amigos brasileiros a conhecer Cuzco, berço da famosa civilização inca. Mas num daqueles dias enquanto meus companheiros aproveitavam uma praia, aproveitei para visitar alguns padres no convento de São Francisco, próximo de minha antiga casa. Quando garoto e ainda estudando no colégio católico havia realizado um retiro espiritual nesse convento, permanecendo nele por vários dias. Nesse período, conheci

alguns padres fantásticos e alguns documentos antigos de sua biblioteca, ainda escritos a mão e encadernados em pele de cabra, cujo conteúdo era realmente interessante. Esta seria uma oportunidade singular para poder ter alguma orientação na minha pesquisa e, talvez, obter algum esclarecimento.

Sem dificuldade, cheguei até o convento, sendo recebido carinhosamente pelo padre Frei Antônio, um clérigo muito simpático e divertido. Lembrando-se ainda dos tempos de minha estada no convento, trocamos algumas idéias sobre o país e o Brasil. Comentando sobre minhas aventuras e desventuras em terras *brasilis,* abordei o tema de minha pesquisa sobre Jesus e as dificuldades e decepções que enfrentava. Atentamente ouviu minhas lamentações e problemas de informação, sendo que, com sua costumeira paciência, me colocou em situação mais difícil ainda ao perguntar se eu conhecia o nome correto de Jesus.

Tal pergunta me tomou de surpresa. Jesus teria outro nome? Ante meu total desconcerto, Frei Antônio aclarou que o nome que habitualmente estamos acostumados a utilizar para nomear esta presença, isto é, JESUS, estava errado, já que se encontrava em sua forma latinizada. Se estivesse na sua forma original, isto é, em aramaico, pois era a língua falada naqueles tempos, seria IESHU ou YESHU, algo bastante diferente. Mas a forma mais antiga de YESHU seria JEHOSUA ou JESHOUAH, que também pode ser JOSHUA em hebraico, que significa: "Yahve é o salvador".

Atualmente, segundo o padre, temos mais de um bilhão de pessoas no mundo que professam alguma forma de religião cristã. Frente a isso, poderia parecer absurdo questionar se Jesus ou Joshua existiu ou não. Mas, mesmo assim, havia muita gente que duvidava da existência histórica deste personagem.

Tal comentário lançou uma questão interessante ao ar que eu nunca havia parado para analisar — pensei. Como era possível surgir uma religião que reunia quase um bilhão de pessoas no mundo, sendo que a existência histórica do seu fundador era duvidosa? Parecia algo bastante maluco, mas pelo jeito muito sério. Com perplexidade frente ao comentário de Frei Antônio, inquiri sobre quais eram os argumentos que suportavam semelhante questão, ao que respondeu: "Todos esses cépticos, alguns deles até historiadores, justificam sua descrença na falta de documentos históricos contemporâneos que se refiram a Jesus, e ao fato de que os judeus não fizeram, qualquer menção direta sobre ele durante todo o século I. Tal é o caso do filósofo grego Filon de Alexandria (13 a.C.-54 d.C.), também conhecido como Filon, o Judeu, pois era de origem judaica, que sobreviveu a Jesus em pelo menos vinte anos e que, em nenhum de seus escritos relacionados aos movimentos religiosos mais importantes do judaísmo da época, o mesmo fez qualquer referência, nem sequer de passagem, à figura de Jesus. Inclusive, em sua obra Sobre a Embaixada de Gaio, entre as páginas 299 a 305, onde discorre extensamente sobre Pôncio Pilatos e sua atividade na Judéia, o mesmo omite qualquer comentário sobre o nosso salvador, o que é algo realmente muito estranho."

"Um outro caso interessante — continuou o frei — é o do historiador judeu, Justo de Tiberíades, também contemporâneo de Jesus e que na época elaborou uma belíssima e completa crônica sobre a Palestina desde os tempos de Moisés até finais do século I, porém, sem ter feito qualquer menção sobre o Nazareno. Mas, recentes e apuradas descobertas vêm-se somando para esclarecer sobre este historiador em particular, pois, embora se tenha amplo conhecimento sobre Justo, a sua obra chegou até nossos dias incompleta conforme atestam os recentes achados. De qualquer maneira, tudo isto é realmente esquisito."

"Estaria no que falta, qualquer referência sobre Jesus?" — perguntei.
Obviamente Frei Antônio não teve qualquer resposta a me oferecer, razão pela qual agradeci a sua paciência e amizade, retomando para minha casa. Enquanto caminhava pelas ruas, refletia sobre o busto na distante cidade de Apu e a informação de Joakm na caverna. Todos estes elementos eram unânimes em confirmar a existência física de Jesus. Como era possível que a história pudesse negar a sua existência ou mesmo duvidar?
Nas semanas seguintes, lá estava eu, procurando respostas em livrarias e bibliotecas de Lima e Cuzco. Porém desta vez meu foco estava bem delimitado, já que objetivava saber bem mais sobre esse vácuo histórico. Como era possível que não existissem provas históricas concretas sobre a presença física de Jesus? Isto me parecia um tremendo absurdo. Seria que um bilhão de pessoas seguiriam uma religião sem base? Ou que o busto e o comentário de Joakm resultariam numa absurda mentira? Eu achava que não. Assim, sem mais tempo a perder, "passei a mão" em alguns livros que achei interessantes e mergulhei no conteúdo.
No decorrer da pesquisa encontrei que nos finais do século XVII começara um movimento contra a existência histórica de Jesus. Segundo comenta o historiador K.H. Deschner, no dia 6 de outubro de 1808, Napoleão havia comunicado a um de seus amigos as suas dúvidas sobre se Jesus havia existido realmente. Não se tratava de nenhuma brincadeira, mas de reflexões pessoais do próprio imperador, geradas por influência do historiador Constantin François Volney, que por volta de 1791 em sua obra *Meditação sobre as revoluções dos Impérios* havia manifestado sérias dúvidas sobre a real existência de Jesus. Pouco tempo mais tarde, em 1794, outro historiador, Charles François Dupuis, em sua obra *Origem de todos os cultos* apresentava a mesma opinião e dúvida. Pelo jeito, não era algo extremamente novo ou diferente, pois no século anterior outros homens proeminentes e reconhecidos como Holbach e

François Mane Arouet, melhor conhecido como Voltaire, sem negar totalmente a existência do Nazareno, sustinham que era impossível comprovar historicamente a maioria dos fatos associados a Jesus. E, seguindo por esse caminho, o afamado poeta Johann Wolfgang Goethe ampliava a dúvida no sentido de questionar se o próprio Jesus teria fundado realmente a religião cristã: "... *seus discípulos* — afirmava — *haviam forjado por sua conta esta religião e a haviam responsabilizado ao Nazareno".* Segundo Goethe, a ciência histórica mais séria, mesmo que conseguisse provar a existência de Jesus, não provaria a autenticidade do contido nos evangelhos.

Em 1835, David F. Strauss, historiador e teólogo alemão, publicou a *Vida de Jesus, criticamente analisada* que estava destinada a produzir um tremendo impacto. Estruturado numa crítica racionalista radical e por um fino sentido exegético, Strauss rejeitava quase que completamente a autenticidade histórica dos evangelhos. Ele os considerava apenas puras e absurdas lendas, todas fabricadas por fanáticos. Nesta linha de pensamento, Strauss fixou o conceito do "mito evangélico" para definir a imensa maioria das estórias que falavam sobre Jesus. Contudo, nunca chegou a duvidar da existência física e histórica do próprio Jesus, acreditando que haviam sido seus seguidores quem haviam adulterado totalmente sua figura e mensagem, sempre movidos por idéias religiosas preconcebidas.

Os fundamentos de uma linha dura e questionadora haveria surgido a seguir no século XIX, apoiados por um outro teólogo, o famoso Bruno Bauer. Entre 1840 e 1877, Bauer publicou uma série de obras, sendo: *Crítica da história evangélica; Crítica das cartas paulíneas; Cristo e os Césares* e *A origem do cristianismo a partir do helenismo romanizado,* nas quais tentava fundamentar teses extremamente radicais. Segundo ele, tanto Jesus como Paulo (o apóstolo) eram meras ficções literárias. O

nascimento do cristianismo segundo Bauer devia-se a um grupo de fanáticos que misturou conscientemente motivos religiosos tomados do judaísmo e das religiões gregas e romanas, havendo inventado como sustento histórico da mesma todos os demais personagens, inclusive Jesus.

A idéia do "mito evangélico" foi levada às últimas conseqüências pelo filósofo alemão A. Drews, que já em 1910, na cidade de Iena, às margens do rio Saale, havia comercializado três edições de sua obra *O Mito do Cristo.* De acordo com Drews, os evangelhos não podiam ser aceitos como documentos historicamente fiéis, mas como documentos que escondiam atrás de si apenas idéias religiosas sem qualquer base histórica. Em outras palavras, a análise crítica dos evangelhos por Drews provava para ele que eram totalmente contraditórios entre si, além de repletos de fantasias. Mais do que isso, o primeiro testemunho literário sobre Jesus, as cartas do apóstolo Paulo, dava mostra de uma total ignorância perante a vida e história terrena de Jesus; sinal de que não se sabia absolutamente nada dela. Os evangelhos seriam pois o revestimento e a confirmação literária de um mito religioso. Segundo Drews, primeiro houve algumas idéias religiosas, procedentes do mundo judeu e grego, logo se personificaram tais conceitos numa figura que foi criada, inventada para esse propósito. Para ele, Jesus não foi uma pessoa, mas o centro que deu forma e realidade a um deus mítico.

Todo este questionamento modernista sobre a existência ou não de Jesus estava nitidamente baseado, isto é, sedimentado, apenas na análise dos evangelhos ou de alguns poucos documentos históricos. Cabe lembrar que tanto a arqueologia como a maioria das demais ciências voltadas à investigação do passado surgiram basicamente em fins do século XIX, ou seja, não têm mais do que 150 anos de existência. Razão pela qual poucas ou raras foram as oportunidades que alguém teve de pesquisar seriamente

e em profundidade. A título de exemplo, temos o trabalho do arcebispo de Armagh, Irlanda, James Ussher, que em 1650 concluiu, após um exaustivo trabalho de investigação, que a criação teria sido realizada por volta do ano 4004 a.C. Além deste absurdo, temos o ocorrido em 1700, em que o Dr. John Lightfoot, mestre do colégio cristão St. Caterines College em Cambridge, Inglaterra, afirmou que segundo suas pesquisas e complementando a informação de James Ussher a criação bíblica haveria começado a ser realizada no dia 23 de outubro às 09:00 horas da manhã. Ou de outro vinculado também aos "cientistas" do século XVIII, que afirmavam que a Terra possuía uma antigüidade não superior a 80 mil anos, pois esta era calculada em função de alguns estranhos achados. E, finalmente, no século XIX, quando da invenção da locomotiva a vapor, os cientistas da época afirmaram categoricamente que o organismo humano jamais poderia suportar velocidades superiores a 20 quilômetros/hora, ou que os fósseis de criaturas hoje desconhecidas, achados sepultados, pertenciam aos animais que foram destruídos por Deus durante o dilúvio universal, ou que, tanto o homem como qualquer objeto mais pesado que o ar jamais poderia, algum dia, voar.

Desta forma, temos que a falta de uma visão mais ampla e um acompanhamento das mais recentes descobertas arqueológicas faltaram a estes "entendidos" dos textos sagrados. E mesmo com toda a manipulação que a *Bíblia* de forma geral sofreu, aparentemente, alguma coisa verdadeira realmente sobreviveu até nossos dias do seu conteúdo. De tal sorte que, mesmo mutilados, os evangelhos têm-se mostrado interessantes documentos históricos cuja narrativa corresponde, em grande parte, a fatos verdadeiramente ocorridos, pois os achados arqueológicos demostraram que muito do que estava escrito realmente aconteceu, salvo alguns erros e/ou distorções. Tal é o caso do achado da antiga cidade de Ur por J. E. Taylor, cônsul inglês de Baçorá em 1854, sendo a descoberta

confirmada oficialmente pelo investigador Sir Charles Leonard Wooley em 1923. Ur era a cidade da qual saíram Taré e Abraão, conforme descrição do *Antigo Testamento.* De igual forma temos a descoberta da antiga cidade de Jerico em 1907 pelos arqueólogos alemães Ernst Sellin e Carl Watzinger, os quais se surpreenderam pelas características de seus muros. Ou o caso do Padre L. H. Vincent, descobridor do pavimento do tribunal de Pilatos, auxiliado pelo *Evangelho de São João*, ou da própria existência da dinastia de Herodes como reis da Judéia no momento do nascimento de Jesus, e até da descrição de lugares, pessoas e eventos detalhados coincidentes com a história. Inclusive, até os estranhos achados no monte Ararat na Turquia, os quais apontam para a possibilidade de existir verdadeiramente uma arca de Noé em algum lugar do seu cume.

Além do mais, muitos documentos atuais eram desconhecidos total ou parcialmente na antigüidade e mesmo no século passado. Cabe mencionar que foi somente em 1935 que descobriu-se um fragmento do *Evangelho de São João,* em grego, do tempo do Imperador Trajano (98-117 d.C.) com algumas diferenças daquele conhecido na época. Ou como da versão da *Torah* encontrada em 1947 em Qumram, que difere completamente da atual, além de outros tantos documentos desconhecidos até do próprio judaísmo. Enfim, tudo isto e muito mais não estava disponível como informação ou material uns 100 anos atrás, o que permitia facilmente apenas especular sobre a autenticidade dos evangelhos e seus relatos, pois o suporte histórico existente era extremamente pobre, assim como as facilidades e deslocamento dos pesquisadores.

Porém, realmente temos de admitir a existência de alguns erros absurdos no *Novo Testamento,* tanto em relação a algumas genealogias e eventos como das 900 referências existentes sobre o *Antigo Testamento,* sendo que 250 delas em forma de citações textuais, onde todas, praticamente,

possuem alguma falha. E isto é fácil de explicar. Não era simples naqueles tempos para os evangelistas ter acesso fácil à *Torah* e ao seu conteúdo, pois o documento era lido somente em rituais cerimoniais e pelos sacerdotes. E isto de forma geral em relação a documentos, pois a situação daquela época não é como a de nossos dias, sendo que hoje podemos ir a uma biblioteca e consultar um livro ou um arquivo, condição oposta que nessa época favorecia o erro. Pelo que era possível desvendar, as alterações ocorridas no texto bíblico pareciam ser mais cortes em alguns trechos, reformulações e alterações de interpretação em outros, principalmente do *Novo Testamento,* modificando ou retirando alguns itens provavelmente que atentassem contra os interesses do momento, e traduções tendenciosas em relação aos textos dos evangelistas e discursos de Jesus. Realmente, resulta difícil saber o que falta ou foi modificado, já que a versão original não chegou até nossos dias. Mas, independentemente de tudo isto, haveriam outras fontes que pudessem determinar a existência física de Jesus assim como o verdadeiro conteúdo de sua prédica?

Durante as pesquisas, principalmente na Espanha, deparei várias vezes com uma das figuras históricas mais conhecidas e representativas do cenário antigo, embora sua respeitabilidade, para minha surpresa, seja colocada em dúvida por judeus e não-cristãos. Segundo pude apurar, um dos poucos que falaram alguma coisa sobre a real existência de Jesus foi Flávio Josefo (37-100 d.C.), nascido em Jerusalém da tribo de Levi. Filho de Matias e criado na melhor tradição judaica este historiador casou quatro vezes gerando três filhos: Hircano, Justo e Somônides-Agripa.

Chamado pelos romanos de Titus Flavius Josephus, terminou seus dias em Roma por volta do ano 100. Desde o ano 70, dedicou-se à história, focalizando a recuperação da tradição ancestral do seu povo, havendo, para tanto, gerado maravilhosas obras em grego como foram: *Guerra dos*

Judeus (sete volumes), *Antigüidades Judaicas (20* volumes), *Contra Apião* (dois volumes) e *Autobiografia.*

Dentro de todo este maravilhoso acervo histórico, encontramos no livro Antigüidades Judaicas, volume XVIII, páginas 63 e 64, uma passagem relacionada ao governo de Pôncio Pilatos na Judéia, acontecida durante o reinado do Imperador Tibério, onde Flávio Josefo faz a seguinte afirmação: "... Foi nessa época que surgiu Jesus, homem sábio, se é que se deve chamá-lo de um homem. Pois era um fazedor de milagres e mestre dos homens que recebem com alegria a verdade. Atraiu para si muitos judeus e gregos. Era Cristo. E quando, sob a denúncia de nossos primeiros cidadãos, Pilatos o condenou à crucificação, aqueles que primeiro o tinham adorado não deixaram de fazê-lo, pois ele apareceu para eles três dias depois, ressuscitado. Como os profetas divinos tinham anunciado junto a mil outras maravilhas a seu respeito. E o grupo que recebeu o seu nome — cristãos — ainda não desapareceu...".

Esta passagem conhecida por *Testimonium Flavianum* foi primeiramente citada no século IV por Eusébio de Cesaréia (265-340 d.C.), escritor e prelado grego, autor de *História Eclesiástica* e considerado pai da história religiosa cristã, como argumento da existência histórica de Jesus. Porém o texto, ao longo dos séculos, foi duramente questionado, inclusive pelo próprio Orígenes, outro famoso clérigo, já que para um sacerdote judeu como Flávio Josefo o conteúdo parecia ser cristão demais. A dúvida começou a tomar proporções maiores no século XVI, especificamente pelos comentários de Lucas Osiander em seu *Epitome Historiae Eclesiasticae Centúria I,* de 1592. Esta situação irresoluta se alastrou e formou parte dos questionamentos que anteriormente mencionara na França do século XVIII, encontrando em Voltaire um apaixonado interpelador de sua autenticidade, vindo a se fortalecer durante o século XIX.

De qualquer forma, esta não era nem foi a única citação interessante de Flávio Josefo. Em seus comentários sobre o judaísmo de Jerusalém e sua posterior destruição no ano 70 d.C. pelos romanos menciona timidamente a morte do apóstolo Tiago, o Justo, a quem se refere como irmão de Jesus, claramente. No texto original, Flávio comenta: "... *Anás... convocou os juízes do Sanedrim e trouxe ante eles o irmão de Jesus, chamado Messias — seu nome era Tiago — e alguns outros. Acusou-os de haverem violado a Lei e entregou-os para quem os lapidaram." (Antigüidades Judaicas* XX, 9, 1).

Este evento é verdadeiro de fato como o prova a história, já que no ano 62 d.C., após a morte do procurador romano Festo, o Sanedrim de Jerusalém, sob pressão dos Zelotes e do Sumo Sacerdote Ananias ou também chamado Anás, o apóstolo Tiago (diferente de Tiago, o Maior, filho do Zebedeu, e Tiago, o Menor, filho de Alfeu) e um grupo de cristãos judeus foram condenados e mortos por apedrejamento e pauladas. Sendo que isso eu já havia descoberto na investigação sobre a história do cristianismo.

Porém, o que não se sabia era que, embora Josefo seja considerado um grande historiador como anteriormente percebera, existiam duas situações curiosas e negativas em torno deste homem. Uma seria que os cépticos insistem em afirmar que todas estas referências de Flávio Josefo sobre Jesus teriam sido insertadas em tempos posteriores por copistas cristãos, com a intenção de provar a existência concreta de Jesus, já que não se justifica um judeu falar desse jeito sobre alguém que foi contra a instituição religiosa judaica. A segunda, é a idéia de que, para muitos judeus, Flávio Josefo foi um colaboracionista romano, isto é, embora judeu na sua origem, simpatizava com os romanos vindo a deturpar e/ou manipular o sentido de fatos históricos, personalidades e situações, denegrindo sua representatividade, além de manter, no seu discurso, uma

linha tendenciosa a favor dos interesses romanos. Em outras palavras, os relatos deste apologista judeu não poderiam ser levados em consideração, dada a suspeita que recaía sobre a autenticidade dos seus comentários e a linha que os mesmos seguiam (cristãos demais para um sacerdote judeu).

Pesquisando, pude descobrir que realmente muitos documentos antigos sofreram uma manipulação intencional de copistas cristãos ao longo de vários séculos, modificando em muitos casos seu conteúdo ou apenas a sua orientação. Por outro lado, pude também compreender a origem das suspeitas sobre a idoneidade de Flávio Josefo, descobrindo algo bastante curioso. Segundo narra a história, ocorreu que quando no ano 66 d.C. explodiu a rebelião dos judeus da Palestina contra Roma, a população veio enfrentar a fúria do império do Mediterrâneo.

Passados três anos de guerra, Vespasiano e seu filho Tito marcharam ao lado de 6.000 soldados romanos bem treinados e armados contra os rebeldes judeus. Ao longo da guerra, Flávio Josefo combateu os romanos pressionado pelos seus conterrâneos por algum tempo, sendo finalmente capturado por Vespasiano. Trazido à presença do general romano, Josefo anunciou que Deus lhe revelara numa visão a sua coroação como novo imperador de Roma. Sem se impressionar, o general pensou tratar-se de algum truque de Josefo para salvar a sua vida, recluindo-o sem demora na prisão. Mas, logo depois, o imperador Nero era assassinado, e em poucos meses outros três imperadores também cairam. Finalmente, Vespasiano era chamado a Roma para se tornar imperador, tal como o anunciara Josefo.

A primeira coisa que Vespasiano fez foi liberar Josefo da prisão, sendo destacado para trabalhar para o novo imperador como intérprete e mediador, retornando a Jerusalém com o seu filho, o general Tito, para juntos marcharem sobre a cidade santa. Josefo trabalhou para os romanos por algum tempo, conquistando para si a fama de traidor por parte dos

demais judeus, sendo sempre suspeito também por parte dos romanos. Por esta razão, Josefo nunca gozou do apreço dos seus iguais, transitando entre um terrível fogo cruzado sem jamais deixar clara a sua posição. Não é pois de estranhar a dúvida sobre o seu caráter.

Com essa descoberta, Flávio Josefo estava pois condenado a ser uma enorme dúvida histórica, colocando minha pesquisa numa sinuca. Mas, graças a Deus, nem tudo estava perdido, ainda haviam outras fontes.

No decurso desta aventura histórica, já que a cada beco encontrava tanto uma aparente barreira e logo depois uma interessante e reveladora saída, descobri com *Públio Cornélio Tácito, historiador romano nascido em 55 d.C. e morto entre 118 e 120 d.C., uma luz. Em seu trabalho Anais (15:44) de 115 ou 117 d.C. aproximadamente, Tácito faz referência a um pregador de nome Cristo que morreu em mãos de Pôncio Pilatos durante o reinado do Imperador Tibério. A crônica reza o seguinte: "... Para desmentir o rumor, Nero assinalou como culpados e castigou com a crueldade mais refinada a uma classe de pessoas, detestadas pelos seus vícios, aos que a multidão chamava de cristãos. Cristo, de quem vem o nome, havia sofrido a pena de morte sob o reinado de Tibério, após haver sido condenado pelo procurador Pôncio Pilatos, e aquela perniciosa superstição havia sido detida temporariamente para voltar a estourar de novo no solo da Judéia, onde surgiu este mal, mas também na capital mesma do Império, na que haviam confluído e encontrado grande aceitação todos os fatos horríveis e vergonhosos do mundo...".*

Esta nova informação me fez de imediato lembrar o caso de Filon de Alexandria que, sendo anterior a Tácito, não menciona Jesus em sua narrativa sobre Pôncio Pilatos. Por que teria excluído Jesus de seus comentários, sendo que Tácito não o fez? A única diferença aparente entre ambos, além do período é claro, era que Filon era judeu e Tácito

romano. Isto teria alguma coisa a ver pela não inclusão de Jesus por Filon?

Mais adiante, achei que outro historiador romano chamado Suetônio (69-125 d.C.), em sua obra *Vidas dos Dolce Césares,* no relacionado em particular com o Imperador Cláudio, mencionava rapidamente sobre o incômodo que Roma enfrentou pela doutrina de um tal Chrestus nesse período. Logo depois, com mais um historiador romano chamado de Plínio, o Moço (62-114 d.C.), em sua *Carta ao Imperador Trajano* no ano 110 d.C., temos outra menção à existência de seguidores de um tal Cristo na Bitinia. No capítulo X, página 96, Plínio afirma: "... *Os cristãos têm por hábito reunir-se num dia fixo para rezar ao Cristo, a quem consideram Deus, para cantar e jurar que não cometerão qualquer crime, abstendo-se de roubo, assassinato, adultério e infidelidade...".*

Para completar, temos os textos de um tal Celso no século II, aparentemente romano na sua origem e um total anticristão declarado que, em seus trabalhos, faz ampla menção à existência e figura de Jesus.

Estava claro que os romanos não tinham qualquer reparo em falar ou fazer referência a respeito de Jesus. Mas, por que os judeus evitariam falar nele? O que provocaria este tipo de indiferença? Para minha maior surpresa, o argumento mais forte, afinal, se encontraria dentro do próprio judaísmo.

Foram os textos judeus dos séculos II ao V d.C., que sugeriram a existência de Jesus, claro que não de uma maneira bem explícita, mas bem evidente como veremos a seguir. Este é o caso do *Talmud,* um livro sagrado do judaísmo que contém comentários das leis judaicas sobre sentenças e histórias de rabinos famosos. Aqui, encontrei referências à sua pessoa. Porém, em geral, quando é mencionado, isto é, quando Yeshu Ben Panter aparece, o texto brinca sarcasticamente com a antiga tradição, na qual Jesus ou Yeshu em arameu haveria nascido de uma virgem

(*parthenos* em grego), sendo chamado no texto de "Ben Panter" ou "Filho de Panter" (Tratado *Shabbat*, 104). Esta brincadeira de palavras joga com o termo grego, sugerindo, ironicamente, uma estória por trás onde Jesus não seria filho de uma virgem, mas filho adúltero de uma relação ilícita entre sua mãe, Maria, com um soldado romano chamado Panter, daí o nome "Ben Panter". Cabe destacar que esta maldosa interpretação do termo se alastrou até o século VII aproximadamente, influenciando sobremaneira a elaboração dos textos e documentos da Igreja, assim como o tratamento dado à imagem da Virgem Maria. Mas, seja como for, esta brincadeira interpretativa pode encerrar algo importante, isto é, a possibilidade de justificar a forma física de Jesus e o seu nascimento sem a participação de José. Já que, se suas características físicas não eram semíticas, o fato de afirmar ser filho de um soldado romano justificava seu estereotipo assim como o repúdio de Maria por parte de José. Ao mesmo tempo isto podia significar também que os judeus não consideraram Jesus como autêntico judeu semita, mas como um mestiço ariano, o que de alguma forma poderia ter criado alguma antipatia e rejeição em relação a considerá-lo no contexto histórico religioso judeu. Talvez daí o fato de não mencioná-lo em nenhum documento histórico sobre os movimentos religiosos ou filosóficos da época pelos próprios judeus.

Fora o Talmud, temos um outro documento judeu, o tratado Scinhedrím (43a), o qual apresenta um relato incrivelmente surpreendente e interessante. O conteúdo desta curiosa obra reza o seguinte: "... Na véspera da Páscoa foi julgado Yeshu. Durante 40 dias antes que tivesse lugar a sua execução saiu uma proclamação dizendo: 'Sai fora para ser apedrejado porque praticastes a feitiçaria e incitastes Israel à apostasia. Todo aquele que possa alegar algo a seu favor, que se apresente e advogue por ele'. Mas como ninguém se apresentou a seu favor, foi

pendurado na véspera da Páscoa... (o rabino) Ulla replicou: Você pressupõe que era alguém por quem se pudesse formular uma defesa? Acaso não era um embaucador aquele sobre o que dizem as escrituras: Não o perdoarás nem o esconderás? No caso de Yeshu era diferente, porque se relacionava com o governo. Nossos rabinos ensinaram: Yeshu tinha cinco discípulos: Matthai, Nakai, Nezer, Buni e Todah...".

Neste antigo texto, está claro que Jesus existiu, mas sendo mencionado sob o nome de Yeshu, isto é, Jesus em arameu. Além do mais, se faz referência e se aceita a existência dos milagres, embora os considerem obrados por magia. Por outro lado, se valoriza o *Evangelho de São João* ao afirmar que Jesus ou Yeshu morreu na véspera da Páscoa, sendo contra os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, pois os mesmos afirmam que morreu no dia seguinte. Além disso, se confirma também que a sua prédica tinha implicações políticas claras, como o deixa a entrever Pôncio Pilatos na hora do julgamento ao afirmar que não encontrava qualquer culpa em Jesus, entregando-o ao povo. Inclusive, o nome de pelo menos dois apóstolos conhecidos aparecem no texto, sendo: Matthai ou Mattai que eqüivale a Mateus, e o nome Thaddai ou Todah, que eqüivale a Tadeu.

Por outro lado, por que os judeus somente o mencionariam a partir do século II e não antes? Se estava perfeitamente claro nos textos judeus de haver existido, por que os principais historiadores judeus não o mencionaram durante sua contemporaneidade?

Conforme fui investigando a solução ficou clara e evidente. Não era mistério porque durante o primeiro século os judeus não mencionaram nada a respeito de Jesus. A coisa era até bem simples.

A idéia popularizada entre os cristãos de que o aparecimento, na história religiosa judaica, de Jesus como o Messias ou Mashiah em hebraico, foi uma ocorrência única entre os judeus é totalmente incorreta. Não foram

poucos os que se apresentaram como Messias ao longo de toda a história de Israel. Houve um grande número, razão pela qual os historiadores judeus não consideraram Jesus relevante, pois foi Ele o único, dentre todos os que apareceram, considerado completamente pacifista e cuja atividade não ultrapassou as fronteiras judaicas. Em outras palavras, a passagem física de Jesus foi considerada *soft* em relação a seus predecessores e contemporâneos, já que para alguns seu discurso vinha apenas se contrapor à interpretação da própria Lei de Moisés, razão pela qual sua presença foi apenas inconveniente. Além de talvez não haver sido considerado semita e por isso sofrer essa segregação histórica.

Para outros então, parece que foi considerado em seu tempo como mais um zelote; isto é, como outro guerrilheiro nacionalista com a única pretensão de desafiar o poder de Roma e levar o povo judeu a uma ansiada independência, porém, empregando métodos diferentes daqueles que o antecederam. Assim pois, resulta fácil chegar à conclusão de porque Jesus passou quase desapercebido pelos historiadores judeus de sua época, já que motivos não faltavam.

Para compreender melhor esta afirmação, realmente, temos de entender que os que se fizeram chamar ou foram identificados como Messias ou Mashiah ao longo de toda a história do judaísmo antes de Jesus e depois não foram poucos. Todos eles foram fundamentalmente judeus zelotes ou rebeldes que procuraram levar o povo a enfrentar seus opressores, sempre, obviamente, pela espada e violência. Tal é o caso de Judá, o Galileu, conhecido também por Judas de Gamala, nascido na região do Golan, em Gamala e filho de um outro rebelde chamado de Ezequias. O qual foi morto por Herodes liderando uma revolta sangrenta, já que o mesmo era líder de um grupo de revolucionários. Judá ou Judas se deu a conhecer durante o reinado de Arquelau, filho de Herodes, encontrando seu auge entre os anos 4 a.C. e 6 d.C. Segundo Flávio Josefo descreve na

sua obra a *Guerra dos Judeus,* Judá iniciou uma rebelião quando Arquelau foi destituído pelo imperador romano Augusto, exatamente no momento em que o procurador Coponio assumiu o controle de Cesaréia e Jerusalém.

De acordo com os registros, Judá conseguiu mobilizar um grande contingente de cidadãos contra os romanos dentro de um clima místico/religioso, chegando a ter o apoio de um fariseu de nome Sadoq. A abordagem escatológica e a promessa da estruturação de uma liberdade política, associadas ao carisma e ao trânsito pelo campo religioso que Judá impele nos seus discursos, levam-no a formatar frente ao seu publico a imagem de um libertador do povo e um líder apto a reinar. Esta combinação típica de um messias levou o próprio Josefo a considerar Judá como o provável fundador do movimento zelote. Vale lembrar que os zelotes se configuraram como uma seita judaica fanática ultranacionalista, estruturada na submissão a Deus e orientada na conquista da liberação nacional do jugo romano. Seus membros apresentavam uma coragem incrível, negando a submeter-se a qualquer autoridade humana sem temer qualquer tipo de repressão ou tortura, despresando completamente o medo e o perigo.

Nesse clima de grande agitação e conflito, Judá, com sua personalidade determinada, rebelde e revolucionária, conseguiu mergulhar o território judaico num total caos, deixando a seu passo marcas que iriam persistir durante décadas.

Mas afinal nada é eterno. Assim, num desses levantes organizados, reuniu uma enorme multidão composta de pobres dos arredores da cidade de Séforis, na Galiléia, na tentativa de invadir uma parte do palácio real e roubar suas armas. A empreitada foi frustrada e se ignora os detalhes de sua morte, mas, embora suas tropas fossem dispersas, o movimento

zelote apenas se iniciava. Nesse período, distante desses acontecimentos, Jesus provavelmente saía da infância rumo à puberdade.

Contemporâneo de Judá, existiu um outro revolucionário com características messiânicas chamado de Atrongés. Este ex-pastor dotado de uma colossal estatura decidiu um determinado dia revelar-se contra os romanos e os hierarcas da Judéia, encabeçando, junto com seus quatro irmãos, uma sangrenta ação de guerrilha e auto-proclamando-se rei-messias. Atrongés caracterizou-se por parecer mais um bandido salteador e sangrento assassino que um messias salvador, embora buscasse concretizar essa imagem. Praticamente a sua atividade foi completamente esquecida, não existindo maiores detalhes do seu fim e morte.

Outro caso também conhecido é o de Simão, o Insurreto, antigo escravo do rei Herodes e homem de curiosa beleza. Embora este novo messias auto-proclamado fosse de pequena monta, surge afirmando dispor de incríveis poderes sobrenaturais e reunindo um grande número de seguidores. Reconhecido como rei-messias por uma turba seduzida, inicia a destruição do palácio de Jerico, seguido de uma série de saques em várias cidades, para finalmente chegar na Judéia, incendiando e matando a seu passo. Todas essas agitadas atividades acabam tão rapidamente como começaram ao ser capturado e morto pelos romanos.

Mas, um dos mais famosos casos históricos é o de Teudas, também conhecido sob a imagem de o "Moisés do Jordão", pois ameaçou dividir ao meio as águas do rio Jordão como demonstração do seu poder divino, sendo decapitado pelo procurador romano Cuspio Fado antes mesmo de realizar o seu milagre. Porém, bem diferente de Atrongés e Simão, Teudas foi um verdadeiro zelote e um autêntico messias mítico, portador de toda uma mensagem de conteúdo religioso, a ponto de mobilizar um grande grupo de seguidores.

Além destes já mencionados, temos também a história de Benjamim, o Egípcio, que se autoproclamou messias e junto com trinta mil seguidores reunidos no monte das Oliveiras em Jerusalém afirmou que destruiria com seus poderes as paredes da cidade. Mas, por intervenção do procurador romano Félix e de suas legiões de soldados, o evento nunca ocorreu, a não ser a morte de muita gente.

Uma outra figura bastante impressionante foi a de Simão, o Mago, um contemporâneo de Jesus, o qual sem dúvida chegou a ser considerado um forte concorrente. Embora a literatura cristã primitiva considere Simão um monstro demoníaco, o mesmo é visto por muitos como o fundador da "gnose", uma doutrina filosófica de cunho teológico, que objetiva o completo conhecimento sobre Deus. Tanto isto é verdade que lhe é atribuída a elaboração dos primeiros sistemas gnósticos. Dentro desta filosofia ou linha de pensamento, a gnose representava ser um dom divino reservado apenas para alguns escolhidos, o qual permitia a estes uma união muito especial com Deus, vindo a integrar-se a ele. Dentro do princípio defendido por Simão, ainda se encontrava a tese de que, por detrás do Deus criador, se escondia um outro Deus oculto e diferente. E pois mais do que evidente o porquê, tanto judeus como cristãos tiveram conflitos e desavenças com Simão e seus seguidores. Porém, ironicamente no futuro, suas idéias viriam a fundir-se no interior de alguns grupos cristãos primitivos do primeiro e segundo séculos, gerando fraturas e cismas.

Um outro aspecto significativo de Simão foi sua condição de mágico. O que significa que, da mesma forma que Jesus atuou, ele também realizou uma enorme quantidade de milagres públicos que maravilharam os presentes. Por outro lado, segundo alguns relatos, ao mesmo tempo em que impressionava pelo seu poder, também era capaz de aterrorizar e infundir medo em qualquer um, por mais poderoso que fosse.

Lamentavelmente, embora se saiba que nasceu na localidade de Gitta, na Samária, num período contemporâneo a Jesus, as estórias a seu respeito que chegaram até nossos dias foram legadas por autores cristãos como Ireneo de Lyon e Clemente de Alexandria, ambos bispos da Igreja e absolutos inimigos do legado de Simão, razão mais que forte para duvidar das críticas sobre-sua pessoa.

Porém, mesmo sendo samaritano, isto é, membro de uma linha dissidente do próprio judaísmo, Simão se autoproclama "Taheb" (messias dentro do pensamento samaritano), isto é, ser de natureza divina e emanação direta de Deus na Terra. Embuído desse carisma, parte a percorrer o mundo mediterrâneo acompanhado de uma prostituta chamada Helena, comprada num bordel de Alexandria. Para seus discípulos, identificados como "simonianos", Helena é a encarnação do pensamento divino. E por onde Simão passa, ocorrem milagres assombrosos e incríveis. Chegando a converter pedras em pão, transformar-se em serpente ou cabra, fazer estátuas caminhar, abrir portas trancadas, quebrar barras de ferro, caminhar pelo fogo sem se queimar, mover objetos sem tocá-los e até voar em algumas oportunidades. Enfim, Simão consegue até fazer aparecer fantasmas das mais diversas formas que realizam o que for sob seu comando. Pelo menos, é isso que narram os textos sobre sua pessoa e atividade.

Simão conquistou a inimizade de todos os cristãos, principalmente de Pedro na época, pois quis obter o poder de impor as mãos pelo suborno, segundo afirmam os historiadores eclesiásticos. O que soa estranho, já que uma pessoa de semelhante poder mágico não precisaria dessa atitude. Seja como for, a vida e morte de Simão permanecem um enigma, girando entre o mito e a realidade. Para alguns cronistas, o terrível mago samaritano teria morrido em Roma durante uma violenta discussão com o apóstolo Pedro. Segundo o mito, conta-se que Simão quis provar a Pedro

sua capacidade de voar, coisa que realizou, mas ao invocar Pedro o poder de Jesus o vil mago teria caído por terra e morrido no impacto ante a multidão impressionada. Numa outra versão, Simão teria desafiado os apóstolos que se fosse enterrado retornaria ao terceiro dia, à semelhança de Jesus. Mas ao realizar o desafio, o mago jamais teria conseguido retornar, acabando finalmente morto em seu túmulo pelo castigo de Deus.
Um outro pretenço messias foi o samaritano Dositeo, que se declarou divino e iniciou uma seita. Sua filosofia estabelecia uma dieta vegetariana estrita, um batismo de purificação, o costume de banhar-se vestido, a ressurreição material do corpo e o aguardo do fim do mundo. Embora se desconheçam os detalhes de sua morte, a seita deixada por ele continuou a existir por vários séculos, desaparecendo apenas sob influência do islamismo.
Mais tarde surgiu Menachen ou Menahem ben Judá, filho de Judá, o Galileu, num momento bem específico. Quando o procurador romano Gesio Floro tenta se apoderar do tesouro do Templo, os judeus se revoltam e conseguem derrotar os romanos em Cesaréia, fazendo com que Floro corra em retirada deixando Jerusalém apenas com um pequeno grupo de soldados. Aqui, surge Menahem, um jovem brilhante e de vastos conhecimentos militares. Ele aparece em Jerusalém assumindo o comando dos zelotes num ataque surpresa e bem-sucedido contra a fortaleza de Massada, lugar onde havia um dos palácios de Herodes I, o Grande. Após o ataque e de tomar todas as armas encontradas, parte para logo depois atacar e capturar a fortaleza Antônia em Jerusalém, e realizar um enorme massacre com os romanos sobreviventes. Ironicamente, Menahem morrerá logo depois assassinado por ordem de Eleazar, filho de Ananias, sacerdote do Templo, que fora morto pelos romanos durante o conflito.

Um outro pretendente ao posto messiânico foi um tal Bar Jesus, um outro mágico de origem chipriota, também conhecido por Elymas. Este bruxo iniciou suas atividades em Chipre durante a gestão do governador e proconsul romano Sérgio Paulo, enfrentando a atividade doutrinária dos apóstolos Paulo e Barnabé. Também são poucas as informações históricas sobre o personagem, restando apenas os mitos cristãos sobre a sua morte.

E a relação de nomes não pára por aqui. Existiram ainda muitos mais como Simão bar Ghiora, João de Gishala, Eleazar ben Jair, Simão bar Kosib, Marcos, o Mago, Moisés de Creta e outros que levaram a seguidores e ao povo judeu a encarniçadas e cruentas batalhas sob a desculpa de uma provável libertação e a procura por estabeler uma nova ordem e pensamento religioso, contando apenas com a insatisfação do povo e aproveitando-se, bem ou mal, de sua fé. Nesse sentido, a lembrança das profecias de Isaías (7:14) serviram como sustentação destas lideranças, permitindo em muitos casos qualquer arbitrariedade.

Não é pois estranho que um povo acostumado com tantos pretensos Messias ou Meshiah levasse em conta um que, além de não comandar batalhas, as recriminasse. Com tantos alienados e pseudo-heróis, alguém que tivesse uma origem étnica duvidosa, um passado e nascimento questionados, que aparentasse ser bruxo e que, doutrinal e filosoficamente apenas procurasse contestar a situação vigente, não poderia ter, necessariamente, afinal, um status histórico representativo dentre os próprios judeus.

Desta forma e com tudo isto, era evidente para mim que, independentemente de qualquer postura religiosa, mística ou cultural, afinal, Jesus era e é real historicamente. Além de ser, sem sombra de dúvidas, uma entidade especial para o nosso mundo, tanto enquanto personagem como pelo tipo de filosofia que pregou pelas terras da Galiléia ao mundo.

Mas esta elucubração deixava em xeque algumas opiniões e linhas de pensamento que concebiam a idéia de que Jesus, atualmente, já se encontrava reencarnado por aí, ou que nunca mais reencarnaria, ou que pertenceria agora a uma outra dimensão de existência. Inclusive que o Cristo, isto é, o poder divino ou força crística que Ele incorporou, já teria se manifestado em outras entidades humanas desde a sua morte.

Posto de outra maneira, temos uma grande quantidade de linhas espiritualistas que separam a pessoa Jesus do Cristo, tal e qual foi feito pelo próprio apóstolo Paulo de Tarso, embora os apóstolos originais nunca fizessem tal distinção, pois Jesus era para todos eles o "Rabi" ou "Mestre" (*João* 1:38 e 9:1, e *Mateus 26:25,* sendo que Lucas e Marcos nunca foram apóstolos de Jesus). Segundo a maneira de pensar de São Paulo, típica de movimentos esotérico-religiosos da época como o "helenista" e a grega, Jesus teria recebido o Cristo, ou seja, a iluminação, por meio da incorporação de uma força hierárquica divina e individual, que estaria, por sua vez, vinculada a outras diversas e diferentes hierarquias crísticas existentes em níveis supra ou híper físicos, tanto planetários, universais, como macro-cósmicos. Assim, de acordo com esta forma de entender, a pessoa de Jesus passou a ser o Cristo por condições específicas e divinas que, uma vez desincorporado do Cristo, continuou sendo apenas Jesus. Tudo isto parecia bastante interessante. Entretanto, até que ponto seria verdade? Se Jesus ressuscitou em corpo glorioso e em carne e osso, e foi para o céu, esta separação nunca existiu. Então, como poderíamos aceitar a possibilidade desta dualidade, se toda a estrutura do cristianismo e do catolicismo baseiam-se no milagre da ressurreição e da ascensão?

Infelizmente, é possível observar a existência de graves incoerências nos textos relativos à ressurreição de Jesus. Enquanto que *Mateus* (28:1-8) menciona a presença de Maria Magdalena e Maria, mãe de Tiago,

incluindo a ocorrência de um terremoto, a presença de um anjo que desce do céu e remove a pedra do túmulo, o qual deixa os guardas romanos como mortos, encontramos que *Marcos* (18:16) comenta da presença de três mulheres, sendo Maria Magdalena, Maria, mãe de Tiago e Salomé (relação que discorda de *Mateus*, pois coloca mais uma testemunha), ignora qualquer terremoto, descreve que a pedra do túmulo já havia sido retirada assim como da presença de um jovem dentro do sepulcro, nem considera os guardas romanos. Por outro lado, *Lucas* (24:1-8) exagera, alterando de igual forma a relação das testemunhas com um terceiro nome (Maria Magdalena, Joana e Maria, mãe de Tiago), porém, dá a entender que havia outras mulheres. Além do mais, também ignora qualquer terremoto assim como a presença de guardas, vindo a comentar duas aparições. Já no caso de *João*, apenas Maria Magdalena é quem encontra o túmulo aberto, não mencionando qualquer terremoto nem a presença de guardas, apenas faz referência à aparição de dois anjos e do próprio Jesus. Aqui é possível perceber claramente um desacordo total em relação aos fatos da ressurreição, o que nos leva a crer que provavelmente os detalhes deste evento sofreram uma mistificação que influenciou sobremaneira a redação dos textos. E isto fica comprovado num outro aspecto mencionado por *Mateus,* e isto é a sua referência a que, no momento de sua morte na cruz (Mateus 27:52-53), santos ressuscitaram saindo de seus túmulos. Mas, a que santos poderia referir-se o apóstolo se naquele momento ainda não haviam mártires do cristianismo? E mais ainda resulta estranho a ressurreição ocorrer antes do próprio Jesus ressuscitar, pois seria a sua ressurreição o fundamento do cristianismo. Tudo isto parecia fruto de uma inclusão posterior e tendenciosa, realizada por copistas ou cristãos desejosos de embelezar o texto. Aparentemente, o único possível a concluir seria que Jesus ressuscitou. Mas como isto ocorreu e sob que condições? E depois?

Se nos remetemos aos evangelhos, apenas *Marcos* (16:19-20) e *Lucas* (24:50-53) fazem referência à subida aos céus de Jesus depois de crucificado e após ter dado instruções aos seus apóstolos, sendo que a ascensão teria ocorrido em corpo e alma. Além do mais, no *Apocalipse* de São João (22:16- 21), fica claro o retorno de Jesus ao mundo para dar prosseguimento ao juízo final. Se as palavras de seu retomo (*Mateus* 24:30-31, *Marcos* 13:26, *Lucas* 21:27 e *João* 16:17-19) são verdadeiras conforme está registrado, Ele nunca poderia ter desencarnado. E esta afirmação é reforçada quando Jesus diz a seus discípulos: "... *Atenção para que ninguém vos engane. Muitos virão em meu nome, dizendo 'Sou eu', e enganarão a muitos." (Marcos* 13:6). E na seguinte: "... *Então, se alguém vos disser: 'Eis o Messias aqui!' ou 'Ei-lo ali', não creiais. Hão de surgir falsos Messias e falsos profetas, os quais apresentarão sinais e prodígios para enganar, se possível, os eleitos. Quanto a vós, porém, ficai atentos." (Marcos* 13:21-23).

Obviamente, nada disto teria sentido se no final dos tempos uma outra pessoa, completamente diferente daquela que viveu na Palestina, se mostrasse como a nova encarnação do Cristo. Ou mesmo se uma entidade espiritual e não física se manifestasse como sendo o próprio. Para todas estas afirmações registradas serem válidas, o próprio Jesus, o mesmo de 2.000 anos atrás, teria de estar de volta e se apresentar fisicamente.

De qualquer forma, as profecias de Jesus já estão acontecendo literalmente, isto é, já existe uma longa lista de literatura mediúnica, mística e esotérica atribuindo sua autoria ao próprio Jesus, assim como inúmeras mensagens supostamente canalizadas, sem considerar outras fontes, inclusive extraterrestres. Até constatamos o surgimento de pessoas em diversas partes do mundo se apresentando como sendo o próprio Jesus reencarnado. De qualquer forma, os profetas da Nova Era, ao que parece, estão categoricamente determinados a fazer com que as profecias

dos evangelhos se confirmem. Isto no sentido de serem falsos messias e falsos profetas. E será que, em meio a todos estes pseudoprofetas, haveria alguém, afinal, verdadeiro? Seria toda esta confusão parte dos sinais da iminente chegada de Jesus?

A bagunça a esclarecer era enorme e parecia crescer a cada instante. Restava tudo o que se afirmava como sendo palavras do próprio Jesus, fosse no *Novo Testamento,* textos apócrifos ou como numa grande quantidade de trabalhos espíritas e esotéricos para pesquisar. Grande parte deles, fundamentados nas bases do evangelho católico. Se os evangelhos e os apócrifos eram documentos suspeitos, como saber em que acreditar e que caminho seguir? Até que ponto os próprios trabalhos espíritas, inclusive os esotéricos, não sofreram qualquer influência evangélica, doutrinária e do próprio imaginário, até formativa e/ou do meio familiar na hora de ocorrer a mediunidade ou a canalização? Não acredito que as mensagens, por melhores que se mostrem, cheguem até nós isentas de interferências, seja pela ação ou por influência de qualquer tipo, assim como que exista alguém infalível, capaz de receber qualquer coisa sem distorção.

Havia pois muito para pesquisar e o tempo resultava ser o pior inimigo. A cada nova leitura e a cada livro, centenas de dúvidas e perguntas emergiam gerando angústia e desespero. Aquilo resultava um teste de paciência e persistência, que, na verdade, não faltavam, mas o tempo, esse era meu grave problema.

CAPÍTULO X
Os Vigilantes

Enquanto refletia profundamente sobre tudo o que já havia conseguido reunir de informação, pensava como todas estas hipóteses e teorias se

confrontavam radicalmente com tudo o que havíamos presenciado ao longo de nossas experiências de contato. Existia na verdade muitos mais mitos do que certezas, assim como muita imaginação e pouca informação. Embora os extraterrestres tivessem silenciado a respeito deste assunto no início, estava claro que a coisa não era bem como todo mundo pensava. A história escondia séculos de manipulação, arbitrariedades, mutilações filosóficas e mentiras, dando espaço a simpatias, romanticidades, imaginação e fanatismos. Os evangelhos eram suspeitos, alguns historiadores sem credibilidade, as fontes católicas sem moral histórica e as alternativas difíceis de localizar. Enfim, o desafio de Godar estava resultando cada vez mais ser uma armadilha, isto é, um beco sem saída e um problema sem solução.

Nesse período, mesmo que solicitando maiores orientações e esclarecimentos via contato, não haviam mais respostas às nossas questões sobre Jesus. Apenas os extraterrestres teimavam em insistir que ainda não era o momento de entrar nem esclarecer esse tema. Segundo os extraterrestres, era necessário preparar-nos ainda mais para vir a compreender a verdadeira missão deste personagem, além de entender sua identidade.

Logicamente, esta situação, esta falta de informação e o total caos histórico apenas haviam atiçado muito mais minha curiosidade. Estava claro, pelo menos como havia interpretado tudo até o momento, que Jesus embora parecesse uma figura enigmática, aparentemente teria a cumprir um grande papel no destino do homem e, para tanto, haveria deixado nos tempos de sua vida pública uma mensagem, uma charada a ser decifrada, compreendida e seguida por apenas determinadas pessoas.

Nesse sentido, Jesus não objetivaria atingir especificamente as pessoas daquele tempo com a totalidade de sua mensagem. Apenas as haveria utilizado para serem depositárias de um segredo. Em cada palavra,

ensinamento ou parábola se escondia um mapa, uma indicação e até uma coordenada.

Apenas um seleto grupo de seres humanos haveria sido seu foco principal desde o primeiro momento. Um grupo comprometido apenas com a verdade, a justiça e o conhecimento, acima de qualquer tendência, linha ou filosofia. Parecia-me que Jesus, de uma maneira bastante inteligente, havia estabelecido uma espécie de pré-requisito específico ou processo seletivo para qualquer um que buscasse desvendar o enigma.

Nesse momento de reflexão, lembrei-me de uma passagem em Mateus (25:31-46) que diz: "... Quando o Filho do Homem vier em sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória. E serão reunidas em sua presença todas as nações e ele separará os homens uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos, e porá as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. Então dirá o rei aos que estiverem à sua direita: 'Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo. Pois tive fome e me destes cie comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me recolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viste verme. Então os justos lhe responderão: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te alimentamos, com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos forasteiro e te recolhemos ou nu e te vestimos? Quando foi que te vimos doente ou preso e fomos te ver? Ao que lhes responderá o rei: Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes. Em seguida, dirá aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno preparado para o diabo e para seus anjos. Porque tive fome e não me destes de comer. Tive sede e não me destes de beber. Fui forasteiro e não me recolhestes. Estive nu e não me vestistes, doente e preso e não me visitastes. Então, também eles responderão: Senhor, quando é que te

vimos com fome ou com sede, forasteiro ou nu, doente ou preso e não te servimos? E ele responderá com estas palavras: Em verdade vos digo: todas as vezes que o deixastes de fazer a um desses pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer. E irão estes para o castigo eterno, enquanto os justos irão para a vida eterna'".

Segundo podia entender, Jesus era a referência de um caminho a ser trilhado e um exemplo a ser imitado, resultando num determinado momento o próprio juiz do mundo.

Mas eu não podia conceber que a alternativa de um desenvolvimento e até a oportunidade de uma vida produtiva, positiva, construtiva e altruísta tivesse de estar atrelada apenas a uma religião. Principalmente se uma condição de vida coerente e verdadeira em relação a princípios universais fosse produto de um estado de consciência mais amplo. Assim, acredito que dentro de um ponto de vista mais amplo, poderia interpretar a mensagem de Jesus de uma maneira mais filosófica e menos dogmática, inclusive mais aberta e menos fanática ou partidarista. Desta forma, tudo indicava que quem corretamente procurasse Deus ou a razão essencial da vida, desvestido de qualquer dogma, egoísmo ou preconceito poderia resgatar a mensagem cifrada escondida no seu discurso, vindo assim, gradualmente, a perceber não somente a sua correta intenção mas o conteúdo real de suas palavras. Desta maneira, os descobridores poderiam transferi-la aos seus semelhantes, permitindo que a posteridade ampliasse mais ainda a sua compreensão sobre a razão e o sentido da vida.

Assim, no futuro, apenas determinadas pessoas, havendo achado e decifrado este mapa — após ter cumprido o enigmático pré-requisito e participado do processo seletivo —, tendo descoberto seu conteúdo, seguido sua orientação, vivido dentro desta tônica e passado seu exemplo aos seus descendentes e seguidores, se tornariam a comunidade que os

evangelhos chamam de "os eleitos" (*Mateus* 24:31) ou "os justos" (*Mateus* 25:46). Uma comunidade alvo principal do retorno de Jesus ao mundo, pois seriam aqueles que herdariam um novo mundo. Mas, qual seria esse pré-requisito fundamental?

Jesus haveria brincado de certa forma, construindo uma aura de curiosidade mundial ao seu redor, sendo esta a isca para trazer e reunir o seu público alvo? Teria jogado uma idéia ou princípio ao ar para ver quem conseguiria pegá-la e levá-la adiante?

Seria possível que após 2.000 longos anos Jesus retornaria para resgatar, levar ou preservar um grupo de pessoas escolhidas? Como isto se daria e de que maneira? Seria que apenas os cristãos gozariam deste privilégio, ou a proposta de Jesus foi à margem de qualquer tendência religiosa?

Realmente tudo aquilo era muito estranho mas fascinante. Como poderia acontecer? Seria que os extraterrestres estavam promovendo uma seleção natural, na qual identificariam as pessoas que especificamente procuravam através de algum processo especial e o próprio Jesus faria parte desse "programa"?

Lembrei nesse momento de alguns trechos do *Evangelho de Mateus,* nos quais o apóstolo escreve que, antes da volta de Jesus ao mundo, sinais viriam dos céus anunciando sua chegada (*Mateus* 24:30). Seriam os extraterrestres os tão badalados anjos que estariam anunciando o retorno de Jesus?

Eu sempre havia suspeitado que sim, e mais ainda depois da conversa com o ancião Joakm. Restava saber onde poderia achar um suporte histórico que fundamentasse esta opinião, sendo que, nos documentos tradicionais como no *Livro de Jó,* são chamados de "estrelas matutinas" e nos *Salmos* de "carros de Deus". O que oferece uma idéia bastante curiosa e diversa sobre a sua natureza.

Conforme achei no dicionário, a definição de ANJO apontava o mesmo como: "Ser espiritual que exerce o ofício de mensageiro entre Deus e os homens". Ou, conforme indica o *Oxford Universal Dictionary:* "Espírito zelador ou mensageiro divino; pertencente a uma ordem de seres espirituais superiores ao homem em poder e inteligência; são os servidores e mensageiros da Divindade".

Dentre os documentos religiosos que passei a investigar com afinco, encontrei que, no cristianismo, a denominação ANJO vem do grego Aggelos e do latim Angelu, que significam "mensageiro". Já no judaísmo, a denominação é MAL'AK que significa "enviado", uma definição que determina uma função completamente diferente uma da outra. No sentido outorgado pelo judaísmo, a idéia é de "embaixadores" que um soberano enviava a outro para transmitir-lhe alguma informação ou entregar-lhe alguma coisa importante. Na religião islâmica, o nome é Malaika que significa também "mensageiro" e são definidos como entidades de corpo sutil, feitos de luz e providos de asas *(Alcorão,* Azora 35:1). De forma geral, suas funções consistem em adorar a Deus, ser seus mensageiros e guardiões entre os homens, anunciar os nascimentos miraculosos, transmitir a revelação, registrar os atos dos homens, combater ao lado dos crentes, assistir os moribundos, apresentar a relação dos atos destes no julgamento e interceder por eles. Já entre as religiões politeístas, eram vistos como deuses inferiores, cuja situação e patente os colocava na condição de servir aos desejos dos deuses superiores. Os *vikings* tinham as Valquírias; os gregos, os Horae; os persas, aos Fereshta e até os Peri ou Horis, sendo estes últimos um outro tipo de seres celestiais; os hindus, as Apsaras, e assim até nas religiões orientais como o zoroastrismo, budismo e taoísmo.

Em todas as religiões existiram relatos de entidades especiais, cuja função era de intermediários entre a deidade ou divindade principal e o

homem, tendo uma forma física semelhante à humana. De qualquer maneira, o conceito sobre a natureza e função destes seres demonstrava ser bastante antigo, porém, eu não imaginava ainda quanto.

Aprofundando-me cada vez mais, descobri, para minha surpresa, que foi somente no Concilio Vaticano I, convocado pelo Papa Pio IX, ocorrido entre os anos 1869 e 1870, o momento em que ficaram definidas, aparentemente, as características corpóreas destas entidades e suas funções. Em outras palavras, até então não existia qualquer acordo ou consenso, dentro da Igreja, quanto à forma, consistência e funções destes seres. Como isto era possível? A própria Igreja, ao longo de tantos séculos, não havia conseguido se acertar em relação à natureza e forma de seres tão importantes?

Como toda esta situação não estava clara para mim, procurei investir fundo na pesquisa. Assim ordenei melhor o meu trabalho.

A princípio, objetivei entender qual, afinal, era o papel destas criaturas, já que a literatura testamentária tardia falava pouco delas, enquanto que as primitivas e apócrifas lhes outorgavam extraordinária importância, colocando-as na condição de mensageiras no cristianismo, e enviadas no judaísmo. Assim, obtive interessantes resultados, percebendo que a tradição sobre os anjos era realmente muito, mas muito antiga.

As informações mostravam que os mitos sobre estes seres derivam das antigas religiões do Oriente Médio, como: a suméria, acádica, assírio-babilônica e do mazdeísmo persa, isto é, bem antes do próprio judaísmo existir. Dentre todas estas religiões, a mais antiga, a dos sumérios, conhecia estes seres como os DIN.GIR, um termo bastante interessante, que na língua suméria significa literalmente: "Deidades que transportam". É aqui que surgem os nomes de Gibriel, Michael, Rafei, etc. que, mais tarde, viriam a ser Gabriel, Miguel, Rafael, etc. sob influência da mutação cultural ocorrida entre os judeus durante sua permanência na Babilônia

entre 605 e 538 a.C. (período denominado de "o exílio"), e pela própria incorporação dessas e outras tradições ao cristianismo. Cabe lembrar que os babilônios constituíam, naquela época, a mais brilhante de todas as civilizações, havendo sido fundada pelo povo Acádico em 2350 a.C., sendo esta uma civilização que teve, na sua origem, grande influência suméria.

Embora o conceito, a natureza e os nomes destas entidades viessem a sofrer mudanças ao longo de alguns séculos, o povo semita, que daria como conseqüência o judaísmo, conhecia-os primitivamente sob uma outra denominação ainda mais intrigante, a de "vigilantes" ou de "guardiões". Na verdade, termos bem sugestivos em relação ao tema extraterrestre. E esta associação, aparentemente um tanto curiosa, foi possível realizá-la não somente quando da análise do *Evangelho Cátaro do Pseudo-João* ou do texto apócrifo judaico o *Livro dos Jubileus,* mas na leitura de outros dois achados históricos também extremamente importantes e recentes: o primeiro, é o *Livro de Enoch* e, o segundo, o *Apocalipse de Lamec,* achados em Qumram.

Para entender melhor tudo isso, primeiro é fundamental identificar quem foi Enoch e qual sua importância histórica. Desta forma, temos que, no início do *Gênesis* (um dos livros atribuídos a Moisés), tanto no *Antigo Testamento* católico (*Gênesis* 5:18-20) como na *Torah* judaica, surge a referência a um profeta de nome Enoch, filho de Jared, descendente direto de Set, terceiro filho de Adão e Eva. Enoch, que significa "vidente", viveu 365 anos, foi pai do homem mais velho do mundo (969 anos), conhecido por Matusalém; foi avô de Lamec e bisavô de Noé, o patriarca salvo por Deus do dilúvio universal.

Segundo narra a história sagrada, Enoch viveu num período muito anterior ao dilúvio, tendo obtido a oportunidade de encontrar-se diretamente com Deus (*Gênesis* 5:24). Este homem é considerado pelas

religiões como o primeiro iniciado, já que teve acesso à verdade revelada diretamente pela divindade principal.

Conforme os registros da época, Enoch teria escrito vários livros narrando as suas incríveis experiências com a divindade e com os anjos que chama de "vigilantes" ou "guardiões". Infelizmente, existem muitos documentos associados a Enoch como autor que chegaram até nossos dias. Tal é o caso do documento chamado de o "*Livro de Enoch"* ou "I *Enoch",* existente na versão etíope e grega, o qual resulta da reunião e composição de cinco livros: dos *Vigilantes,* das *Parábolas,* do *Curso das Luminárias do Céu,* dos *Sonhos* e dos *Ensinamentos e dos Castigos.* Também existe outro texto de origem eslava chamado de o "*Livro dos Segredos de Enoch"* ou "2 *Enoch",* considerado um trabalho apocalíptico único dividido em 24 capítulos, que comenta sobre os sete céus, os astros, os anjos ou vigilantes e as realidades escatológicas. Além destes, existe o "*Livro Hebraico de Enoch",* também conhecido por "*Sefer Hekalot",* melhor traduzido por o *"Livro dos Palácios",* o qual narra a visita do Rabino Yismael ao céu onde encontra o anjo Metatron, o qual se identifica como havendo sido Enoch na Terra. Além destes trabalhos, existem também os "*Fragmentos Aramaicos de Enoch",* isto é, a versão do "*Livro de Enoch"* encontrada em Qumram. A qual difere das versões etíope e grega em alguns aspectos, assim como na inclusão de outros documentos como o *Livro da Astronomia, o Livro das Visões em Sonhos, o Livro das Semanas,* o *Livro das Monações ou das Cartas* e o *Livro dos Gigantes.* Sendo que existe uma outra obra vinculada a estes documentos, chamada de o *Livro de Noé* do qual restam apenas alguns fragmentos. Também o cristianismo primitivo elaborou um documento de origem copta ou egípcia associado a este profeta, chamado de "*Fragmento Copta de Enoch",* bastante curto e incompleto, sendo basicamente uma versão do *Livro das Semanas.*

Estes enigmáticos e interessantes livros nunca foram incluídos em parte ou completos dentro de qualquer texto sagrado judeu. Pelo menos, nunca foi dito ou afirmado textualmente existir qualquer inclusão. Mas, o livro *Pirkah de Midrash,* no capítulo 8, narra como Enoch ensinou os cálculos, as ciências e conhecimentos inimaginados a Noé, antes do dilúvio acontecer. Comentando inclusive que, os livros de Enoch, foram guardados e protegidos na cidade de Kirjath-Sepher ou também conhecida por cidade dos escritos, chamada mais tarde de Debir.

Até o início da era cristã, os livros de Enoch eram literalmente desconhecidos do público, tendo acesso aos mesmos um pequeno grupo de sacerdotes muito seleto. Embora mencionado sempre de maneira tímida e superficial, alguns escritores, pesquisadores e investigadores do sagrado comentaram ou fizeram referências sobre sua existência.

A primeira figura histórica importante a referir alguma coisa sobre Enoch foi o apóstolo Judas Tadeu nas suas epístolas (1:14-16), morto em Edessa em 80 d.C., irmão do apóstolo Tiago, o Menor, ambos filhos de Alfeu. A segunda menção importante surge por volta do ano 196 d.C., do filósofo cristão Tertuliano (160-220 d.C.) em sua obra denominada *Apologéticum,* afirmando que os judeus não incluíram o *Livro de Enoch* no seu cânon, porque fazia referência a Jesus, onde o colocava como uma figura divina. Outros, afirmavam que os livros haviam sido desvinculados dos textos sagrados porque eram considerados livros de magia, por falarem da existência de vários deuses, da vinda de estranhas entidades ao mundo e de relatar como as mesmas se misturaram sexualmente com os humanos.

Um dos responsáveis por difundir o conteúdo dos textos de Enoch foi São Clemente de Alexandria, um dos grandes apologistas do cristianismo, morto em 216 d.C. e mestre de um grande reformador do pensamento da Igreja, Orígenes, que foi responsável pelo surgimento de uma corrente e

seita cristã chamada de "origenista", cuja atividade no universo cristão provocou grandes controvérsias e divisões.

Quem também falou muito desse livro foi Santo Agostinho, em seu trabalho *A Cidade de Deus*; sendo que no capítulo 15, verso 22, comenta que o manuscrito de Enoch não foi aceito pela Igreja por ser considerado muito velho.

Aparentemente, até por volta do século XVII, não existiam mais que algumas referências dispersas sobre Enoch, tanto em obras judaicas como no *Livro dos Jubileus,* no *Quarto Evangelho de Esdras* e no *Apocalipse de Baruc,* assim como em poucos textos cristãos dos primeiros séculos. Nesse sentido, apenas eram conhecidos os restos de uma antiga versão grega do *Livro de Enoch* recolhidos por Gregório Syncellus. Foi pois por volta do século XVII que chegaram aos ouvidos de alguns interessados sobre o assunto os relatos da existência em Abissínia, na África, de uma cópia copta do *Livro de Enoch*, também denominado de *ENOICON,* que significa: o livro do vidente. O mesmo, resultava num conjunto de livros ou escritos refundidos em um único trabalho por um autor desconhecido, bem provavelmente nos inícios da era cristã. Cabe esclarecer que, os coptas ou coptos, eram os antigos cristãos egípcios, já que, em Alexandria, capital do Egito na época, se havia desenvolvido uma seita cristã um tanto diferente dos ritos e fundamentos católicos romanos tradicionais, a qual assumiu a denominação de COPTA. Vale destacar que os adeptos dessa vertente religiosa cristã reuniram ao longo de sua existência um grande acervo literário, o mesmo que, ainda hoje, continua sendo descoberto conforme as pesquisas arqueológicas avançam, revelando informações e aspectos da prédica de Jesus muito reveladores e interessantes.

Assim pois, movido pelo desejo da aventura e da descoberta, o explorador britânico James Bruce viajou para o continente africano,

trazendo consigo em 1773 uma cópia do livro escrito em etíope. A seguir, em 1821, o manuscrito foi entregue para pesquisa ao arcebispo Lourence da cidade de Oxford, na Inglaterra, que realizou a tradução ao inglês do mesmo, dan- do-o a conhecer em 1838 sobre o nome *Libri Enoch Prophetae Versio Ethiop.* A cópia trazida por Bruce existe ainda hoje depositada na Biblioteca Bodeliana, na cidade de Oxford. O próprio arcebispo, quando da tradução, afirmou que os textos originais deveriam haver sido escritos em língua sírio-caldea e aramaica, contendo, com incrível exatidão, grande parte dos discursos proferidos por Jesus. O Sr. Lourence declarou ainda que 57 versículos do *Novo Testamento* coincidem fantasticamente com os escritos de Enoch, quase que literalmente. A semelhança ocorria, principalmente, em trechos de: *Atos dos Apóstolos, Epístolas de São Paulo, Pedro, Tiago, João* e *Judas,* incluindo até o *Apocalipse de São João* em muitos trechos, e o *Gênesis,* no *Antigo Testamento.*

Na *Bíblia* e na *Torah* existem pois um enorme número de concordâncias textuais com trechos dos livros de Enoch, o que de uma certa maneira demonstra que a obra deste profeta era conhecida e aceita, pelo menos em parte. E sobre isso, temos uma apreciação bastante interessante do investigador Salomão Reinach em seu livro *Orfeu, História Geral das Religiões,* no qual afirma que, por volta de 350 d.C., quando a Igreja católica completou seu cânon, a obra de Enoch não foi considerada por achá-la herética, isto é, contrária ao credo. Então, porque apenas alguns trechos teriam sido aproveitados e o resto não?

A resposta é bastante simples porque Enoch, além de relatar a vinda ao nosso mundo de seres celestiais, que ele chamou de "vigilantes", e do que ocorreu quando se misturaram com as mulheres humanas, o que está corroborado pelo *Apocalipse de Lamec* achado em Qumram, e em outros documentos antigos como o *Livro dos Jubileus, o Quarto Evangelho de*

Esdras e o *Apocalipse de Baruc,* também acrescenta que o poder celestial está em mãos de três diferentes entidades, contrariando o conceito monoteísta do judaísmo e do cristianismo. Segundo o patriarca, após a revelação, Deus seria invocado pelo nome do SENHOR DOS ESPÍRITOS, havendo a continuação, uma segunda entidade, chamada de A CABEÇA DOS DIAS, e, para completar, uma terceira entidade, conhecida pelo nome de o ESCOLHIDO ou ELEITO, também chamada de o "Filho do Homem". Este último personagem estaria comprometido com o mundo para, num determinado momento, vir à Terra, exatamente como a profecia do messias apontava. Porém, ocorre que a figura do messias pertence ao período de Isaías, isto é, muito posterior ao dilúvio universal e à história de Abraão, sendo que agora teríamos um messias anterior a tudo isso. Se a idéia de vir alguém ao mundo para redimi-lo ou ajudá-lo já existia nos primórdios do semitismo e antes do judaísmo, qual a razão de exterminar a humanidade por meio do dilúvio universal? Mais uma vez, tudo isto soava estranho e parecia fora de lugar.

Realmente, se os livros de Enoch fossem aceitos, o cristianismo teria de explicar como era possível que anjos tivessem uma clara orientação sexual, assim como o sexo masculino perfeitamente definido. Por outro lado, teria de justificar seus desejos sexuais e a sua necessidade de acasalar com mulheres humanas. Isto significaria que o céu está repleto de anjos homens e não existem anjos mulheres. Por que teria sido definido o sexo de sua criação sem ter mulheres? Como fazem estas entidades então?

Realmente pensar em divindades masculinas absolutas e secundá rias que transportam; mensageiros celestiais e deuses que já tinham previsto a vinda de alguém ao mundo. Como tudo isso era possível? Como eram esses deuses e seus anjos afinal? Seria Jesus esse ELEITO? E se fosse, desde quando sua vinda estava planejada?

Segundo alguns esoteristas judeus, existe o relato de que Deus, com pena de sua criação, haveria entregue uma carta a Set, terceiro filho de Adão e Eva, na qual constava o compromisso de redimir a humanidade por meio da vinda ao mundo de uma entidade especial. A função deste personagem seria de orientar o caminho da humanidade e garantir o prêmio de uma vida eterna àqueles que tivessem vivido em plena justiça e harmonia com Deus. De acordo com alguns relatos, esta carta haveria sido depositada posteriormente em mãos do rei-sacerdote de Salém, Melquisedec, o qual teria criado uma ordem para proteger, sempre, o legado até o momento final. De acordo com a tradição, Melquisedec teria sido gerado por uma mulher inseminada por Deus, nascendo depois de morta e, mais adiante, preservado do dilúvio universal por um anjo que o teria protegido levando-o ao paraíso.

Embora curiosa, esta tradição tem muito em comum com o texto de Enoch, já que confirma a intenção de um projeto para o futuro: a vinda do Eleito ou "Filho do Homem". Isto, obviamente, não deixa de ser intrigante, pois coloca sem sentido a necessidade do dilúvio ou da destruição de Sodoma e Gomorra. Para que destruir uma humanidade, se já estava claro que a próxima precisaria de alguém para ajudá-la? Por outro lado, deixa patente a forma como Jesus se identificou durante sua pregação, chamando-se continuamente de o "Filho do Homem".

Durante anos, a Igreja católica, assim como o judaísmo, negaram a autenticidade do texto de Enoch, afirmando que ele nunca existiu daquela forma. Quando em 1947 foram descobertos antigos pergaminhos nas cavernas de Qumram, na localidade de En-Ghedi, próximas ao Mar Morto, os livros deste profeta vieram à tona, escritos em hebreu e arameu. Quando confrontados com os textos etíopes, gregos e coptas, o conteúdo se mostrou muito próximo dos mesmos, embora os rolos achados em Qumram se apresentassem bem mais completos e detalhados.

Agora, não era mais possível negar a autenticidade e existência destes depoimentos. Mas, o que assustava tanto judeus e católicos a ponto de negar ao primeiro profeta que falou diretamente com Deus a possibilidade de informar ao público sobre sua experiência? Se os textos sagrados lhe davam crédito ao limite de confirmar esse contato direto com a divindade principal, o próprio Deus, por que não era permitido dar espaço ao conteúdo do ocorrido? Alguma coisa aqui cheirava mal.

As revelações de Enoch colocavam em xeque todos os conceitos dogmáticos do judaísmo assim como do cristianismo, chegando a constituir um dogma próprio e diferente. Porém, o mais importante de tudo era que Enoch dava a entender que existia uma hierarquia olhando pelo mundo, onde determinados seres desertores haviam procurado abrigo e morada no planeta Terra. Ao mesmo tempo, o evangelho cátaro mencionado anteriormente deixava evidente o fato de Enoch ter sido enganado por seres que se fizeram passar por Deus, o que significa que o contato deste profeta serviu para testar a humanidade de alguma forma. Se Enoch foi ludibriado pelos seres celestiais na condição de Deus, pelo menos o informaram corretamente sobre a vinda do "Filho do Homem", já que acabou ocorrendo. Desta forma, é bem provável que a influência cristã que recebeu o evengelho cátaro deva ter alterado o sentido final da informação, pois resulta estranho que a descrição dos apócrifos aramaico, grego e etíope de Enoch sejam pontuais e corretos quando mencionam a seguinte descrição: "... *Ali vi alguém que tinha uma cabeça de dias e sua cabeça era como lã branca; e com ele outro cuja figura tinha a aparência de um homem, e sua figura era cheia de graça, como um dos anjos santos. Interroguei ao anjo que ia comigo, e que me permitia conhecer todos os segredos a respeito do Filho do Homem: 'Quem ele é, de onde vem; por que vai com a cabeça dos dias?' E ele respondeu: 'Este é o Filho do Homem que possui a justiça e com ele habita a justiça,*

porque o Senhor dos Espíritos o escolheu, e sua sina venceu por direito ante o Senhor dos Espíritos pela eternidade. 'O Filho do Homem' que tu viste fará levantar aos reis e aos poderosos de seus leitos, e aos fortes de seus assentos; e quebrará os freios dos fortes e partirá os dentes dos pecadores; e derrocará aos reis de seus tronos e de seu poder, porque eles não lhe exaltaram e porque não lhe glorificaram, e porque não confessaram humildemente de onde lhes havia sido oferecida a sua realeza..."".

E quando Enoch afirma: "... *E o Senhor dos Espíritos fez sentar o Eleito sobre o trono de glória, onde julgará todas as obras dos santos, e suas obras serão pesadas na balança...".* Está mais que evidente que Enoch fala de Jesus em seus livros, porém, resulta estranho que lhe seja mostrado tudo isso antes que a humanidade seja destruída pelo dilúvio.

Se Enoch conversou diretamente com Deus, ou quem se fez passar por ele, recebendo informações relativas ao Universo e ao mundo, assim como sobre o futuro, temos de considerar que o objetivo desta entidade foi o de dar um norte para a humanidade naquele momento. E se Enoch mediou uma anistia entre os anjos de Semyase e Deus, isto é, daqueles 200 que vieram ao mundo para tomar as mulheres humanas por esposas e em troca ensinar conhecimentos proibidos, temos que aqueles anjos fugiram do ceú para oferecer algo que Deus negava à humanidade. O cristianismo assim como o judaísmo aceitando os livros de Enoch como verdadeiros e tornando-os parte de seus cânones, dificilmente poderiam conciliar o fato de que anjos são físicos, têm sexo definido, mantêm relações sexuais, geram filhos, erram, comem, que Deus também é substância, o céu é um lugar, que o eleito já estava programado para vir e que Noé, o patriarca salvo do dilúvio junto com a sua família, aparentemente foi um filho adúltero de uma relação entre humanos e anjos. Além é claro de não conseguir explicar a lógica da necessidade do

dilúvio universal, tendo de considerar a probabilidade de ter sido um evento ocorrido sob outras circunstâncias que não divinas.

E tudo isso é fácil de perceber quando nos deparamos com detalhes extremamente incríveis. Tanto nos textos etíope e grego, assim como na versão aramaica de Enoch, encontramos em comum a seguinte descrição: "... E após um tempo, meu filho Matusalém tomou para seu filho Lamec uma mulher, e ela concebeu dele e deu à luz um filho. E sua carne era branca como a neve e vermelha como a flor da rosa; e os pêlos de sua cabeça e sua cabeleira eram brancos como a lã; e seus olhos eram formosos, e quando abriu os olhos iluminou toda a casa como o Sol, e toda a casa esteve muito brilhante. E então ele se levantou das mãos da parteira, abriu a boca e falou ao Senhor da justiça. E seu pai Lamec foi tomado de terror ante ele fugindo, e foi ante seu pai Matusalém. E lhe diz: '— Eu coloquei no mundo um filho, diferente dos outros; não é como os homens mas parecido com um filho dos guardiões e os vigilantes do céu; sua natureza é diferente e não é como nós; seus olhos são como raios do Sol; seu rosto é esplêndido. E me parece que não é meu mas dos vigilantes, e temo que se cumpra um prodígio sobre a terra durante seus dias. E agora suplico, oh, pai meu, e te peço que chegues até Enoch, nosso pai, e que conheças por ele a verdade, porque sua resistência está com os guardiões e os vigilantes...'".

Nitidamente é possível observar que Lamec não reconhece seu filho Noé como sendo humano, atribuindo sua origem a uma relação adúltera com os "vigilantes" ou "guardiões". E esta mesma informação se encontra presente e confirmada em vários outros documentos encontrados em Qumram. Aqui, temos um em particular classificado como 1QapGen, ou também chamado de "*Apócrifo do Gênesis*" ou "*Apocalipse de Lamec",* composto de vinte e duas colunas. Este texto, encontrado na caverna número 1 de Qumram, teve sua tradução publicada por N. Avigad e Y.

Yadin em 1956. No conteúdo da coluna II existe uma narrativa sobre Noé, cujo pai, Lamec, suspeita que a sua mulher, Batenós, possivelmente o enganara com os anjos caídos. O texto em si é muito interessante pois seu conteúdo diz: "... *Eis que então pensei em meu coração que a concepção devia-se aos Guardiões e aos Santos... e aos Gigantes... e meu coração estava perturbado dentro de mim por causa desta criança. Então eu, Lamec, aproximei-me sem demora de Batenós, minha mulher, e disse-lhe: '... pelo Altíssimo, o Grande Senhor, o Rei de todos os mundos e Soberano dos Filhos do Céu, até que tu me contes todas as coisas de verdade, se... Conta-me isto de verdade e não mintas... pelo Rei de todos os mundos até que tu me contes a verdade e não mentiras'. Então Batenós, minha mulher, falou comigo com ardor e disse: "... Ó, meu irmão, ó, meu senhor, lembra-te do meu prazer deitados juntos e minha alma dentro do teu corpo. E eu te digo, todas as coisas na verdade'. Meu coração então turbou-se muito dentro de mim, e quando Batenós, minha mulher, viu que a expressão de minha face mudou... então ela dominou sua raiva e falou comigo dizendo: '... Ó, meu senhor, ó, meu irmão, lembra-te do meu prazer! Eu te juro pelo Grande Santo, o Rei dos céus... que esta semente é tua e que esta concepção vem de ti. Este fruto foi plantado por ti... e não por algum estranho ou Guardião ou filho do Céu... Por que a expressão da tua face transformou-se assim e ficou desanimada, e por que o teu espírito está assim entristecido... eu te falo a verdade'."*

Pelo que é possível apreciar estes "vigilantes" ou anjos nunca foram espíritos ou entidades sutis, bem ao contrário, sempre foram seres físicos masculinos que comem (*Gênesis* 18:8, 19:3), inclusive carne; que agem agressivamente e sentem desejos sexuais, ao ponto de se acasalarem com mulheres humanas (*Gênesis* 6:4). E as menções sobre a existência dos anjos, tanto no *Antigo Testamento* como na *Torah,* estão claramente

presentes no *Gênesis, Juízes, Samuel, Reis, Crônicas, Salmos, Isaías, Daniel, Oséias, Zacarias* e, obviamente, em quase todo o *Novo Testamento.*

O mais curioso, era que o rabinismo judeu sempre proibira o culto a essas entidades, e os famosos Saduceus *(Atos* 23:8), desde o tempo de Jesus, não acreditavam na sua existência como seres independentes, isto é, sempre os consideraram como formas que Deus assumia para entrar em contato com os homens *(Gênesis* 18:1-2 e 32:26-31). Por outro lado, os Fariseus as admitiam com cautela. Se eram entidades especiais criadas por Deus, como era possível tanta restrição com relação à sua existência? Que dúvidas acalentavam as mentes do sacerdotes judeus que os faziam ver com tanto receio a existência destas entidades, sendo que obrigatoriamente fazem parte de toda a tradição judaica?

Foi com certa dificuldade que consegui saber como a idéia sobre os anjos evoluíra dentro da Igreja gradualmente. O conceito sobre sua existência teria sido importado para o cristianismo, em suas origens, dos mitos de um grande número de cultos locais, inclusive, mais tarde, fortemente do islâmico, mas, principalmente, do cabalismo prático *(Qabbalah ma'assif),* isto é, da *Cabala* judaica nos primórdios.

A palavra *Cabala* deriva da raiz kbl, que significa "receber". Segundo acredita-se, é o termo utilizado para identificar escritos secretos, transmitidos apenas oralmente. A *Cabala,* embora seja considerada um livro esotérico judaico, sugere que sua aparição seja muito remota. Alguns religiosos, assim como pesquisadores, consideram que tenha sofrido grande influência do patriarca Abraão (sumério na sua origem), além da interferência de muitas outras fontes anteriores, como suméria, acádica, persa, gnóstica, helenística e neoplatônica. Mas, alguns opinam que sua aparição remonta-se apenas ao primeiro século depois de Cristo e outros para finais do século XI. De qualquer forma, mesmo assim, a

Cabala é um documento que orienta o caminho para achar Deus, empregando para tal o simbolismo de uma árvore que representa a vida, onde, ao lado dos anjos, se estabelece uma jornada repleta de perigos.

Um aspecto curioso é o fato da *Cabala* considerar o anjo Metatron, que significa "Mais próximo de Deus", também chamado de "Anjo do Senhor", como sendo o próprio profeta Enoch, o qual teria alcançado esta condição após haver sido arrebatado por Deus. Sendo que a mesma estória também a encontramos no *Livro Hebraico de Enoch,* como já tinha visto anteriormente.

Seja como for, a *Cabala* é um documento cuja estrutura baseia-se no conceito da vida na imagem de uma árvore, dentro da qual existem quatro mundos: o mundo arquetípico ou Atziluth; o mundo da criação ou Briah; o mundo da formação e dos anjos ou Yetzirah; e o mundo da ação ou da matéria ou Assiah. Tudo isso influenciou sobremaneira os primórdios da evangelização, tanto promovida pelo cristianismo judaico como pelo helenista posterior.

No início do cristianismo, pela sua influência judaica, foi difícil aceitar os anjos, isto é, a sua existência independente em relação a Deus. Mas, com o tempo, e por influências culturais diversas vindas de outras crenças e mitos, assim como por pressões regionais, ou seja, por diversas doutrinas locais enraizadas na tradição popular que contemplavam a existência de espíritos protetores, o culto aos anjos começou e prosperou rapidamente.

De qualquer forma, podemos dizer que após a romanização do cristianismo o processo de incorporação dos anjos se iniciou, já que dentro dos mitos e cultos do período a presença de entidades ou espíritos que colaboravam com os deuses era comum. Mas foi especificamente São Irineu (140-200 d.C.) que, nos primórdios do cristianismo ocidental, tornou-se um dos responsáveis iniciadores da popularização do culto a estes seres. Vários de seus trabalhos versaram sobre a natureza e

existência destas figuras, afirmando, sem qualquer dúvida, que os anjos tinham corpo sutil, pois eram isentos de carne. Por volta de 190 d.C., São Clemente de Alexandria (150-216 d.C.) estruturou uma primeira hierarquia angelical, composta de sete níveis. Já em 250 d.C., Orígenes (183-252 d.C.) achava que os anjos eram como humanos, não só nasciam e morriam como também estavam sujeitos às leis da evolução por repetidas vidas, inclusive sendo capazes de evoluir e de regredir. Mesmo concei- tuando-os dessa forma, atribuía aos anjos o trabalho de purificação do ambiente e guia das almas após a morte, outorgando a estas entidades uma função importante na liturgia cristã. Segundo Tertuliano (160-220 d.C.) e Santo Agostinho (357-430 d.C.) esses seres eram parecidos aos homens da Terra nas suas formas.

No primeiro Concilio de Nicéia em 325 d.C., congregado pelo Imperador Constantino I (270-337 d.C.), foi declarada a fé nos anjos como parte do dogma cristão, mas este evento acabou sendo polêmico por influência do representante dos gnósticos, um tal Celso, que acusou drasticamente aos clérigos de estarem falsificando constantemente os livros religiosos e manipulando as informações dos mesmos a seu favor. Situação que infelizmente se tornaria uma constante no futuro como já vimos no caso de Gregório VII. Porém, mais tarde, contrariando o dogma original, foi realizado um Sínodo em Laodicéia pelo Papa Libério em 343 d.C., no qual se estabelecia que o culto aos anjos era absurda idolatria, vindo a proibir e condenar qualquer tipo de dedicação ou devoção, embora se aceitasse a sua existência.

Mas, esse tipo de imposição não durou muito. No final do século IV, Santo Ambrósio, bispo de Milão, na Itália, propôs a construção de uma nova hierarquia angelical, colocando, num primeiro nível: Serafins, Querubins e Tronos; num segundo nível: Principados, Dominações e Potestades; e num terceiro nível: Virtudes, Arcanjos e Anjos. Por volta do

ano 500, São Fulgêncio, bispo africano, sugeriu que os anjos considerados bons tinham corpos de fogo, e os maus, corpos de ar. Durante os séculos IV e V d.C., muitos anjos foram nomeados e o número foi crescendo, até que chegaram a ser milhares. Mas, foi o sírio Dionísio, o exíguo, também conhecido como o Pseudo-Aeropagita que, no século VI, escreveu amplamente sobre os anjos em sua obra *A Hierarquia Celeste,* influenciando o pensamento católico da época. Foi ele quem nomeou, usando uma suposta lista do apóstolo Paulo, as nove ordens de anjos chamada de "TRÍADE", isto é, três hierarquias celestiais, sendo: as Hierarquias Superiores, compostas de Serafins, Querubins e Tronos; as Hierarquias Médias, compostas de Dominações, Potestades ou Potências e Virtudes; e as Hierarquias Inferiores, compostas de Principados, Arcanjos e Anjos. Estas três hierarquias estariam comandadas por nove anjos ou príncipes, os quais seriam: Serafins = Metatron ou Enoch, Querubins = Raziel, Tronos = Auriel, Dominações = Uriel, Potências = Canael, Virtudes = Rafael, Principados = Haniel, Arcanjos = Michael ou Miguel e Anjos = Gabriel. Além disso, existiriam mais 72 anjos, dos quais apenas sete poderiam ter presença frente a Deus. Porém, no mesmo século VI, o Papa São Gregório I, o Grande (590-604), neto do anti-Papa Félix II e responsável pela introdução do canto gregoriano na liturgia, tentou alterar a estrutura da "Tríade" angelical, após haver tido a visão de um anjo; sendo logo depois atropelado rispidamente por Dante Alighieri, na sua obra, *A Divina Comédia.* Muitos outros tentaram alterar a estrutura de Dionísio ao longo dos séculos, mas falharam, sendo esta a ordem que permaneceu até o século XVIII.

No judaísmo, seria apenas no período medieval com o famoso filósofo judeu Maimônides (1135-1204), que surgiria uma divisão angelical composta de dez grupos, sendo: Chayot, Ofanim, Arelim, Chashmalim, Serafim, Malachim, Elokim, Bene Elokim, Kerubim e Ishim.

Nos séculos seguintes a Dionísio, o culto aos anjos proliferou, chegando a provocar uma onda de pseudo-aparições como as tidas por Santa Hildegarda de Bingen, São Francisco de Assis, Santa Teresa de Ávila e muitos mais, onde as características das manifestações estavam completamente de acordo com as descrições dos documentos religiosos. Toda essa devoção provocou o surgimento de intérpretes e videntes de anjos, indicando a presença de novas entidades às quais começaram a ser nomeadas. Assim, foi durante o Sínodo Ad Lateran de 745 d.C. que se condenou a prática de dar nomes aos anjos, ficando estabelecido o nome dos sete principais anjos (Rafael, Miguel, Gabriel, Uriel, Simiel, Orifiel e Zacariel). Somente durante o Sétimo Sínodo Ecumênico de 787 d.C. é que se limitou o número de arcanjos, assim como seus nomes e deveres.

E, continuando com a busca de uma definição quanto à sua identidade, forma e consistência, foi Santo Tomás de Aquino (1225-1274 d.C.) que levantou a idéia de serem espíritos protetores, construindo aqui e por sua autoria a função de "Anjo da Guarda" que até hoje persiste. Este religioso escreveu em 1250 um amplo tratado sobre os anjos, tornando-se famoso em sua época pelos enérgicos sermões que realizava sobre estas entidades, chegando a ser chamado de "Doutor Angélico". Em 1259, Santo Tomás proferiu inúmeros sermões em Paris e em outros tantos lugares, chegando a realizar até 15 palestras em uma única semana. Toda esta atividade reuniu, ao longo do tempo, um grande número de adeptos a suas idéias. O clérigo apontava que os anjos eram puro intelecto, seres sem corpo, capazes de assumir qualquer um à vontade, chegando até a comer, já que a *Bíblia* menciona essa situação. Esta visão predominou até o século XVIII, quando a angeologia perdeu expressão e visibilidade, já que era o início da corrente de pensamento "Iluminista", ou também chamada de "Idade da Razão".

Porém, aparentemente, algumas das idéias de Santo Tomás foram retiradas de apreciações islâmicas sobre o assunto, como as geradas pelo mestre sufi Ibn Arabi (1165-1240), o qual considerava que os anjos faziam parte de uma realidade espiritual intermediária entre matéria e espírito. Alegando que devido à sua natureza espiritual os anjos mantêm uma estabilidade comportamental acorde a sua relação com Deus, enquanto que os homens, pela sua natureza material, estão mais suceptíveis a esquecer a origem divina.

Somente em 1870, a Igreja chegou a urna definição em relação a estes seres e isso ocorreu no Concilio Vaticano I, como já apontei anteriormente. A partir deste momento, o culto aos anjos ficou mais ativo do que nunca, tanto que, em 1962, o Papa João XXIII, no Concílio Vaticano II, afirmou que este evento ocorria unicamente por inspiração do seu "anjo da guarda". Cabe destacar que foi o Papa João XXIII quem deu grande ênfase ao culto do "anjo da guarda", hoje tão badalado e difundido. Tudo isto significa, pois, simplesmente, que para o clero cristão a origem, imagem, características e função destes seres historicamente nunca esteve clara e talvez ainda não esteja. E, por outro lado, que todo o culto atual destas entidades está fundamentado pelo que a Igreja deixou como lastro histórico, demonstrando um triste retorno a um confuso passado.

De qualquer forma, nenhum destes famosos clérigos da Igreja, passados e presentes, havia procurado ou conseguido explicar algumas coisas, como era a rebeldia, a fome e o desejo físico destas entidades. De qualquer maneira e conforme rezam os evangelhos, seriam estes seres os famosos anunciadores do retorno de Jesus ao mundo. Mas, como eles aparentariam ser e qual seu poder? Fisicamente semelhantes a nós, tendo a capacidade de voar pelos céus?

Como já vimos, em quase toda a *Bíblia* existem inúmeras referências sobre a presença e aparição de anjos, sendo que é dentro do *Novo Testamento* que temos as mais esclarecedoras. No *Apocalipse* ou *Revelação,* supostamente escrito pelo apóstolo São João, temos relatos que se referem aos sinais que antecedem o julgamento final, e neles existe uma perfeita, detalhada e impressionante descrição de um anjo. No capítulo 1, do versículo 12 ao 16, o apóstolo relata: "... *Voltei-me para ver a voz que me falava; ao voltar-me, vi sete candelabros de ouro e, no meio dos candelabros, alguém semelhante a um filho de homem, vestido com uma túnica longa e cingido à altura do peito com um cinto de ouro. Os cabelos de sua cabeça eram brancos como lã branca, como neve; e seus olhos pareciam chamas de fogo. Os pés tinham o aspecto do bronze quando está incandescente no forno, e sua voz era como o estrondo de águas torrenciais. Na mão direita ele tinha sete estrelas, e de sua boca saía uma espada afiada, com dois gumes. Sua face era como o sol, quando brilha com todo seu esplendor".* A imagem transferida nesta narrativa pode ser perfeitamente comparada com as descrições do *Antigo Testamento* e de alguns apócrifos, onde os anjos são apresentados parecidos aos humanos. Inclusive, lembra perfeitamente a descrição que Lamec faz de seu filho Noé recém- nascido no apócrifo de Enoch. Que de imediato arremete ao fato dele associar a forma física do Noé com a dos anjos, considerando-se traído pela esposa numa atitude adúltera da mesma com os anjos. Isto é, traduzindo, os anjos seriam humanóides, de pele branca, loiros e seus olhos apresentavam alguma característica diferenciada.

Na casuística mundial que investiga os relatos de contatos extraterrestres, temos as descrições de experiências de abduções ou raptos, em que os tripulantes dessas espaçonaves mostravam ser quase idênticos aos humanos. Embora seja considerado um total de mais de 60 formas físicas

de extraterrestres, registradas no mundo todo ao longo de mais de 50 anos de aparições, quase que um terço destas formas físicas são humanóides, a ponto de se assemelharem incrivelmente a nós, chegando, em muitos casos, até a se confundir conosco.

As primeiras imagens de entidades celestiais, isto é, na condição de anjos, aparecem corno já apontei na Suméria, milhares de anos antes do judaísmo surgir como religião, mas no cristianismo, somente por volta do ano 300 d.C., pintados nas catacumbas de Roma. É durante o reinado do Imperador Constantino I, entre os anos 306 e 337 d.C., que mais imagens surgirão, assim como esculturas. Somente em finais do século IV, é que as imagens e as esculturas surgirão providas de asas. Durante a Idade Média, considerar-se-á que os anjos movem os astros, cuidam das plantas, favorecem a procriação e regem os quatro elementos: terra, ar, água e fogo. Nesta época, cada dia da semana tem um anjo protetor, cada estação do ano, cada signo astrológico, cada hora do dia ou da noite, enfim, tudo que acontece está sob regência de algum anjo.

Na visão final do dogma religioso, a nomenclatura celestial passa a ter uma definição interessante, atribuindo funções e formas às hierarquias. Desta maneira, os Serafins são os anjos do amor, da luz e do fogo. Definidos como a mais alta ordem celestial, possuem seis asas e cantam incessantemente cercando o trono de Deus. Os Querubins são os guardiões dos astros fixos, mantenedores e portadores do conhecimento. Os Tronos são a justiça de Deus. Os Domínios ou Dominações são os que regulam os deveres angélicos. As Virtudes são responsáveis pelos milagres na Terra, portando a bravura e a graça. As Potestades ou Potências seguram os esforços dos demônios para derrubar o mundo. Os Principados são os protetores da religião. E os Arcanjos e os Anjos são os guardiões dos seres humanos em todas as situações físicas. Já para o judaísmo, antes de Maimônides, as hierarquias angelicais estavam

ordenadas em quatro níveis, conforme os *Oráculos Sibilinos,* sendo dotados de corpo e alma, mas diferentes do homem, derivando apenas de dois elementos, o ar e o fogo. Além do mais, a quantidade de anjos seria de milhares conforme o bíblico Daniel (*Daniel* 7:10) afirma e, segundo a *Cabala* iriam de 100.000 a 49 milhões.

Por outro lado, temos que, no discurso evangélico, o mito sobre os anjos caídos é sempre um tema abordado superficialmente. Mas qual foi o pecado que os precipitou aos infernos? Para minha surpresa, a resposta não era tão fácil. Relembremos que, segundo os apócrifos de Enoch (também sugerido no evangelho cátaro), em seus tempos, o anjo Semjasa ou Sernyase, líder de um contingente de 200 vigilantes ou guardiões, rebelou-se contra Deus (o que já é um fato absurdo). Na fuga dos céus, vieram para a Terra (como se fosse possível fugir de Deus, outro absurdo), onde, em troca pelos seus conhecimentos, obtiveram diversos favores dos seres humanos. Embora a imagem de Semjasa lembre o mito de LUCIFER ou SATANÁS narrado na tradição cristã, devemos esclarecer que esta idéia se remonta ao século II, quando Justino definia e explicava SATANÁS como "O PRÍNCIPE DESTE MUNDO" ou "O DEUS DESTE SÉCULO". Outro significado para o nome, também muito utilizado, seria de "LEGIÃO". De qualquer maneira, segundo Enoch, existiu um anjo de nome SATANAEL, responsável pelo quinto céu, que veio à Terra junto com Semjasa. Nome cuja semelhança nos demonstra a corrupção sofrida por ser, este, um anjo desertor (Satanás = Satanael), além de ser o nome apontado pelo ancião Joakm na caverna, como o responsável por toda a revolta da Raça Azul. Por outro lado, a Igreja preserva nas *Epístolas de Pedro* (2:4) e nas de *São Judas* (1:5-7) o conceito de ANGELI FORNICATORES, ou seja, anjos que pecaram pela carne (fornicação), pois tiveram contato carnal com as filhas dos homens.

Durante séculos, o clero cristão especulou com relação ao pecado dos anjos, estabelecendo duas teorias: a primeira sobre a insurreição ou levante promovido por Lúcifer, Luzbel ou Semjasa, e a segunda, o pecado do desejo e contato carnal com as mulheres. Porém, caberia aqui uma pequena reflexão. Se Deus é todo poderoso, criador do céu e da Terra, onipotente, onipresente e onisciente, como poderia ter falhado ao criar anjos imperfeitos, rebeldes e assanhados, que no primeiro instante contestariam seu criador e partiriam para o sexo ao encontrar uma mulher no caminho? Se fossem espíritos incorpóreos e protetores, dificilmente passariam pelas misérias do desejo e da rebeldia, já que seu nível de existência e consciência seria outro. Na verdade temos, nos relatos sobre os anjos, a imagem de seres tão humanos, mutáveis inseguros e imaturos quanto nós mesmos. Ou que, pelo menos, alguns deles não se ajustaram a uma autoridade que, ao que tudo indica, talvez não fosse Deus.

Todo este trabalho havia chegado a uma curiosa conclusão: os anjos se mostravam como entidades físicas e não espirituais, já que, em todas as passagens bíblicas, os mesmos realizavam tarefas concretas, lutavam corporalmente, transportavam objetos, procriavam, comiam até carne e eram do sexo masculino. Além disso, negociavam (como foi o caso de Samjasa que pediu a Enoch para mediar uma anistia ou perdão com Deus), patrulhavam (como foi o caso do Querubim colocado na porta do Paraíso após a saída de Adão), desciam à Terra em meio ou dentro de objetos (como os relatados por Ezequiel e Elias); enfim, estava claro que estas entidades seriam seres como nós, embora dotados apenas de algumas vantagens.

Mas, o golpe final que me daria a certeza de minhas suposições, estava ainda para chegar. Uma resposta apoiada historicamente viria esclarecer tudo, ao ponto de dar a todos estes seres a sua verdadeira identidade.

CAPÍTULO XI

Os Massoretas

O volume de informação que eu havia reunido até o momento era enorme, mas ainda nada me havia permitido descobrir alguma coisa mais contundente e definitiva. Mesmo com os textos de Enoch e Lamec, a idéia de anjos ou seres vindos de algum lugar fora de nosso mundo para se relacionar com as mulheres humanas apenas sugeria a presença extraterrestre na antigüidade. Intrigado em relação ao tema e querendo achar algo mais significativo, passei a investigar sobre a origem do mito dos anjos no próprio judaísmo, já que, até o momento, pareciam existir dados mais esclarecedores em alguns textos que havia folhado.

Casualmente, coincidiu, na oportunidade, de ter acesso a um documento bastante curioso, no qual havia uma palavra que, em princípio, despertou um certo interesse pela sua forma, MASSGRAH. Conforme apurei posteriormente, esta palavra significa em hebraico "TRADIÇÃO" ou "LEGAR". Até aqui, nada havia de especial, porém, logo se abriria uma grande descoberta que viria a clarear muitas coisas.

E sabido por todos como os antigos copistas judeus ficavam sentados no átrio do Templo, em Jerusalém, reproduzindo, letra por letra, os textos bem conservados de um exemplar autorizado da *Torah.* E para se certificarem de que nenhum erro havia passado, as precauções e medidas estavam a cargo de um grupo de escribas rabínicos, cuja função era estudar minuciosamente cada texto, apontar os erros aos copistas e aprovar ou rejeitar o trabalho. Porém, este tipo de atividade assim como a preocupação pelo resultado são recentes.

O cânon judeu, isto é, o catálogo ou relação de livros tidos por sagrados ou inspirados que devem compor a sua *Bíblia*, foi fixado pela primeira vez na época do Rabi Akiba Ben Josef (40-135 d.C.), na reunião de

rabinos massoretas que se realizou em Javne ou Jamnia, por volta do ano 95 d.C. Nesta assembléia foi fixado em 24 o número total dos livros que comporiam a *Bíblia* judaica. Os massoretas em particular tinham uma preocupação apaixonada com suas estatísticas especiais. Faziam contagens esdrúxulas sucessivamente de letras, palavras, versículos, seções e capítulos de cada obra e em todos os vinte e quatro livros de sua *Bíblia.* Inclusive, separavam todas as palavras que começavam com uma certa letra ou combinação de letras. Também contavam o número de vezes que cada palavra aparecia no texto. Porém, atualmente, alguns eruditos modernos não estão inclinados em aceitar que toda essa incrível contabilidade tivesse a única intenção de garantir uma cópia correta, mas sugerem que tenha sido o resultado de uma certa necessidade, por parte dos copistas, de estabelecer uma base objetiva para o cômputo da remuneração por sua atividade profissional ou, por alguma outra razão, provavelmente secreta ou hermética.

De qualquer forma, o que estaria escondendo este "código" na composição do texto? Haveria alguma trama desconhecida e escondida do vulgo? Como teria surgido esta forma de copiagem e por quê?

Como já havia apurado anteriormente, o *Antigo Testamento* judaico é literalmente similar ao católico. Ambos se diferenciam apenas no fato de que no documento judaico não constam os livros de *Tobias, Judite, Macabeus, A Sabedoria, Eclesiástico* e *Baruque,* pois são considerados apócrifos pelos judeus, sendo que no católico aparecem sem restrição. Vale recordar que o *Antigo Testamento* católico foi estruturado no século IV d.C., sobre o documento judaico.

Na verdade, o *Antigo Testamento* judaico está composto por cinco livros, sendo chamado de *Pentateuchus,* que significa "cinco rolos da Lei", também melhor conhecido por *Torah* ou "Lei", estando conformado pelo *Gênesis, Êxodo, Levítico, Números* e *Deuteronômio.* Depois estão os

"*Livros dos Profetas*" ou *Neviim,* divididos em: *"Profetas Anteriores"* ou *Neviim Rishonim, "Profetas Posteriores*" ou *Neviim Aronim* e "*Doze Profetas Menores"* ou *Fere Asar.* Também consta o livro chamado de "*Hagiógrafo*" ou *Ketuvim,* que reúne as chamadas "escrituras poéticas", assim como alguns outros.

O documento original, isto é, o *Antigo Testamento* judaico, apresenta diversas fases de composição e montagem, sendo que algumas delas ocorreram por volta do século IX a.C., outras nos séculos VIII e VI a.C., e até no século V a.C., demonstrando que todos os livros sagrados que o compõem foram construídos por diferentes autores em diferentes momentos da história do povo judeu. Embora pela tradição os cinco primeiros e principais livros sejam atribuídos a Moisés, isto não é verdadeiro. Tal é o caso dos acréscimos que foram realizados em *Isaías,* atribuindo-lhe profecias que nunca foram de sua autoria, assim como no *Cântico dos Cânticos* e no *Eclesiastes.* E como no caso das profecias de Daniel, incorporadas logo depois do período do rei Antioco em 167 a.C., atribuídas a um autor desconhecido que habilmente as fez serem aceitas como de autoria do lendário Daniel, mesmo que as mesmas se aplicassem no tempo do verdadeiro autor. Essas profecias logo circularam na época e chegaram até nós, combinadas com as narrativas das façanhas de Daniel no *Antigo Testamento,* sendo tomadas por verdadeiras.

Durante décadas, as diversas cisões e as tensões religiosas e políticas, romperam a união nacional e a interpretação das escrituras. Logo surgiram seitas entre os judeus sendo: os fariseus, saduceus, masbuteanos, essênios, zelotes, galiléios, baptistas, nazoreanos, samaritanos, caraitas, mandeos, etc., tendo cada uma delas uma compreensão própria dos textos antigos. Não existia pois uma autoridade centralizadora que direcionasse a ortodoxia. Cada grupo que emergia

traduzia os antigos manuscritos à sua maneira, destruindo qualquer uniformidade. E isto é facilmente comprovável.

A primeira cópia integral das escrituras hebraicas descoberta e que chegou até nós era um manuscrito conhecido como o *Manuscrito de Leningrado,* datado de 1009 d.C., o qual seguia um estilo típico dos massoretas ou tradicionalistas dos séculos VIII e IX d.C. Porém, num outro achado, como as traduções gregas das escrituras hebraicas datadas do século III a.C., temos que alguns pontos diferem em comparação com o texto de Leningrado. E isto não é um caso isolado. Pois, pelo que se conhece, no *Pentateuco,* isto é, nos cinco livros de Moisés (*Gênesis, Êxodo, Levítico, Números* e *Deuteronômio),* que sobreviveu entre um grupo dissidente dos antigos samaritanos, existem também divergências peculiares.

Documentos como a mais velha *Torah* descoberta em Alepo, na Síria do século X ou XI; a *Mishná,* isto é, o código dos rabinos do ano 200 d.C.; e o fragmento do *Evangelho de João* do ano 125 d.C. escrito em grego, conhecido como o mais antigo dos documentos do *Novo Testamento* sob o nome de *Papiro de John Ryland,* já que reside na Biblioteca John Ryland, da Universidade de Manchester, Inglaterra, foram logo deixados para trás pelas descobertas seguintes.

Quando a arqueologia descobriu um velho papiro datado do século I a.C. no Egito, chamado de *Papiro de Nash,* acreditava-se que fosse uma versão primitiva do *Deuteronômio,* pois sua composição divergia do texto existente conhecido. O conteúdo foi divulgado em 1903, sendo logo deixado para trás por várias descobertas posteriores, como a realizada em 1945, onde foi encontrada uma biblioteca cristã do século IV contendo diversos textos primitivos e vários apócrifos, todos eles escritos em língua copta e guardados no interior de um grupo de cavernas na região

de Nag-Hamadi, no Egito. Seguido logo depois pelas descobertas em 1947 dos famosos rolos nas cavernas de Qumram.

Qumram, vale mencionar, são um grupo de 267 cavernas ao sul de Jericó, próximas da margem oeste do mar Morto e a 12 quilômetros de Jerusalém. Em 1947, nas proximidades de En-Ghedi, o pastor Juma Muhammed Al Dib, um beduíno de 15 anos e seu primo Muhammed Ahmed, ambos da tribo dos Ta'Amirech, acharam em uma das cavernas antigos rolos de pele de carneiro com escritos em hebraico escondidos em recipientes de cerâmica. Ao todo, entre 1947 e 1956, foram encontrados 900 rolos escritos em hebraico, aramaico e grego em 11 das cavernas, sendo que o rolo de maior comprimento possui 7 metros. Os textos descobertos foram divididos em três grupos sendo o primeiro conjunto composto de: Livros do *Antigo Testamento* e várias cópias do *Livro de Tobias,* faltando apenas o *Livro de Ester.* No segundo conjunto temos: Tratados de medicina, plano de um tesouro e um calendário próprio diferente do judaico; e no terceiro conjunto: Normas da comunidade, ritos de iniciação e de distribuição das preces. Todos os textos achados são atribuídos à seita dos essênios e sua antigüidade varia de 225 a.C., para o mais antigo, a 68 d.C. para o mais recente, resultando numa descoberta extraordinária.

Nas décadas de 1950 e 1960, outros textos foram descobertos em cavernas ao sul de Qumram, na região de Wadi Murabba'at e Nahal Hever, e entre os escombros da fortaleza de Massada. Os textos de Massada em particular devem datar de 73 d.C. e os das cavernas entre 40 e 132 d.C., aproximadamente. As descobertas em geral demonstraram a existência de significativas variações nos textos em relação aos atuais, já que a *Torah* e o *Antigo Testamento* católico estão fundamentados no texto massoreta de 1009 d.C. Sendo que esta apreciação não é recente, pois em 1750 o grande estudioso de hebraico Benjamin Kennicott

percebendo as diferenças existentes entre os textos atuais e os originais afirmava: "... *O que foi inspirado por Deus acabou confinado à guarda dos homens, e devemos reconhecer que guardamos este Tesouro em vasos de barro".* Os novos achados, afinal, alertaram da existência de um problema textual nas sagradas escrituras, abrindo três caminhos para o estudo: a história do hebraico e de sua ortografia; as variações existentes entre os textos; e o valor real das primeiras traduções em grego. Colocado de outra maneira, os textos primitivos hebraicos nos permitem examinar as alterações perpetradas pelos massoretas de uma maneira profunda.

Do pouco que pôde ser apurado até hoje dos achados de Qumram sobre o *Antigo Testamento* temos como exemplo objetivo um livro de Jeremias diferente daquele que compõe a nossa atual *Bíblia,* para ser exato um oitavo menor; um texto de Samuel que não se aproxima da forma a partir da qual foi feita a tradução que conhecemos; variações do livro de Jó; um *Eclesiastes* alterado; dois livros de Isaías diferentes; e muitas coisas mais. Enfim, devemos conceber que estas alterações não deviam nem podiam ser consideradas erros de copiagem, mas sim a demonstração de que no próprio judaísmo antigo existiram linhas diferentes e independentes entre si, as quais teriam gerado documentos diferenciados.

Em outras palavras, temos que até algum tempo atrás existia um certo consenso entre os cientistas em relação à origem do texto do *Antigo Testamento* católico e judaico. Isto é, que o mesmo se havia transmitido fundamentalmente em três direções, também chamadas de "famílias" ou "grupos textuais": uma palestina, representada pelo chamado *Pentateuco Samaritano,* outro babilônico, ou também denominado de *Texto Massoreta* o qual foi aceito tanto por judeus como por católicos para a elaboração de algumas traduções atuais; e um terceiro, chamado de *Texto Egípcio* ou *Texto Alexandrino*, melhor conhecido como a versão da *Septuaginta* por ter sido redigido em grego, utilizado pelos judeus de

língua grega. Cabe destacar que muitos historiadores consideram que foi esta, a *Septuaginta,* a versão empregada também pelos cristãos, durante os primeiros séculos, como a verdadeira do *Antigo Testamento.* Mas, ocorre aqui que, de acordo com as descobertas do *Levítico,* do *Êxodo* e do *Números* do *Antigo Testamento* judaico em Qumram, os mesmos apresentam uma versão completamente diferente das anteriores aqui mencionadas, resultando até numa combinação das mesmas. Ou seja, na época da composição do *Antigo Testamento* de Qumram (séculos II ou I a.C.) existia uma enorme variedade e liberdade textuais, sendo que somente mais adiante haveria uma definição enquanto conteúdo, vindo a surgir as três correntes anteriormente mencionadas.

Colocado de outra forma, temos que, durante os inícios do século I d.C., os crentes judeus eram bastante tolerantes em relação às manipulações do conteúdo do texto sagrado; permitindo assim realizar emendas, incrementos e adições. Afinal, os textos religiosos sofreram sempre alterações, resultando num conteúdo comprometido com os interesses e simpatias locais e do período.

Isto resulta um pouco difícil de assimilar, de maneira que, para entender um pouco da origem dos textos sagrados judeus dos quais surgiram posteriormente os cristãos, era importante conhecer um pouco mais da história do judaísmo, analisando os detalhes que deram início aos textos primitivos, assim como os fatores responsáveis que influenciaram o comportamento religioso desse povo e que mais tarde daria como conseqüência o cristianismo judaico.

Assim, mergulhando dias depois nos livros de história descobri que no ano 721 a.C. o rei assírio Sargão II tomava e destruía a cidade de Samaria, transformando 27.290 judeus em cativos e o território em província a cargo de regentes assírios. Mais adiante, em 605 a.C., os exércitos babilônios submetiam, após um cerco de três meses, aos judeus

sobreviventes das tribos de Judá, Benjamim e parte da tribo de Levi, que se encontravam em Jerusalém, junto com seu rei Joaquim, filho do rei Jeoiaquim, morto durante o sítio. Quase todos resultaram capturados pelos exércitos assírios, sendo levados como escravos para a Babilônia, resultando num total de aproximadamente 4.600.

Na ocasião, Zedequias é deixado como rei em Judá que, mais tarde, realiza um levante contra os opressores, propiciando a destruição final de Jerusalém e do Templo entre 587 e 586 a.C., assim como a morte em Ribla de sua família. Os últimos 832 judeus da cidade são levados como cativos. É nesse período em Babilônia que surgem as experiências de Isaías, de Ezequiel com sua roda voadora e do profeta Elias arrebatado por um carro de fogo na presença do seu discípulo Eliseo.

Não existem registros de ter havido, na Babilônia, templos judeus, sinagogas ou lugares de oração onde os exilados pudessem render culto, embora a maioria dos costumes se mantivessem. Nesses tempos, os judeus mais devotos acrescentaram mais leis às que já existiam, as quais nem todos conheciam ou faziam questão de conhecer. Mudanças estruturais já ocorriam no interior da comunidade, as quais colocavam em risco a integridade e coesão nacional.

Em 539 a.C., o imperador persa Ciro, o Grande, conquista a Palestina, Síria e Babilônia deixando de existir o antigo reino dos assírios. E, afinal, somente em 538 a.C. os judeus são libertados por decreto do imperador persa, sendo convidados a retornarem para Jerusalém. Porém, durante quase 67 anos, o povo judeu esteve cativo em Babilônia, experimentando uma mutação cultural terrível. Ao todo, acredita-se que somente umas 50.000 pessoas retornaram a Jerusalém, encontrando um território tomado por diversos povos que se haviam estabelecido na região. Por outro lado, muitos judeus permaneceram em Babilônia por desejo

próprio, já que gozavam de prestígio, riquezas e/ou privilégios conquistados com o tempo e trabalho.

A situação que os judeus enfrentaram nesse recomeço foi bastante difícil. Tanto que a reconstrução do Templo de Jerusalém demorou vinte anos. Para ser exato, foi de 536 a 516 a.C., por causa das constantes e incômodas investidas dos vizinhos. Somente entre 445 e 444 a.C., o profeta Neemias deu seu apoio político e sua orientação administrativa, permanecendo por 12 anos em Jerusalém. Foi este profeta quem estruturou o "Rabinato" entre os levitas, até então inexistente, assim como a institucionalização do "Sinédrio" ou "Sanedrim".

Mais adiante, entre 398 e 397 a.C., o profeta Esdras trouxe consigo a *Torah,* mais ou menos próxima dos moldes atuais. Sendo a mesma um documento composto por uma combinação das tradições mais antigas estruturadas num único corpo de narrativa e leis. Este documento era a reunião de antigas versões do Norte e do Sul, combinadas, porém, de uma origem e montagem desconhecidas. Esdras apelou para sua imediata aprovação e incorporação, afirmando que esta versão havia sido reconhecida pelo rei persa Artaxerses II como sendo a lei de Moisés e a lei que os governantes deviam aplicar sob pena de morte, multa ou prisão. Com isso e muito mais, o documento vingou como sendo o centro inquestionável dos escritos religiosos judaicos, assumindo uma posição que nunca mais deixaria de ter, embora viesse a sofrer interpretações e mudanças posteriores. Por outro lado, diversos achados arqueológicos, incluindo os de Qumram, apresentam a existência de livros religiosos importantes considerados sagrados, que o cânon atual judeu não conhecia ou reconhecia. Ao que parece, a *Torah* imposta por Esdras estava estruturada conforme os interesses religiosos e disciplinares da época em que foi elaborada, motivo pelo qual, com o tempo, viria a sofrer não

somente alterações, mas também derivariam dela outros documentos similares e paralelos.

Mas, de qualquer forma, nesse momento, o documento de Esdras representava de forma absoluta a Lei, a qual seria a fonte fundamental tanto do direito como do ritual, resultando na única estrutura normativa desse florescente processo teocrático, oferecendo a aplicação e adaptação de seus princípios às necessidades da vida comum, cabendo aos que se denominavam de sábios e doutores da Lei (os futuros rabinos) a sua interpretação, fiscalização e excecução. Além disso, às ações e determinações de Esdras se juntaria o profeta Neemias, promovendo e consolidando a proibição de matrimônios mistos, dissolvendo os existentes e desterrando os filhos e as mulheres de origem estrangeira resultante destas relações.

Mas, durante o período de reunificação nacional, percebeu-se que estavam abalados não somente os costumes, mas também fraturada a língua, tanto na leitura sagrada como na escrita, inclusive na sua interpretação. Razão pela qual os profetas instituíram uma nova classe, uma nova hierarquia que seria mantida economicamente pelo povo, chamada de "Escribas" ou "Soferim" que, posteriormente à invasão romana e à destruição do judaísmo no século II d.C., assumiram o nome de "Massoretas".

Os "Escribas" tinham por obrigação reestruturar a língua hebraica ou língua sagrada, assim como preservá-la. Com o tempo, esta classe aprendeu a exercer o domínio pelo poder do conhecimento, vindo a criar o conceito do "Ketib-Kerê". O Ketib-Kerê foi desenvolvido inicialmente para procurar facilitar a leitura correta das palavras, já que havia muita dubiedade no tempo, na pronúncia e na leitura por falta de separação, o que comprometia também a correta interpretação do texto.

A palavra Ketib-Kerê significa, ern linguagem rabínica: Ketib = o que deve ser escrito e, Kerê = o que deve ser entendido. Em outras palavras, o Ketib-Kerê foi um conjunto de códigos criado pelos massoretas, composto por símbolos especiais pelos quais ao lado de consoantes específicas as mesmas adquiriam um som particular, cuja função seria dar a cada palavra um significado totalmente diferente daquele sem o símbolo. Ou seja, se a letra M era modificada por um símbolo especial, passava a soar como uma letra B. No caso de uma letra L podia soar como N, e assim por diante, alterando totalmente o significado de uma palavra ou frase. Ao que tudo indica, a codificação estabelecia três níveis diferentes de interpretação conforme o conhecimento e combinação dos símbolos, sendo: uma forma simples, clara ou falante, que dava sons de vogais e cuja interpretação era literal; uma segunda forma simbólica, figurada ou significadora, que estabelecia uma maneira interpretativa lida apenas por alguns; e uma terceira forma hieroglífica ou ocultadora, bem mais complexa, apenas conhecida pelos escribas.

Mas, com o tempo, o Ketib-Kerê foi se perdendo, e muitas palavras secretas foram totalmente esquecidas, permanecendo apenas a primeira forma de interpretação por ser a mais utilizada. Somente séculos mais tarde a estrutura seria resgatada, quando da necessidade de restabelecer o conheci mento e o significado das escrituras.

Alguns historiadores apontam que em 247 a.C. o faraó Ptolomeu II Filadelfo solicitou ao judeu Demétrio de Falera que intermediasse junto ao Sumo Sacerdote de Jerusalém, Eleazar, uma cópia em grego da *Torah,* com o objetivo de incluí-la na Biblioteca de Alexandria, e uma segunda cópia seria entregue à comunidade judaica egípcia. Para tal feito, foram convocados 72 peritos judeus, na proporção de seis sábios de cada tribo, os quais trabalharam durante 72 dias na confecção do documento. Esta versão em grego da *Torah* foi chamada de *Septuaginta,* que significa

"Setenta", em honra aos sábios que a redigiram. Foi nesta versão que os livros do *Gênesis, Êxodo, Levítico, Números* e *Deuteronômio* foram confirmados como existem até hoje. Curiosamente, alguns pesquisadores consideram que foi esta versão da *Torah* a que São Jerônimo viria utilizar, no século IV para a elaboração do *Antigo Testamento* e finalização da *Bíblia* cristã, chamada de *Vulgata Latina.*

Porém, ocorre que as palavras codificadas da *Torah* dentro do Ketib-Kerê foram traduzidas ao grego literalmente na *Septuaginta* pelo significado simples para satisfazer as demandas de Ptolomeu, pois estes sábios não dominavam mais o segredo ou apelaram apenas para o sentido vulgar. Assim, São Jerônimo construiu no século IV uma *Bíblia* desconhecendo o significado mais profundo de algumas palavras-chave, cuja tradução alteraria incrivelmente o sentido de todo um parágrafo. Tal é o caso da palavra Querubim ou Kerubim.

A denominação Querubim (substantivo plural) significaria vulgarmente *"plenitude do conhecimento de Deus".* Porém, a origem da palavra é assíria derivando da palavra Karibu, que significa *"aquele que reza"* ou *"aquele que comunica".* Ou do hebraico Kerub que significa *"conhecimento".* Por esta razão, o clérigo Dinísio traduziu a denominação como *"efusão de sabedoria".* Normalmente para qualquer pessoa, esta palavra designaria uma categoria ou hierarquia de anjos, porém, antigamente, entre os assírios, os Querubins eram concebidos como entidades guardiãs de palácios e templos e não como anjos. Já no Islã, eles são El-karrubiyan, que significa "*trazidos para perto".* Sob influência romana, os Querubins assumiram formas de crianças ou Putti, modificando totalmente o conceito primitivo. Porém, para minha surpresa, esta palavra possui um outro significado, diferente de definir uma hierarquia angelical, como sempre acreditei e acho que a maioria das pessoas também. Traduzida pelo Ketib-Kerê ou pela codificação secreta

massoreta Querubim significaria: "*Transporte entre mundos. Nave interplanetária*". Da mesma forma, Serafim, cujo nome hebraico significaria vulgarmente *"aqueles que ardem",* não representaria outra hierarquia angelical, mas significaria: *"Seis seres alados, seis objetos no ar".*

Mesmo que tivesse sido outra a tradução em grego da *Torah* que São Jerônimo viesse a utilizar, a mesma teria sido realizada pelo significado vulgar, ocultando completamente a interpretação secreta de quem fizesse a sua leitura e posterior tradução.

Agora, tudo estava claro para mim. Se interpretarmos dentro do Ketib-Kerê a passagem bíblica do *Gênesis* (3:23-24) em que, após a saída de Adão e Eva, Deus coloca um Querubim na porta do Éden, teremos que não foi posto um anjo, mas sim uma espaçonave para flanquear o ingresso de qualquer entidade indesejada.

Uma outra passagem, não menos intrigante, é a referida no Gênesis 6:1-4, sob o título Filhos de Deus e filhas dos homens, calcada fundamentalmente nos textos de Enoch. Este trecho bíblico reza o seguinte: "... Quando os homens começaram a ser numerosos sobre a face da terra, e lhes nasceram filhas, os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram belas e tomaram como mulheres todas as que lhes agradaram. Iahweh disse: 'Meu espírito não se responsabilizará indefinidamente pelo homem, pois ele é carne; não viverá mais de cento e vinte anos'. Ora, naquele tempo (e também depois), quando os filhos de Deus se uniam às filhas dos homens e estas lhes davam filhos, os Nefilim habitavam sobre a terra; estes homens famosos foram os heróis dos antigos tempos...". Neste texto, a palavra Nefilim também está codificada, significando: "Gigantes, seres que deixaram, o mundo em que viviam, e vieram para a Terra".

Agora não tinha mais dúvidas pois tudo estava claro. Mais uma vez, estávamos pois falando de astronautas na antigüidade, de seres que vieram num passado remoto ao mundo e se relacionaram com os seres humanos. Seres de capacidades e conhecimentos além do imaginado que, embora avançados em sua tecnologia, vieram fugidos de um poder central, ostentando a imaturidade, insegurança e fraquezas de uma sociedade em desenvolvimento.

Pelo que era possível entender, um grupo ou fração de seres extraterrestres teria vindo no passado para tomar conta do mundo, havendo interferido na natureza e gerado o homem, sendo que com o tempo esse homem foi sendo cada vez mais parecido com os seus criadores. Mais tarde, um outro grupo teria chegado e encontrado uma enorme confusão, interferindo para corrigir ou reverter o mal causado por esta "Legião" de seres, buscando depois colaborar com o desenvolvimento do homem. Mas com o tempo estes seres foram mistificados, idolatrados e cultuados, sendo que agora voltariam para dar cumprimento a um antigo compromisso, onde sinais vindos do céu alertam do final que se aproxima, antecipando a chegada deste misterioso Jesus. Uma entidade que junto com as outras programaram o momento de revelar seus propósitos, intenções, desejos, origem e natureza ao mundo.

Para entender melhor a figura de Jesus e sua importância com relação ao final dos tempos, o *Apocalipse de São João* no *Novo Testamento* deixa claro que, num determinado momento, quando certos sinais se tenham completado, Jesus retornará para julgar os habitantes da Terra e dará aos seus eleitos a vida eterna. Para tanto, o evangelista descreve detalhadamente um grande número de eventos como aviso da próxima chegada de Jesus. Dentre eles, a famosa ressurreição dos mortos para o julgamento final.

Enquanto imaginava a concepção católica deste momento, visualizava em minha mente os cemitérios em todos os lugares do mundo devolvendo os corpos daqueles que já morreram, e estes fazendo fila para serem julgados. A quantidade de pessoas que nesse momento ocupariam a superfície da Terra seria enorme. Mas, como ficaria o caso daqueles cujo corpo foi totalmente destruído por um incêndio ou pela explosão de uma bomba, inclusive a atômica, como foi o caso dos mortos de Hiroshima e Nagasaki no Japão? Eles também ressuscitariam? Com que corpo?

A cada momento surgiam mais e mais questões, que se somavam a uma já interminável cadeia de dúvidas. Onde poderia achar as respostas a tudo isto?

Era evidente que a nossa experiência de contato já era louca por demais para entender, pois fugia dos padrões habituais de qualquer atividade normal. Não éramos apenas um grupo contatado eventualmente ou apenas sensitivos em comunicação com entidades espirituais, mas sim um grupo que estava sendo preparado para chamar a atenção do mundo e oferecer, quando fosse, algo muito especial. E nossa atual situação já era por si mesma delicada, com a tendência de ser mais complicada a cada dia, pois a cobrança de curiosos seria enorme.

Por outro lado, sabíamos, por meio de inúmeras mensagens recebidas, que os extraterrestres tencionavam nos preparar para servir de alguma forma no instante em que humanos e alienígenas estreitariam seus laços para dar início a uma nova era. Uma era em que, ambas civilizações, irmanadas no único desejo de viver em paz, integrariam a família cósmica. Uma família composta por aqueles que zelam pela vida e pelo cumprimento das leis universais. Seria este o tão dito final dos tempos em que a "Nova Jerusalém" viria dos céus para a Terra? A meu ver, isto pareceria o fim de nossa maltratada civilização e o começo de uma outra,

comprometida apenas com a vida e com a coerência de ser e estar em harmonia.

Parecia que tínhamos em nossas mãos a responsabilidade de entender o que estava acontecendo conosco de qualquer jeito, pois a nossa vida e o nosso futuro dependiam disso e, de alguma maneira, precisávamos obter subsídios para auxiliar essa compreensão. Se toda esta experiência de dúvidas fazia parte da nossa preparação para oferecer seu resultado ao mundo, então teríamos de estar bem municiados e embasados para sustentar cada palavra afirmada. O que seria uma tarefa longa, profunda e cansativa.

CAPÍTULO XII
Jesus de Nazaré

Nesta aventura da descoberta, percebi que o cristianismo foi pois uma religião surgida de uma visão muito pessoal inicialmente e que, ao longo, tornou-se independente do compromisso com o ser humano e com o mundo, resultando num processo bem distante do que Jesus provavelmente apresentou em seu tempo. O que veio depois dele foi conturbado, violento e decepcionante. Isto, porque, após a morte de Jesus, a sua palavra e prédica já estavam vistas e compreendidas de forma totalmente opostas. Mas, mesmo assim, quem era afinal de contas esta misteriosa entidade?

Infelizmente tudo o que se conhece a seu respeito está fundamentado, obviamente, nos evangelhos, tanto aceitos oficialmente como apócrifos, incluindo as eventuais menções realizadas por alguns historiadores como Tácito, Suetônio e Flávio Josefo entre outros, além de alguns poucos textos judeus. Mas mesmo com enormes alterações pela interferência histórica, muitas coisas parecem ter-se salvado, pelo menos

aparentemente, sendo possível identificar o que pode ser ou não coerente, inclusive no *Novo Testamento.*

Segundo sabemos pelos evangelhos, os pais de Jesus moravam na cidade de Nazaré, na Galiléia (*Lucas* 2:4), sendo que depois viajaram até Belém ou Beth-Lehem, na Judéia, um povoado a 8 quilômetros de Jerusalém, onde ocorreria o nascimento. Etimologicamente, a palavra Beth-Lehem significa: "A Casa do Pão", suposto lugar de nascimento de José e também o lugar do nascimento do rei David. Segundo conta a história, José ou Joseph, pai de Jesus, seria carpinteiro (*Mateus* 13:55), e descendente da linhagem de David *(Mateus* 1:1 e *Lucas* 1:27). Embora existam duas genealogias no *Novo Testamento,* uma em *Mateus* que vai de Abraão a José com 41 gerações, e outra em *Lucas* que vai de Adão a José com apenas 75 gerações, ambas são contraditórias em vários aspectos. Como exemplo, podemos ver que na genealogia de *Mateus,* José, o pai de Jesus, é filho de Jacó e na de *Lucas,* é filho de Eli. Seja como for, a linhagem de David já estava extinta em tempos de José, e a coisa fica pior se vermos que, na relação de *Lucas,* contando a geração de David até José, temos 40 nomes, enquanto que em *Mateus* apenas 27 no mesmo período. E não é só esta diferença, a própria ordem dos nomes também está diferente em ambas. Estas duas genealogias, de *Lucas* e *Mateus,* estão duplicadas no texto apócrifo do *Evangelho de Taciano,* capítulo V, onde podemos observar que alguém copiou de alguém. E aqui temos um ponto interessante, já que este apócrifo deve pertencer ao século III ou IV, e no início de uma das genealogias (a mesma que se encontra em *Mateus)* se emprega o termo "Jesucristo filho de Davi" ou "Jesucristo", onde o termo "Jesus Cristo" é de evidente influência paulínea, pois esta denominação nunca teria sido empregada por Mateus, já que como judeu empregaria apenas o termo "Mestre" como o faz ao longo de todo o seu evangelho com algumas exceções, ou de "Rabi"

como o faz em outras partes (*Mateus* 26:25 e 26:49), além de mencionar constantemente a Jesus apenas pelos nome. Isto significa que a composição da genealogia que encontramos no *Evangelho de Mateus* (1:1-17) pode ter sido plagiada pelos copistas cristãos anteriores a São Jerônimo, na intenção de dar uma noção da importante linhagem da qual Jesus descendia. Cabe destacar que, no mesmo apócrifo, está também redigida a genealogia encontrada em *Lucas,* o que sugere que deve haver ocorrido o mesmo plágio na hora de recompor ou traduzir o *Evangelho de Lucas,* bem no início de sua construção e posterior aceitação pela comunidade cristã, ou até no momento de introduzi-lo no *Novo Testamento* para realização da *Vulgata Latina.*

De qualquer maneira, Jesus nunca foi tratado nem poderia ser tratado como "Jesus Cristo" pelos apóstolos jerosolimitanos, pois sua formação não era grega e sim judaica. Da mesma forma, podemos afirmar que José nunca foi o pai de Jesus, já que, conforme a visita do anjo Gabriel ou do "Anjo do Senhor" (*Lucas* 1:26 e *Mateus* 1:20), temos, aparentemente, uma inseminação provocada artificialmente em Maria por graça do "Espírito Santo". Um evento é claro, fora do seu tempo, mas perfeitamente possível nos dias de hoje e não por obra de um espírito.

O tema relativo à encarnação foi um problema difícil de ser tratado e considerado pelo cristianismo primitivo, condição que se alastra até nossos dias. Tanto que, Tertuliano, no século I, afirmava que a fecundação de Maria havia ocorrido por um raio de luz que a tocou. Nos apócrifos árabes, reza que Maria engravidou pelo sopro do anjo. Para São Efren, no século IV, a inseminação ocorreu por via auricular. Mas, para Santo Tomás de Aquino, que colocou um fim no problema, a questão foi apelar para o mistério do fato, alegando se tratar de uma questão incompreensível.

Realmente, como gente dessa época poderia entender a gravidez de uma mulher sem sexo e sem perder a virgindade? As condições de engravidar sendo virgem são totalmente possíveis atualmente, mas naqueles tempos? Não poderia ser considerado então um milagre frente ao conhecimento da época? É claro que sim.

Além do mais, dentro do judaísmo quem define a linhagem é o pai, razão pela qual Jesus nunca pertenceria à linhagem de José, pois ele nunca foi seu pai carnal. Mesmo na figura de Maria ou Myriam, nome de origem egípcia, temos que a sua participação nos evangelhos é recente, e no caso sua linhagem seria da casa de Judá (segundo o apócrifo do *Pseudo-Mateus*) e não de David, embora exista também uma contradição entre os apócrifos, querendo vinculá- la forçosamente à linhagem de David (*Proto-Evangelho de Tiago* e *Evangelho da Natividade de Maria).*

A insistência em relação à ascendência de Jesus estar relacionada a David, é relativamente simples de explicar. Pois consta, dentro das antigas tradições e profecias do judaísmo, que a linhagem de David dominaria eternamente o povo judeu e que, um dia, retornaria para libertá-lo, sendo o local provável do nascimento deste futuro libertador, o mesmo de David, Beth-Lehem (*Mateus* 2:6). Por esta razão, relacionar a origem de Jesus à casta de David seria como autenticar seu destino de libertador, pois seu nascimento em Beth-Lehem já inspirava esta possibilidade.

Cabe destacar aqui algo importante e curioso. É o fato de que o culto e referências sobre a Virgem Maria são muito recentes, embora pareça o contrário. Se observarmos com calma os evangelhos, poderemos perceber que apenas Lucas faz referência a Maria nos textos iniciais, sendo que Mateus apenas a menciona rapidamente. Em *Marcos,* assim como em *João,* não existe qualquer abordagem sobre ela. E aqui temos um contra-senso, pois João recebeu a Maria como a sua mãe, segundo reza a

tradição, quando Jesus se encontrava agonizante na cruz (*João* 19:25-27). Como é possível então que João sequer a mencionasse?

A resposta é simples, dentro do judaísmo a mulher nunca teve qualquer representatividade, pois quem importava era o homem. Tal é o caso de termos um Deus pai, um Filho ou Messias, e o próprio Espírito Santo, até os anjos e os demônios, todos do gênero masculino. Nesse sentido, os evangelistas não fugiram ao costume: deram a Maria o tratamento normal, isto é, nenhum. Apenas os copistas paulíneos e helenistas fizeram questão de realizar algumas alterações no texto original, assim como o próprio São Jerônimo ou mais alguém, pois ficava estranho o total descaso existente. Era absurdo que a mãe do Salvador não tivesse qualquer representatividade. Inclusive, era necessário realizar algumas inclusões, principalmente para eliminar qualquer ponto que pudesse reforçar a tese de Jesus ser filho bastardo de uma relação extraconjugal de Maria com um soldado romano (Panter), conforme já havia descoberto anteriormente. Para preservar a mãe de Jesus de qualquer possível suspeita, era preciso diferenciá-la de todas as criaturas. Foi pois, a partir do século IV, que o questionamento sobre a representatividade de Maria como mãe de Jesus obteve maiores e melhores definições, assim como uma legião de fãs.

Quando o cristianismo foi permitido em Roma na época do Imperador Constantino I, a Igreja articulou a utilização de algumas tradições pagãs existentes para popularizar e introduzir o cristianismo entre o povo e facilitar as conversões. A partir daquela época, a idéia da Deusa-Mãe existente no paganismo greco-romano; o culto feminino da deusa Frígia sob o nome de Magna Mater Deurn Idaea trazido a Roma desde o ano 205 a.C.; assim como o culto egípcio da deusa Ísis incorporado no século II d.C.; da deusa Astarte dos fenícios e da sereia Ascalon dos gregos facilitaram o ingresso e aceitação do culto a Maria. Assim, pouco a pouco

Maria foi sendo considerada e realçada na liturgia e no comentário das tradições doutrinais. A mulher que tinha dado a luz ao "Divino Salvador" não podia ser qualquer mulher, ela teria de ser especial. Desta forma, o bispo da Igreja João Crisóstomo propôs no século IV a aceitação da virgindade perpétua de Maria como dogma de fé, sendo aceito e transformado em dogma oficial pelo concílio Lateranense em 649, vindo, mais tarde, a ser ratificado durante o concilio de Toledo do ano 675. E se fosse pouco, mais uma vez foi ratificado em dezembro de 1854 por Pio IX, com o objetivo de destruir qualquer dúvida que ainda restasse. Desta forma, Jesus estava impedido de ter sido filho bastardo, pois sua mãe era reconhecidamente virgem.

O processo de veneração de Maria ou "*Hiperdulia*" teve seu início mais importante quando o bispo Cirilo triunfou no concilio de Éfeso no ano de 431, onde Maria foi definida oficialmente como "Deipara" ou "Mãe de Deus". A partir desse momento é que o culto começou a difundir-se, vindo a surgir logo depois as festas da "Anunciação", da "Purificação" e da "Natividade" entre os centros cristãos. Foi somente em 1475 que o Papa Sixto IV promulgou uma Bula Papal chamada de Cum Praecelsa, na qual outorgava a Maria o privilégio de ser a "Imaculada Conceição", vindo a ser consolidado como dogma de fé pelo Papa Pio IX em 1854. Além do mais, a famosa prece da "Ave Maria", magistralmente incorporada na passagem da visitação de Lucas no evangelho, vem inicialmente da época de São Gregório, por volta do ano 600, vindo a ser complementada durante os séculos VII e XII, para, finalmente, ter sua conclusão ocorrida pela mão de São Bernardino de Siena, em 1440. Sua formatação e divulgação definitiva ocorreu somente em finais do século XVI.

Sendo pois proclamada para o mundo cristão como "Mãe de Deus" no século III, era natural que Maria fosse logo diferenciada das demais

mulheres, assim, durante o concilio de Trento em 1546, "Maria Mãe de Deus" foi proclamada diferente de toda criatura humana, pois nascera sem pecado original, estando isenta de qualquer pecado, fosse venial ou mortal.

Nos séculos seguintes, o processo de veneração a Maria não se deteve, sendo que no Congresso Mariológico de 1902 foi elevada a proposta de que Maria, ao converter-se carnalmente em mãe de Jesus, se transformara de imediato em mãe espiritual de todos aqueles a quem Jesus veio redimir. Razão pela qual Maria viria a ser chamada de "Co-Redentora do Gênero Humano". Desta forma, por volta de 1903, o Papa Pio X elaborou uma encíclica na qual Maria havia adquirido a função de "Co-Redentora do Mundo" ao ser mãe de Jesus.

O culto a Maria depois disso não parou, bem ao contrário, progrediu enormemente. Sendo que, em 1950, o Papa Pio XII declarou dogma de fé que Maria, depois de morta, subiu ao céu em corpo e alma. E as festividades e comemorações também continuaram conforme este personagem adquiria prestígio e importância, a ponto de mais tarde, em 1954, ser instituída a festa de "Maria Rainha".

Poucos anos adiante, em 1958, na cidade de Londres, Inglaterra, durante um novo Congresso Mariológico, Maria assumia no mundo cristão uma nova e mais ampla denominação, a de "Mediadora Universal" entre os homens e Jesus. E para finalizar, em setembro de 1964, o cardeal Wyszinski, primado da Polônia, solicitou ao concilio Vaticano II a proclamação oficial que definia Maria como "Mãe da Igreja". Solicitação que foi atendida dois meses mais tarde pelo Papa Paulo VI, mesmo encontrando oposição interna.

A exaltação de Maria e a evolução de sua adoração demonstra tipicamente a transformação que sofre um mito, dada a confluência de necessidades na construção de uma doutrina e culto. Pouco a pouco, este

personagem saiu de um parcial anonimato histórico para transformar-se, ao longo dos anos, em "Mediadora Universal", "Co-Redentora" e "Mãe da Igreja". Não discuto aqui a veracidade ou não de alguns dogmas, mas fica patente que os homens que os construíram estavam longe, historicamente, dos fatos e das corretas informações daqueles fatos. Em outras palavras, a manipulação das características, imagem e personalidade existente sobre os personagens vinculados ao passado de Jesus demonstra a utilização de critérios unilaterais e tendenciosos, isentos de um compromisso maior com a verdade.

Seja como for, a origem dos pais de Jesus também é obscura pela limitação dos documentos existentes para pesquisa. Segundo alguns textos, Maria seria natural de Nazaré, Seforis, Jerusalém ou Betânia, sendo sua ascendência paterna de Nazaré e a materna de Beth-Lehem (Belém). No caso de José, existem poucas referências, inclusive familiares, como em relação ao nome específico de seu pai (Jacó em *Mateus* ou Eli em *Lucas),* sem considerar as especulações relativas à sua idade.

A figura de José acabou sendo a imagem mais abandonada nas transcrições que foram feitas para a elaboração do *Novo Testamento,* a ponto de esquecer até sua morte. Este personagem passa como um fantasma ao longo das narrativas, perdendo-se e desaparecendo sem deixar rastro. Mas, assim como nos evangelhos de *Mateus* e *Marcos,* em alguns textos apócrifos temos referências mais detalhadas, não somente em relação à sua profissão de carpinteiro, mas também ao fato de atribuir-lhe a paternidade de seis filhos (4 homens e 2 mulheres) de um casamento anterior, chamados de Jacobo, Judá, Josetos, Simeão, Lisia e Lídia; ou de Tiago, José, Simão, Judas e duas irmãs; ou de Tiago, Joset, Judas, Simão e duas irmãs; ou de Jacobo, Justo, Judas, Simão, Ásia e

Lídia; ou de Jacobo, José, Judá, Simeão, Esca e Melca; e muitos mais; além das menções de uma morte acompanhada por Jesus.

Aqui vale um comentário interessante em relação ao tema "irmãos de Jesus", pois isto criou no passado sérios problemas para a Igreja. Tanto em *Mateus* (12:46-50 e 13:55), *Marcos* (3:31 e 6:3), *Lucas* (8:19), *João* (7:3-5) e *Atos dos Apóstolos* (1:14) existem referências textuais à existência de irmãos de Jesus. Mas, ocorre que por volta dos séculos III e IV, todas estas informações se tornaram fatores de preocupação para a instituição cristã, já que não permitiria manter a imagem de Jesus como filho único e colocaria em questão a virgindade perpétua de Maria. Assim, no ano de 250, Orígenes propôs que estes supostos "irmãos" das narrativas fossem oficialmente reconhecidos como irmanastros vindos do primeiro casamento de José, sendo o mesmo um tema polêmico na época. Desta forma, além de eliminar qualquer problema em relação a Maria, ficaria claro que estes irmãos eram mais velhos que Jesus. Porém, buscando uma outra solução, Eusébio no ano 330, fundamentando-se nas narrativas de um historiador de nome Hegesipo, inventou a existência de uma outra Maria, isto é, uma irmã da Virgem Maria com o mesmo nome. Esquecendo-se completamente da tradição que mencionava que a Virgem Maria havia sido filha única. De acordo com esta versão, Maria, a irmã, haveria casado com Cleofás ou Clopas, irmão de José, pai de Jesus, tendo filhos desta relação. Estes filhos seriam os "irmãos" mencionados de Jesus, que na verdade resultariam em primos. Esta absurda colocação foi muito defendida por São Jerônimo numa grande discussão com Elvidio, o bispo ilírico Bonoso e com o monge Joviniano no século IV. O resultado ficou plasmado na composição do *Novo Testamento* de São Jerônimo, especificamente no *Evangelho de São João* (19:25-26), onde podemos ver: "... *Perto da cruz de Jesus, permaneciam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena...".* Mais adiante,

um tal de Le Camus afirmaria que a Virgem Maria, já viúva de José, teria casado com Cleofás, sendo que o mesmo seria o responsável pelos filhos de um casamento anterior, vindo a ser agora irmanastros de Jesus.

Cabe destacar que a bagunça geral reside na tradução do termo hebraico "ah" ou "ach" (em arameu "aha") empregado naqueles tempos, onde o mesmo foi traduzido de forma errada dentro de um conceito mais amplo e figurativo, já que em hebraico pode significar exatamente "irmão", "irmanastro" ou "primo". Os tradutores gregos provavelmente confundiram o termo com a expressão figurativa de "irmão" no sentido geral, isto é, como denominação da coletividade vigente naquela época: "... *queridos irmãos".* Achando que o termo era uma simples referência ao tratamento dispensado, ou ao dirigido a alguns simpatizantes e seguidores de Jesus. De qualquer forma, o fato de Jesus ter especificamente irmãos, resultava numa situação um tanto incômoda para a Igreja, pois tirava o encanto e o romantismo de haver tido uma infância e tratamento especiais.

Além de toda esta confusão, temos uma outra maior e esta se dá em relação à verdadeira data do nascimento de Jesus. Embora nos encontremos atualmente em 1998 (data da primeira edição da obra), considerando o ano 1 d.C. como o do nascimento de Jesus, existe um sério erro de contagem, colocando-nos, na verdade, entre os anos 2004 ou 2005. E isso ocorre porque em tempos de Jesus eram empregados vários tipos de calendários, o que dificultava sobremaneira acertar. Lembremos que os egípcios contavam os anos a partir do reinado de cada faraó, os romanos a partir da data de fundação de Roma, os gregos a partir das Olimpíadas e os judeus desde o ano zero da criação do mundo.

Para melhor entender tudo isso, temos que os relatos evangélicos afirmam que no ano em que Jesus nasceu houve um recenseamento ou "census" em toda a Síria, da qual a Palestina era uma província, conforme

narra *Lucas* (2:2). Segundo o mesmo, um tal de Quirino, governador romano da Síria, haveria sido quem teria encomendado o censo. Além disso, Mateus também complementa a história afirmando que naquele tempo Herodes I era o rei, sem mencionar a razão pela qual Jesus teria nascido em Belém. No caso de Marcos e João, nenhum dos dois faz qualquer menção ao assunto nascimento, partindo diretamente para o batismo no rio Jordão.

Pela pesquisa histórica, sabe-se que verdadeiramente existiu na Palestina um recenseamento patrocinado por Públio Sulpício Quirino, governador romano da Síria, o qual teria sido realizado por volta do ano 6 ou 7 d.C., isto é, seis a sete anos depois da data aceita como do nascimento de Jesus. Em relação a Herodes I sabe-se também que quando Jesus nasceu o rei já havia falecido aos setenta anos de idade, entre os dias 13 de março e 11 de abril do ano 4 a.C., isto é, quatro anos antes da data oficial do nascimento. Cabe destacar que foi um monge de nome Dionísio, o Exíguo, também conhecido como "o Pequeno" que, por volta do ano 525 d.C., isto é, no século VI, iniciou o processo de datação oficial a.C. (antes de Cristo) e d.C. (depois de Cristo), provocando toda esta confusão. Segundo consta, Dionísio teria empregado o conceito "*ad urbe condita",* isto é, a data da fundação de Roma como marco para seus cálculos, considerando o dia 25 de dezembro do ano 754 da fundação como sendo do nascimento e do início da era cristã, havendo errado aqui por uma margem de vários anos.

Mas, vamos por partes.

Em relação ao famoso recenseamento, temos que Mateus não diz nada a respeito e ainda dá a entender que a sagrada família morava na cidade de Beth-Lehem ou Belém, e que ainda não se haviam transladado para Nazaré. Lucas afirma que moravam em Nazaré, uma cidade da Galiléia, da qual saíram por um censo para a cidade de Belém, na Judéia. Aqui

vale um adendo importante, pois o lugar conhecido por Nazaré jamais existiu, sendo constantemente confundido com um pequeno povoado a quatrocentos metros sobre o nível do mar chamado El-Nasirah. Inclusive, os termos Natzrath ou Notzereth também nunca existiram, porém, o termo "Nazareno" pelo qual Jesus foi conhecido vem da palavra aramaica "Nazoreo", denominação dada a quem havia realizado votos perpétuos ou temporários de abstinência e castidade, sendo que durante o tempo que durava o voto o mesmo não cortava o cabelo. Por outro lado, o termo também poderia se dar em relação à etimologia da palavra "Nashora" que em hebreu significa "Profeta". Vale lembrar que os cristãos judeus foram conhecidos por "Nazoreos" e entre os romanos por "Cristãos".

Isto posto, temos que Lucas relata toda uma saga romântica, em que a sagrada família realiza um êxodo até Belém para cumprir com a exigência do censo. Aqui vale uma reflexão necessária a respeito do tal censo, o qual é bastante discutível em relação ao narrado em *Lucas.* É muito improvável que naqueles tempos os romanos tivessem obrigado a todos os envolvidos no recenseamento a promover longas e desgastantes viagens para seus respectivos lugares de nascimento, pois implicaria numa empreitada terrível e demorada, dadas as condições de transporte da época. Historicamente, consta o registro de um censo em toda a Palestina, promovido pelo governador da Síria, Públio Sulpício Quirino, que havia assumido o cargo desde o ano 12 a.C. O evento em si, foi realizado a pedido do procurador Coponio, que fora designado pelo Imperador Augusto, para administrar as três novas regiões: Judéia, Samaria e Iduméia; agora incorporadas à Síria, e anteriormente pertencentes a Arquelau, filho e herdeiro, de Herodes I, o Grande.

Por volta do ano 6 ou 7 d.C., as contínuas reclamações de judeus e romanos contra Arquelau, filho e herdeiro de Herodes, haviam chegado a Roma, provocando a ira do Imperador Augusto, o qual o deportou,

exilando-o para a Galia. Sem demora, o imperador ordenou a anexação imediata dos territórios, incumbindo a Coponio também o controle de Cesaréia e de Jerusalém, o que provocou que o procurador romano substituísse o Sumo Sacerdote do Templo, colocando a Hanan, que ficou até o ano 15 d.C. Foram todas estas alterações políticas que provocaram a necessidade de um censo, o qual foi realizado para saber, segundo o lugar de residência, as condições econômicas e o total da população da Palestina, buscando apenas melhorar as condições da coleta de impostos.

Embora o recenseamento referido nos textos evangélicos seja claramente o de Quirino, existem também informações de um censo anterior ocorrido por volta do ano 12 a.C., por ocasião do submetimento dos "Homonadenses" em Apaméia, na Síria, logo depois que Quirino assumiu o governo da Síria. O término deste primeiro censo teria ocorrido por volta do ano 7 d.C., bem no início do censo de Coponio. Segundo *Lucas* (2:2), o censo referido ao nascimento seria conforme narra: "... *o primeiro enquanto Quirino era governador da Síria...".* Isto coloca a possibilidade de ter sido o primeiro censo e não o segundo aquele que temos como desculpa da viagem a Beth-Lehem, porém, o primeiro censo foi bastante restrito e apenas local, não implicando na necessidade de ter de realizar qualquer deslocamento. Assim pois, fica difícil aceitar a viagem até Beth-Lehem pelo recenseamento, permanecendo a idéia de que provavelmente viajaram, isto é, se viajaram por outras razões.

Por outro lado, Lucas também indica que o nascimento ocorreu no interior de uma manjedoura, ao não ter encontrado lugar no povoado. No seu evangelho, Mateus menciona que os Reis Magos visitaram o menino já nascido, numa casa em Beth-Lehem. Mas quase a íntegra das tradições e textos apócrifos identificam o nascimento no interior de uma gruta ou pequena caverna nas proximidades do povoado, embora existam outros

que façam referência a uma manjedoura no interior de uma gruta ou apenas no interior de um curral.

A identificação do local onde nasceu Jesus, isto é, a pequena gruta de Beth-Lehem, idéia que vingou por muitos séculos, se remonta ao apologista Justino no século II, sendo depois confirmado por Orígenes. Com o tempo e com a sedimentação da tradição veio a ser construída, posteriormente, no suposto local do nascimento, uma capela. Mais tarde, por volta do século IV, uma Igreja chamada de Basílica da Natividade foi construída no local da antiga capela, por ordem do Imperador Constantino I e solicitação de sua mãe Helena. A crença de que o lugar dos acontecimentos seria bem identificado vingou tanto que São Jerônimo morreu em Beth-Lehem próximo da gruta no ano 420, convencido de sua legitimidade e defendendo esta tese até o fim.

Referências detalhadas sobre o nascimento, constam em diversos textos apócrifos, sendo que em algumas narrativas aparecem comentários e visões bastante peculiares. Tal é o caso relatado no *Evangelho Árabe da Infância,* onde o texto aponta que, no interior da gruta, havia uma luz muito forte que iluminava tudo; ou no relatado no *Evangelho Armênio da Infância,* em que o texto afirma que a terra se havia elevado e o céu havia descido na visão de José, onde céu e terra se haviam unido. No mesmo relato, José observa ao seu redor, percebendo que todas as criaturas e o vento estavam imóveis, suspensos no seu curso, assim como os pássaros no vôo. Todas as criaturas estavam com o olhar preso, fixo no céu. Os pastores pareciam congelados, assim como seus rebanhos. Até os pássaros se encontravam suspensos no ar, parecendo que o tempo se havia detido. Por cima da gruta, os céus estavam abertos, vindo do céu para a terra uma forte luz, sendo que da gruta se elevava uma coluna como de vapor. E mais tarde uma nuvem luminosa descia dos céus por sobre a gruta; e em seu interior havia a presença de um grupo de anjos

rodeando a Maria no momento de dar a luz ao menino; e da visão de alguma coisa fora do normal sobre o ventre de Maria observada por uma das parteiras trazidas por José para auxiliar o parto (Caps. VIII e IX). Enfim, eventos estranhos e curiosos para a época foram comentados nos apócrifos vinculados ao nascimento de Jesus. Eventos estes que hoje facilmente poderiam estar relacionados com afenomenologia ufológica.

Em relação à data exata do nascimento, temos que na época existiram várias propostas. Embora o dia 25 de dezembro fosse celebrado desde o ano 336 d.C., houve outras datas sugeridas. No oriente considerava-se o dia 6 de janeiro, pois o mesmo estava associado à celebração da festa pagã da virgem Kore, que deu a luz ao deus Aion. E esta data é encontrada em grande número de textos apócrifos, referindo o dia 21 do mês de tébeth ou 6 de janeiro como o dia do nascimento, e a chegada dos Reis Magos no dia 23 de tébeth, ou 9 de janeiro. Por outro lado, até São Clemente I propôs em 194 d.C. a data de 19 de novembro do ano 3 a.C. como do nascimento, enquanto que outros apelaram para os dias de 30 março ou 19 ou 20 de abril. Inclusive o patriarca Epifânio propôs em 214 d.C. o dia 20 de maio como a data correta.

Até o século IV as datas propostas mais aceitas para o dia do nascimento de Jesus foram: 28 de março, 18 de abril e 29 de maio, sendo a data de 28 de março a mais provável de ser a correta. Segundo a tradição judaica e referida numa passagem do texto de Lucas (*Lucas* 2:41) fica claro que Jesus subiu a Jerusalém na época da Páscoa, na iminência de estar completando seus treze anos para realizar a cerimônia ritual que o tornaria "Filho da Lei", também chamada de "Bar-Mizvah". A partir deste momento, Jesus se tornaria adulto, e isto ocorre obrigatoriamente quando o jovem varão judeu está para cumprir seus treze anos. Isto significaria que Jesus completaria os treze anos durante a Páscoa judaica, a qual ocorre entre os meses de março e abril. Porém, como foi visto, a

Igreja desenvolveu posteriores cálculos absurdos e loucos, propondo mais adiante que afinal o nascimento teria ocorrido no dia 6 de janeiro. Neste sentido, a data se fixou e tem permanecido apenas entre os adeptos da Igreja oriental, sendo que a Igreja ocidental comemora nesta data a festa da Epifania, também conhecida como a festa de Reis, isto é, da chegada dos Reis Magos.

No ocidente diferentes exigências e interesses fizeram fixar o dia 25 de dezembro como data do nascimento. Entre elas, por força de uma inteligente manobra dos bispos romanos, onde os mesmos se aproveitaram das celebrações pagãs desse dia: as festas da Saturnália, de Apolo e do "Sol Invictus", ou também conhecido como o culto ao deus solar "Mitra". Aqui, no dia 25 de dezembro, segundo a lenda, o deus Mitra nascia de uma virgem no interior de uma gruta, à semelhança do nascimento de Jesus. Este culto, também relacionado ao mito astronômico de 21 a 25 de dezembro, onde o Mediterrâneo ingressa no solstício de inverno, denominado de "Dies Natalis Solis Invicti", teve sua incorporação efetivada em Roma por vários imperadores como foi anteriormente mencionado, sendo mantido também por Constantino I até sua conversão ao cristianismo. No ocidente, após toda esta manipulação e aliciamento, a festividade cristã recebeu finalmente o nome de "Natal", em relação ao "Dies Natalis". Assim, seguindo os interesses da Igreja mais uma vez, a data de 25 de dezembro como dia do nascimento de Jesus foi confirmada por decisão do Papa Júlio I (337-352), e ratificada mais tarde pelo Papa Libério I (352-366) que a decretou como oficial. Sendo mais tarde consolidado novamente em 440 d.C. e 525 d.C. pelo Papa João I (523-526).

Mas, se nos atermos aos evangelhos novamente, Lucas e a maioria dos apócrifos afirmam que um anjo fez a convocação a um grupo de pastores *(Lucas* 2:8-12), indicando que na época do nascimento deveria ser

primavera ou outono. Pois nos meses de inverno a temperatura na região abaixa muito, chegando às vezes a ficar sob zero, e o verão é a época da estação das chuvas, o que impossibilita o pastoreio. Isto mais uma vez situa a data do nascimento entre os meses de março e abril, ou, em última instância, por volta de setembro e outubro. E mesmo assim fora totalmente dos meses definidos pela Igreja.

Outro fator atrelado ao dia do nascimento é a famosa estrela de Belém que teria guiado os Reis Magos até o local onde a sagrada família se encontrava. Ocorre que embora tenham acontecido vários fenômenos astronômicos nesse período nenhum deles pode ser associado ao nascimento. Assim, temos que houve a passagem do cometa Halley, mas este evento foi no ano 22 d.C., não tendo condições de vincular-se ao nascimento. Outro fenômeno importante foi o de uma conjunção planetária referida por Johannes Kepler (1571 -1630), que foi vista no oriente e ocorreu por volta do ano 7 a.C. Esta conjunção, que deu início à era astrológica de Peixes, pode ser vista no paralelo 32, isto é, bem onde se encontra localizada Beth-Lehem, sendo produzida pela aproximação de Júpiter com Saturno. O fenômeno astronômico e astrológico teve condições de ser apreciado unicamente nos dias 29 de maio, 3 de outubro e 4 de dezembro do ano 7 a.C. Além do mais, recentes pesquisas permitiram descobrir que no ano 5 d.C. ocorreu um outro fenômeno, a aparição de uma Nova no firmamento, pois esta informação está referida em documentos achados na China e na Coréia. De qualquer forma, o fenômeno aéreo descrito como a "estrela de Belém" pode tranqüilamente ter sido um evento também de natureza ufológica, se lembramos a narrativa dos apócrifos em que José fora da gruta e olhando para cima identifica uma nuvem luminosa pairando no céu, bem por cima do local do nascimento, a qual projeta uma luz sobre a gruta.

Em relação aos famosos Reis Magos, temos que a vinda dos mesmos apresenta a deturpação do termo "Megas", para o latim "Magnus" que tem a mesma raiz sânscrita "Mahat", utilizada para designar tanto sacerdotes persas como a adivinhos e astrólogos caldeus (Sumérios). Cabe destacar que também as tradições persas falavam da chegada de um salvador ou "Sanshyant", nascido de uma virgem, porém, sem referir ou relacionar qualquer evento astrológico ao fato do nascimento. Acredita-se que, na verdade, os "Magos" tenham sido discípulos de Zoroastro ou Zaratustra, isto é, sacerdotes masdeístas persas chegados a Jerusalém no tempo da conjunção planetária do ano 7 a.C., e relacionados posteriormente para justificar o culto do nascimento. Outros, entretanto, consideram que os famosos Reis Magos eram, na verdade, representantes de alguma ordem secreta ou hermética que aportaram ao lugar guiados para entregar alguns elementos ou materiais importantes e necessários para o futuro desenvolvimento de Jesus.

Por outro lado, nada impediria de considerar o fato de que um grupo de astrólogos persas estivesse à procura do local para observar a conjunção planetária e, durante a viagem, fosse apanhado pelo avistamento de um estranho objeto e que o mesmo viesse a guiá-los até o local do nascimento, mesmo que passados quase dois meses.

Por outro lado, a famosa morte dos inocentes relatada por Mateus (2:16-17), parece ser uma grande deturpação de um fato histórico sem vínculo com Jesus, que acabou sendo anexado ao culto do nascimento. Isto é, o assassínio de crianças de menos de dois anos em Belém e proximidades pelo rei Herodes, o Grande, com medo da profecia, parece copiado de uma certa forma da história de Moisés no *Êxodo* (1:22) e do mito do rei babilônio Sargão II, que também foi preservado da morte pelos deuses. De igual forma, temos a lenda de Krishna, cujas características são quase idênticas as de Jesus, já que, nos relatos, consta que sendo ele a

encarnação de Visnu nasceu de uma virgem chamada Jesoda, foi adorado por pastores e perseguido pelo rajá, que por medo ordena a morte de todas as crianças nascidas naquela noite.

Segundo consta na história, Herodes, o Grande, também conhecido como Herodes I, era de origem idumeu, filho de Antipatro, intendente da Judéia por ordem do Imperador Caio Júlio César. Após a morte do seu pai, Herodes I soube ganhar, aos poucos, a amizade do sucessor do imperador assassinado,

Marco Antônio, que o nomeou "Tetrarca da Judéia". Mais tarde, por meio do Imperador Augusto e de algumas vantagens políticas, conseguiu ser colocado no título de rei da Judéia.

Por volta do ano 37 a.C., Herodes I contrai matrimônio com a bela e jovem Mariana I ou Miriam, uma jovem de origem judia, neta do rei Aristóbulo.

Este casamento político o fez colocar fim ao seu anterior realizado com Doris, uma jovem de origem árabe, que já lhe havia proporcionado um filho de nome Antipatro II. No ano 29 a.C., Mariana I, induzida pelo seu irmão Aristóbulo tenta conspirar contra Herodes I que, advertido em tempo pela sua irmã Salomé, consegue se livrar da trama e matar a todos os responsáveis, inclusive, à sua mulher Mariana I que contava com apenas 20 anos de idade, pois casara com somente 12 anos.

Depois deste incidente, Herodes procurou ganhar a simpatia dos judeus, realizando obras e casando com Mariana II, filha do sumo sacerdote Simão. Porém, mais uma vez, no ano 7 a.C., ocorreu mais uma conspiração familiar contra Herodes. Desta vez, seus filhos do casamento com Mariana I, Alexandre e Aristóbulo IV, promoveram uma agitada rebelião em Jericó.

Embora ambos filhos haviam sido mandados estudar em Roma sob a tutela do Senador Asinio Pollione, seu retomo à Judéia havia ocorrido

com a intenção de acabar com a tirania de Herodes e vingar a morte da mãe. Ambos, dominados pelo ódio, promoveram uma revolta que mobilizou mais de 300 pessoas. Mas, novamente informado com antecedência pelo filho Antipatro das intenções dos dois insurgentes e bem preparados, Herodes I permitiu que a população de Jericó linchasse publicamente os 300 seguidores de seus filhos, deixando para ambos uma morte terrível sob tortura e decapitação na cidade de Sebaste, na Samaria.
Segundo alguns historiadores, este evento foi identificado como a "morte dos inocentes" pelas suas características, havendo, porém, uma outra revolta posterior de semelhantes proporções.
Esta segunda revolta, ocorrida por volta do ano 4 a.C., foi realizada durante o período em que Herodes ficou acometido, seriamente, de uma doença que lhe provocava terríveis dores intestinais. A mesma que por inúmeras vezes o levou a tentar o suicídio. O levante em si foi encabeçado pelos mestres Jehudá ou Judas ben Serifa e Matatia ou Matias ben Margaloth e seus discípulos. Porém, mesmo no leito, Herodes teve forças para ordenar que os líderes fossem queimados vivos e os desordeiros degolados. Este fato encontra-se narrado por Flávio Josefo, indicando que no dia da execução dos rebeldes houve um eclipse de Lua, o que permitiu datar o evento como ocorrido no dia 13 de março do ano 4 a.C. Logo depois, e antes de morrer, o impiedoso rei ordenou que todos os simpatizantes da revolta e alguns descontentes fossem encerrados no hipódromo e assassinados após sua morte acontecer.
A vida deste violento rei se encerraria entre finais do mês de março e início de abril do ano 4 a.C., sob horríveis espasmos e terríveis dores, vítima de câncer e de lombrigas intestinais, assumindo o reinado a seguir seu filho Arquelau, o Tolo.
Os eventos narrados, somados à versão do Misdrash judeu, isto é, a narração da perseguição do pequeno Moisés e alguns outros mitos,

serviram para compor a saga da "morte dos inocentes" perpetrada por Herodes contra Jesus. É claro que existe uma razão para tal necessidade, posto que Moisés foi o libertador de Israel, assim como o rei Sargão II levou Babilônia à sua expansão, seria pois lógico que o Messias tivesse um passado a altura de seus similares. Razão mais que justificada para elaborar toda esta saga a favor de Jesus.

De qualquer forma, o ano do nascimento de Jesus resulta ser bastante difícil de ser identificado, porém, as pesquisas têm tornado possível aproximar-se do mesmo.

Assim, se aceitarmos que Jesus nascera no ano 7 a.C. e no mês de março, já que coincidiria com o primeiro recenseamento, Jesus teria quase dois meses de nascido quando do evento astronômico, isto é, da conjunção planetária de Júpiter e Saturno, sendo que o mesmo não corresponderia às descrições de uma estrela orientando a todos para chegar até a gruta, porém, teria justificado a presença dos Magos na região. Inclusive, seu nascimento estaria coincidindo com o início astrológico da era de Peixes, cujo elemento é a água, que seria caracterizada pelas descobertas através do oceano, pelo desenvolvimento das religiões e pelo próprio obscurantismo dogmático doutrinário. Por outro lado, o recenseamento teria ocorrido de forma local, não sendo ele próprio a justificativa necessária para realizar a viagem. Além do mais, o ano 7 a.C., como data do nascimento, coincidiria com a suposta "morte dos inocentes" comentada anteriormente. E, por outro lado, o nascimento ocorreria estando ainda vivo o Imperador Herodes I, o Grande.

Se aceitarmos que Jesus viveu pois 33 anos, havendo tido três anos de vida pública conforme João dá a enteder, e nascido no ano 7 a.C., teria morrido no ano 27 d.C., e isto pode ser comprovado facilmente. Segundo o texto do apóstolo João (10:22), o mesmo faz referência à festividade da Dedicação e que era inverno em Jerusalém, no que seria o ano anterior ao

de sua morte na cruz, já que a mesma ocorreria na Páscoa do ano seguinte. Se calcularmos dentro dos anos 25 a 33 da era cristã o período da morte de Jesus, somente-existe um ano em que a festividade da Dedicação ou também-chamada de 25 Casleu caiu no solstício de inverno, e este foi o ano 26 d.C., ou seja, Jesus teria sido crucificado no ano 27 d.C., pois a próxima data da festividade seria somente no ano 29 d.C., mas teria um desvio de pelo menos quatro dias. Por outro lado, temos que, segundo os exegetas, Jesus foi crucificado durante a Páscoa judaica em que a festividade caiu num sábado, tal como é relatado nos evangelhos (*João* 18:28 e 19:31), e isto somente poderia ter ocorrido nos anos 27, 30 ou 33 da era cristã. E, finalmente, o último argumento que confirma o ano 27 d.C. como data definitiva da crucificação é a menção existente em João (2:20) em que Jesus inquirido pelos judeus afirma levantar o Templo em três dias, sendo que a multidão afirma que foram precisos quarenta e seis anos para construí-lo. Aqui temos uma data precisa, pois Herodes,

0 Grande, iniciou a reconstrução do Templo em finais do ano 20 a.C., ao que somados 46 anos temos que a data da conversação gira por volta do ano 25 d.C., bem no início da vida pública de Jesus.

Vale referir que nunca existiu o ano "0" dentro do calendário cristão conforme elaborou Dionísio, sendo que quando chegamos ao final do ano 1 a.C. começou o ano 1 d.C., o que significa que Jesus completaria um ano de idade no ano 6 a.C., dois anos no ano 5 a.C., três anos no ano 4 a.C. quando da morte do rei Herodes e assim sucessivamente. No decorrer, Jesus teria sete anos no ano I d.C. e haveria iniciado sua vida pública no ano 24 d.C. aos trinta anos de idade. Desta forma, se Jesus tivesse nascido no ano 7 a.C. haveria cumprido ou estaria a completar ou completando trinta e três anos quando morreu na cruz no ano 27 d.C., o que também está de acordo com a data em que Pontium Pilatum ou

Pôncio Pilatos teria sido indicado como governador da Judéia, isto é, entre os anos 26 a 36 d.C., quando veio a substituir ao governador Valério Grato (15 a 26 d.C.), sendo logo depois destituído por Vitelio.

Por outro lado, temos apenas uma grande incoerência na afirmação de Lucas (*Lucas* 3:1-4), que diz que Jesus apareceu para João Batista no rio Jordão durante o décimo quinto ano do reinado do Imperador Tibério César e que, quando começou, tinha trinta anos (*Lucas* 3:23). O que, em outras palavras, indicaria que Jesus iniciou sua vida pública com trinta anos por volta do ano 27 d.C., já que o Imperador Tibério passou a reinar somente no ano 12 d.C., ao que somado aos quinze anos de reinado temos o ano 27 d.C. Uma afirmação complicada, pois se Jesus teve três anos de vida pública, segundo esta afirmação teria sido crucificado no ano 30 d.C., e jamais poderia ter nascido no ano 7 a.C., já que no dia da crucificação teria 36 anos. O que, por sua vez, colocaria totalmente fora o encaixe de todas as outras referências, excetuando o período de governo de Pôncio Pilatos.

De qualquer forma, os evangelistas apresentam entre eles próprios profundas diferenças de conteúdo e narrativa nos textos inseridos no *Novo Testamento.* Inclusive, em relação ao tempo total da vida pública de Jesus, pois os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas fazem referência a que tudo ocorreu no espaço de um ano, somente João nos dá a entender que foram três anos no total, pois se refere à existência de três Páscoas ao lado de Jesus. Até o dia da morte na cruz é contraditório, já que segundo João esta teria ocorrido no dia 14 de Nisan, numa sexta-feira durante a "Preparação" do sábado, um dia antes da Páscoa *(Pessach* em hebraico), isto é, na véspera (*João* 18:28). Neste raciocínio, o Pessach começaria durante a primeira Lua Nova de março, isto é, no fim da sexta-feira, iniciando-se com a primeira estrela da noite da sexta, o que eqüivale para os judeus também o começo do sábado de Pessach. E isto ocorreu no dia

28 de março do ano 27 d.C., data provável da crucificação e em que Jesus completaria trinta e três anos.

Nos relatos de Mateus, Marcos e Lucas os comentários sobre a famosa ceia são atribuídos à celebração da Páscoa judaica, o que resulta num absurdo, pois nesta celebração Jesus jamais poderia ter sido preso nem julgado pelos judeus. E isto é fato, pois a celebração teria começado na tarde da quinta-feira e finalizado na tarde da sexta, quando se iniciaria a "Preparação" do sábado (*Mateus* 27:62, *Marcos* 15:42 e *Lucas* 23:54). Sendo o sábado outro empecilho para realizar qualquer atividade. As narrativas destes três evangelistas ferem completamente os costumes praticados na época, principalmente se considerarmos que os autores são de formação religiosa judia. Isto confirmaria o fato de que a ceia pascal da quinta-feira fugira da celebração pascal oficial, correspondendo a outro calendário. Razão pela qual o apóstolo João faz referência a que a saída de Judas (*João* 13:29) da celebração seria para fazer compras para a festa, sendo já tarde da noite. Além de implicar que se aguardava outra festividade, como indica o capítulo 19, versículo 31, quando afirma que o sábado seria especial, nos dá a entender que durante a sexta-feira não funcionaria o comércio, justamente pelo fato de que os judeus estariam se preparando para a celebração da Páscoa pelo seu calendário oficial. Seja como for, os evangelistas sustentam idéias diferentes sobre as festividades do período, alegando atividades impróprias, pois durante a Páscoa dificilmente os judeus trabalhariam, mesmo durante o dia, o que de imediato nos indica que Jesus teria celebrado a ceia pascal fora da data judaica, a qual seguia o calendário lunar, enquanto que somente os essênios seguiam o calendário solar. Mas isto é muito interessante, pois sugere que para Jesus ter tido tempo de ser capturado, julgado, crucificado e retirado da cruz na véspera da Páscoa teria celebrado a ceia um ou vários dias antes da data oficial, o que nos leva a considerar que a

ceia foi realizada seguindo o calendário essênio, o qual estabelece a celebração da ceia dias antes, ou seja, entre a terça e a quinta-feira daquela semana. O que coloca a possibilidade de Jesus ter sido capturado antes da Páscoa oficial judaica para sua respectiva crucificação e morte, pois segundo João teria morrido no fim do dia da sexta-feira 28 de março, dia da "Preparação" do sábado de Páscoa (*João* 19:31). De igual forma, as palavras finais de Jesus na cruz são divergentes entre os evangelistas, pois Lucas e João oferecem versões muito diferentes entre si, e da versão apresentada por Mateus e Marcos as quais apontam com total exatidão a mesma frase. Além do mais, João e Marcos não fazem qualquer referência ao nascimento e infância de Jesus. Apenas Lucas faz todo um romance sobre o nascimento e infância, enquanto que Mateus faz um relato rápido e sucinto, embora, como já vimos, pareça ter, no início do seu evangelho, trechos incluídos do *Evangelho de Taciano.* Seja como for, o mais suspeito de todos é Lucas como evangelista, pois o mesmo nunca conheceu Jesus, realizando o trabalho de construção de toda a sua narrativa quase que por volta do ano 70 d.C., isto é, quase que meio século depois da desaparição de Jesus e seis anos da morte de Pedro, um dos últimos de seus apóstolos originais. De igual forma, temos que o *Evangelho de Mateus* obedece ao mesmo período, o que significa ter enfrentado uma grande e pesada dose de interferências, além das provocadas pelas traduções. No caso do *Evangelho de João,* o mais recente de todos, que teria sido redigido por volta do ano 90 ou mais, e que alguns historiadores o situam por volta do ano 125, nos reporta uma visão diferente dos demais apóstolos. No caso de Marcos cujo trabalho foi escrito por volta do ano 60, isto é, mais de um quarto de século depois de Jesus, temos que o evangelista nunca conheceu Jesus e que, provavelmente, elaborou seu trabalho reunindo os contos e tradições que existiam na época, vindo servir de base para a elaboração do trabalho de

Lucas e talvez de Mateus, sendo mais provável o contrário, já que existem referências de haver existido um ou dois *Evangelhos de Mateus* mais antigos. Porém, como é possível que em havendo convivido um ou três anos com Jesus tivessem lembranças e conclusões tão diferentes entre si, pelo menos Mateus e João?

CAPÍTULO XIII
Os Anos Perdidos de Jesus

Não somente sabe-se pouco da paternidade de Jesus, como também a respeito de sua infância, como já vimos, pois, segundo reza o evangelho, depois de Jesus completar os treze anos desaparece retornando apenas aos trinta para o início de sua vida pública.

Segundo Lucas (4:17), Jesus sabia ler e escrever, além de conhecer as escrituras sagradas, o que o coloca numa posição de pessoa culta. Isto implica no fato de que, provavelmente, Jesus foi preparado e ensinado em algum lugar. Mas onde?

Existem vários textos apócrifos datados dos séculos IV e V d.C., ou seja, recentes, que mencionam e comentam amplamente sobre a infância de Jesus, tais como: *História da Infância de Jesus segundo São Tomé, Evangelho Árabe da Infância, Evangelho Armênio da Infância, Evangelho Copta de José o Carpinteiro, Livro da infância do Salvador, Evangelho do Pseudo-Mateus, Evangelho do Pseudo-Tomé* e muitos outros. Todos eles são pitorescos e interessantes, porém, bastante improváveis, pois fazem referências apenas sobre a infância de um menino Jesus poderoso, malcriado, caprichoso, fácil de se chatear e vingativo. Sendo que, quando José tenta repreendê-lo pela violência de seus atos, Jesus o humilha de forma arrogante e autoritária. Até seu

modesto professor ou "khazzan", acaba sendo agredido quando tenta ensiná-lo.

Em momento algum, os textos ingressam na sua adolescência nem relatam como e onde recebeu sua educação final. Apenas nos evangelhos apócrifos de José constam algumas referências sobre Jesus adulto, dando a entender que já estaria prestes a iniciar sua vida pública. Mas, nenhum destes trabalhos apresenta a resposta a este enigma. Que haveria ocorrido com Jesus desde seus treze anos até os trinta, quando iniciou sua vida pública?

Segundo o arqueólogo e professor indiano Hassnain, diretor dos arquivos, bibliotecas e monumentos de Caxemira, Jesus provavelmente teria saído ainda adolescente da Palestina e chegado até a Caxemira, e mais adiante ao Tibete, onde por muitos anos teria permanecido e aprendido o suficiente para retornar à sua terra.

O professor Hassnain, que mora em Srinagar, região norte da Índia, próxima à divisa com o Tibete e o Nepal, afirma isto apoiado numa interessante experiência vivenciada por ele próprio que o levou a esta conclusão.

De acordo com seu depoimento pessoal, realizado pelo grande pesquisador, já falecido, Andreas Faber-Kaiser, comenta que se encontrava no mês de janeiro, em pleno inverno, numa região montanhosa limítrofe entre a Caxemira e o Tibete, chamada de Ladakh, quando ficou isolado pela neve e pelas tempestades, sendo obrigado a permanecer na cidade de Leh, capital de Ladakh. Com as perspectivas do mal tempo persistir e sem ter muito o que fazer, o professor aproveitou para revisar velhos textos e manuscritos mantidos na biblioteca do lamastério de Leh.

Entre velhos pergaminhos e antigos documentos, o professor defrontou-se com quarenta volumes referentes a diários, todos eles pertencentes aos

religiosos e doutores alemães Marx e Francke, ambos missionários de um grupo que percorria lugares afastados do mundo, evitando capitais e cidades principais. Segundo um dos diários, datado de 1894, redigido em alemão, havia uma menção escrita em vermelho na qual podia-se ler o nome Santo Issa. Em frente ao nome aparecia o de Nicolai Notovitch.

Em vista de que era difícil ler o texto, o professor fotografou as páginas do diário em que apareciam estes nomes, para, com ajuda e tempo, poder traduzi-las. De retorno a Srinagar, Hassnain procurou com a ajuda de alguns especialistas traduzir as folhas fotografadas, descobrindo assim que os diários destes missionários faziam referência a alguns interessantes manuscritos achados por Notovitch.

Segundo se conhece, o jornalista russo Nicolai Notovitch afirmava haver descoberto em 1887, numa viagem ao mosteiro de Himis, agregado ao Palácio Potala do Dalai Lama em Lhasa, no Tibete, cópias de um texto budista antigo, o qual se referia, explicitamente, à estada de Jesus nesse lugar.

De acordo com os relatos existentes, Notovitch foi também um aventureiro que em finais do século passado explorou amplamente os territórios ao norte da índia, deslocando-se, inicialmente, desde a Caxemira até Ladakh, na região conhecida como "pequeno Tibete". Mais tarde, visitou

Leh, capital de Ladakh, prosseguindo viagem até o lamastério de Moulbek, situado no alto dos picos do povoado de Wakha. Neste lugar, o viajante tomou conhecimento da existência do Santo Issa, ficando absorto pelas narrativas de sua saga. Após continuar sua viagem por 34 quilômetros desde Leh, chegou ao lamastério de Himis ou Hemis em Lhasa, um dos principais da região e que alberga uma vasta coleção de obras sagradas do budismo. Aqui, Notovitch solicitou ao lama principal que lhe relatasse detalhes sobre o tal profeta Issa.

O lama respondeu que o nome de Issa era muito respeitado entre os budistas, mas que sua saga era apenas conhecida pelos lamas e monges mais importantes, isto é, apenas por aqueles que haviam lido os manuscritos que relatavam seu histórico. Confirmando também que o número de budas ou profetas semelhantes a Issa era muito grande, o que permitia a existência de 84.000 textos ou rolos, os quais detalhavam amplamente a história de cada um. Sendo que poucas pessoas se haviam aproximado a toda esta documentação, e os que o fizeram dificilmente conseguiram ler um terço de todo este acervo. E o motivo estava não somente na dificuldade pela quantidade de documentos a ler, mas no costume de que cada leitor deveria posteriormente ofertar, como presente, uma ou mais cópias do texto consultado ou lido para o lamastério a que pertencia. Uma tarefa na verdade bastante cansativa.

Assim, o lama confirmou a Notovitch que a biblioteca de Himis possuía uma grande quantidade de documentos, dentro dos quais existiam amplas referências à vida de Issa, mencionando também sobre sua prédica pela Índia e Israel.

De acordo com as descrições do lama, os textos originais sobre Issa, escritos em língua pali (uma língua indiana dos primeiros séculos de nossa era), teriam vindo originariamente da índia para o Nepal, e de lá até o Tibete, sendo que a cópia existente em Himis estaria escrita em língua tibetana. Finalmente, o lama confirmou que eram poucas as pessoas que sabiam alguma coisa sobre Issa, excetuando os próprios lamas de Himis, pois haviam dedicado toda a sua vida ao estudo dos documentos que envolviam este curioso e singular personagem. Porém, dado que a doutrina de Issa não se aferia ao budismo tradicional, e que seus seguidores não reconheciam a autoridade do Dalai Lama, assim como a de outros budas similares a ele, Issa não veio a ser reconhecido como um dos santos principais do budismo.

Frente a todas estas afirmações e percebendo estar diante do local onde poderia acessar maiores informações, Notovitch perguntou ao lama se um estrangeiro como ele poderia tomar contato e ver estas cópias conservadas na biblioteca do lamastério. Ao que o lama retrucou que o que pertence a deus pertence aos homens, embora não tivesse noção, no momento, da exata localização dos documentos na biblioteca. Sendo que, numa outra oportunidade em que Notovitch viesse a Himis, já os teria disponíveis.

A esta resposta Notovitch não teve como replicar, conformando-se bem a contragosto. Assim, sem qualquer alternativa, retornou para Leh, buscando arquitetar uma desculpa para efetivar sua volta a Himis. Dois dias mais tarde, o explorador enviou ao lama um presente composto por um relógio despertador e um termômetro, com a mensagem de que, provavelmente, voltaria a visitar o lamastério antes de abandonar definitivamente Ladakh, aguardando ter a oportunidade, desta vez, de conhecer os documentos pessoalmente.

Notovitch havia planejado deixar Ladakh e dirigir-se para Caxemira, voltando mais tarde ao lamastério de Himis em Lhasa. Mas a sorte jogou a seu favor, pois ao passar por uma montanha próxima ao lamastério de Pittzk caiu do cavalo e fraturou uma perna. Sem desejar retornar a Leh e com uma desculpa para permanecer por mais tempo, viajou até Himis, sendo bem recebido e tratado pelos lamas. Desta forma, e após uma constante insistência por parte do paciente, o lama cedeu e trouxe os rolos prometidos para seu entretenimento, servindo de intérprete na leitura.

Impressionado pelo conteúdo dos rolos, Notovitch realizou sistematicamente anotações de tudo aquilo que ouvia traduzido. Assim, dentre as narrativas, temos o verso 5 da seção 4, que reza o seguinte:

"... Pouco tempo depois, um formoso menino nasceu no país de Israel. O mesmo Deus falou pela boca desta criança explicando a insignificância

do corpo e a grandiosidade da alma. Os pais deste menino eram gente pobre, que pertenciam a uma família destacada pela sua piedade, que havia esquecido sua antiga grandeza sobre a Terra celebrando o nome do criador e agradecendo-lhe pelas dificuldades com que os havia colmado. Para premiar a esta família pelo fato de haver-se mantido firme no caminho da verdade, Deus abençoou seu primogênito e o escolheu para que redimisse aqueles que haviam caído em desgraça e para que sanasse aqueles que estavam sofrendo. O divino menino, ao que deram o nome de Issa, começou a falar sendo ainda uma criança do Deus único e indivisível, convocando a grande massa sem rumo a se arrepender e a purificar-se de suas faltas. Gente acudiu de todas as partes para ouvi-lo, ficando maravilhada ante as palavras de sabedoria que surgiam de sua boca infantil. Porém, logo Issa atingiu a idade de treze anos, a época em que um israelita deve tomar uma mulher. A casa em que seus pais ganhavam o pão mediante um trabalho modesto começou a ser lugar de reuniões de gente de dinheiro e de nobres que desejavam ter o jovem Issa por genro, sendo que em todas as direções era conhecido pelos seus discursos edificantes em nome do Todo-Poderoso. Foi então que Issa desapareceu secretamente da casa de seus pais, abandonando Jerusalém e encaminhando-se com uma caravana em direção a Sindh com o propósito de aperfeiçoar-se no conhecimento divino e de estudar as leis dos grandes budas...".

Estes versos praticamente finalizam apenas a quarta parte dos manuscritos originais. Isto é, ao todo, Notovitch dividiu os textos em três grandes grupos, sendo: o primeiro grupo, que engloba as seções I até a IV, compreendendo desde a encamação, nascimento e infância, até a saída de Jerusalém aos treze anos; a segunda parte, que se inicia com a descrição das viagens do adolescente Issa, engloba o final da seção IV e vai até a seção VIII, onde relata toda a saga dos treze aos vinte e oito

anos, quando retorna à Palestina; e, finalmente, a terceira e última parte, que se refere da seção IX até a XIV, onde temos a narrativa dos eventos ocorridos como conseqüência do seu retorno à Palestina.

No relato da segunda parte, isto é, da seção IV até a VIII, Notovitch afirma que, segundo os textos, o jovem Issa teria viajado até a região de Sindh, provavelmente o vale do Indo, em companhia de mercadores, fixando-se nessas montanhas para estudar as leis de Buda. Segundo o texto, logo após, Issa partiria para Pundjabe, onde permaneceria algum tempo estudando o jainismo, seguindo depois para Jagannath (Puri), onde tomaria contato com os brâmanes, aprendendo a ler os Vedas e instruir aos Vaishyas e aos Shudras. Alguns anos passados e em desacordo com seus anfitriões, após enfrentar sérias diferenças com os mesmos, Issa viajaria de Jagannath para Rajagriha (Rajgir), seguindo para Benares (Varanasi) até chegar ao Nepal e depois Pérsia, retornando mais tarde finalmente à Palestina.

Conforme consta nos documentos, Issa criticava sobremaneira a existência de sacerdotes como intermediários da relação Deus-Homens, assim como a atitude hipócrita dos mesmos. Nos escritos fica patente a preocupação de Issa pelos menos afortunados, repartindo o conhecimento e seus ensinamentos entre os fracos e oprimidos. Desta forma e por tal prática, Issa provocava o ciúme e o choque com as classes sacerdotais dos locais que visitava, colocando sua vida a perigo quase sempre e sendo obrigado a sair rapidamente do lugar.

Mas as informações levantadas pelo professor Hassnain esbarraram nas conclusões dos missionários alemães a respeito dos relatos de Notovitch. No diário dos religiosos, tais afirmações em relação a considerar Issa como o próprio Jesus resultava falso e inconsistente.

Porém, o professor Hassnain considera que Notovitch estava contando a verdade, pois este teria publicado um livro sob o título A *Vida*

Desconhecida de Jesus Cristo em 1894, na mesma época em que os diários dos religiosos alemães foram escritos, atestando a presença do autor nas regiões tibetanas.

Seja como for, e de acordo com a história, Notovitch procurou na sua volta à Europa entrar em contato com representantes da Igreja para relatar a sua grande descoberta e torná-la pública. Porém, todos eles foram quase unânimes a removê-lo da idéia, motivando-o a encerrar o assunto e não dá-lo a conhecer. Este foi o comportamento do metropolitano da cidade de Kiev, assim como do Cardeal Rotelli em Paris, e de algumas autoridades do Vaticano em Roma. Somente Ernest Renan, um historiador religioso, crítico e orientalista, foi quem deu ouvidos a Notovitch. Porém, com o intuito de utilizar a descoberta em benefício próprio. Assim, frustrado, Notovitch publicou no livro mencionado as suas descobertas, as quais foram inicialmente abafadas pela própria Igreja, dada a falta de provas contundentes a favor do autor.

Com o tempo, o trabalho de Notovitch foi gerando curiosidade, a qual extrapolou a sua época. Tal foi o caso do professor J. Arquibald Douglas, da Govenment College de Agra, índia, que, inquietado e incomodado pelo conteúdo do trabalho de Notovitch, foi pessoalmente até Himis, trazendo o testemunho do lama principal do lamastério, que afirmava ser falsa a existência de tais documentos.

Mas, em 1908, outro trabalho do mesmo gênero foi publicado, sendo assinado pelo Sr. Levi H, Dowling, um pastor protestante americano, intitulado de *O Evangelho Aquariano,* onde a narrativa mencionava a estada de Jesus na índia durante sua juventude, seguindo exatamente o contido nas lendas do Santo Issa relatadas por Notovitch.

O início de toda uma época industrial e tecnológica, somada à quebra de conceitos antes tidos como inquebráveis, aliado a um período de questionamentos doutrinais e uma onda de interpelações contra o trabalho

e as afirmações de Notovitch e Levi, mobilizaram investigadores, religiosos e espiritualistas, durante décadas. Tantas foram as dúvidas geradas que, em 1922, um indiano nascido em Calcutá e proficiente em inglês e sânscrito, discípulo de Ramakrishna, o Swami Abhedamanda, realizou uma viagem até Himis, com a intenção de desmascarar a Notovitch e as afirmações de Levi, vindo a ocorrer, para sua surpresa, o oposto. O lama de Himis não somerste confirmou a existência do famoso documento de Issa, como também ajudou Abhedamanda a traduzir os versos. Desta forma, pouco tempo depois o Swami publicou um trabalho sob o título *No Interior da Caxemira e do Tibete* em idioma bengalês, sendo que, do capítulo XIII ao XV, se faz referência explicita a Jesus como Issa, tendo como um dos títulos *Jesus Cristo, o Líder dos Homens.*

Além do mais, dentre as traduções e descobertas realizadas pelo Swami, este menciona, tal qual Notovitch, que o manuscrito original.foi redigido em língua país, entre três a quatro anos depois da morte de Issa, sendo que, o mesmo, foi executado na cruz pelo rei do seu país. E este fato haveria sido presenciado por mercadores que o viram morrer com seus próprios olhos. Mas as confirmações não parariam por aqui.

Entre os anos 1924 e 1928, durante uma expedição à Asia Central, um outro russo, Nicolai Roerich, nascido em São Petersburgo (ex-Leningrado), visitou Sikkm, Punjab, Caxemira, Ladakh, Kotan, Korakoran, Kashgar, Karoshahr, Urumchi, Irtysh, as montanhas de Altai, a região de Oyrot, Mongólia, Gobi, Kansu, Tsaidam e Tibete chegando à Lhasa e visitando o lamastério de Himis em 1925.

Roerich que era poeta, pintor, filósofo, arqueólogo e místico tomou conhecimento da existência do Santo Issa nestas viagens, passando a escrever a respeito. Num dos seus trabalhos, intitulado de Coração da Ásia, Roerich escreve: "... Em Srinagar tios encontramos pela primeira vez com a curiosa lenda sobre a visita de Cristo àquele lugar. Mais tarde,

descobrimos quão difundida estava na lnclia, em Laclakh e na Asia Central a lenda da visita de Cristo àquelas paragens durante sua longa ausência, destacada nos evangelhos...".

Na verdade, em suas viagens, Roerich encontrou mais que lendas. Em todos os seus livros (*Coração da Ásia, Altai Himalaia* e *Himalaia),* o autor menciona constantemente a existência de manuscritos sobre Issa. Demonstrando que os relatos de Notovitch seriam não somente corretos, mas verdadeiros.

A esta grande aventura, se juntou mais tarde George Roerich, filho de Nicolai Roerich, também um esperto orientalista, que realizou profundas investigações para conferir a autenticidade da lenda, assim como dos famosos rolos do Santo Issa. Suas contínuas pesquisas não somente apontaram que a lenda era verdadeira e muito enraizada nas regiões outrora visitadas pelo seu pai, mas que os textos existiam.

Para melhor comprovar este fato, temos que, em 1939, sem nenhum conhecimento prévio sobre as lendas de Issa, Elizabeth Caspari, uma professora de música que realizava uma viagem místico-cultural a Ladakh, visitou o lamastério de Himis, tomando conhecimento da visita de Jesus a essas terras por meio de três livros que lhe foram apresentados no interior da biblioteca. E mais ainda, pois em 1951 o juiz da Corte Suprema dos Estados Unidos, William O. Douglas, descreveu no seu livro *Além dos Altos Himalaias,* que viajou até Himis, onde encontrou dados relativos à chegada de Jesus a essas terras com quatorze anos de idade, partindo com vinte e oito sob o nome de Issa. E, para finalizar, temos que em 1975 o Dr. Robert S. Ravicz, professor de antropologia da Universidade Estadual da Califórnia, fez sua primeira viagem a Leh, em Ladakh. Aqui, tomou conhecimento por meio de um médico amigo seu de que em Himis existiam antigos documentos que falavam sobre a estada de Jesus nessa região.

Vale aqui um adendo interessante em relação ao budismo como religião, pois, à semelhança do judaísmo, os budistas também aguardam um salvador ao qual denominam de *Maitreya,* denominação que encontra uma curiosa semelhança com o termo *Meshia,* ou Messias em aramaico. Enfim, parece que, de forma geral, a promessa de vir ao mundo uma entidade especial para promover uma grande reformulação é quase geral entre as principais religiões. Seria isto uma coincidência apenas?

Seja como for, parece claro e evidente que Jesus teria viajado até o oriente com a intenção de aprender os fundamentos da sabedoria local, mas, ocorre que os rituais como o batismo, ou aqueles empregados para curas e milagres, assim como a institucionalização da eucaristia, foram práticas típicas dos essênios e não dos orientais, embora muitos dos seus fundamentos tenham grande semelhança com as religiões budista e brâmane. Isto é, como a utilização de contos ou parábolas, analogias e metáforas, assim como o próprio conteúdo filosófico empregados ao longo de sua vida pública. Mas, teria Jesus também participado da seita de Qumram?

Quem pela primeira vez suspeitou desta possibilidade foi um tal Bahrdt, que viveu entre 1741 e 1798, analisando o estilo e forma de curas praticadas por Jesus. Outro a sugerir o mesmo foi o escritor judeu J. Klausner, por volta de 1830, em função dos essênios serem conhecidos como os *"Hassidim"* que em arameu significa "santos" ou "piedosos", ou também por *"Hasayyim"* que em hebreu significa "médico" ou "sanador", os quais teriam sido perseguidos por decreto de Antioco IV entre 168 e 164 a.C.

Porém, até os achados dos rolos de Qumram não se sabia quase nada sobre a existência desta seita. Apenas por meio dos escritos de Flávio Josefo, de Filón de Alexandria, Hipólito de Roma, Eusébio de Cesaréia e de Plínio, o Velho, alguma coisa havia transparecido. Mas, mesmo assim,

bem pouco como o historiador Flávio Josefo nos diz na sua Guerra dos Judeus, página 120: "... Os essênios repudiam os prazeres como um mal e consideram como virtude a continência e a resistência às paixões...". Numa outra passagem, Josefo comenta sobre a idéia da reencarnação entre os essênios: "... Entre eles prevalece a opinião de que os corpos, de fato, se corrompem, e sua matéria não é permanente, mas que as almas continuam isentas da morte, vivendo sempre; e que, emanando do éter mais puro, desenvolvem-se em corpos que estão como em prisão, e aos quais são atraídas por algum encanto natural. Quando, porém, se libertam dos vínculos da carne, como se fossem soltas de um longo cativeiro, regozijam-se e sobem às alturas...". Por outro lado, Plínio nos diz: "... os essênios são um povo que vive sem. mulher, sem amor e sem dinheiro, apenas na companhia das palmeiras...".

Ao que se sabe e como já vimos, em tempos de Jesus, conviviam várias seitas judaicas, sendo as principais: os saduceus, os essênios e, como dominante, a dos fariseus. Porém, os essênios formavam um movimento nacionalista importante e representativo dentro da Palestina da época, embora enraizados ideologicamente na tradição neoapocalíptica. Segundo Filón de Alexandria e Flávio Josefo, a comunidade essênia era composta por quase 4.000 membros, os quais moravam em cidades e acampamentos, misturados com gente comum. Somente um grupo seleto de sacerdotes célibes, composto aproximadamente por 200 a 300 membros, formava a comunidade de Qumram. Os essênios casados moravam nas imediações. De acordo com a história, os essênios romperam com o judaísmo por volta do ano 130 a.C., dirigindo-se para o deserto. Nas palavras de Isaías, para preparar o caminho da vinda do Messias.

A linha de pensamento essênia havia estabelecido claramente a existência de dois grupos principais: o sacerdotal e o laico. Neste sentido, sua

ideologia os levava a aceitar conscientemente que eram especificamente os escolhidos de Deus, isto é, os únicos dentro das demais seitas existentes. Pois, segundo entendiam, observavam estritamente a Lei de Moisés, o que levava os sacerdotes a dedicar-se a estudar e copiar as escrituras sagradas com grande devoção.

Os essênios se caracterizaram objetivamente por ser uma ordem religiosa diferenciada das existentes na época, o que fazia com que seu relacionamento com as demais fosse muito restrito, já que consideravam a casta sacerdotal do Templo ilegítima. Até o calendário utilizado era o solar, em contraposição ao calendário lunar tradicional dos judeus. Era um grupo rígido em seus princípios e normas, submetido a uma estrutura hierárquica forte. Acreditavam no desprezo aos prazeres materiais e dos sentidos, na propriedade comum, no amor fraterno entre seus integrantes, embora manifestassem um evidente ódio aos estranhos. Além do mais, praticavam a humildade, o sentido de retidão e a circuncisão, além de uma estrita vigilância sobre os alimentos e sobre a higiene pessoal, mantendo sempre a existência de um banho ritual antes das refeições, assim como a proibição de comer alimentos preparados por pessoas alheias à comunidade.

A seita acreditava que o seu guia espiritual ou "Mestre da Justiça" haveria recebido uma divina revelação, razão pela qual respeitavam incondicionalmente as interpretações que o mesmo realizava das escrituras. Seu discurso sedimentava-se num iminente final dos tempos, na predestinação e em rituais, chamando-se a si próprios de "Filhos da Luz".

Por outro lado, enquanto que as seitas judaicas aguardavam a chegada de um Messias rei, os essênios aguardavam a chegada de um Messias que assumiria a legislação, a regência e o sacerdócio. Em outras palavras, aguardavam a vinda de um novo Moisés, David e Aarão juntos.

De qualquer maneira, dentro deste cenário, temos que, um essênio clássico, para ser admitido pela seita, requereria uma severa avaliação que era realizada pelo "Mestre da Ordem", a fim de ter certeza da seriedade das intenções do postulante. Seguia-se um ano de prova como neófito e depois mais dois como noviço, durante os quais deveria acompanhar os membros mais velhos que percorriam a região, praticando obras de caridade com os pobres e curando doentes. Pouco a pouco o noviço aprenderia as palavras, os rituais e as práticas da medicina. No final do tempo regulamentar, o novo membro da comunidade podia participar da vida em comum.

Como podemos apreciar, a idéia de colocar os bens pessoais à disposição dos necessitados, assim como o desprezo aos prazeres e ao materialismo, a prédica em relação à pronta chegada do Messias, a prática da humildade, a retidão, a purificação, a mudança interior, enfim, quase tudo fez parte, em muitas oportunidades, do discurso de Jesus, tendo isso em comum com os essênios. Inclusive, enquanto os zelotes lutavam contra os romanos por considerá-los os inimigos do judaísmo, os essênios assim como Jesus lutavam apenas contra o mal, os pecados e os demônios.

A possibilidade de haver uma relação entre os essênios e os cristãos já surgira em 1972, quando o especialista José O'Callahan, professor do Instituto Bíblico de Roma, passou a analisar o papiro 7Q5, encontrado em Qumram. Segundo apontou o investigador, o conteúdo do documento correspondia claramente a um versículo do *Evangelho de São Marcos,* sendo que tal afirmação foi avalisada por dois presbíteros, o italiano Sérgio Daris e o alemão Carsten Peter Thiede, e mais tarde pela professora Orsolina Montevecchi, todos eles eruditos em papirologia.

A este respeito, em 1989 o padre Emile Puech, membro da equipe internacional de investigação dos rolos de Qumram, divulgou na imprensa mundial o seguinte: "... Aparentemente existem, grandes

semelhanças textuais entre o discurso de Jesus, conhecido como o Sermão da Montanha, e alguns escritos nos rolos de Qumram...". E complementa: "... na Epístola de Barnabé, um texto apócrifo mencionado desde o século II, encontrei uma citação literalmente idêntica à contida num rolo de Qumram...".

De igual forma, foram encontradas referências aos processos de cura realizados pelos essênios, cujas características estão em total acordo com as descritas para os milagres de Jesus. Inclusive a data da celebração da ceia pascal realizada com os seus discípulos antes da crucificação não obedeceu ao calendário lunar judaico, mas ao solar, por essa razão foi celebrado dias antes. Por outro lado, o discurso chamado de o "Sermão da Montanha" proferido no início de sua pregação, carrega nas famosas "Bem-Aventuranças" (*Mateus* 5:3-11) elementos de um conjunto de "Bem-Aventuranças" encontradas no documento 4Q525, fragmento 2, coluna II de Qumram, conforme mencionado anteriormente. Não cabe dúvida pois que pouco antes de Jesus assumir sua vida pública teria passado algum tempo em Qumram. E que o batismo no rio Jordão realizado pelo seu primo João, o Batista, teria sido parte de um ritual essênio e não necessariamente o reconhecimento de sua condição de Messias. Pois, tempos mais tarde, o próprio João enviaria a dois discípulos seus perguntando a Jesus (*Mateus* 11:2-15 e *Lucas* 7:18-30): "*... Es tu aquele que* há *de vir, ou devemos esperar um outro?...".* Esta questão em particular deixa bem claro que para João, o Batista, Jesus não havia sido reconhecido como o Messias no rio Jordão, mas sim como um membro da ordem essênia, sendo que, pelos seus feitos posteriores a esse evento, Jesus vinha a mostrar-se como possibilidade de ser verdadeiramente o Messias.

Por outro iado, temos aqui um ponto importante a destacar. O conteúdo total dos textos de Qumram havia sido prometido para o conhecimento

público em 1970, havendo sido depois alterada a data para 1997, situação que não ocorreu, embora o diretor do projeto de investigação tenha, num ato de descontrole, colocado na Internet as fotocópias dos textos originais. Mas, infelizmente, as mesmas permaneceram por pouco espaço de tempo disponíveis ao público. Seja como for, até o momento, pouca coisa foi dada a conhecer oficialmente. Por que haveria todo este sigilo a respeito do conteúdo? O que estariam escondendo tanto judeus como católicos? Será que, entre os documentos existentes, foram achadas coisas que comprometem ambas as religiões?

A comunidade de Qumram veio a ser conhecida por todos por meio das descobertas realizadas desde 1947 até 1956 nas regiões de En-Ghedi, como já apontei anteriormente. Colocando à tona a existência de uma sociedade quase secreta de um conteúdo fascinante. Embora alguns, como Norman Golb, conhecido orientalista norte-americano, afirmem que é bem provável que os textos de Qumram sejam na verdade apenas cópias de documentos da biblioteca de Jerusalém, cuidadosamente escondidos nas cavernas para evitar sua destruição pelos romanos, durante a invasão ocorrida entre os anos 62 a 70 d.C.

De qualquer forma, os textos descobertos, cuja antigüidade se remonta até o ano 225 a.C., somam mais de 900 rolos de diferentes tamanhos já referidos anteriormente. E relembrando ordenados e divididos em três grandes grupos, sendo: o primeiro composto por livros do *Antigo Testamento* judeu, faltando apenas o livro de Ester; o segundo grupo constando de tratados de medicina, plano de um tesouro e o esquema de um calendário próprio, diferente do judaico; e, por último, o terceiro conjunto com normas da comunidade, ritos de iniciação e de distribuição das preces, cujas características possuem muita similaridade com as contidas no *Novo Testamento.*

Além do mais, as escavações no local, que continuaram até 1960, permitiram o resgate de novos documentos bíblicos, tanto conhecidos conto desconhecidos, colocando em descoberto os restos de um antigo mosteiro que data do século VIII a.C. Ao que parece, as construções estariam compostas de vários edifícios comuns destinados a rituais, reuniões e refeições. Além disso, foram descobertas as estruturas de uma grande piscina, além de uma necrópole contendo mais de mil túmulos.

Paralelamente a estas descobertas, a exploração arqueológica realizada na região chegou até os restos da fortaleza de Massada, onde, no ano 73, os últimos 960 zelotes sob comando de Eleazar, descendente de Judas, o Galileu, suicidaram-se ante o assédio do romano Flávio Silva e de suas tropas sob comando do Imperador Vespasiano e do seu filho Tito, trazendo a descoberta, por volta de 1963 a 1965, da recuperação de fragmentos do *Gênesis* e do *Levítico*, assim como de numerosos *Salmos* e documentos.

Porém, é provável que muita coisa importante já tenha se perdido ao longo do tempo, pois este tipo de achado como o ocorrido em Qumram e Massada não é novidade. Tal é o caso do relato de Eusébio de Cesaréia no século III d.C., o qual afirma ter entregue a Orígenes vários documentos originais achados por alguns árabes no interior de algumas cavernas, ocultos em recipientes de barro perto de Jerico. Ou, o caso do narrado por Timóteo, patriarca de Seleucia, no ano de 805 d.C., em que menciona o achado de antigos manuscritos bíblicos, realizado por um árabe no interior de uma caverna.

Aparentemente, documentos devem ter sido perdidos, vendidos, destruídos e colecionados por particulares ao longo de séculos de profanação e atividades na região. E esperemos que, bem provavelmente, muitas outras descobertas devam ainda surgir. Porém, mesmo passados dezenas de anos desde a sua descoberta, esses antigos documentos

continuam a representar um mistério, já que, pouco deles foi até hoje aberto para a opinião pública, constituindo tema de grandes discussões.

De todos os documentos encontrados em Qumram nestes 40 anos, apenas é conhecido 25% do seu conteúdo. Em seu livro *O Escândalo dos Rolos do Mar Morto,* especificamente sob o subtítulo *As revelações que fazem tremer o Vaticano,* Michael Baigent e Richard Leigh afirmam que, se fosse revelado o restante da informação contida nos documentos que ainda permanecem inéditos, possivelmente ficaria a descoberto que a Igreja modificou, de forma interesseira, a mensagem de Jesus. Estes investigadores ainda apontam a possibilidade de ter sido Paulo de Tarso um espião romano infiltrado entre os seguidores de Jesus com a intenção de desvirtuar completamente a prédica de seus apóstolos, sendo que no final teria caído numa armadilha de ego e megalomania messiânica.

De qualquer forma, tenha-se perdido alguma coisa importante ou não, alguns documentos e registros chegaram até nossos dias, revelando dados e informações verdadeiramente surpreendentes. Dados e informações estranhos e curiosos que escapam a seu tempo, e que, aos olhos de hoje, cobrariam outra forma, significado e importância. Assim, dentre o pouco que tem sido revelado dos textos de Qumram e de outros pouco conhecidos, existem alguns que provavelmente Jesus conhecia. Coisas estas que vão de encontro aos textos apócrifos de Enoch e que se referem à presença, em nosso mundo, de seres cujas características, especificamente, não correspondem aos tradicionais "anjos" como vimos, mas, a seres de origem extraterrestre. E isto, Jesus sabia muito bem.

CAPÍTULO XIV

O Sudário de Turim

Jesus pois resultava numa criatura misteriosa e tudo a seu redor se mostrava encoberto em trevas. Saber ou ter certeza de quem Ele foi, o que Ele realmente falou no seu tempo e quais foram verdadeiramente suas intenções, beirava à especulação e à suposição. De fato, algumas pobres e tênues dicas surgiam em meio a todo um cabedal de discursos e textos colocados por autores desconhecidos, capazes de dar uma pequena luz em relação a possíveis intenções e objetivos.

Nunca havia imaginado que o desafio de Godar pudesse ser tão complicado e difícil. Durante os anos de pesquisa, apenas me defrontei com um enorme volume de material constantemente questionável e cujo conteúdo apenas confundia mais do que esclarecia. Pouca coisa se mostrava animadora. Era por demais evidente que todo o material que chegara até nossos dias haveria sofrido diversas manipulações e alterações, chegando em muitos casos a estar completamente descaracterizado. Tal é o caso de encontrarmos dentro dos evangelhos oficiais e apócrifos informações que ferem por completo os costumes judaicos da época, havendo sido vários destes teóricos autores de origem judaica, o que confirma a alteração sofrida. Mas, mesmo sob todo esse massacre literário, perpetrado por copistas e cronistas posteriores aos supostos autores, alguns aspectos de conteúdo e detalhes históricos parecem ter-se preservado, disponíveis apenas para um atento observador.

Nessa análise, parei para pensar se não seria possível que Jesus tivesse arquitetado uma forma de permitir claramente que a sua verdadeira natureza e origem viessem a ser conhecidas, mesmo que toda a literatura e estórias a seu respeito pudessem deturpar a sua mensagem e intenção

original. Se realmente Jesus desejasse passar à posteridade uma mensagem e uma sugestão ou indicação de sua origem e preterições, deveria ter deixado alguma coisa concreta e substancial que a definisse e a comprovasse. Principalmente, uma evidência que sob o conhecimento tecnológico do futuro e das características da prova levasse o mundo moderno a admitir contundentemente uma procedência não-divina, mas concreta e alheia à humana do seu tempo. Revelando amplamente as características de sua verdadeira identidade.

O mais fantástico de tudo, era que esta evidência precisaria ter sobrevivido a séculos de perseguição e manipulação, conseguindo chegar até nossos dias preservando sua condição inusitada e extraordinária. Ao mesmo tempo, deveria resultar na prova definitiva, isto é, a derradeira, que o mundo deveria aceitar, pois ela própria representaria uma descoberta sem precedentes, dobrando até os mais incrédulos. Não por ser obra de um milagre é claro mas por ser a resultante de uma tecnologia muito além da atual, posicionada num momento específico de nossa antigüidade, naquele especial que marcou a história para sempre.

Refletindo sobre tudo isso, procurei dentro de toda a iconografia existente informações que pudessem revelar alguma coisa. Descobrindo mais um aspecto curioso da história deste extraordinário personagem.

Lembrando da imagem esculpida em Ilumen, foi fácil associá-la de imediato a Jesus pela sua semelhança, já que a mesma estava bem próxima de algumas caracterizações deste personagem encontradas em alguns filmes para o cinema, embora alguns detalhes fugissem da imagem tradicional. Por ser artista plástico e gostar muito de rostos, me havia fixado em alguns detalhes, percebendo claramente aspectos específicos desta obra, o que me motivou a buscar saber sobre a imagem que atualmente fazemos do Nazareno, achando algo realmente inusitado. Mesmo que isto pareça incrível, descobri que ninguém sabe ao certo

como Jesus era fisicamente, pois não existem descrições detalhadas, nem pinturas ou esculturas que o retrataram na sua época.

Uma das coisas mais surpreendentes realmente é que, durante séculos, a figura física de Jesus foi apresentada em pinturas e gravuras de diversas formas, o que pressupõe o fato de não se saber exatamente qual era a sua aparência. Mesmo parecendo estranho, sua forma física já era controvertida nos primórdios do cristianismo, como é possível ver nos documentos de Justino (100-165), que afirmava que Jesus seria fisicamente deforme; ou de Tertuliano (155-220), que dizia que Jesus carecia de formosura e seu corpo não era de genuína forma humana. Para Clemente de Alexandria (150-216), Jesus era feio de rosto; e Irineu (140-200) qualifica Jesus como sem forma agradável, enquanto que Comodiano, em finais do século III, o descreve como semelhante a um escravo e de figura sem muita expressão. Já o historiador e filósofo romano Celso, em 178, define Jesus como: baixo, feio e sem nobreza; opinião com a qual o próprio Orígenes concordava. Porém, conforme os concílios foram se realizando, o conceito da imagem de Jesus foi mudando por influência de alguns apologistas como: Gregório de Nisa (335-395), São Jerônimo (347-420), Teodoreto (393-466), João Crisóstomo (347-407), Ambrosio (304-397), Agustin (354- 430) e outros que, baseados nos textos de Isaías (53:2) e nos Salmos (45:2), construíram uma imagem cada vez mais agradável e bela de Jesus.

Somente por volta do século IV é que se começou a ter a imagem de Jesus nas pinturas. Até lá, era apenas representado por dois peixes, um cordeiro, uma espiga de trigo ou uma cruz. Somente em finais do século IV, Jesus será pintado humanamente como um jovem de características gregas e sem barba. E isto ocorrerá até o século V, quando, em função da influência bizantina, Jesus assumirá a figura física que temos até hoje, e isto é um fato importante como veremos mais adiante.

De qualquer forma, a primeira imagem de Jesus na cruz somente será realizada no século VI na Igreja de Santa Sabina em Roma, a qual carece de toda beleza e requinte. Inclusive, a imagem arquetípica do crucificado foi institucionalizada oficialmente apenas no VI concílio de Constantinopla, por volta do ano 680 de nossa era, vindo assim substituir a imagem do cordeiro até então empregada pelos artistas da época. Sendo que, durante o VII concílio ecumênico realizado pelo Papa Adriano I (772-795), ficaram autenticadas as conotações simbólicas do significado da cruz para o cristianismo.

Mas, será apenas durante o II concilio de Nicéia (787) que o culto à imagem de Jesus será finalmente aceito e difundido, passando de imediato a incentivar a divulgação de novas pinturas e esculturas. Porém, entre os séculos VII e IX, nas imagens misturar-se-ão conceitos de beleza e feiúra, conforme a formação e informação do artista.

O curioso de tudo isso é que a figura de Jesus que chegou até nossos dias é também uma das que mais se firmou nos primeiros séculos. E teoricamente todas parecem ter saído de uma mesma fonte, o que resulta extremamente interessante. Nas recentes descobertas das escavações de Ostia Antiga e das Catacumbas de Comodila, ambas de finais do século IV, encontramos uma escultura e um afresco, respectivamente, do rosto de Jesus, cujas características são extremamente próximas da atual. De igual forma, identificamos no monastério de Santa Catarina, próximo ao Monte Sinai, as mesmas características encontradas nas escavações numa pintura bizantina de Jesus do século VI (entre 548 e 565), à qual apresenta todos os detalhes da imagem que temos visto em pinturas, esculturas e assistido nos filmes mais recentes. Inclusive, uma moeda bizantina do ano 695 d.C. apresenta semelhanças extraordinárias com o rosto pintado nas catacumbas romanas e no monastério, o que demonstra a existência de um modelo comum que orientou os artistas. E esta

possibilidade adquire maior relevância, quando comparamos estas imagens com a pintura das catacumbas de São Ponciano em Sansani, Roma. Esta do século VI, apresenta uma semelhança surpreendente em muitos detalhes com as anteriores. E a coisa não pára por aqui. A elas, somam-se a pintura copta de o *"Cristo Salvador e o Aba Metia"* encontrada em Bawit, no Egito, a pintura bizantina do século XI chamada de o "*Cristo Pantocrátor"* encontrada em Daphni, Grécia e o Pantocrátor de São Nicola de Casalrotto do século XII, semelhantes todos estes inclusive no relativo a alguns fios de cabelo sobre a testa. Aqui podemos incluir também as pinturas de lesus na Igreja de Santa Sofia, do século XIII, em Constantinopla, a soviética da escola de Novgorod, do século XII e o afresco de Neredista, do ano 1199.

O mais surpreendente de tudo isso é que todas estas pinturas e imagens apresentam as mesmas características de uma gravura de corpo inteiro, existente numa peça de tecido muito antiga. Esse surpreendente ícone cristão, objeto de culto há séculos, é conhecido como o famoso Santo Sudário de Turim, cuja imagem tem gerado uma ampla polêmica nestes últimos anos. De acordo com o que se afirma, seria este sudário a lendária mortalha que cobriu o corpo de Jesus no interior do túmulo doado por José de Arimateia, contendo hoje gravada em sua superfície a verdadeira imagem, frente e verso, do corpo e rosto deste personagem. Vale mencionar que existem 254 livros escritos até o momento que se referem ao sudário, resultando num farto material de informação, já que os mesmos comportam todas as pesquisas realizadas para conferir sua autenticidade.

O sudário em questão é um lençol de linho branco, medindo 4,36 por 1,10 metros, atualmente amarelado, que foi utilizado para cobrir o corpo de um homem que usava barba, cabelos compridos e uma coroa de espinhos, havendo sido crucificado e torturado. Originariamente a peça

devia ter 30 centímetros a mais de comprimento, mas, com o tempo, partes de suas bordas foram recortadas para servir como venda de relíquias. O lençol foi tecido em uma só peça em diagonal num esquema de 3 por 1 (um fio transversal da trama passa alternadamente sobre três e sob um dos fios longitudinais do urdume). Atualmente, sua espessura é de apenas um terço de milímetro, e encontra-se protegido numa urna de vidro no interior da Catedral de Turim, nas dependências da Real Capela do Santo Sudário, na Itália.

Pelas características da peça, é possível concluir que o lençol foi dobrado ao meio e ali depositado um corpo, havendo servido como mortalha. O que o coloca dentro dos ritos e costumes fúnebres judeus. Já que, de acordo com a lei do luto judeu número 364, o morto apenas poderia ser sepultado com somente um único lençol para cobri-lo por inteiro.

Em diversas análises realizadas em 1978 por uma equipe composta por 50 cientistas e, durante 120 horas de investigação, que geraram mais de 250.000 horas de estudo dos dados obtidos, a peça revelou tratar-se da gravação frente e verso de um homem que foi crucificado, ferido com um objeto punçante no costado direito, açoitado 24 vezes (alguns autores e pesquisadores consideram 39 golpes de açoite) e que teve na cabeça uma coroa de 70 espinhos do tipo cesta, provocando ferimentos de 3 milímetros de largura; havendo pesado mais ou menos uns 77 a 80 quilos e medindo entre 1,81 a 1,83 metros de altura. De acordo com as manchas de sangue que contornam a cabeça, as mesmas sugerem que a testa foi bastante ferida, ostentando 32 ferimentos por perfuração, sendo que os espinhos parecem ser do tipo *Ziziphus Vulgaris* ou *Palinrus Aculcatus,* os quais mediam em média 3 e 1,5 centímetros. Durante as investigações realizadas em 1973 pelo professor Gilbert Raes e sua equipe do Laboratório de Investigação Têxtil da Universidade de Ghent, na Bélgica, foi possível comprovar que o tecido não pertence a teares europeus, nem

aos empregados durante a Idade Média. Pelo contrário, as características são próprias do Oriente Médio, havendo sido deixado de se produzir por volta do século V. De acordo com o grupo de pesquisa, foram encontrados fragmentos de algodão entre as fibras, os quais pertenciam a plantas das regiões orientais, assim como foram descobertos restos de mirra e aloe, substâncias empregadas para embalsamar, típicas da Palestina. Além do mais, foi possível detectar que o tipo de tecido que corresponde à peça era de aquisição restrita em tempos antigos. Isto é, seu acabamento é extremamente sofisticadç para teares primitivos, já que o entrelaçamento das fibras é muito apertado, assim como o tipo de linho empregado na manufatura é muito nobre. Além do mais, deveria ser extremamente caro e raro em tempos da crucificação de Jesus, havendo sido adquirido somente por alguém com muito dinheiro, o que lembra de imediato a figura de José de Arimateia como benfeitor do sepultamento de Jesus.

Segundo o mesmo grupo de investigadores, a imagem e as manchas de sangue permitem perceber que os pregos foram colocados nos pulsos, entre os pequenos ossos do Metacarpo, com extrema precisão, sem quebrar nenhum. O prego utilizado foi colocado até o fim, agredindo um nervo chamado de "Medianum" que provoca a retração do polegar, razão pela qual este dedo não aparece visível na figura do sudário. Por outro lado, ambos os pés foram pregados com um mesmo prego, deixando a perna esquerda arqueada sobre o pé direito.

De acordo com as manchas de sangue existentes numa lateral do corpo foi possível considerar a possibilidade de um objeto punçante, provavelmente uma lança, ter penetrado o lado direito, no quinto espaço intercostal, escorregando sobre a sexta costela, vindo a desgarrar o aurículo direito do coração, já que se constatou a presença de sangue arterial e venoso no pano, e o pulmão, já que também foi verificada a

presença de líquido pleural. As marcas de sangue e a imagem gravada demonstram que os ombros foram visivelmente machucados, implicando na presença de algum objeto de grande peso que deve ter sido carregado, e que provavelmente tenha escorregado várias vezes. Os açoites registram marcas aos pares, idênticas ao deixado pelo "Flagram Escorpião", um tipo de látigo com pontas de metal em forma de esferas duplas utilizado nos tempos de Jesus pelos romanos. A forma em que o corpo foi açoitado demonstra um processo sistemático e simétrico em 24 oportunidades (ou 39), bem diferente do sistema normal a esmo. As análises também demonstraram que o coipo foi envolto no lençol sem ser lavado ou limpo, retendo substâncias típicas do martírio, o que contraria os costumes judaicos e sugere que o corpo foi sepultado às pressas. Por outro lado, o rosto mostra a bochecha direita inchada e o septo nasal fraturado, porém o vômer intacto, exatamente como da descrição feita pelo apóstolo João (18:22 e 19:36) nos evangelhos. E o mais incrível de tudo é que posteriores investigações feitas por computador revelaram a presença de duas moedas, uma em cada olho, como era costume se enterrar os mortos no Oriente Médio. De acordo com as ampliações computadorizadas e posteriores comparações, as moedas identificadas foram o "Lepton", uma antiga moeda romana cunhada apenas na Palestina durante o governo de Pôncio Pilatos, isto é, entre os anos 26 e 36.

Nesse sentido, segundo o pesquisador e especialista em crucificação romana, o professor italiano Gino Zianotto, as marcas apresentadas na imagem do sudário são características do tipo pertencente às crucificações romanas do século I d.C. e não a qualquer outro, sendo que o corpo apresenta detalhes únicos e particulares que fogem dos processos de crucificação comuns na época, sendo estes apenas coincidentes com os descritos na crucificação de Jesus nos evangelhos.

Um outro aspecto interessante e surpreendente é que as marcas do corpo gravadas na superfície do lençol são perfeitas e iguais em ambos os lados, mostrando que a pressão do lençol contra o corpo se deu também por igual em todas as direções. Portanto, a gravação se encontra em foco, apresentando as características de uma imagem de formato tridimensional. Vale destacar que o corpo provocou este tipo de gravação não pesando sobre seu suporte, isto é, a pressão existente tanto na parte superior como na inferior permitiu uma gravação com a mesma intensidade, não havendo evidências de que houvesse influência da força da gravidade. Nesse sentido, parece que no momento de ocorrer o processo de gravação o corpo devia estar flutuando ou ingrávito, havendo apenas uma pressão externa isotrópica que colocou o sudário em contato por igual com todas as partes do corpo. Nessa condição, após análise pela técnica chamada de reflectometria, a mesma demonstrou que no processo de gravação não houve a ação de abrasivos, fogo ou metal quente sobre o lençol. Além do mais, as pesquisas demonstraram que a imagem não se formou sobre a celulose da fibra de linho por contato, ou seja, por qualquer reação química ou orgânica, muito menos como resultado de pintura. De acordo com os especialistas, a gravação da imagem foi realizada apenas por chamuscamento da cabeça das fibrilhas de linho, o que somente pode ter sido realizado por alguma forma de radiação térmica ou lumínica, a qual ocorreu na superfície do corpo, afetando apenas a superfície do lençol em contato.

Esta radiação ou energia foi uniforme e multidirecional, deixando todo o corpo em foco, sem perder o menor detalhe, parecendo produzir um efeito de xerox, onde o pano agiria como depositário da imagem. Por outro lado, a intensidade da energia responsável pela gravação foi por igual ao longo de todo o corpo, não chegando a varar o tecido nem afetá-lo em qualquer lugar. Isto significa que essa energia agiu sob controle,

atingindo apenas seu objetivo. Inclusive, não existem evidências de decomposição do corpo nem de que o mesmo tenha permanecido dentro do lençol durante sua putrefação. Aparentemente, o corpo foi retirado do interior do sudário sem afetar as manchas nem desfocar ou agredir a gravação, dando a impressão de ter-se desvanecido ou desintegrado.

O lençol também apresenta as marcas de duas linhas paralelas centrais que correm próximas das bordas, como resultado da dobra do tecido na forma em que era guardado, ostentando em meio delas os furos remendados provocados durante o incêndio ocorrido na noite de Santa Bárbara, no dia 4 de dezembro de 1532, que devastou a capela de Sainte Chapelle no castelo de Chambery, na França. Segundo a história, o lençol estava dobrado em 48 quadros ou oito dobras, e guardado no interior de uma caixa feita de prata no altar da Igreja do castelo de Chambery quando se iniciou um incêndio. A temperatura atingida foi tanta que uma das quinas da caixa começou a derreter, vindo a pingar gotas de prata incandescente sobre uma das pontas da dobra do sudário. Após controlar o incêndio e jogar água no interior da caixa derretida, o lençol foi salvo. Apenas entre 15 de abril e 2 de maio de 1534, esses cantos furados foram remendados pelas irmãs Clarissas de Chambery e, mais adiante, o lençol costurado sobre uma holanda branca, aplicada como suporte do sudário. Após ser entregue para a Itália e ser depositado na localidade de Turim em 1578, a princesa Clotilde de Sabóia costurou uma borda com raso vermelho por volta de 1868, com o objetivo de proteger o lençol ao retornar ao seu lugar de repouso.

Porém, existem também marcas de um incêndio anterior, provavelmente ocorrido entre 1192 e 1195, conforme o demonstra um velho manuscrito do período realizado em Pray de Budapeste, o que também sugere que possa ter ocorrido antes do século XII. Mas também existe uma lenda a esse respeito, a qual indica que, em 14 de abril de 1503, na cidade de

Bourg-en-Bresse, a duquesa Margarida de Áustria, esposa do duque Filiberto de Sabóia, e seu irmão, o arquiduque Filipe, o Formoso, submeteram o síndone a uma série de provas de autenticidade, em que o sudário teria sido fervido em azeite e jogado no fogo. Seja como for, para todos os especialistas e devotos, esta peça é comumente chamada de "SÍNDONE" (Sudário em latim), conforme narram os evangelhos, havendo sido exposta à visitação pública em várias oportunidades desde 1898, como em 1931, 1933 e 1978 quando permaneceu por mais de mil horas recluída num relicário de aço e vidro, sendo que a última exposição pública ocorreu no dia 18 de abril de 1998, permanecendo até o dia 14 de junho, e contando com a visita do Papa João Paulo II e de mais de três milhões de fiéis.

A história desta curiosa peça, que tem sido venerada por séculos e nunca reconhecida oficialmente pela Igreja romana, possui um passado não menos misterioso. Segundo se acredita, o sudário teria permanecido em mãos da esposa de Pilatos, passando depois para o apóstolo Lucas, discípulo de Paulo, que mais tarde o depositou em lugar desconhecido, sendo achado supostamente por Simão Pedro, que o conservou em Jerusalém até bem antes de sua partida e morte em Roma. Estas informações provêem da cristã Nina, uma santa que evangelizou a Geórgia por volta do ano 300, havendo obtido detalhes de seu mestre Niáforo, também Niáforis e de outros bispos cristãos de Jerusalém.

De qualquer forma, o lençol teria se mantido na cidade sagrada até a ida de Pedro a Roma, quando, durante a destruição pela invasão romana por volta dos anos 70 d.C, teria sido escondido de Jerusalém e protegida por mãos cristãs apenas como lembrança, já que os judeus não tinham por costume render culto a objetos ou peças sagradas, muito menos a objetos de mortos, razão pela qual não existem registros de quem provavelmente tenha sido seu custódio nesse período.

Porém, existe uma antiga tradição atribuída a São Epifânio de Salamina (315-403) que numa carta dirigida ao bispo João de Jerusalém comentava como um cristão de nome Bethel, em retorno de uma peregrinação pelas terras santas, encontrou exposto, bem na entrada de uma igreja cristã na cidade de Anablatha, próxima a Jerusalém, um lençol pendurado contendo gravada a imagem do corpo inteiro de um homem, a quem identificou como sendo do próprio Jesus. Possivelmente, o sudário teria sido retirado de Jerusalém durante a invasão romana, sendo levado em proteção para Anablatha e ali depositado para veneração pelos cristãos-judeus e não-judeus.

A partir daqui, parece que o sudário ficou em Jerusalém ou Anablatha até o ano 600 aproximadamente, como atestam algumas informações. Tal é o caso dos apócrifos o *Evangelho Segundo os Hebreus,* escrito em finais do século I, e o *Evangelho de Gamaliel,* escrito no século V, nos quais encontramos informações bem objetivas sobre os milagres realizados pelos lençóis funerários de Jesus. Inclusive, encontramos registros de que entre 535 e 540 o imperador Justiniano I mandou construir uma catedral chamada de HAGIA SOPHIA ou SANTA SOFIA (Santa Sabedoria) em Constantinopla, capital do império romano na Turquia, sendo uma réplica da catedral que fizera ainda como governador na cidade de Edessa dez anos antes. No desejo de decorar a catedral, Justiniano I pensou em obter a "MENSURA CHRISTI", isto é, a altura real de Jesus para construir, de acordo com ela, uma cruz em tamanho natural, a qual devia presidir o altar-mor da Basílica, e para tanto mandara um grupo de emissários a Jerusalém para obter do Síndone as medidas de Jesus, pois nesta peça era fácil, já que nela se encontrava gravado o corpo completo em tamanho natural.

Segundo um texto anônimo do século XI existe a descrição de como foi realizada a medição da altura de Jesus em Jerusalém, utilizando

logicamente o Síndone para tal fim. No texto, o tamanho obtido pela análise ou "Mensura Christi" foi de 1,83 metros, dado que coincide com a imagem de Turim, o que indica que o Síndone realmente se encontrava em Jerusalém.

Por volta do ano 614, o rei persa Cosroés II Abharvez, neto de Cosroés I Anocharvan, tomou e saqueou com as suas tropas a cidade de Jerusalém destruindo tudo a seu passo, apoderando-se de um fragmento da cruz em que Jesus teria sido pregado, chamado de "VERA CRUZ", que foi recuperado mais adiante por volta do ano 630 pelo general romano Heráclito.

Aparentemente, o Síndone foi retirado de Jerusalém em tempo, bem antes do ataque de Cosroés II Abharvez, evitando assim sua possível perda e destruição, sendo recuperado algum tempo depois e levado de imediato para Bizâncio, onde o imperador Justiniano II o acolheu tão feliz que fez moedas com a sua efígie para comemorar a sua chegada entre 685 e 695. Mas no ano 796, o Papa Leão III, o Isáurico, com sua mania iconoclasta, fez com que levassem o Síndone para Edessa, o qual permaneceu nessa cidade até o ano 944, em que o general J. Curcuas, enviado pelo imperador bizantino Romano I Lecapene, levaria para a cidade de Constantinopla novamente, após uma difícil e complicada negociação com os muçulmanos e cristãos da cidade. Esta tradição se conserva na liturgia bizantina, em que desde o dia 16 de agosto celebra o aniversário do translado da relíquia. Por outro lado, em 959, encontramos comentários do imperador Constantino VII Porfirogenito a respeito do sudário, considerando os aspectos que geraram a imagem, o que confirma a sua presença na cidade nesse período.

E seguindo a trilha do lençol, existem registros de que por volta do ano 1080 o rei Aleixo I Comneno, temendo a invasão dos muçulmanos, solicitou ajuda ao imperador Henrique IV e ao nobre Roberto de Flandes

para proteger as relíquias recolhidas em Constantinopla, especificamente os "panos encontrados no sepulcro de Jesus". Nesse sentido, também é possível encontrar registros de que em 1147 o rei da França, Luis VII, venerou o Síndone em sua visita oficial a Constantinopla, ou também Bizâncio (atual Istambul), a caminho da Terra Santa. Inclusive, em registros de 1171, encontramos que o rei Manuel I Comneno apresentou ao rei Amauri I de Jerusalém, em visita a Constantinopla, as relíquias da paixão de Jesus, assim como a sua mortalha.

Por meio de outras antigas crônicas, encontramos que, em 1201, Nicola Mesarites, custódio das relíquias preservadas na capela de Santa Maria do Faro, no palácio imperial, teve de defendê-las de uma tentativa de saque, conscientizando os ladrões de que as peças a serem roubadas estavam relacionadas com a vida e morte de Jesus. Segundo escreveu o próprio Mesarites a respeito dos lençóis sepulcrais, encontramos: "... *Todos eles ainda sabem do perfume e desafiam a corrupção porque envolveram o inefável defunto, nu e embalsamado depois da paixão...".*

Conforme alguns antigos registros, o lençol era posto a culto em Constantinopla todas as sextas-feiras na Igreja de Santa Maria de Blaquerna, segundo narra Roberto D'Clary, natural de Picardia e cronista da IV Cruzada, no manuscrito da biblioteca real de Copenhague, sob o título de "*Conquista de Constantinopla"*, capítulo 92, folha 50. E de acordo com outras crônicas, a fervorosa veneração do sudário na Igreja de Santa Maria de Blaquerna continuaria somente até o ano de 1204 quando, no dia 13 de abril, durante a IV Cruzada, ocorreria o terrível saque da cidade de Bizâncio (Constantinopla), onde o Síndone seria retirado do interior da Igreja e levado protegido pelo chefe da Cruzada, o nobre francês Otto De La Roche, trazendo-o definitivamente para o ocidente.

Por não ter sido levado pelos cruzados na oportunidade, duzentos anos depois os muçulmanos, sob comando de Mohamad II, teriam destruído o lençol no dia 20 de maio de 1453, após invadir a cidade, da mesma forma como destruíram todo traço de cristianismo que encontraram a seu passo.

Numa carta para Roma, escrita pelo príncipe Teodoro Angel Comneno, neto de Isaac II, imperador de Bizâncio durante o saque dos cruzados, datada de 1º de agosto de 1205 e dirigida ao Papa Inocêncio III, reponsável pela convocação da IV Cruzada, o mesmo lamenta a destruição da cidade ocorrida em abril do ano anterior pelos cruzados e solicita que sua eminência pontifícia intervenha para a devolução do Santo Sudário, referindo-se ao lençol que envolveu o cadáver de Cristo. Infelizmente para os bizantinos, o lençol jamais retornaria para o oriente.

Existe uma hipótese que considera a presença do sudário na ilha de Chipre em poder dos Templários, já que foi descoberto pólen de plantas típicas desta região no lençol, conforme apontou a pesquisa realizada pelo Dr. Max Frei, Diretor do Departamento Científico da polícia de Zurich, na Suíça. De acordo com o que se conhece, os Templários estiveram na ilha por volta do século XIII, sendo que os mesmos participaram ativamente das Cruzadas até o seu extermínio pelo Papa Clemente V em abril de 1312, sob influência do rei da França, Filipe IV, o Formoso, e de outros nobres europeus. Aparentemente, o nobre Otto De La Roche deveria ser membro desta ordem religiosa-militar fundada em 1118 por cavalheiros flamencos e franceses, cujo objetivo era proteger e guardar os santos lugares, os peregrinos e as relíquias consideradas sagradas.

Após a desaparição do lençol em Terra Santa, o Síndone reaparece somente em 1206 no castelo de Rigney, na localidade de Besançon, na França, em mãos de Pôncio De La Roche, pai de Otto De La Roche. Nesse castelo, existe uma inscrição em pedra na qual consta a chegada à

França do Santo Sudário em mãos de Otto. Inclusive, num manuscrito de número 826 registrado na Biblioteca da Catedral de Besançon, se encontra documentado como Pôncio De La Roche cedeu o sudário para Amadeu de Tramelay, arcebispo de Besançon. Em função disso, o lençol permanecerá na Catedral de Santo Estevão de Besançon por quase um século e meio. Atualmente, no Centro Internacional de Sindonologia de Turim, se encontram as cartas dos cardeais Binet e Mathieu, arcebispos de Besançon, as quais confirmam a presença do lençol na cidade, pelo menos até os primeiros dias do século XIII.

De acordo com outros registros, a Igreja de Besançon foi destruída durante um incêndio ocorrido durante a Revolução Francesa, constando que o lençol teria sido também destruído no sinistro. Porém, tudo indica tratar-se apenas de uma cópia deixada depois de perder a posse do original, pois o mesmo já se encontrava em Turim.

Entre os anos 1314 e 1357, o lençol voltará a aparecer, desta vez na localidade de Lirey, em mãos do nobre francês chamado de Geoffrey De Charny, senhor de Lirey, em cuja família se havia extinguido o sobrenome De La Roche. Isto, provavelmente pelos problemas e perseguições enfrentados por aqueles da família que participaram da Ordem do Templo (os Templários), durante a caçada perpetrada pelo rei Filipe, ocorrida entre 1307 e 1314, onde todos os nobres templários foram assassinados na fogueira sem qualquer piedade e sob consentimento do Papa. Porém, posteriormente à morte de Geoffrey De Charny na batalha de Poitiers, sua viúva, Joana de Vergy, passando por uma séria dificuldade econômica, colocou o lençol à visitação pública por volta de 1357 com o objetivo de arrecadar fundos para a manutenção de sua família, encontrando grande resistência por parte do bispo de Lirey, Henrique De Poitiers.

Nessa época, por volta de 1389, numa carta que se conserva do bispo de Troyes, monsenhor Pierre D'Arcis, sucessor do bispo Henrique De Poitiers, dirigida ao Papa de Avignon, Clemente VII (anti-Papa de 1378 a 1394), o mesmo solicitava a proibição da exposição pública do sudário para veneração, por julgá-lo uma pintura e, conseqüentemente, falso. Porém, a famosa carta resultava na verdade numa desfeita, pois Joana de Vergy e seu filho Geoffrey ou Godofredo II De Charny haviam conseguido a aprovação direta do Papa, expondo o lençol sem autorização e consentimento do bispo local, vindo arrecadar donativos e obter um grande fluxo de fiéis. Nesse sentido, o Papa Clemente VII retornou a carta de D'Arcis admoestando-o por tal atitude, ordenando-lhe guardar silêncio sob pena de excomunhão.

Em Lirey, o lençol permanecerá por 50 anos até 1418, conforme registro no memorial da Igreja Colegiata de Lirey, o qual se conserva na Coleção de Camp, no interior da Biblioteca Nacional de Paris, na França.

Mais tarde, após a morte de Geoffrey II De Charny em 1398, o sudário teria passado para sua herdeira e filha única Margarida De Charny, condessa De La Roche, viúva de Humberto De La Roche, neto de Otto De La Roche, que morreu sem filhos. A condessa Margarida, última proprietária da relíquia da família De Charny e sem herdeiros para legar o sudário, o deu de presente no dia 22 de março de 1453 à piedosa duquesa Ana de Lusignano, esposa do duque Ludovico I de Sabóia, que a conservaria em melhores condições, já que, nessa época, a condessa Margarida, já idosa, passava por sérios problemas econômicos, não tendo condições sequer de manter a capela onde se encontrava o lençol.

O presente foi recebido com enorme devoção por parte do ilustre casal. Tanto que os duques de Sabóia encomendaram uma urna de prata para conservá-lo dentro de uma capela construída especialmente para sua

preservação e adoração, chamada de Sainte Chapelle, dentro do castelo de Chambery, na capital de Sabóia.

Por volta do ano 1464 e sob patrocínio da família de Sabóia, o Papa Sixto IV permitiu que fosse conhecida e divulgada a sua opinião a respeito do sudário, a qual o considerava como uma autêntica relíquia.

Algum tempo depois, já por volta de 1506, o Papa Júlio II (1503- 1513), famoso patrono das obras de Miguel Angel Bonarotti, emitiria uma Bula Papal na qual aprovaria o ofício canônico do sudário, ao instituir a denominada "MISSA DO SANTO SÍNDONE", estabelecendo ao mesmo tempo uma festa litúrgica do mesmo nome e fixando sua celebração no dia 4 de maio. E isto não é de surpreender, pois muitos Papas venerariam e respeitariam o sudário ao longo do tempo. Prova disso, é como o Papa Pio XI (1922-1939) definia o sudário como: *"certamente resultado de uma obra não humana*". Algo muito curioso para o representante de uma entidade que não reconhecia oficialmente o sudário como verdadeiro.

Finalmente, depositado no castelo da família de Sabóia, ocorre na noite de 4 de dezembro de 1532 um incêndio na sacristia da capela de Chambery, marcando o lençol para sempre, quando gotículas de prata incandescente, vertidas pelo derretimento do relicário de prata que o guardava, macularam uma das pontas da peça que estava dobrada em seu interior. Salvo quase que miraculosamente pela rápida intervenção de dois conselheiros do duque e dois padres franciscanos, o Síndone seria levado de Chambery, na França, para a Italia, por volta de 1578 sob instrução de Manuel Filiberto de Sabóia, vindo a descansar finalmente na cidade de Turim, naquele momento, a nova capital de Sabóia. Na oportunidade, o famoso santo São Carlos Borromeu, cardeal de Milão, cultuará a relíquia em Turim, vindo a ser registrado o evento em suas memórias.

Somente será em 1694 que o lençol se intalará definitivamente na capela construída por Guarini sob encomenda do duque de Sabóia, Carlos Manoel III, enrolado num cilindro e colocado no interior de um cofre de prata, cujas dimensões serão de 150 x 38 x 38 centímetros. Nesse local, permanecerá intocado até o início da Segunda Guerra Mundial, quando será escondido numa pequena abadia entre as montanhas ao sul da Itália por seis longos anos, para logo retornar onde hoje se encontra definitivamente, vindo mais adiante a oferecer incríveis surpresas para o mundo, as mesmas que até hoje resultam difíceis de serem compreendidas.

Assim, em 28 de maio de 1898, ao contrair casamento o futuro rei da Itália Dom Vitor Manuel III com a princesa Helena, o Síndone é exibido publicamente em comemoração das festividades. Na ocasião, um fotógrafo amador, o advogado piamontês Secondo Pia, tem pela primeira vez na história a oportunidade de fotografar o sudário, vindo a impressionar duas placas em preto e branco com uma velha e pesada máquina dotada de uma lente Voitglander. Ao revelar o negativo, descobre, para sua surpresa, que o lençol é na verdade um negativo fotográfico, pois as placas mostram o positivo do corpo gravado no sudário. Embora o material fotográfico não seja de boa qualidade, já que a fotografia havia sido inventada em 1840, pela primeira vez, após séculos de existência, o rosto e o corpo da imagem do sudário surgem para ser apreciados com detalhes e claramente pelo ser humano, numa visão incrível e ao mesmo tempo dramática. Um homem perfeitamente identificável mostra as marcas do seu sofrimento a um público estarrecido, deixando seu secular anonimato e partilhando sua dor com o surpreso mundo moderno.

Os anos que se seguiram ao evento foram de incrível euforia em relação à grande descoberta, razão pela qual inúmeros investigadores se reuniram

em torno do sudário. Assim, em 1900, o francês Paul Vignon, artista e biólogo, se debruçou sobre o lençol tentando descobrir como se formara a extraordinária imagem.

Logo depois, a pedido de um outro visitante, o rei Humberto I (1844-1900), solicita ao professor Cussetti, conhecido pintor impressionista, realizar uma cópia em pintura, sendo que esta seria, em verdade, a cópia de número 52. Outras cópias pintadas já haviam sido feitas ao longo de séculos. Algumas santas e miraculosas obtidas supostamente por "contato" (Aqueropita) como a de Don Fadrique Alvarez de Toledo, IV duque de Alba em 1567, conhecido pelo nome de "Sudário de Laura", que se encontra no convento de Nossa Senhora de Laura, fundado por Maria Teresa de Toledo e Colonna. E outras, atribuídas ao pintor Durero em Lieje, na Bélgica, a de Giovanni Battista Fantino em Varese, na Itália, além de outras existentes em Portugal, Malta, Argentina, Canadá, Espanha e Estados Unidos.

É o bastante referir que o lençol foi motivo de inúmeras especulações ao longo de toda a história, principalmente depois de sua revelação pelo processo fotográfico. Foi tanto o alvoroço geral, que incontáveis cientistas e homens notáveis discursaram sobre sua possível autenticidade. Tal foi o caso em 1900 do biólogo e artista francês já mencionado, Paul Vignon, que estabeleceu, após uma demorada pesquisa, uma interessante teoria sobre a formação da imagem, descartando a possibilidade de se tratar de uma pintura. Segundo ele, o sudário deveria ter recebido uma pequena mistura de mirra e aloes, diluídos numa solução de óleo de oliva. Em função dos vapores alcalinos exalados, produto do alto teor de uréia contido no suor durante a agonia, transformados mais adiante em carbonato de amônia ao fermentar-se, os mesmos haveriam manchado o lençol ao combinar-se com a solução, tornando-o amarronzado nas partes em contato. Esta tese foi defendida

durante o início do século, embora sem nunca ter sido reproduzida, resultando na época numa explicação bastante convincente para os conhecimentos científicos existentes no período, sendo anos depois abandonada pelas novas descobertas que se seguiram. E, em 1902, temos o caso do professor de anatomia comparada na Universidade de Sorbonne, Yves Delage, o qual pronunciou uma conferência sobre a autenticidade do sudário na Academia Francesa, a qual levantou ainda mais a curiosidade popular a respeito da relíquia.

Dentro de um clima de grandes especulações, a experiência de Secondo Pia é realizada mais uma vez, especificamente em 1931, durante as bodas do príncipe de Piamonte, herdeiro da coroa da Itália, Humberto II de Sabóia com a princesa Maria José de Brabante da Bélgica. Aqui, o lençol volta a ser fotografado no mês de maio, desta vez pelo italiano Giuseppe Enrie, fotógrafo profissional e diretor da revista *Vita Photográphica Italiana,* que as publica mais tarde, afirmando que o sudário é realmente um negativo fotográfico. E, novamente em 1933, o sudário será mostrado a público por ocasião do Ano Santo do XIX centenário da morte de Cristo.

O interesse por descobrir a autenticidade do sudário, se inicia praticamente em 1955 através de alguns cientistas sob comando do norte-americano Willard F. Libby, os quais se ofereceram a realizar a sua datação usando o recentemente descoberto processo de Carbono 14, conforme aponta o sindonólogo italiano Luigi Fossati. Porém, desde 1931 o Papa Pio XI havia negado qualquer intervenção de caráter investigativo sobre o sudário, mantendo-se ainda vigente essa postura por parte da Igreja. Atitude acertada, porque nessa época teria sido necessário retirar pelo menos 870 centímetros quadrados do tecido para poder ter algum resultado.

Alguns anos passados, e ainda dentro do espírito de desvendar o grande enigma, o sudário passou a ser investigado por alguns interessados, sob autorização restrita da Igreja. Desta forma, em 1969 o fotógrafo Dr. Giovanni Battista Judica-Cordiglia obtém chapas em preto e branco, a cores e em luz de Wood do lençol, assim como sob efeito de raios ultravioleta e infravermelhos. Todo este trabalho agita a imprensa e a opinião pública de forma estrondosa, situação que permite a apresentação do Síndone pela primeira vez na televisão em 4 de outubro de 1973, com aprovação do Papa Paulo VI, contando com três peritos para autenticar o processo. Na oportunidade, o criminologista suíço, Dr. Max Frei, Diretor do Departamento Científico da polícia de Zurich, máxima autoridade em Palinologia e que adquiriu fama internacional na investigação da morte do Secretário Geral das Nações Unidas, Sr. Dag Hammarskjõld, em 1961, retira, para análise, materiais existentes na superfície do sudário (pólens especificamente), com o objetivo de identificar as espécies de plantas das regiões pelas quais o sudário teria passado, assim como sua possível antigüidade.

No decorrer da pesquisa, o Dr. Frei detectou a presença de 48 variedades de pólen no tecido, concluindo que se tratava de espécies procedentes de plantas típicas da Palestina, Síria, Constantinopla, na Turquia, e Chipre, havendo também espécies da França e Itália. Como resultado final do seu trabalho, o Dr. Frei datou o lençol como tendo uma antigüidade próxima de 2.000 anos.

No mesmo período de 1973, o cardeal Pellegrino e o rei Humberto II de Sabóia aprovaram a proposta de um grupo de cientistas italianos para pesquisar o lençol, retirando alguns fios para análise. Embora o trabalho realizado não tivesse sido bem-estruturado, apresentou algumas descobertas interessantes.

Segundo o professor Georgio Frache e sua equipe, as pesquisas apontaram que: o tecido é muito antigo, possivelmente beirando os 2.000 anos; que em sua superfície não existem corantes ou qualquer tipo de pintura na área da imagem; que a gravação é superficial e ocorreu apenas nas pontas das fibrilhas de linho. Embora parcial, a pesquisa serviu de base para fundamentar outras mais profundas e determinantes, como o trabalho desenvolvido pelo professor Gilbert Raes da Universidade de Ghent, já mencionado no início deste capítulo.

Na seqüência do interesse por desvendar os mistérios do lençol, o laboratório especializado em datações por carbono da Universidade de Roma é consultado por volta de 1975, sendo que ainda o tamanho da amostra a ser retirada é grande demais. O que faz abandonar qualquer tentativa de datação. Porém, com o tempo e o avanço da tecnologia, o tamanho a ser requerido para análise será cada vez menor, vindo a interessar alguns institutos e entidades no objetivo de datar o lençol. Assim, em fins de 1976, as dimensões de uma amostra necessária para obter uma boa identificação não ultrapassaria os 10 centímetros.

Desta forma, David H. Sox, secretário da British Society for the Turin Shroud, contata o Dr. Gilbert Raes da Universidade de Ghent, pois o mesmo possuía uma pequena amostra do sudário colhida alguns anos antes, oferecendo-lhe realizar um processo de datação das amostras. Na tentativa, o Dr. Raes solicita o auxílio do Dr. Daniel Apers, diretor do Laboratório de Louvaine-la-Neuve, perito em datação com radiocarbono, que os demove definitivamente da idéia de realizar a experiência por falta de recursos em relação ao tamanho da amostra e pela possibilidade de uma enorme margem de erro.

Mais tarde, em junho de 1977, os laboratórios das universidades de Rochester, nos Estados Unidos, e de Toronto, no Canadá, informam estar capacitadas para datar amostras de poucas miligramas, já que dispõem de

um novo método baseado na separação isotópica obtida mediante os aceleradores com espectrometria de massa do tipo Tandem, a qual permite ampliar o método clássico de contagem por radiação. Com esse novo sistema, seria possível contar todo o Carbono 14 presente em uma amostra de pequenas dimensões. A seguir, a Universidade de Oxford solicita participar também da experiência, sendo logo aceitas a inclusão das universidades de Zurich, de Tucson, nos Estados Unidos, e de Gif-sur-Yvette, na França, utilizando o mesmo método. Porém, as universidades de Brookhaven, nos Estados Unidos, e de Harwell, na Inglaterra, solicitam participar empregando o método da contagem por radiação, empregando pequenos contadores de gás de reduzidas dimensões, que operam em amostras transformadas em anidrido carbônico. Sendo que, com esse procedimento, é possível datar até um fio de 20 centímetros de comprimento. Mas, a oficialização deste projeto não ocorrerá, vindo a estruturar-se uma proposta informal somente em 1979, envolvendo o Sr. David H. Sox e os Drs. Ray N. Rogers e Robert H. Dinegar, ambos químicos do futuro projeto STURP (Shroud of Turin Research Project).

Simultaneamente a toda esta agitação dentro do mundo científico da época, celebra-se em setembro de 1977, em Londres, um importante congresso que reúne mais de duzentos cientistas e teólogos de todo o mundo, para apresentar as surpreendentes conclusões resultadas das análises realizadas por uma equipe da NASA. Em 1976, os oficiais e físicos americanos John Jackson e Eric Jumper da USAF (United States Air Force) realizaram pesquisas nas fotografias obtidas em 1931 do sudário em suas horas de folga, no Laboratório de Armas da Força Aérea em Albuquerque, Novo México. Trabalhando com o colega de laboratório Bill Mottern, Jackson e Jumper descobriram que a claridade da figura está matematicamente relacionada com a distância entre o corpo

e o tecido. Isto é, a figura é mais nítida em áreas em que o corpo tocou o pano, sendo que a imagem é menos clara em áreas em que o corpo não tocou o tecido. A descoberta demonstrou que a figura foi formada por um objeto tridimensional e que seu registro não ocorreu por contato direto. Por outro lado, foi percebido que a claridade das áreas do corpo que não tiveram contato direto com o tecido variava em intensidade com relação a distância entre elas e o pano. E, baseados nesta lógica, os cientistas reproduziram uma réplica tridimensional da imagem do sudário, utilizando um aparelho de análise de imagens do tipo VP-8, um instrumento científico inventado e utilizado para fotografar estrelas e planetas. O mais surpreendente de tudo, foi conseguir reproduzir uma imagem tridimensional a partir de um registro bidimensional, constituindo um verdadeiro achado científico, único no mundo.

Um outro aspecto interessante e profundamente importante para a datação do lençol foi a identificação pelos cientistas, após uma detalhada análise, da presença de duas moedas cobrindo os olhos. Junto com o Dr. Francis L. Filas, professor da Universidade Loyola de Chicago, foi possível reconhecer as moedas como Leptons, isto é, um tipo de moeda cunhada na Palestina por Pôncio Pilatos apenas durante a sua gestão, entre os anos 26 a 36 d.C., já que o seu sucessor cunhou outras moedas completamente diferentes, assim como seu antecessor o havia feito. O interessante é que os Leptons não levavam o rosto em relevo do imperador romano pois isto ofendia os judeus, constando apenas o relevo de um bastão de mando curvo e as letras "TIBERIOU CAISAROS", isto é, o nome do imperador da época, Tibério César. As marcas encontradas pela ampliação computadorizada do lençol apresentaram as letras do meio "U CAI" bastante visíveis, assim como o perfeito desenho do bastão. Vale destacar que a moeda era feita de cobre, um metal muito brando e que sofria muito com a erosão e o desgaste provocado pelo uso,

razão pela qual apenas as letras centrais do nome do imperador e o relevo do bastão estão perfeitamente visíveis.

Paralelamente ao trabalho desenvolvido por Jackson e Jumper, outros pesquisadores da Academia Aeronáutica da USAF de Denver, Colorado, e alguns cientistas do Jet Propulsion Laboratory de Pasadena na Califórnia, nos Estados Unidos, demonstraram e confirmaram que a figura contida no lençol é estereoscópica e tridimensional. Inclusive, que não se trata de uma pintura pois não existe direcionalidade para a composição da figura, já que numa pintura é possível perceber a direção das pinceladas. Por outro lado, o cientista Dr. Ray Rogers, perito em efeitos térmicos, apontou que o fenômeno responsável pela gravação da imagem, isto é, pelo chamuscamento de três milésimos de milímetro das fibrilhas, foi provocado por algum tipo de radiação instantânea de energia de natureza lumínica, que deve ter durado apenas dois milésimos de segundo. De igual forma, o Dr. Libby, Prêmio Nobel de Química, reforçou a colocação de Rogers afirmando tratar-se de alguma espécie de calor extranatural.

Por ocasião do IV Centenário da chegada do Santo Sudário a Turim, e como resultado de toda uma ansiedade popular em torno do lençol, é aprovada em 1978 sua exposição pública, sendo visitada por mais de três milhões de peregrinos em apenas seis semanas. A visitação ocorre entre os dias 27 de agosto e 8 de outubro em Turim. Paralelamente, celebra-se também no mesmo local o II Congresso Científico Internacional de Sindonologia, contando com a presença de 44 investigadores e mais de 350 congressistas chegados de todo o mundo. Nesse congresso, o historiador bizantino Georges Gharib e o catedrático de história e reitor da Universidade de Oxford, Ian Wilson, afirmam que, segundo as suas pesquisas, a relíquia chamada historicamente de "Mandylión de Edessa" e o "Sudário de Turim" são a mesma peça. Pois, existem dados históricos

que distinguem ambas as peças. Vale aqui mencionar que, somente viria a entender melhor isto mais adiante, quando descobri novas informações sobre o percurso do lençol.

Acabada a exposição que agitou o mundo na época, forma-se o Projeto de Pesquisa do Sudário de Turim ou STURP (Shroud of Turin Research Project), onde o sudário é exposto a 120 horas consecutivas de exames por mais de 50 cientistas, entre os dias 8 e 13 de outubro. Embora não se tenha objetivado a datação da relíquia, o conjunto de dados levantados é analisado durante 150.000 horas de profundo estudo, sendo objeto de mais de 50 artigos científicos publicados em prestigiosas revistas do segmento.

Nesse clima de grandes investigações e descobertas, no dia 11 de setembro de 1980, Walter McCrone, um microquímico de Chicago, afirma numa palestra realizada na British Society for the Turin Shroud, que possui provas de que o Síndone é apenas uma pintura, pois havia achado na amostra pesquisada com David H. Sox a presença de óxido de ferro, similar ao pigmento chamado de "Vermelho Veneziano", quando de sua investigação entre 1976 e 1978. Este cientista obterá fama no meio científico na época ao provar que o famoso "Mapa de Vinland", ura mapa medieval escrito em latim que mostra a Groenlândia e parte da América do Norte, supostamente feito por volta do século XIV ou XV de acordo com a descrição da viagem dos *vikings* a essa região, obtido em 1958 pela Universidade de Yale, era falso, pois segundo sua análise havia achado titânio branco na composição da tinta, substância conhecida somente a partir de 1920. Infelizmente para o Dr. Walter McCrone, sua categórica afirmação sobre o mapa *viking* seria posteriormente desmentida em 1986, quando da utilização de meios mais modernos de análise como o ciclotrônio, realizado por uma equipe da Universidade da Califórnia, em Davis. De igual forma, suas afirmações a respeito do sudário também

seriam desmentidas logo de imediato, após estudos realizados pela equipe do STURP e pelo Dr. Thomas A. Cahill da Universidade da Califórnia, sendo dados a conhecer em 1981 e 1987, respectivamente.

Assim, durante o outono de 1981, já no terceiro ano das pesquisas do STURP, as análises sorológicas e hematológicas realizadas pelo Dr. John H. Heller e pelo Prof. Alan Adler do Eastern Connecticut State College demonstram que as manchas avermelhadas do Síndone não eram tinta mas sangue humano do tipo AB+ em suas duas formas, venosa e arterial. Finalmente, o laudo recolhido pelos investigadores americanos, segundo comenta o Dr. John H. Heller, professor de Medicina e Física Médica da Universidade de Yale que participou do STURP, aponta que: as marcas do sudário são um duplo negativo fotográfico de corpo inteiro, sendo apenas o sangue a imagem positiva; a figura, ao contrário das figuras bidimensionais, contém dados tridimensionais; o material vermelho contido no lençol positivamente é sangue humano; não existe nenhuma impossibilidade à autenticidade do sudário; não existe definitivamente qualquer explicação final de como se formou a imagem; a imagem é anatomicamente exata conforme os evangelhos descrevem a paixão de Jesus, sendo única em relação a toda a história romana de crucificações do primeiro século.

Cabe mencionar que em abril de 1979, após constituir-se o comitê informal de datação, continuaram as averiguações sobre o potencial das universidades para realizar o trabalho. Somente no dia 15 de julho, Garman Harbottle, da Universidade de Brookhaven, que desenvolveu o método de contagem proporcional, envia, junto com o Dr. Harry E. Gove, uma proposta ao arcebispo de Turim para realizar o trabalho de datação do sudário empregando dois métodos. Apenas em 1981, o Centro Internacional de Sindonologia envia aos cientistas as faixas de uma múmia para realizar alguns testes, a qual será analisada pelo Dr. Willy

Wölfli do Laboratório Politécnico da Universidade de Zurich. Porém, os exames realizados nos tecidos egípcios apresentam erros de 400 anos na datação, surpreendendo os cientistas e demonstrando que o material a ser analisado deveria ser maior que o imaginado e o método revisto cuidadosamente.

No dia 18 de março de 1983, morre em Genebra o desterrado rei da Itália, Humberto II de Sabóia, deixando em seu testamento a entrega do sudário para o Vaticano, sendo o Papa João Paulo II que o receberá como custódio. A relíquia pertencia à Casa de Sabóia desde 1453, isto é, havia permanecido numa família católica por mais de 500 anos e pela primeira vez na história passava para as mãos da Igreja.

Em 1984, após a petição dos Drs. Gove e Harbottle para realizar a datação do sudário, a qual será totalmente apoiada pela equipe do STURP, o Papa João Paulo II autoriza a possibilidade de realizar o trabalho com o Carbono 14 para autenticar a antigüidade do sudário por orientação da Academia Pontifícia de Ciências, surpreendendo o mundo. Para verificar esta possibilidade, o Museu Britânico coordena uma confrontação com seis laboratórios interessados na datação, buscando empregar diversos métodos. Em maio, os seis laboratórios recebem duas amostras para realizar a datação, ambas com um peso médio de 100 miligramas cada. A informação oferecida das amostras é apenas sobre sua procedência mas não a idade. Uma das amostras é egípcia, composta de linho do ano 3000 a.C. e a outra, peruana, do ano 1200 d.C. Definitivamente, escolhe-se como supervisor do trabalho o Museu Britânico por sua imparcialidade e pela sua experiência em datações com Cl4.

No decorrer da pesquisa o laboratório de Zurich apresenta um erro de 1.000 anos no primeiro resultado, por contaminação da amostra. Esta experiência resulta numa clara prova de quanto pode influenciar a

contaminação dos objetos de teste. De igual forma, o tecido peruano apresenta, no resultado da datação, ser muito mais recente do que na realidade é, vindo a ser substituído sem maiores explicações. Em seu lugar, data-se outro tecido peruano de 1000 a 1400 d.C., sendo que esta primeira fase de testes não se mostra nada animadora.

Em finais de 1984, como complemento ao programa realizado pelo STURP, os cientistas decidem dar continuidade ao trabalho de datação. O conceito do projeto se articula em 26 propostas de investigação para responder 85 perguntas. Sendo as principais: formação da imagem; conservação do tecido; e autenticidade da peça. O programa, denominado de "Phase II", preenche um volume de 177 páginas em função das análises anteriores e das presentes. O grupo sugere a tomada de seis amostras do sudário, cortadas em lugares diferentes, seguindo os critérios do Museu Britânico. Para aprofundar o conhecimento do tecido, são efetuadas delicadas medições físico-químicas não-destrutivas. Após realizar a coleta, o STURP distribuirá as seis amostras aos seis laboratórios que se ofereceram inicialmente para participar da experiência e que realizaram a prévia com os tecidos egípcios e peruanos, empregando dois métodos de datação.

Porém, surgem enormes controvérsias em relação ao processo de datação, pois se identifica a presença de 20% de material biológico estranho no sudário nas análises prévias à coleta. Segundo se percebe, o tecido não foi mantido num ambiente fechado, mas em constante contato com várias substâncias que atacaram sua superfície e alteraram sua composição (água, calor, fumaça do fogo e das velas, ar, gás carbônico e o contato manual).

No decorrer, os laboratórios e cientistas envolvidos procuram afastar a equipe do STURP para negociar suas propostas de datação independentemente, gerando uma série de problemas.

Entre 19 de setembro e 1º de outubro de 1986, celebra-se o Protocolo de Turim, pelo qual se procura chegar a um acordo para a datação do lençol pelo C14. Apresentam-se sete laboratórios, três instituições certificantes e dois métodos de análise, sendo que cinco laboratórios empregarão o acelerador com espectrômetro de massa e os outros com os contadores de radiação.

Na primavera de 1987, o STURP propõe uma tomada de datação definitiva, exigindo a possibilidade da realização aos laboratórios solicitantes. Porém, no dia 27 de abril, Luiggi Gonella, assessor científico do arcebispo de Turim, anuncia no jornal *La Stampa* que a datação somente será confiada a dois ou três laboratórios. O astrofísico do Institute for Space Studies da NASA de Nova Iorque, Vittório Canuto, secretário e conselheiro do professor Carlos Chagas, presidente da Pontifícia Academia de Ciências, confirma ao Dr. Harry Gove da Universidade de Rochester que, no Vaticano, a orientação prioritária é a de autorizar apenas três laboratórios. Nessa atitude, o secretário e confidente de Chagas viola as regras mais elementares da reserva. E vários dos principais laboratórios do mundo protestam.

Em setembro, a situação continua indefinida. O Dr. Ian Wilson, reitor da Universidade de Oxford e presidente da British Society for the Turin Shroud, insiste em que a datação seja feita dentro das propostas do STURP e das outras organizações. No dia 10 de outubro, o cardeal Anastásio Ballestrero, arcebispo de Turim e guardião do Síndone, escreve a todos os laboratórios e aos participantes declarando haver recebido instruções do Sante Sede sobre como proceder com a datação. Segundo esta orientação, são apenas três laboratórios (Zurich, Oxford e Tucson) os indicados para analisar três amostras: uma verdadeira e duas retiradas de outros tecidos antigos conhecidos. A *expert* em tecidos, Mechtilde Flury-Lemberg de Berna, que durante os trabalhos anteriores realizou as

tomadas de amostras, é retirada e substituída por uma outra equipe sem o mesmo gabarito, e o Dr. Michael Tite, do Museu Britânico, transforma-se no coordenador do projeto, vindo a balançar em vários momentos sobre a sua continuidade ou não no cargo e como entidade certificante, dados os critérios empregados e impostos pelos religiosos.

Aparentemente, os problemas e conflitos de Gonella com o Dr. Gove do laboratório de Rochester, assim como os atritos de Harbottle do laboratório Brookhaven com Ballestrero, e outros tantos disgostos entre alguns cientistas e o clero, resultariam aparentemente nos fatores responsáveis pelo corte, sugerindo também algum conflito de interesses.

Num clima de insatisfação e inconformismo, alguns cientistas como Gove e Harbottle escrevem indignados artigos questionando a atitude, considerando- a totalmente anti-científica. Outros como os Drs. Sox e Dutton enviam à revista *Nature* cartas nas quais expressam algumas das suas suspeitas em relação aos critérios empregados pela Igreja para o corte das instituições, considerando, inclusive, que possam ser enviadas amostras falsas para análise. Os cientistas questionam nos documentos o fato de que, se o objetivo é ter uma datação correta dentro do melhor processo científico existente, qual é a razão de reduzir a probabilidade do acerto?

As análises serão realizadas apenas utilizando o acelerador de partículas com o espectrômetro de massa. Portanto, o método clássico de conta radiativa fica excluído. Os adeptos do método clássico protestam, afirmando que o teste a ser aplicado é experimental e falível, pois raramente foi empregado para datar tecido. Principalmente, se os testes são realizados com amostras de tamanho reduzido e onde exista a possibilidade de contaminação. As amostras serão retiradas das bordas das dobras internas, próximas de algumas áreas queimadas durante o incêndio.

Fica claro que, no que deviam ser sete laboratórios, apenas três realizaram o teste; no que deviam ser dois os métodos de análises, apenas foi um; de três instituições que validassem o trabalho, foram apenas duas; e de análises ulteriores a verificar, não houve nenhuma.

Por outro lado, o Dr. William Meacham, um arqueólogo da Universidade de Hong Kong, alerta que, mesmo que o processo único de datação escolhido fosse por C14, o mesmo não deveria jamais ser considerado definitivo, dado o histórico da relíquia. Colocação que será reforçada pelo Dr. Paul Maloney. Os cientistas consideram que muitos fatores poderiam em qualquer condição de análise propiciar distorções de resultado.

E para complicar ainda mais o quadro, temos que, embora os laboratórios autorizados fossem competentes, não estavam familiarizados com o processo de datação por acelerador, já que justamente os cientistas das universidades de Harwell e Brookhaven, que foram retirados, eram os melhores especialistas do mundo neste tipo de trabalho.

Finalmente, até a Pontifícia Academia de Ciências resulta inexplicavelmente excluída de participar oficialmente em todos os aspectos da medição e datação, permanecendo apenas o Museu Britânico como entidade certificante. Situação estranha, pois a Pontifícia Academia de Ciências resulta no único organismo científico conectado com a Igreja e que goza de alta reputação mundial. O próprio cardeal Ballestrero, em carta de 1987, informa que não considera necessária a presença em Turim dos representantes dos laboratórios autorizados no momento da tomada das amostras do tecido do sudário, gerando grande desconforto e comentários do Dr. Tite do Museu Britânico.

Definitivamente, em 15 de abril de 1988 se dá início oficialmente ao trabalho. Assim, no dia 21 de abril, o Papa João Pauio II entrega o lençol de Turim para a tomada das amostras, as quais seriam analizadas por umas trinta pessoas. Mesmo depois de todos os anos de preparação e

debates, os protocolos que se seguem enfrentam absurdas improvisações, as quais ferem todo e qualquer respeito pelo método científico.

A tomada das amostras ocorre apenas na presença de um pequeno grupo de clérigos sob comando do monsenhor Pietro Caramello por volta das 4:30 horas da madrugada. Somente às 6:00 horas é que chegam Ballestrero, Tite, Hall, Hedges, Wölfli, Damon e Donahue, os quais enfrentam um altercado por problemas de cunho político. As amostras são tomadas sem qualquer trabalho preventivo nem obedecendo a qualquer exigência acéptica. Levadas e distribuídas para os respectivos laboratórios, os resultados somente viriam à tona em agosto desse mesmo ano.

Segundo alguns comentários, um fragmento de 7 centímetros por 1 centímetro, teria sido retirado da ponta superior do sudário com as próprias mãos, sem luvas, pelo professor Giovani Riggi, vice-presidente do Projeto de Pesquisa sobre o Sudário de Turim, que afirmou que a tomada das amostras foi realizada após ampla consulta entre os peritos têxteis. Porém, as amostras deveriam ter sido de uma área denominada de "ângulo de Raes", isto é, da parte inferior direita da imagem frontal, junto ao ponto de onde foram retiradas as amostras em 1973. Mas, infelizmente, o local escolhido resultou bem mais ao lado do ponto inicialmente escolhido que, segundo os especialistas, é o pior, já que foi um dos pontos que tem permanecido mais exposto à contaminação. Precisamente, o local se encontra num dos ângulos próximo dos pontos queimados pelas gotículas de prata do incêndio de 1532, que recebeu toda a água empregada para apagar o fogo. Sendo que, sobre esse local, havia pois se acumulado um grande volume de material carregado pela pirólise, isto é, pela decomposição química obtida pelo aquecimento do lençol, encontrando-se nessa área uma concentração de pó, sangue e outras substâncias. Além do mais, o local em questão fazia parte do ângulo

sempre exposto ao ambiente durante as exposições. A recomendação original previa que a tomada das amostras ocorresse em três pontos diferentes, o que infelizmente não ocorreu. Além do mais, a retirada de todas as amostras de um único lugar não resulta representativo neste tipo de experiência.

Desta fonna e sob um procedimento altamente questionável, no dia 14 de outubro de 1988, o cardeal Anastásio Ballestrero, arcebispo de Turim, responsável pelo Síndone em nome da Santa Sé, comunicou oficialmente à imprensa que o resultado da análise da datação apresentou que o sudário é na verdade de origem recente, havendo sido confeccionado entre os anos 1260 e 1390.

A comunicação provoca um impacto geral. Todos os cientistas envolvidos nos trabalhos de anos de investigação sentiram-se frustrados frente a tal afirmação, sendo que a Igreja reage de forma extremamente calma e sem qualquer alarde. As descobertas sobre o sudário colhidas ao longo de décadas de pesquisa, as datações de Max Frei, as moedas, os mistérios sobre a formação da imagem, tudo o reunido por brilhantes e renomados cientistas parece ruir em segundos. O mundo apenas ouve o pronunciamento oficial da Igreja, acatando de imediato aquilo como uma verdade irrevogável e incontestável. Repentinamente, o Sudário de Turim deixa de lado seu mistério para se tornar apenas uma curiosa peça têxtil medieval, sem maiores questionamentos.

Logo depois, numa outra entrevista, o assessor científico do arcebispo de Turim, o físico Dr. Luigi Gonella, confirma que as pesquisas realizadas com o sistema de datação por acelerador revelaram que o lençol fora manufacturado na Idade Média, entre os anos 1260 e 1390 (séculos XIII e XIV), resultando pois num trabalho medieval. E entre diversos comentários, surge a hipótese de que a figura em questão poderia ter sido

resultado de algum nobre cruzado torturado nos moldes de Jesus durante as incursões na Terra Santa.

Tudo resolvido e tudo explicado. Em apenas poucos minutos o mistério de centenas de anos acaba solucionado como que por mágica. Ninguém pergunta a respeito do processo de gravação, das moedas de Pilatos, dos exagerados detalhes da tortura apenas idênticos aos relatos do *Novo Testamento,* do tipo de tecido empregado somente utilizado no período de Jesus, dos escritos antigos sobre a existência do sudário ou das pinturas anteriores ao século XIII, isto é, desde o século V, que retratam perfeitamente o rosto do lençol. Parece até que o simples pronunciamento acabou com a curiosidade do mundo. Uma única menção deixou para trás incontáveis argumentos e evidências, valendo apenas a que serve a diversos e pesados interesses.

Mas nem todos permanecem calados. Segundo o Secretário do Centro Internacional de Sindonologia, Gino Moretto, entrevistado por um grupo de jornalistas na Via São Domênico, afirmava, frustrado e inconformado pelo pronunciamento, que as amostras que foram utilizadas para realizar a datação pertenciam a esquinas do lençol. Local que habitualmente havia sido manipulado pelos padres locais ao longo de séculos, assim como exposto à fumaça de velas e resíduos orgânicos. Essa região, suja por todos estes elementos, somente podia interferir no resultado, pois estava contaminada. Mas, surpreendentemente, tal comentário parece não encontrar qualquer eco na mídia.

Aparentemente, o mundo parecia anestesiado. Nenhum desabafo, argumento ou contestação ao parecer final abalava a posição da imprensa e do mundo. Um mito fora destruído e o mundo se dava por satisfeito, pois resultava numa preocupação a menos. Será que é assim, tão simples? - pensava comigo.

Nesse clima de frustração e consternação no cenário científico, o Dr. Michael Tite do British Museum de Londres, o mesmo que foi responsável pela supervisão do teste de datação, aponta numa carta datada de 14 de setembro de 1988 para o Professor Gonella que não acredita na falsidade do sudário, questionando a validade do processo de datação.

Mais adiante, um outro investigador, o físico alemão Eherhar Lindner, afirma em setembro de 1989, durante o Congresso Internacional de Sindonologia em Paris, que o motivo que provocou um resultado tão absurdo quanto à antigüidade do sudário está relacionado ao fenômeno que provocou a gravação do corpo, isto é, que o registro do corpo foi realizado e plasmado por uma intensa radiação que alterou a estrutura do carbono do próprio sudário. E poucos anos passados, o Dr. Jean Baptiste Runauro, especialista em medicina nuclear de Montpellier, demonstra que as suposições de Lindner estavam certas.

Este investigador procurou obter uma imagem semelhante àquela do sudário e conseguiu resultados surpreendentes, aplicando a um lençol uma descarga radiativa procedente da liberação de prótons e neutrons de uma carga de deutério (hidrogênio pesado), algo que estaria fora de qualquer tecnologia, mesmo no século XIV. Assim posto, a datação por rádiocarbono não é fiel ao ter o objeto de pesquisa sido exposto a qualquer tipo de radiação. Inclusive, devemos considerar o acidente de Chernobil em 1986, o qual provocou a liberação de radiação em toda a Europa, contaminando todos os materiais orgânicos e alterando de forma substancial os resultados de qualquer teste por Carbono 14. Além do mais, todo e qualquer material exposto a fontes de radiação, inclusive incêndios, podem provocar uma representativa alteração na estrutura de carbono. O que no caso do lençol já teria ocorrido. Em outras palavras, o volume de exposições que o sudário teve a diversas fontes de radiação

(incêndios, geração da imagem e o acidente de Chernobil) deve ter, necessariamente, influenciado na estrutura molecular do carbono, vindo a rejuvenescê-lo.

Qual a confiabilidade deste resultado tão absurdo afinal? Segundo a revista *Science,* uma experiência realizada em dezembro de 1988 revelou que os fragmentos enviados aos laboratórios eram extremamente pequenos para poder produzir um resultado confiável, fazendo referência a vários testes realizados cujo resultado foi também absurdo. Dentre eles, citou o submetimento de alguns caracóis vivos à prova de datação, resultando que alguns deles, ainda vivos, apresentavam uma antigüidade de 26.000 anos. Numa outra datação realizada no tecido de uma foca recém-morta resultou numa antigüidade de 1.300 anos. E a coisa não pára aqui. Na revista *Radiocarbón* foi apresentado o processo de datação recente da pele de um Mamute que viveu na Sibéria há 26.000 anos, sendo que a datação acusou uma antigüidade de apenas 5.600 anos. Para completar, um dos pesquisadores do laboratório de Zurich, inconformado pelo resultado, submeteu um pedaço da toalha de mesa de sua sogra ao mesmo processo, obtendo uma antigüidade de 350 anos.

Por outro lado, mesmo que o lençol não tivesse sido fabricado na época de Jesus, não se explicaria todo o pólen achado pelo Prof. Max Frei, nem mesmo se explica a presença das moedas romanas que fechavam os olhos do morto.

Em 1993, durante um simpósio internacional de cientistas reunidos em Roma e após longos debates sobre o processo de datação de 1988, os participantes impugnam a datação realizada, acusando a mesma de ter sido baseada em processos mal estruturados, os quais produziram resultados dúbios, e de existirem dados que não foram divulgados ao público, servindo apenas seus resultados a determinados interesses. Dentre os 50 especialistas de todas as disciplinas presentes que

participaram do simpósio encontrava-se o renomado cientista soviético Dr. Dimitri Koutznetsov, Prêmio Lenineeu em física nuclear e de datação histórica por processos de radioisótopos. Segundo as análises realizadas, a conclusão do simpósio foi a seguinte: "... *Pela única definição científica deste objeto, compatível com o estado atual das investigações realizadas, é que se trata do autêntico Sudário que envolveu o corpo de Jesus...".* Porém, o mais surpreendente de tudo, é que esta conclusão não recebeu da mídia qualquer tipo de publicidade, nem qualquer espaço de importância nos noticiários internacionais, permanecendo no conceito popular apenas o resultado divulgado pela Igreja em 1988.

Na cabeça do público e dos meios de comunicação o sudário é falso e já foi "provado". E como? Pelo jeito, não interessa. O fato é que a Igreja já se pronunciou depois de todo um longo processo de datação. Ninguém quer saber se foi bem feito, apenas foi feito. Sendo que o sudário, para o mundo, resultou desmistificado.

E, finalmente, numa última avaliação realizada em 1995 por um grupo de pesquisadores da Universidade do Texas, nos Estados Unidos, foi aberta mais uma via de suporte ao colocado no simpósio romano. De acordo com os pesquisadores americanos, a distorção da leitura ocorrida na datação de 1988 pode ter acontecido perfeitamente em função da presença de bactérias que se alojaram nas tramas do tecido, havendo contaminado o resultado.

Que complicado resultava tudo isso. Realmente, a relíquia mais importante de toda a cristandade e que deveria representar um marco na compreensão do mistério sobre Jesus havia sido tratada de forma aparentemente leviana. Entre as tramas daquele tecido se escondia a identidade e, provavelmente, a resposta de uma figura milenar e de surpreendente relevância para o passado, presente e futuro da

humanidade, havendo recebido um tratamento acorde à realidade da mediocridade que caracteriza o comportamento humano.

Por que tanta restrição? Por que tanto receio? Para que tanta dificuldade? Não se buscava descobrir a verdade? Não era maravilhoso ter total e completa certeza de sua origem e autenticidade?

Enquanto meditava sobre todos os livros que havia pesquisado, assim como sobre todos os artigos sobre o sudário que lera, lembrava claramente uma passagem no Novo Testamento: "... *por causa da dureza dos vossos corações foram escritos os mandamentos..." (Marcos* 10:5).

É impressionante como os nossos interesses bloqueiam a nossa percepção e sensibilidade, e com que facilidade as necessidades egoístas nos corrompem. Quão passíveis de manipulação resultamos em função disso? Será que sempre teremos de nos subordinar às nossas misérias?

De imediato lembrei de outro trecho na *Bíblia* que diz: "... *aquele que não recebe o Reino de Deus como uma criança, não entrará nele..." (Marcos* 10:15). Pelo jeito, tem de haver pureza de intenções, ingenuidade, simplicidade, juventude mental e muita curiosidade para poder elevar o nosso espírito e conquistar a vida. Enquanto os interesses individuais egoístas comandem os nossos atos, estaremos longe de conquistar a vida e mais ainda de vislumbrar as nossas potencialidades. Enquanto procuremos apenas meios para sobreviver e não para a descoberta da própria vida, da realização digna e correta, caminharemos em direção ao sofrimento e ao caos. A falta de uma visão ou percepção de um objetivo real de existência nos fez construir pseudo-razões culturais, as quais não gozam de muita credibilidade, e, por isso, essas razões institucionalizadas perdem para as razões pessoais, acalentando e reforçando o egoísmo e a individualidade. Não temos um objetivo de existência comum. Temos somente desesperadas razões individuais de sobrevivência onde a lei que vale é a do mais forte, poderoso ou esperto.

Quem chegar primeiro leva, quem conseguir primeiro ganha, quem deixar todos para trás será bem-sucedido e, enfim, imitado. E isso entendemos como "realização".

Não é à toa que, como diz o evangelho: "... *Muitos dos primeiros serão últimos, e os últimos serão os primeiros..." (Marcos* 10:31). Provavelmente, dentro da corrida pelos primeiros lugares dos modelos considerados triunfadores ou de sucesso, a ansiedade cega a consciência e anula a razão, valendo apenas os costumes e o culturalmente correto, mesmo que isso seja errado dentro do contexto universal. É ridículo que uma pessoa mate outra em condições de guerra, sendo considerada heroína e recebendo suporte e aprovação geral pelo seu crime, mas se a mesma pessoa mata outra em condições de paz, então é uma assassina e será penalizada. O assassínio sob apoio do estado é recompensado, caso contrário penalizado. De igual forma quando sob a proteção de uma fé ou ideal aceito por uma comunidade. E, universalmente falando? Como deveria ser? Nunca estruturamos nossas leis nem a nossa ética dentro de uma visão cosmológica. Jamais paramos para pensar no universal ou cosmicamente correto. Apenas construímos as nossas vidas e orientamos o nosso comportamento por quem o determinava, fosse um rei, um imperador, um sumo-sacerdote, enfim, por quem acertar resultasse juiz e senhor do mundo e da verdade. Em outras palavras, por quem tinha chegado primeiro na grande corrida pelo poder e pela posse da verdade. Assim pois, os últimos, os sobreviventes da loucura, aqueles que conseguiram ver em tempo a irresponsabilidade dos impacientes, a negligência dos intransigentes, a indiferença dos ansiosos e a friesa dos impulsivos, terão condições de não errar junto e conquistar, finalmente, um mundo de paz e amor. Os que em princípio foram os últimos serão os primeiros a gozar de uma verdadeira vida, enquanto que os impulsivos se perderam por falta de visão e prudência.

Porém, no decorrer da grande aventura da vida ou da existência de uma espécie como a nossa, acredito que não importará quem tem mais ou menos, ou quanto poder foi obtido ou que posição conquistada, porque no final apenas quem souber dar-se o tempo necessário em busca da sabedoria, das opções ou possibilidades, do conhecimento, da compreensão, do amor, da justiça e da consciência conseguirá chegar onde pretende e obter, como prêmio, a alegria e a felicidade de estar em paz, consigo e com seus semelhantes.

Capítulo XV
O Sudário de Oviedo

Realmente, se Jesus havia deixado o sudário como prova concreta de sua existência e de sua natureza, estava sendo uma evidência bastante maltratada ou propositalmente marginalizada. Situação que estava me deixando bastante frustrado, mas que em momento algum me fez desistir de continuar a pesquisar. O que foi muito importante, pois permitiu descobrir detalhes ainda mais interessantes.

Durante toda a investigação a respeito da antigüidade do sudário de Turim recolhi dados não somente a respeito do seu passado histórico, mas também descobri que o lençol não estava só. Isto é, que o sudário não era a única peça a conter marcas e manchas supostamente do sangue de Jesus.

Segundo pude apurar, existe na cidade de Oviedo, na Espanha, uma peça de linho chamada de o "Sudário de Oviedo", também conhecido como MANDYLIÓN ou também PANHOLÃO, diminutivo de "Mandul" ou "Sábana" (Lençol). De acordo com os registros históricos coletados por incontáveis investigadores, o Mandylión é comumente confundido com o

Sudário de Turim, sendo que ambas são peças completamente diferentes uma da outra, tanto em tamanho quanto em características.

O sudário de Oviedo é um lençol de linho retangular, medindo apenas 83 x 53 centímetros, havendo sido tecido em trama ortogonal. Em seu interior, se apresentam manchas que parecem ser de sangue e que, no passado, mostrava a imagem de um rosto. À diferença do lençol de Turim, não existe chamuscamento de fibrilhas nem marcas amarronzadas de um rosto, apenas manchas de vários tons, aparentemente produzidas especificamente por sangue.

Exames de pólem realizados em sua superfície, demonstraram que a face atualmente exposta ao público não é a parte que esteve em contato direto com o rosto e na qual as manchas foram feitas. Além disso, o Dr. Max Frei (o mesmo que analisou o Síndone) apontou que foram encontrados pólens do Oriente Médio, sendo seis tipos coincidentes com o Síndone, isto é, com o sudário de Turim, além de outros dois tipos existentes na Palestina, nenhum de Constantinopla, França ou Itália, e uma variedade típica da África e da Espanha (todos estes ausentes no Síndone). Em outras palavras, aparentemente, o pano de Oviedo teria estado apenas na Palestina, África e Espanha, e jamais em Constantinopla ou Bizâncio, na Turquia.

De acordo com a tradição, o sudário de Oviedo apresentava a figura de um rosto humano gravada em sua superfície, mas, com o tempo, os traços fisionômicos desapareceram quase que por completo, sendo hoje difícil identificá-los. As grandes manchas de sangue, são principalmente duas, ordenadas de forma simétrica em relação ao eixo representado por uma dobra. Ao que tudo indica, o pano estava dobrado em dois quando foi colocado ao redor da cabeça de Jesus, ficando num quase quadrado de 47,7 x 53 centímetros. Por outro lado, as marcas que formaram o rosto foram realizadas não por chamuscamento, como no caso do Síndone, mas

por vapores amoniacais produzidos pela fermentação de uréia, isto é, do suor em reação com algum resto de aloe (óleo) ou mirra que se encontravam impregnados no pano de linho. Além do mais, e conforme apontaram as pesquisas realizadas, temos que, desde o ponto de vista hematológico, surgiram dois aspectos no resultado, um de caráter estático e outro de caráter dinâmico. Isto significa que existem dois tempos para a formação das manchas de sangue com um intervalo de 45 a 60 minutos entre uma e outra. Sendo que, a mancha maior está constituída pelo líquido pleural, procedente de um enorme edema pulmonar. Provavelmente, realizada ao retirar o corpo da cruz, e as menores devem ter sido realizadas no deslocamento do corpo. Também pode ser observado manchas feitas por uma palma de mão esquerda e pelos dedos de algum apóstolo ou seguidor, que seguravam as fossas nasais para evitar sair o sangue. Outras manchas de dedos também são visíveis.

As manchas ao redor do nariz permitem fazer a sua medição, que é exatamente igual ao nariz do rosto do Síndone de Turim, ou seja, de 8 centímetros. Da mesma forma, todos os detalhes dos traços do Mandylión de Oviedo coincidem perfeitamente com o rosto do Síndone em sua simetria. Por último, existem as marcas, perfeitamente claras, de que a cabeça que esteve coberta apresentava ferimentos feitos por material punçante, ou seja, por uma coroa de espinhos, sendo que, conforme afirma o bispo Giulio Ricci: "*... Jamais foi registrado pelos historiadores que um crucificado tenha sido coroado de espinhos."*

Pelo que se conhece, embora as leis judaicas indiquem que um homem executado devia ser sepultado com apenas um sudário ou lençol (*Leis do Luto,* 364), o *Talmud* permite, ao mesmo tempo, a utilização de um lençol ou pano para fechar a boca e cobrir a cabeça daqueles que, como Jesus, haviam morrido por asfixia. Isto significaria que, independentemente do Síndone, ao ser desprendido da cruz, Jesus foi atendido com um pequeno

pano, havendo sido utilizado para enxugar o suor e limpado o sangue jorrado pela tortura e morte. O qual teria sido colocado no sepulcro junto com ele.

No texto apócrifo conhecido como *Atos de Pilatos,* escrito por volta do século II de nossa era, e no apócrifo chamado de os *Evangelhos de Nicodemus,* escrito aproximadamente no século V, faz-se referência à existência de um pano, mais conhecido como o "Lenço de Verônica", também chamado de Berenice. Na verdade, temos uma conjunção deturpada das palavras VERA-ICON, que significam "Verdadeira Imagem" e que, ao longo dos tempos, derivou num mito. Paralelamente a esses documentos, a existência de "vários panos" é mencionada pelos apóstolos Lucas (24:12) e João (20:5-10) em seus evangelhos, referindo-se o primeiro a "lençóis", e o segundo à presença específica de um "pano para cobrir a cabeça", o qual chama de "sudário". Tudo isso aparece bem detalhadamente na descrição que João faz do que ambos apóstolos observaram no interior do túmulo, bem após a ressurreição de Jesus na manhã da Páscoa.

Pelo que se conhece dos textos apócrifos do *Evangelho Segundo os Hebreus* do século I, e do *Evangelho de Gamaliel* do século V, os sudários, isto é, ambas as peças, eram considerados um legado único, pois eram a prova concreta da ressurreição de Jesus. Inclusive, no *Evangelho de Gamaliel,* iniciado durante o período de Pilatos, encontramos como tema principal das narrativas os milagres operados pelos chamados "Lençóis Funerários do Senhor", no qual são distinguidos vários tipos e tamanhos. Desta forma, podemos inferir que, pelo que tudo isto indica, não foi apenas uma única peça de linho que cobriu o corpo de Jesus, mas, aparentemente, duas. Ou seja, uma que cobriu o rosto para enxugar o sangue e o suor, e depois a mortalha, que protegeu o corpo todo. E isto está confirmado pelas afirmações de São

Isidoro de Sevilha, autor da obra *Liturgia Mozárabe* e que teve e suas mãos um dos panos.

Nesta liturgia, de origem muito antiga, é possível ler no ritual da veneração da Sexta-feira Santa, o seguinte: "... *Pedro corre com João e observam nos lençóis as marcas recentes do defunto já ressuscitado...". (Patrologici de Migne,* volume 88, col. 779). Igualmente, São Braulio, bispo de Zaragosa na Espanha e amigo de São Isidoro, numa carta enviada em 623 a Dom Samuel Tajón, seu sucessor no episcopado, comenta:."... *se nos disse por tradição e por escrito, que muitas pessoas, e entre elas São Jerônimo, viram em Jerusalém os lençóis e o sudário em que foi envolvido o corpo do Senhor, do qual se lê que foi achado...". (Patrologia de Migne,* volume 80, col. 689, Braulionis Epistolae 42).

Nesta informação, é possível perceber no texto que se trata de dois panos (lençol e sudário), e não apenas de uma peça. O que significa que ambos residiram em Jerusalém por algum tempo, antes de iniciar a sua separação. Mas onde teriam sido preservadas estas relíquias? A tradição mosaica é contra as imagens, o que demonstra que, neste caso, é bem provável que um não-judeu preservou ambas as peças por um longo tempo, ou algum apóstolo, como já vimos, que procurasse uma lembrança final do seu mestre, ou em último dos casos por ostentar dotes miraculosos e curativos.

Porém, como já investiguei anteriormente, existem vários testemunhos sobre a preservação do sudário, e, para minha surpresa, também existem sobre o pano de Oviedo.

Aparentemente, ambos os lençóis permaneceram em Jerusalém juntos até fins do primeiro século, sendo que o sudário teria abandonado a cidade somente por volta do ano 600, e o pequeno pano por volta do ano 60 ou 80. Neste sentido, diversos clérigos fazem menção à existência destas relíquias como: o padre Heirich Pfeiffer no século IV em Anablatha; o

patriarca São Cirilo do século IV em Jerusalém; o abade Isidoro no século V em Pelusium; o patriarca Sofronio do século VII em Jerusalém; Santo Epifânio, Arculfo e outros em séculos posteriores. E isto coincide com a referência que se faz da provável saída do Síndone no ano 614 rumo a Constantinopla, ante a queda da cidade frente às tropas do imperador persa Cosroés II Abharvez ou Parviz, que significa "Vitorioso".

Neste sentido, durante a pesquisa, deparei com que, no ano de 1878 em São Petersburgo, na Rússia, descobriu-se um manuscrito siríaco do século VI, que assegurava explicitamente ser uma copia fiel de um original mais antigo, o qual se encontrava nos arquivos reais da cidade de Edessa. Neste documento, conhecido por *Atas de Addai* ou *Doutrina de Tadeu,* consta o relato de como o rei Abgar V Ukhamn (9-46 d.C.) recebeu a um visitante de nome Tadeu, que predicou pelo reino de Edessa e que lhe curou da lepra com um lençol contendo o rosto de Jesus, simplesmente ao contemplá-lo.

Esta estória encontra apoio nos relatos de um historiador eclesiástico chamado Eusébio de Cesaréia, em sua obra *História Eclesiástica,* de 325, dentro da qual narra haver visto algumas cartas no arquivo real de Edessa, onde podiam ser identificadas informações a respeito da conversão de Abgar V e da prédica de Tadeu. Além do mais, o texto também dá detalhes da contemplação do "retrato" de Jesus, plasmado num lenço ou Mandylión, descrevendo também a conversão de Abgar V ao cristianismo e de todo seu reino.

Aqui vale referir que Edessa é uma antiga cidade ao norte da Mesopotâmia, atualmente conhecida sob o nome de Urfa na Turquia meri dional. Na antigüidade,

Edessa foi capital do reino de Osrhoéne, e por volta do século I foi governada por um rei toparca, vassalo dos partos, chamado Abgar V

Ukhamn que, doente de lepra negra e havendo escutado falar de Jesus, enviou-lhe uma carta por um servo de nome Hannan ou Ananias, solicitando ser curado. Informado do pedido, Jesus respondeu por meio de um tal Tadeu (possivelmente Judas?), dissendo-se impedido no momento, mas que seria, afinal, curado. Esta miraculosa cura teria ocorrido somente 30 anos depois, quando Tadeu entregou a Abgar uma carta e apresentou um "retrato" de Jesus.

Conforme os relatos da peregrina cristã de nome Egeria, em visita a Edessa no ano 384, narra como os bispos da cidade, enquanto a acompanhavam pelos locais mais notáveis, a levaram até o "Portão das Torres", comentando haver sido por ali que chegou Hannan trazendo a resposta de Jesus para Abgar V. De igual forma, na obra *História Universal* de Agapitos de Menbidj do século X e na *Crônica* de Miguel o Sírio do século XII, podemos encontrar concordâncias sobre a carta de Jesus.

Conforme afirma o historiador e clérigo padre Danielou, o primeiro rei cristão de Edessa não teria sido Abgar V, mas Abgar IX, que reinou desde 179 até 186. De acordo com o que apontam as pesquisas, identifiquei que, logo depois da morte de Abgar V, seu sucessor, o rei Ma'Nu VI, retornou todo o reino ao paganismo e se dedicou a perseguir os cristãos, e esta situação perdurou até a chegada de Abgar IX. Desta forma, somente passados 122 anos do reinado de Abgar V é que o reino de Edessa voltou a ser cristão e apenas por intermédio de Abgar IX. Porém, existem alguns historiadores que consideram que nunca existiu um evangelizador de nome Tadeu, mas tão somente a corrupção da palavra "Tadei", que significa "Coragem", a qual teria sido empregada para identificar um grupo de cristãos corajosos que chegaram até o reino de Osrhoene, por meio de Antioquia, levando consigo o pano com o "retrato" de Jesus, isto é, o Mandylión. Ou seja, não com o Síndone de

Turim, mas com o referido manto de Verônica ou com o futuro sudário de Oviedo.

Segundo narra a tradição encontrada em textos de Procópio de Cesaréia, uma terrível inundação ocorrida por volta do ano 525 pela elevação do rio Daisan provocou a morte de quase 30.000 pessoas em Edessa, destruindo grande parte da muralha oeste da cidade, precisamente a área sobre a "Porta Kappa". Logo depois de iniciados os reparos e a reforma foi ali descoberto um nicho com uma lamparina acesa, encontrando-se em seu interior, o Mandylión, havia muito perdido, desde a época de Abgar V. Conforme narra uma lenda local, o pano foi achado da mesma forma como o leal Hannan ou Aggai, servente de Abgar V, o havia escondido e deixado 500 anos antes para preservá-lo dos inimigos.

O historiador Evagrius o Escolástico comenta que, na mesma época, por volta de 544, logo após a queda de Antioquia sob domínio do rei persa Cosroés I Anocharvan, e, mais tarde, durante o assédio de Edessa pelos persas, uma imagem sacra e um cântico siríaco foram apresentados como escudo para repelir o ataque com sucesso. Em função deste milagre, que foi comentado por todas as cidades cristãs, fez com que cidades como Melita, Hierápolis e outras tivessem uma cópia do Mandylión. O que fez surgir pinturas que imitavam o original.

De acordo com as crônicas do período, o magnífico achado e o sucesso contra os persas foram considerados uma manifestação divina, tanto que Justiniano I, ainda governador da capital e futuro imperador bizantino somente em 527, mandou construir uma catedral em 525 sob o nome de Hagia Sophia ou também melhor conhecida por Santa Sofia (que significa Santa Sabedoria) em Edessa, sendo que mais tarde, isto é, dez anos depois, faria uma réplica da catedral em Constantinopla, quando imperador como anteriormente mencionado.

A imagem de Edessa ganhou fama por todo o Oriente, assim como um respeito excepcional. Entre outros testemunhos sobre a sua existência, temos os do século VII de André de Creta, do Papa São Gregório II (715-731) e de São João Damasceno. Além do mais, no ano 769 encontramos a intervenção do Papa Estêvão III num sínodo a favor da legitimidade da utilização das imagens sacras, comentando especificamente o "rosto de Jesus". Por outro lado, durante o II Concilio de Nicéia, em 787, organizado pelo Papa Adriano I, foi tratado especificamente sobre a veneração de imagens, comentando claramente sobre a imagem de Edessa e da lenda de Abgar V.

Porém, existem referências de que, por volta do ano 944, o lençol teria sido levado de Edessa, naquele momento um sultanato árabe, para Constantinopla por um exército bizantino. Nesse sentido, é aqui que o historiador George Gharib, assim como Ian Wilson, catedrático de História e Reitor da Universidade inglesa de Oxford, opinam sobre este episódio tratar na verdade da chegada do mesmo sudário encontrado atualmente em Turim, conforme apontaram no II Congresso Internacional de Sindonologia ocorrido em outubro de 1978.

Aqui encontramos uma confusão entre o Síndone e o Mandylión. Isto é, o Síndone tomou o lugar do Mandylión em Edessa, sendo denominado de "TETRADIPLÃO" por ser dobrado em quatro partes. Aparentemente, como já foi mencionado, o Síndone teria migrado para Edessa no ano 796, quando o Papa Leão III, o Isáurico, fez com que para ali o levassem, permanecendo na cidade até o ano 944, em que, o general bizantino J. Curcuas, enviado pelo imperador Romano I Lecapeno, a levaria novamente para Constantinopla. Sendo que, o Mandylión, já teria abandonado Edessa quando do assédio de 614 pelo rei persa Cosroés II Abharvez, dando espaço à chegada do Síndone, e, assim, à confusão.

O fato que confirma a existência de duas peças de linho completamente diferentes, a encontramos em 540 quando da famosa procura pela "Mensura Christi" de Justiniano já mencionada. Isto é, quando o imperador bizantino desejou mandar buscar a altura real de Jesus para construir, de acordo com ela, uma cruz em tamanho natural que devia presidir o altar-mor da Basílica de Santa Sofia e, para tanto, mandara um grupo de emissários a Jerusalém e não a Edessa para obter do Síndone a medida de Jesus, pois nesta peça seria mais fácil, já que o Mandylión de Edessa apenas mostrava o rosto de Jesus.

Desta forma, podemos considerar, conforme apontam alguns historiadores e pelos achados de pólen do Dr. Max Frei, que o Mandylión saiu de Edessa logo depois de confirmado o avanço de Cosroés II contra a cidade, dentro do período em que o mesmo enveredava para a conquista de Jerusalém. Provavelmente, preocupados com a segurança do Mandylión, o lençol foi levado para Alexandria, no Egito, sob proteção de alguns cristãos, sendo levados depois por causa das invações árabes até o norte da África, e logo mais tarde tendo chegado até Cartago. Desse local, a peça teria seguido até Marrocos e daí até Cartagena, onde, numa arca de cedro, foi entregue no século VI a São Fulgêncio, bispo de Ecija e irmão de São Hermenegildo, também parente de São Leandro e São Isidoro. Estes últimos, ambos bispos de Sevilha na Espanha, sucessivamente. Mais adiante, Santo Ildefonso, discípulo e sucessor dos bispos sevilhanos, levou o Mandylión para Toledo ao ser nomeado bispo local.

Pelo que se conhece historicamente, em 711 os muçulmanos invadem a Península Ibérica, e em 718 um grupo de nobres visigodos salvam a arca com o Mandylión, levando-a para uma região asturiana governada pelo rei Pelágio, também visigodo.

Perdido em função dos diversos conflitos ocorridos mais adiante, o Mandylión será encontrado no Monsacro durante o reinado de Alfonso II, o Casto, neto de Pelágio, e levado para a cidade de Oviedo. Aqui, o rei constrói uma Câmara Santa para guardá-lo. Cabe destacar que foi durante o período deste mesmo rei que foi achado o túmulo de São Tiago na região do Campo da Estrela (COMPOSTELA), e que foi esse mesmo rei quem iniciou o percurso e a peregrinação do famoso "Caminho de Santiago", desde a cidade de Oviedo até Compostela.

Em 14 de março de 1075, o rei Alfonso VI, na presença de sua irmã Dona Urraca, de Dom Rodrigo Dias de Vivar, o famoso Cid, e de vários bispos, autenticou o Mandylión como verdadeiro e mandou cobrir a arca de prata, gravando uma inscrição em sua lateral baseada no *Evangelho de João,* onde se lê: *"O Santo Sudário do Nosso Senhor Jesus Cristo".*

Para finalizar, segundo pesquisas realizadas pelo Centro Espanhol de Sindonologia, publicadas pela revista *Linteum* em novembro de 1990, temos que o sudário de Oviedo apresenta manchas de sangue provocadas por uma coroa de espinhos. Inclusive, ficou evidente no estudo que o lençol rodeou a cabeça de um homem da direita para a esquerda, sendo preso à cabeça por algum tipo de objeto punçante. Se comparados os pontos das manchas de sangue, isto é, os ferimentos da coroa de espinhos, com os encontrados no sudário de Turim, ambos resultam idênticos.

Em relação a tudo isto, valeria a pena refletir a respeito da posição da Igreja frente ao processo de datação e ao seu comportamento frente a uma experiência tão importante, cujo resultado foi aceito pela opinião pública, assim como pela própria Igreja de maneira até que incrivelmente passiva. Nesse sentido, cabe ponderar o seguinte: até que ponto um resultado positivo a favor da antigüidade do lençol de Turim ou mesmo do pano de

Oviedo pode comprometer os interesses doutrinários da instituição religiosa? Por que a pergunta? Por uma razão extremamente simples.

Se o sudário fosse considerado autêntico pelo processo de datação, não somente teríamos o verdadeiro sudário que cobriu o corpo de Jesus, mas também o registro de suas características físicas, o que resulta em algo por si mesmo fantástico e surpreendente, porém, em nada miraculoso ou divino. Isto quer dizer que o processo de gravação e registro da imagem não foi obra de qualquer milagre ou fruto de uma ação divina, mas produto único e exclusivo de uma tecnologia incrivelmente avançada e já experimentalmente quase reproduzida por alguns de nossos cientistas. Em outras palavras, a natureza, mensagem e conhecimentos de Jesus estariam vinculados obrigatoriamente à mesma origem da tecnologia que gerou e legou o sudário até nossos dias, vindo necessariamente a exigir um reconhecimento de ser obra de uma realidade concreta e não divina ou religiosa. Melhor traduzido, teríamos que Jesus não pertence a uma natureza celestial mas a uma que detém conhecimentos científicos e tecnológicos capazes de parecerem milagres para um mundo ignorante. Assim sendo, toda a doutrina e dogmas institucionalizados teriam de ser revisados, assim como o nosso credo. O que de imediato desestraturaria a Igreja enquanto instituição e colocaria todos os clérigos, seguidores e simpatizantes num terrível conflito espiritual. Somente imaginar esta possibilidade deveria ter deixado muita gente preocupada, razão mais que evidente para se pensar em boicotar o processo e contaminar as amostras.

Ter a possibilidade de contar com um objeto concreto que explicite a verdadeira natureza de Jesus, sendo esta contrária aos interesses de uma ou mais instituições, resultaria num absurdo perigo para a manutenção e estabilidade destas entidades, assim como da continuidade de sua existência. Motivos mais que válidos para destruir ou desmoralizar qualquer ameaça. Já que resulta incrivelmente curioso com que

naturalidade e até com que tranqüilidade a Igreja aceitou o veredito. Acredito que tirou um enorme peso de cima ao ter esse resultado. Por outro lado, resulta surpreendente como o assunto foi esquecido e até banalisado tão facilmente, embora hoje aparentemente o Papa João Paulo II afirme ter amplo interesse num novo processo de datação.

É também incrível como resulta fácil construir ícones e destruí-los. Isto é, como é fácil levar o público a admirar algo ou alguém, assim como resulta fácil destruir algo ou desmoralizar alguém. Bastou sair uma informação errada sobre algo ou alguém, pronto. No dia seguinte, o mundo reflete aquela imagem sem qualquer constrangimento ou pudor. E não adianta sair qualquer desmentido ou correção logo depois. O prejuízo já foi feito e a imagem que permanece é sempre a primeira. Quão frágil é a nossa percepção das coisas e quão suscetíveis estamos de ser manipulados. É simplesmente absurdo. Que perigo vive o mundo, que triste é a nossa dependência e que longe estamos da verdade.

Não é pois à toa que os extraterrestres nos observam de longe. Somos uma fácil massa de manobra, onde os interesses vigentes e as carências manipulam e nos fazem manipuláveis, permitindo seguir um movimento orientado e inconsciente conforme seus desígnios e desejos. E nós, pobres ingênuos mortais, acreditamos gozar do direito e do privilégio de estarmos bem informados e corretamente esclarecidos. A dependência parece ser uma sina típica daqueles que, por comodidade, deixam que os outros arrisquem e pensem por eles, e assim assimilam a informação, a conclusão ou o resultado como próprias, vindo a ser vítimas de sua tola passividade. Ou simplesmente, acomodados, deixam que os outros se arrisquem por eles, buscando colher o fruto dessa ação e fugindo de qualquer ameaça à sua própria integridade ou de qualquer exigência de mudança. Mas, de quaquer jeito, somos ingênuos, por mais inteligentes que acreditemos ser.

Recentemente, o governo norte-americano publicou ern relação à comemoração dos 50 anos do incidente de Roswell um comunicado oficial esclarecendo que o objeto resgatado no local em 1947 era na verdade um grupo de manequins empregados para fazer estudos, junto com um balão metereológico de grandes proporções, com fins militares. Ou seja, tiveram de passar 50 anos para afirmar isso. Sendo que anos atrás, já se haviam retratado afirmando que o que ocorreu em Roswell foi apenas a queda de um balão militar para observações. Isto é, temos agora uma outra versão. Então qual é a que vale? Será que daqui alguns anos podemos esperar outra?

Seja como for, muitas pessoas já compraram a idéia. Os adeptos a valorizar a sua conveniência, os passivos dependentes ou os ingênuos interesseiros, já aceitaram a posição oficial norte-americana. Em outras palavras, o assunto Roswell já está perfeitamente explicado e esclarecido. Na cabeça dessa gente, nunca houve disco voador nem extraterrestres em Roswell, apenas uma simples confusão por causa das manobras militares secretas, já que, quem o afirma, não é qualquer um, mas o governo norte-americano.

Honestamente, fico estarrecido frente a este tipo de comportamento, pois se percebe uma resistência, maleabilidade e/ou condescendência em relação a idéias, situações, descobertas, conhecimentos e até pessoas, cujo compromisso não está em relação a preencher uma lacuna, esclarecer uma dúvida ou descobrir a verdade, mas apenas cancelar a existência de um incômodo, desculpar uma atitude ou, simplesmente, justificar a continuidade de um comportamento ou pensamento.

Para Jesus em seu tempo, a natureza humana deve ter parecido extremamente ingênua, ignorante, selvagem, curiosa e contraditória. Hoje então, pareceria absurdamente acomodada e até terrivelmente egóica e individualista, configurada dentro de um espírito de sobrevivência

selvagem e extremista. E isto não é preconceito. É impressionante como o medo ou o receio de aceitar ou confrontar abala as estruturas, fazendo com que a manutenção do status torne permissível qualquer ato desesperado de preservação. E isto ocorre em todos os níveis e em todas as sociedades ou épocas. Talvez mais hoje do que antigamente, dada a situação de restrição de oportunidades, a tensão pela sobrevivência e a concorrência desmedida em todos os níveis.

A necessidade de preservar aquilo que se considera válido, mesmo que errado, resulta vital e preciosa para muitos seres humanos. Mesmo que uma vida possa ter sido construída ou até mantida numa mentira, resulta doloroso demais admiti-la quando a possibilidade da evidência se perfila, razão pela qual é mais fácil fugir e perpetuar a fantasia, fazendo de conta que nada houve, ou até evadir-se, construindo justificativas e argumentos, mesmo que mentirosos ou fictícios. A própria frase popular "*mais vale ruim conhecido que bom por conhecer"*, expressa claramente a posição humana frente à dúvida de uma substituição futura, mesmo que em princípio possa parecer vantajosa. As pessoas de forma geral, preferem a garantia de algo conhecido a qualquer condição provável, não importando se a presente não é a ideal, motivo pelo qual evitam aventurar-se numa empreitada desconhecida, por mais que se mostre aparentemente melhor. Nesse sentido, a condição de ingressar numa experiência de substituição ou mudança de vida que perfile um custo ou sofrimento e, por mais leve, sugira a possibilidade de um final frustrante e fracassado, promove no ser uma resistência total que inibe a ação e cega qualquer entendimento, fazendo-o virar as costas a qualquer tentativa. Inclusive, um sentimento de raiva, repulsa e/ou antipatia se desenvolve contra ao autor da proposta, como forma de afastar a tentação e coibir a pressão psicológica ou social de ter de assumir alguma atitude pró-mudança. A dor que provoca o confronto de nossas idéias e o sofrimento que provoca o deparar-se com a

limitação e a ignorância geram um pânico interno de proporções absurdas e de uma violência descontrolada. Construir uma aversão justificada pela dor e pelo ódio é a melhor solução para afastar-se da reflexão obrigatória. Travestir uma idéia negativa, perjudicial, subversiva, destrutiva é muito fácil se a mesma gera dor e incômodo ao cobrar uma posição e atitude. Basta canalizar toda essa energia do desconforto para destruir quem a provocou. E nessa situação, não há tempo para pensar, refletir ou argumentar. Apenas afloram o ódio e a violência, geradas pela ameaça da estabilidade de uma situação interior e pessoal, ou mesmo de um status, levando consigo toda a razão e a racionalidade como uma enxurrada, restando apenas a ignorância e a violência. A sobrevivência física e a manutenção de um status psicológico e social deixam de lado o espiritual e intelectual reflexivo, fazendo emergir apenas o animal interior, elevando seu instinto selvagem às mais absurdas conseqüências. Nesse ato antiinteligente, tudo está justificado, pois o argumento válido é a sobrevivência de uma integridade pessoal, e não um compromisso com a vida ou com a verdade.

Infelizmente, não vivemos, apenas nos defendemos da vida e do conhecimento que ameaça a nossa fantasia particular. Não investigamos, descobrimos ou experimentamos, apenas utilizamos a nossa inteligência para construir defesas e erguer barreiras de proteção. Não queremos ver claramente a nossa realidade, mas dar espaço para o imaginário e transmutar o pesadelo da sobrevida em alguma forma de teste cósmico, aliviando assim qualquer possibilidade de admitir a nossa incompetência espiritual e existencial. Não buscamos nem nos aventuramos em busca do caminho da vida, apenas decoramos o nosso jardim interior e pessoal, fazendo de conta que ele é a vida. Esquecendo que existe uma floresta universal a ser desbravada, conhecida e aproveitada, porque nela está o caminho da realização e da felicidade.

Até que ponto teremos sacrificado grandes possibilidades de viver uma vida melhor, digna ou produtiva por medo de assumir riscos? Até que ponto perdemos o rumo de nossa própria existência por não ter um espírito inovador e arrojado? Até que ponto formatamos e consolidamos mentiras para ajustá-las à nossa covardia e lutamos, mais ainda, para perpetuá-las? Quantas vezes somos vítimas da corrupção de nossos medos e carências interiores, desvirtuando o sentido real do que nos cerca, afastando-nos cada vez mais da verdade, do amor, da amizade, do conhecimento, da razão e do Universo? A pobreza de nosso espírito é enorme. O medo de existir, gigantesco. O pânico pelo que nos espera, aterrorizante.

Somos homens das cavernas sofisticados. Meio animais em busca da razão, subordinados ao terror de uma vida desconhecida e a um futuro sem prazer, por ignorância. Onde a auto-estima, a auto-afirmação e o egoísmo são as armas de uma luta pela sobrevivência, pois demarcam um território e estabelecem as distâncias, oficializando os protocolos de aproximação e concessão. Nessa condição, apenas nos usamos mutuamente para atingir metas, objetivos e poder garantir alguma vantagem. Nesta sociedade, não há espaço para o amor, lealdade, gratidão ou simples amizade, pois isso é sinônimo de fraqueza e fragilidade. O sensacionalismo e o alarde substituem os fatos e a realidade, pois a morosidade de nosso drama diário demanda algo maior que o nosso próprio sofrimento para nos sentir menos infelizes.

A cada momento em minha pesquisa, surgia claramente o que Godar me havia adiantado na segunda viagem a Ilumen. Não bastava para o mundo apenas afirmar ou provar algo, mesmo que claramente, pois a memória do mundo é curta e sua gratidão sujeita aos interesses vigentes. A cada momento sempre haverá uma nova exigência de comprovação, de reafirmação, de checagem e rechecagem, sempre que o que for feito

atingir ou abalar os interesses vigentes de quem detém o poder. Jamais será suficiente o que você poderá oferecer, seja como prova, como argumento, como referência ou como testemunho. Tudo estará sempre sujeito a ser maltratado, mal interpretado e manipulado por quem se considera atingido ou seus interesses abalados. A manutenção do próprio interesse se sobrepõe à verdade. A preservação do status é mais importante que satisfazer as reais demandas da transformação e do desenvolvimento. Quantas vezes tive de enfrentar isso e quantas ainda terei a enfrentar? E o triste, é que nem a ciência escapa dessas intrigas e misérias, submetendo-se aos caprichos de seus patrocinadores, às restrições das instituições ou apenas à manipulação do poder. Quantas descobertas científicas jazem ainda penduradas nas prateleiras de laboratórios ou mofando nas gavetas de grandes complexos industriais aguardando uma oportunidade de mercado para render dividendos e lucro, sem interessar quantas vidas podem salvar agora mesmo? Quantas descobertas serviram apenas para firmar a repressão ideológica e coibir qualquer contestação? Quantas descobertas foram empregadas para simplesmente colocar alguém no poder? Quantas descobertas são questionadas, caçadas e até descartadas pela simples razão de não resultar interessante para o momento econômico, político ou ideológico? Quantas descobertas devem existir na clandestinidade pela simples razão de serem proibidas por ofender interesses políticos, doutrinários e até religiosos atualmente no poder?

Para este tipo de criatura, aquela que coloca a dominação e o poder acima de tudo, o conhecimento não está a serviço da vida, nem a verdade a serviço da razão. Apenas a inteligência de poucos serve para fazer prevalecer a ignorância de muitos, pois desta forma viver humanamente resulta apenas um mito, uma ilusão que encobre a triste realidade de uma sobrevivência animal e ignorante. A justiça é apenas um ideal sub-

realista, contrastado por uma atividade diária que manipula conceitualmente os valores do politicamente certo ou errado, a serviço de quem sabe, inteligentemente, usá-los. Nada na vida resulta claro, apenas tão relativo quanto os interesses o permitem. Não existem conhecimentos nem certezas, apenas informações em trânsito, cujo valor é regulado pela sua utilidade ou pertinência. Não existe pois uma realidade universal humana, apenas uma ficção perpetuada pelos interesses vigentes, que transformam, modificam, deformam e manipulam a fantasia de existir conforme seus desejos e necessidades. Vivemos numa armadilha tão sutil em que nada é confiável nem definitivo, fazendo de conta que sabemos o que ocorre ao nosso redor e que conhecemos as regras do jogo.

E o triste de tudo isso é que na maioria dos casos essa alienação ou manipulação de valores e da própria realidade parte de cada indivíduo, quase sempre de forma inconsciente ou ingênua, buscando apenas sua reafirmação enquanto ser vivo e sensível, ou apenas no desejo íntimo e abafado de dar à sua vida um significado, uma relevância ou um reconhecimento. É tão pobre a noção de prazer ou realização e tão difícil a sua concretização, que resulta mais fácil construí-la dentro do imaginário e do individualismo, onde os valores possuem o tamanho e a transcendência que cada um deseja e o acesso que cada um estabelece. Desta forma, é fácil ser importante, é fácil ser especial e superior às mediocridades do mundo, pois aqui, neste canto imaginário e particular, o "caolho" é rei e o "cego" sua corte.

Sem percebermos, a mãe natureza estendeu mais uma vez o seu manto sobre a vida humana, no objetivo de promover uma justa seleção. O Universo contempla atônito o nosso teatro, onde a espécie humana encena uma pantomima sem perceber as implicâncias do roteiro, sem entender o conteúdo ideológico de seus personagens e muito menos o impacto de sua atuação. Os responsáveis e participantes da obra sequer

pararam para pensar na extensão de sua representação nem no impacto cósmico de sua performance. Apenas embuídos pelo desejo de participar assumiram cada um seu único papel, sem compreender sua função e objetivo, improvisando a cada cena e dando vasão à sua criatividade e imaginação. Ninguém presta atenção ao cósmico diretor, nem sequer tomam conhecimento de sua existência, deixando o princípio criador de lado e ignorando os seus avisos, pois não se fala o seu idioma. O que deveria ser uma imortal aventura, transformou-se numa cômica tragédia, dentro da qual ninguém quis ser crítico o suficiente ou objetivo o necessário para estabelecer um magistral final. A empolgação e o desejo de destaque era tanto, que todos se sentiram capazes o suficiente de agir por conta própria, esquecendo que todo bom trabalho segue uma orientação e deve ser realizado em equipe. O toque particular e egoísta de cada participante alterou radicalmente a natureza e integridade da peça, resultando apenas, no findar de toda essa incrível obra, um provável triste fim. Tão caótica como desencontrada foi a participação dos atores, tão medíocre quanto inconveniente foi a falta de critério de sua performance.

Na grande obra magistral da evoiução, a performance da vida inteligente perde para a vaidade, o egoísmo e o pânico da insignificância. A frustração pela impotência de mudar um mundo hostil, onde a vida nada significa, resultando apenas em instrumento, degrau na plataforma útil para atingir metas particulares, corrói o espírito e amarga a existência, tornando a fantasia, o imaginário e até a insanidade via única de paz, esperança e destaque. O medo de uma vida sem sentido nos cega. O pânico de uma existência sem amor nos faz sentir miseráveis, vazios e insignificantes. E uma jornada evolutiva sem percepção, esclarecimento, consciência ou conhecimento nos torna escravos de nossas próprias limitações. Nunca palavras tão antigas tiveram tanto sentido para mim: *"... Quem tenha olhos para ver, verá..."*.

Capítulo XVI
Refletindo

Durante os longos anos de pesquisa e investigação, as palavras de Godar na segunda viagem ecoaram em minha mente reverberando seu significado e guiando meus passos. A cada nova leitura, a cada nova descoberta, informações surgiram para mostrar a confusão, o conflito, o desvirtuamento, a mistificação, a manipulação e o pouco de verdadeiro que temos ou que restou de um passado de enorme influência no presente.

Quão sábias foram as colocações deste extraterrestre. E quão profundas suas palavras. Em minhas reflexões, Godar aparecia furtivo relembrando: "... para poder contrarrestar o efeito da confusão, facilitando a definição, a única arma disponível será o argumento, a informação, o conhecimento, acertar a evidência, a prudência e a sabedoria. Para isso, uma longa e demorada preparação terá de ser iniciada. Se estás tão curioso a respeito dessa escultura, ela será teu primeiro e mais importante desafio. Procura investigar quais os fatos históricos que apontam nesta direção. Procura saber por que essa imagem merece estar aqui, para assim ter capacidade de ver mais longe e aprender a entender. O homem se contenta com pouco, não fazendo idéia do que está perdendo ou poderia ganhar. Sua ignorância é a sua perdição. Busca conhecer e terás a vida. Busca compreender e terás a sabedoria. Busca saber e darás como resultado o amor. Conquista o amor, e o medo se tornará prudência. O sucesso do teu trabalho depende de saber o porquê da vida e do sofrimento. Para conquistar a vida é necessário conquistar-se. Para viver é necessário saber. E para poder oferecer algo ao teu mundo tens de ter experimentado a superação de tua ignorância e medos interiores...".

Ao longo de toda esta investigação, podia concluir que realmente tudo poderia prestar-se à confusão. Resultava difícil saber em concreto quem teria sido Jesus, pois os próprios evangelhos conflitavam em seu conteúdo. Tal é o caso de encontrar em *Mateus* (18:5-6) o seguinte texto: "*... Caso alguém escandalize um destes pequenos que crêem em mim, melhor será que lhe pendurem ao pescoço uma pesada mó e seja precipitado nas profundezas do mar...".* Nitidamente podemos concluir que Jesus era a favor da pena de morte, se a falta fosse contra as crianças. De igual forma, podemos identificar um espírito aguerrido, belicoso e até subversivo e revolucionário, quando lemos em *Mateus* (10:37-39) o seguinte: "*... Não penseis que vim trazer paz à terra. Não vim trazer paz, mas a espada. Com efeito, vim contrapor o homem ao seu pai, a filha à sua mãe e a nora à sua sogra. Em suma: os inimigos do homem serão os seus próprios familiares...".* Que dizer então, quando encontramos atitudes autoritárias e violentas? E isto está claro quando lemos em *Mateus: "... Então Jesus entrou no Templo e expulsou todos os vendedores e compradores que lá estavam. Virou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas..." (Mateus* 21:12).

Uma das coisas mais curiosas é que quando converso com alguma pessoa a respeito da imagem que faz de Jesus sempre deparo com a resposta que o eleva a uma condição de entidade amável, generosa, caridosa, paciente, comedida e, acima de tudo, amorosa. Porém, quando questiono a respeito dessas passagens, é quase consenso geral responderem que a *Bíblia* não deve ser levada ao pé da letra. Porém, o incrível é que as informações que endossam a imagem maravilhosa deste personagem são aceitas ao pé da letra e as que atentam contra a mesma são desconsideradas. Ou seja, existe uma seletividade do que é aceito por conveniência e simpatia. O que contraria a imagem idealizada é descartado como não válido ou questionável em relação à sua representatividade dentro do contexto. Em

outras palavras, o texto bíblico é passível de ser "pinçado" por conveniência, tendo partes do seu conteúdo levado às últimas conseqüências enquanto que outras descartadas como inexistentes. Este exemplo começou a incomodar persistentemente minhas reflexões, obrigando-me a estabelecer uma correlação entre o desenvolvimento do ser humano frente ao que existe por descobrir e a habilidade que parece apresentar para desvirtuar o caminho de sua realização e perder-se em função de interesses de momento, ou por simples derivações decorrentes do medo de arriscar ou aventurar-se em empreitadas cujo resultado seja desconhecido ou apenas doloroso e inconveniente em relação aos seus ideais e sonhos.

A capacidade investigativa do ser humano aparentemente se anula quando surge uma resposta pronta ou uma alternativa que vai de encontro aos interesses ou simpatias vigentes ou presentes. Isso significa que necessidades nascidas no interior do ser humano, fruto inerente do caos social e do desajuste da personalidade, elaboram uma armadilha terrível de compensação do significado existencial, levando o ser humano a procurar desesperadamente uma alternativa para explicar a necessidade de sua existência e valor humano. Em outras palavras, surge o premente desejo de ser alguém e ter uma razão para existir. A busca de uma identidade cósmica e de um norte que oriente a própria existência torna-se uma necessidade de motivação poderosa que envolve a pessoa e a coloca em situações de absoluto perigo, pois esse estímulo resulta inconsciente e sem compreensão. Porém, isso não está errado. Somos verdadeiramente impulsionados por um desejo gigantesco de saber quem somos e a razão pela qual estamos aqui. E isso deve ser parte de um complexo processo seletivo. Em outras palavras, a criação nos assinala um caminho e uma busca, mas a armadilha está em como viremos a realizar esse percurso e quais as ferramentas que empregaremos para

desvendá-lo. E é aí que mora todo o perigo. Se mantivermos uma atitude de "mínimo esforço" estaremos sendo superficiais e terrivelmente descuidados, o que acarretará uma série de complicações fruto de uma falta de visão, de uma atitude preventiva ou simplesmente de uma total falta de preparo. As necessidades exigidas por parte deste jogo cósmico como requerimento fundamental para se dar bem dentro dele parecem provocar o surgimento de testes ou provas de habilidade para a condição humana, e pelo jeito o homem não parece consciente destes requerimentos e muito menos das provas a que é submetido. E o pior, não está a fim de complicações. Desta forma, partirá para soluções fáceis e descomplicadas, preferindo sujeitar-se a alternativas de rápida explicação e a compreensões de simples aceitação.

Assim sendo, o desconhecimento dos mecanismos seletivos universais, e como conseqüência, o não saber considerar o processo de socialização e civilização como um dispositivo seletivo, além de ter sua própria psique como mais um elemento selecionador, resultarão na construção e estruturação de uma armadilha destrutiva e aniquiladora dessa humanidade ingênua.

Desta forma, podemos perceber que os medos interiores, somados a uma revolta e frustração contra um sistema insensível, autoritário e cruel, aliado a um desajuste social e a uma desconfiança e descrença da honestidade do próprio semelhante e dos valores culturais, estabeleceram um padrão de comportamento que prima pela construção de mundos particulares e independentes da realidade. Sendo cada um artífice, dono e senhor desse novo mundo. Assim, o crescente sofrimento pela solidão interior, a perda da credibilidade nas instituições, a massificação, a dificuldade de sobrevivência no ambiente profissional, a falta de oportunidades que garantam uma estabilidade econômica, a falta de perspectivas futuras, a descrença na honestidade humana e na

possibilidade de uma relação afetiva sincera tenderão a tornar este comportamento uma constante humana, e sua predominância mais crítica condenando a humanidade a uma crescente fuga para o imaginário e fazendo-a renegar da razão. A falta de um sentimento honesto e de uma afetividade sincera e profunda levarão o homem a procurá-la em dimensões distantes e em universos irreais, onde criaturas repletas de amor e compreensão pela ignorância humana preencherão o vazio de um espírito solitário e carente, assumindo atitudes paternalistas. Nessa dimensão, onde tudo é possível, os desejos serão colmados e os corações tocados por um amor incondicional e eterno, onde a traição e a decepção serão impossíveis e quem participar dela resultará em alguém especial. Aqui, toda criatura será recompensada, pois os "mestres" imaginários são todo-poderosos, eternos e amorosos e sempre estarão dispostos e disponíveis para conceder milagres particulares e atender a qualquer pedido, assim, jamais se estará só. Eles estarão sempre protegendo, zelando e cuidando de quem neles acreditar. Como se a vida humana somente pudesse progredir, crescer ou desenvolver-se na dependência ou no paternalismo cósmico. Nessa crença, ninguém evolui, cresce, progride ou vive por seus próprios meios, mas apenas filiado, protegido, tutelado e sob os favores e privilégios de entidades eternas e transcendidas, que cuidam de nossa inaptidão de viver e preenchem o buraco de nossa incompetência existencial e afetiva. Então, fomos criados pelo Universo para sermos eternamente dependentes? Incapazes de superar os desafios de uma vida e arquitetar um caminho coerente e satisfatório pelo esforço próprio? Qual a razão da inteligência então? Ser apenas uma ferramenta para reforçar a nossa animalidade e nos defender de tudo?

Resultava crítico supor que fôssemos capazes de tanta ingenuidade e tanta carência. O medo, o pânico ou a tristeza de dependermos apenas de nós mesmos parece tornar o ser humano desesperado e perdido a ponto de

fugir da realidade. Parece sentir uma sensação de solidão tão pesada que o amedronta terrivelmente.

Era isso que Godar queria que se descobrisse? Era essa visão do mundo que desejava que se tivesse? Ou queria que também compreendesse que eu próprio poderia estar sendo vítima da mesma armadilha? Até que ponto já não estava contaminado como todos? Quão criterioso e coerente eu era? Seria pois Jesus uma experiência com o objetivo de mostrar claramente as fragilidades de nosso compromisso com a verdade? Seria ele um projeto objetivando evidenciar a mediocridade intelectiva humana na compreensão da vida? Um projeto buscando mostrar as limitações que nós mesmos nos impomos? Um projeto que nos fizesse refletir sobre a absurda capacidade que temos de desvirtuar a mais pura verdade por simples ignorância ou medo, ou apenas por buscar perpetuar o poder como forma de autoproteção e/ou afirmação?

Quanto mais investigava, mais podia perceber a distância entre o que Jesus haveria dito e o que o cristianismo havia construído. Especificamente, Jesus jamais teria desejado fundar qualquer Igreja ou culto em torno de sua pessoa. E isto resulta importante quando encontramos em *Mateus* (16:18): "... *Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja, e as portas do Inferno nunca prevalescerão contra ela...".* Aqui, temos que para qualquer pessoa estava claro o contrário de minha afirmação. Mas devemos lembrar que Jesus era judeu, e entre eles jamais existiu qualquer conceito similar à Igreja, pois eles cultuavam Deus nas Sinagogas. Por outro lado, a palavra empregada para ser traduzida como "Igreja" no aramaico não existe, o que significa que São Jerônimo procurou o significado por aproximação ou por uma parcialidade típica de quem está envolvido com toda uma instituição. Enfim, Jesus devia ter empregado a palavra "ekklesia" que significa "assembléia" ou "reunião". O que deixa a entender que pretendia

apenas que Pedro fosse o centro de uma agremiação ou base para a reunião daqueles que simpatizassem com as suas idéias. Além do mais, Jesus afirma que somente no final dos tempos é que será feita a reunião dos que souberam ser justos, e não antes, o que implica na existência de todo um processo seletivo e de definições. Inclusive, também esclarece que nunca veio a sobrepor-se ao judaísmo nem a fundar uma nova religião, bem ao contrário quando lemos: "... *Não penseis que vim revogar a Lei e os Profetas. Não vim revogá-los, mas dar-lhes pleno cumprimento, porque em verdade vos digo que, até que passem o céu e a terra, não será omitido nem um só i, uma só vírgula da Lei, sem que tudo seja realizado..." (Mateus* 5:17).

Pelo jeito Jesus esperava que o resultado final de sua estada entre os judeus fosse concluir num grupo de pessoas que refletiriam sobre seus pensamentos e orientações. Mas, infelizmente, foi transformado em Deus e sua figura em instituição. O que deveria ter sido uma reunião em torno de pensamentos, se transformaram em dogmas capazes de representar um passaporte para a morte se não aceitos. O que deveriam ter sido palavras de orientação e reflexão, se transformaram em leis que aprisionaram um mundo e sua civilização. Trancando-os num clima de mistificação, ostracismo, dogmatismo, irrealidade e crueldade.

Resulta impossível aceitar que uma figura tão curiosa como Jesus fosse pois transformada num Deus. A miséria humana é tal, que precisou de um herói divino para encontrar força para continuar a viver e enfrentar o sofrimento, cuja única causa é a perpetuação de sua ignorância. E isto está evidenciado pela facilidade que o ser humano tem de idolatrar líderes e transformar pessoas em gurus. Construir pedestais e colocar neles novos messias é uma questão de carisma, envolvimento e diferenciação. Bastou alguém falar diferente, envolver com suas idéias, berrar mais alto, demonstrar coragem e determinação, para que tenha ao seu redor um

grupo de seguidores e admiradores que, em breve, o considerarão um escolhido. Lembro claramente que esta situação está bem exemplificada de forma até bem humorada e sarcástica no filme para o cinema *"A Vida de Brian",* da trupe inglesa Monte Piton. Aqui, um jovem é confundido com um pretenso Messias e o filme percorre as infelicidades e desventuras de tal confusão, mostrando de forma singela e irônica como é fácil angariar seguidores.

Tudo o que está nos evangelhos é, infelizmente, suspeito e difícil de ser levado em considerção na sua totalidade, dado o volume de manipulações realizadas. Mas o fato de que Jesus existiu suporta a enquete mais severa. Se ele pois foi real na nossa história, existiu não para ser adorado nem venerado no futuro, mas para ser considerado e refletido. Sua passagem ocorreu para ser ele legador de princípios e conhecimentos ao redor dos quais a humanidade deveria ter-se reunido para refletir e ponderar, e jamais para transformá-los na verdadeira fé ou na palavra única de Deus. Já que isso significaria que Deus privilegia alguns seres humanos em detrimento de outros. Uns merecem e outros não? Provavelmente alguns seres humanos possam estar no lugar certo na hora certa, mas não cabe a Deus dizer quem nem indicar quem. Cabe a nós mesmos dirigir o nosso destino e encontrar o caminho da verdade.

Se Deus considerou necessário lembrar-nos disso é porque reconheceu que nos fez limitados em excesso e falhos além de seu planejamento. E Deus erra? Ele é capaz de criar um ser dependente dele? Um ser que para existir precisa regularmente de milagres e graças para suprir as deficiências que Deus provocou nele? Seria Deus um poder tão vaidoso que nos fez dependentes para ele se sentir necessário? Eu não acredito em nada disso. Apenas que o papel de Deus ou do Profundo (como os extraterrestres o chamam) dentro de todo este maravilhoso processo universal é de gerar as leis e o cenário, mas não interferir. Pois a justiça

está em cada ser ou criatura ao colher o fruto do que semeou. Tal e qual foi lavrado o seu caminho, tal e qual será o resultado de sua vida. Sem interferências nem milagres, apenas aqueles gerados pela sua mudança e pela sua reflexão, pela sua força de vontade e determinação, apenas aqueles resultantes da compreensão.

O papel de Jesus e as palavras de Godar me levavam a uma única conclusão: tudo isto não passava de um teste, um teste de determinação, de curiosidade sã, de reflexão, de busca da verdade e de compromisso com o conhecimento. De fato, as deturpações, frutos de nossa mediocridade e ignorância, eram os obstáculos e as barreiras que dificultavam a descoberta e a compreensão, e era aí que estava o desafio: ir o mais longe possível e buscar o maior conteúdo existente. Em outras palavras: vencer nossas limitações e acreditar que é possível achar o caminho, trilhá-lo e chegar até a verdade que nos libertará de uma vida sem sentido.

Jesus foi e continua sendo um desafio para a humanidade. Um desafio em busca da verdade. Uma proposta de responsabilidade e compromisso com a vida. Uma prova de nossa maturidade.

Sua passagem e prédica existiram para demonstrar quão comprometidos devemos estar em prol da busca e compreensão da verdade, do conhecimento, dos fatos e de descobrir o verdadeiro caminho em busca da melhor forma de viver, do amor, da felicidade, do encontro com o Universo e seu potencial.

Este personagem resultava e resulta ainda no pivô de um processo estruturado na tentativa de redimir a ignorância para ser substituída pelo conhecimento, pois como ele dizia: ".... *Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim. Se me conhecêsseis, conheceríeis também o meu Pai..." (João* 14:5-7). Ele era e continua sendo o caminho, a alternativa de uma reflexão obrigatória ao longo dos

tempos para exigir de nós, de cada um de nós, o entendimento, a busca curiosa pela verdade e pela razão. Descobrir Deus é descobrir a razão de existirmos, de sermos e de viver. Pois seria somente por meio da descoberta honesta que encontraríamos o caminho de nossa libertação do egoísmo, do individualismo, da ignorância e de nosso violento animalismo.

Jesus seria pois, segundo entendo, apenas parte de um projeto ou esquema muito bem elaborado. Ele acabou sendo um marco dentro do processo histórico humano de fato, mas ele não estaria só ao longo da evolução e história da humanidade.

Durante todos os anos de pesquisa e leitura, consegui compreender que a presença de estranhas entidades, deuses, seres míticos e criaturas surpreendentes cumprira um papel extremamente importante. Na verdade, estas entidades não seriam o resultado apenas do simbolismo de certos desejos humanos ou a representação de idealizações. Mas se considerarmos estas presenças como visitas extraterrestres, podemos supor perfeitamente a presença de um plano bem elaborado, contendo um claro objetivo. Em outras palavras, poderíamos perfeitamente perceber uma tentativa de mensurar, medir a nossa capacidade de reflexão e pensamento lógico, assim como sua evolução e desenvolvimento ao longo dos tempos. Assim como a orientação de nossa espécie em prol desse rumo. Traduzindo, estas entidades se manifestaram buscando identificar o momento em que o homem alteraria a superstição pela coerência e buscaria a compreensão e a verdade dos fatos. Isto é, o momento em que deixaríamos de sermos animais instintivos para sermos seres realmente conscientes. Tudo não passaria de um processo seletivo acompanhando a nossa humanidade no seu percurso da maturidade, na transição da selvagem idealização mística para a perfeita compreensão lógica e reflexiva.

O homem estaria sendo de fato observado para identificar seu grau de maturidade e responsabilidade. Não apenas em relação ao exercício de sua própria vida, mas no gerenciamento do seu mundo, na administração das vidas que nele existem e assim demonstrando responsabilidade de aceitar e receber outras formas de vida. E como decorrência, manifestar um elevado nível de respeito, valorização e confiabilidade no manejo deste conhecimento a ser adquirido por estas relações.

Os extraterrestres pois estariam permanentemente acompanhando a nossa humanidade como um experimento sim. Uma experiência estruturada na busca da coerência e da responsabilidade de existir, vindo a acompanhar o momento desta maturidade.

Se de fato somos o produto de uma interferência extraterrestre no passado, haveria uma responsabilidade por parte destas entidades em nortear o nosso caminho e acompanhar o nosso aprimoramento para a vida. E se de alguma maneira erramos, caberia refletir se esse erro foi produto de nossa inaptidão ou provocado por alguma variável genética resultado da mutação da qual afinal resultamos.

Se somos produto de alguma experiência, a projeção futura do resultado de múltiplas mutações e do comportamento e resultado final dessas novas gerações, não deveria ter estado claro para estas entidades genitoras. Provavelmente, faziam uma idéia do que seria a nossa evolução, mas dificilmente teriam claro o percurso de nossa socialização e bem menos o desenvolvimento de nossa mente. Portanto, deveriam ter enorme curiosidade em acompanhar esse desenrolar, e ver o fruto dessa experiência progredir ou se destruir.

Por isso, jamais poderiam ter ficado indiferentes às atividades humanas, bem ao contrário, a sua interferência se justificaria pelo fato de se sentir responsáveis pelo nosso caminhar e suas conseqüências, já que, se somos parte deles, uma outra parte resulta num componente também

desconhecido, cujas influências seriam para eles também de atitudes e comportamentos sem referencial.

Até onde seríamos capazes de chegar? Qual seria o desenrolar de nosso processo civilizatório? Quanto influenciaria o instinto na evolução de nossa mente? O quanto de animalidade seria mantido influenciando a nossa intelectualidade? O animal empregaria o intelecto como forma de defesa ou a inteligência conquistando a consciência domesticaria o animal? Em que momento abriríamos os olhos para o Universo? Conseguiríamos chegar à conquista da razão antes da animalidade e da ignorância nos destruirem? Qual seria o poder destrutivo que poderíamos desenvolver? Enfim, estas entidades devem ter elaborado infinitas perguntas olhando pela escotilha de sua nave e contemplando um grupo de seres aglutinados observando-os com olhos arregalados, perguntando-se qual seria o seu destino.

Mas de alguma maneira estava claro o nosso futuro. A nossa ignorância e selvageria deveria estar plasmada no rosto e na atitude da gente dessa época. Quando Jesus afirmou: "... *Haveis de ouvir sobre guerras e rumores de guerras. Cuidado para não vos alarmardes. E preciso que aconteçam, mas ainda não é o fim. Pois se levantará nação contra nação e reino contra reino. E haverá fome e terremotos em todos os lugares. Tudo isso será o princípio das dores..." (Mateus* 24:6-8), não foi à toa. Ele tinha plena consciência de que qualquer tentativa de mudança envolveria um sacrifício gigantesco e um enorme risco. O preço de contestar a ignorância do mundo não seria baixo. Isto está bem claro quando diz: "... *Nesse tempo, vos entregarão à tribulação e vos matarão, e sereis odiados de todos os povos por causa do meu nome. E então muitos ficarão escandalizados e se entregarão mutuamente e se odiarão uns aos outros..." (Mateus* 24:9-10). Toda reforma encontrará oposição e toda mudança, resistência. Mudar a forma de ver e perceber a vida, o

mundo, a criação e o futuro, de fato ferirá interesses e maculará a tranqüilidade de quem usufrui da ignorância alheia em prol de si mesmo. Além do mais, sabia perfeitamente que o homem perpetuaria sua animalidade de forma geral, mas, dentro desse todo, alguns tentariam e conseguiriam se sobrepor a toda essa loucura. Embora soubesse também que nem todos teriam a determinação necessária para enfrentar uma reforma interior e a coragem de promover uma mudança. Ele previa as nossas fraquezas quando afirma: "... *E pelo crescimento da iniqüidade, o amor de muitos esfriará. Aquele que perseverar até o final, esse será salvo. E este evangelho do Reino será proclamado no mundo inteiro, como testemunho para todas as nações. E então virá o fim..." (Mateus* 24:12-14).

A resposta ao nosso futuro está na persistência e na determinação. Está presente no compromisso com o conhecimento, pois é por meio dele que podemos gerenciar e administrar as nossas deficiências e encontrar soluções e alternativas.

Guerras, conflitos, fome, pragas fazem parte de nossa história milenar e o único que mudou foi o tamanho de cada uma delas e quantas vítimas cobraram. Quanto mais avançamos, maior o número de vítimas e maior o impacto de todo esse caos. O curioso é que deveria ser o contrário.

A cada dia deveríamos ser mais esclarecidos e mais partícipes das mudanças deste mundo. Deveríamos ter mais claro o que desejamos e o como realizá-lo. Deveríamos ser mais conscientes de nossas obrigações e deveres e mais comprometidos com o cumprimento de nossas responsabilidades. Mas, a realidade é outra. A cada dia nos esquivamos mais dessas responsabilidades e transferimos as obrigações a quem é possível. Fugimos de compromissos e driblamos as exigências, construindo apenas metas individuais. A única realização plausível é a construção de uma situação econômica consistente e segura, e a obtenção

de um status relativo a uma exigência social de aceitação. Tudo o demais é passageiro, transitório e temporal. Os afetos vão e voltam, as amizades idem, mas a única que permanece é a nossa solidão espiritual.

Somos criaturas maravilhosas repletas de gigantescas possibilidades. Carregamos a beleza de criar e a grandiosa capacidade de realizar inteligentemente. Somos arquitetos de grande visão e engenheiros de inúmeros recursos. Somos médicos capazes de curar terríveis males e professores de profundo conteúdo. Mas, mesmo com todo esse *curriculum,* carecemos de coragem e amor à vida suficientes para agir. A solidão interior é tanta que preferimos nos esconder a enfrentar.

Estamos num momento derradeiro, pois os conflitos fruto de nossa ignorância começam a reunir-se e a ofender a vida, o nosso ambiente e a comprometer a nossa continuidade. Como Jesus previra: "... *Pois naquele tempo haverá uma grande tribulação, tal como não houve desde o princípio do mundo até agora, nem tornará a haver jamais. E se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma vida se salvaria. Mas, por causa dos eleitos, aqueles dias serão abreviados..." (Mateus* 24:21-22).

A cada momento o nosso planeta clama por uma atitude. A cada momento o Universo exige um comportamento digno e inteligente. Será que essa condição estará apenas nas mãos de quem decidir ter a coragem necessária de lutar pela vida e pela verdade, mesmo que seja à custa de sua liberdade e reconhecimento?

Como já foi apresentado anteriormente, existem menções dos famosos "eleitos" ao longo de todo o texto bíblico. E a única conclusão à qual posso chegar é que realmente alguém se escolherá para vestir a camisa da mudança, da transformação e da construção do futuro que se faz necessário. Pessoas munidas não apenas de boa vontade, mas de determinação e compromisso com o conhecimento e a verdade. Pessoas reunidas em tomo de uma perspectiva lavrando um objetivo e construindo

o caminho para realizá-lo. Seres humanos motivados pela insatisfação de viver com medo e sem esperanças. Criaturas estimuladas pelo desejo de amar e ser amadas, pelo sentimento de amizade, respeito à vida e valorização do seu meio.

Somente estas pessoas, as que se elegerem como empreendedoras, bandeirantes do futuro, artífices de possíveis realidades, construirão a base de uma esperança capaz de se tomar um fato no futuro. Criaturas capazes de sacrificar suas vidas, seu tempo, sua intimidade e sua liberdade em prol de uma esperança.

E para isso é necessário muita coragem, força de vontade e determinação, mas principalmente de muito amor à vida. Um amor ao semelhante, ao mundo, aos animais e ao Universo. Um amor profundo, desinteresseiro, sincero e generoso. Um amor alimentado pela gratidão de experimentar a sensação de estar vivo e da possibilidade de realizar. Um amor impelido pelo conhecimento e pela curiosidade de saber mais a cada momento.

Como Jesus já afirmava: "... Em verdade vos digo que esta geração não passará sem que tudo isso aconteça. Passarão o céu e a terra. Minhas palavras, porém, não passarão. Daquele dia e a hora, ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, mas só o Pai..." (Mateus *24:34-36).*

De fato todos sabemos que o nosso mundo está caminhando por uma rota de colisão com o Universo e com o que deveria ser coerente, e que, afinal, a possibilidade de nossa destruição ocorrer é total.

Vemos radicalismos no Oriente e suas terríveis e cruéis execuções; lutas em todo lugar pelas mais variadas razões tornando inocentes em vítimas; mortes por fome, por doenças, por indiferença e até por diferenças de time de futebol, por simples discussões de bar ou de trânsito; tudo isso reflexo apenas de nossa animalidade e do estado de violência em que nos movemos. Será possível continuarmos tão cegos assim? Até onde será

necessário chegar para tomar uma atitude? Teremos de nos tomar possivelmente vítimas dessa loucura para agir?

Alguma coisa está errada conosco de fato. E alguma coisa precisa ser feita. Vivemos um momento de contrastes em inúmeros aspectos. Não faltará quem diga que também estamos num momento de grande espiritualidade, mas eu questiono essa afirmação. Realmente frente a esse caos e violência vemos uma imensa movimentação espiritualista. Religiões evangélicas, cristãs e carismáticas em franco crescimento em número de fiéis, incontáveis grupos esotéricos e holísticos congregando seguidores e outras tantas religiões e seitas proliferando por todo lado. Olhando de forma superficial diríamos que o ser humano está retornando a uma relação com Deus mais ativa e a uma busca de seu interior, mas, será que a razão de tudo isso é essa? Eu acho que não. Eu considero que toda essa movimentação é apenas reflexo de um estado de vazio interior, medo, pânico, até solidão e desespero frente a um futuro sem esperança e uma condição presente sem possibilidades. Tudo isso faz com que as pessoas busquem na fé um incentivo, uma razão e até a força necessária para aceitar esse drama e continuar a viver. Acho que as pessoas estão perdidas, confundidas e desesperadas buscando um caminho alternativo que justifique todo esse sofrimento e substitua essa dor por esperança, por justificativas e argumentos que permitam tolerar melhor esse caos. Essa espiritualidade é pois hipócrita, mentirosa e pobre, já que esconde apenas dor, medo, resignação e autopiedade. Não reflete uma busca real por caminhos ou conhecimentos, mas apenas por elementos de apoio e contentamento. E isso é terrível e triste, pois carecemos de empreendedores, de aventureiros e desbravadores. Aqueles seres capazes de resultar em elementos de transformação, em exemplos de mudança e em referenciais de reflexão.

Mas mesmo que o movimento seja enorme a nível mundial, acredito que existam pessoas verdadeiramente comprometidas com uma busca honesta. Porém, como reconhecê-las? Como saber quem é quem? Acho que a brincadeira cósmica resulta em fazer com que aqueles que verdadeiramente estão em busca da verdade, de sua real identidade e do conhecimento consigam se encontrar e se reunir. Tudo o que ocorreu e ocorre em nosso mundo poderia bem ser um conjunto de eventos que visam mostrar um caminho e fazer com que determinado grupo consiga vislumbrar alternativas. Existe um farol nas trevas da ignorância deste mundo, que pisca um caminho, e que aos poucos guiará os eleitos para se encontrarem.

Mergulhado nessa reflexão saí a campo para meditar sobre tantas coisas e buscar no céu, na paz do campo e na solidão da noite algumas respostas. E em meio a meus pensamentos Godar apareceu para minha surpresa.

CAPÍTULO XVII
O Projeto Emanuel

Em meio do nada, entre a escuridão e a natureza, um portal dimensional se abriu. E de seu interior uma figura já conhecida e profundamente respeitada deu sua presença. Sem qualquer preparo, fui tomado por um enorme sentimento de afeto e respeito pelo extraterrestre. Não aguardava nem imaginava que essa situação pudesse ocorrer. O *Xendra* se havia aberto rapidamente e o ser surgira de seu interior sem qualquer cerimônia.

Eu me sentia nas nuvens. Estava exultante e emocionado. Por alguns segundos fiquei paralisado sem conseguir articular qualquer palavra. Estava como que congelado, enquanto que o luar iluminava seu rosto e os

enfeites de sua roupa. Era uma visão incrível e um espetáculo inesquecível, pois fazia muito tempo que não nos encontrávamos.

Tinham-se passado vários anos desde que havia encerrado os grupos no Brasil e eu havia me retirado para tentar seguir minha própria vida. Diversos problemas pessoais, a resposta de alguns grupos e pessoas, assim como a insistente perseguição de alguns inimigos, haviam me deixado deprimido e desmotivado para continuar. Além do mais, estava cansado e confuso. Refletia profundamente sobre tudo o que havia aprendido e ponderado ao longo de todos esses anos, mas não conseguia entender ou compreender tudo. Estava travado em descobrir onde eu poderia ter errado e comprometido a minha missão. Considerava-me falho no cumprimento dessa empreitada e teimava em descobrir o que eu havia compreendido e aplicado mal. Além do mais, o mistério de Jesus permanecia insolúvel ou pelo menos não oficialmente definido pelos extraterrestres.

Desta forma, sentia-me em conflito, pois minha mente era um turbilhão de perguntas com difíceis respostas.

Sentia-me frustrado e fracassado. Acreditava que havia empregado meu conhecimento de forma errada e ineficiente. Que havia decepcionado os extraterrestres e por isso meu afastamento estava justificado. Fazia anos que não experimentava uma comunicação telepática nem tinha coragem de tentá-la, pois sentia vergonha. Estava munido de um sentimento de baixa estima pois o que me havia sido legado resultara pessimamente empregado a meu ver.

A presença de Godar resultou numa surpresa extraordinária, pois poucos dias atrás havia tentado uma comunicação, e o maravilhoso disso é que havia sido atendido. Quem havia se afastado era eu com meu sentimento de fracasso e vergonha. E eles jamais haviam me abandonado.

Tomado de uma indescritível felicidade, fui me aproximando de meu incrível amigo cósmico. Como era maravilhoso revê-lo. Seu rosto, seu cabelo, suas roupas, seu porte e sua expressão. Que bom era renovar a minha memória com imagens novas. Como era delicioso sentir-se parte de algo tão grande.

Quase que extasiado, consegui me articular e formulei algumas palavras, ao que o ser sorriu de forma afável. Quantas noites em minhas meditações relembrava esse sorriso? Quantas vezes pensei que jamais teria o prazer de vê-lo de novo? Não sei dizer. Apenas sentia em mim uma incrível sensação de perda e agora alegria, que jamais ninguém poderia compreender.

Tudo isso era maravilhoso demais para ser perdido ou deixado para trás.

Mais calmo, aproximei-me de Godar. E passei a perguntar o que ele e os demais, lá em cima, estariam pensando de mim. Pedi desculpas pelos meus fracassos e meus erros, assumindo o prejuízo que havia provocado pela minha péssima performance e pelo estrago em muitas pessoas. Mas, ao mesmo tempo, implorava entender onde e por que eu havia errado. Onde estava a minha falta de visão ou se tudo não havia passado mesmo de uma exacerbada vaidade e egoísmo pessoal?

Godar ouviu atento, sem piscar, a minha confissão, até não ter o que mais dizer. E aí, ele passou a falar: "... Faz tempo realmente que não nos encontramos. Tempo mais que suficiente para avaliar. Recebeste muito em pouco tempo. Viveste intensamente o que muitos sequer sonham, mas pouco tempo te foi dado para compreendê-lo. Não se culpe ou recrimine, tudo é um aprendizado. E o importante é jamais se sentir derrotado nem extenuado pelo esforço, pois sempre é possível fazer mais e tornar a vida melhor...".

Sentir aquelas palavras de novo em minha mente foi demais. Tantas lembranças evocadas naquele instante percorriam meus pensamentos a

ponto de fazer sentir que minha cabeça ia explodir. Quantas sensações e sentimentos fervilhavam naquele momento. Eu estava em meio do nada, em frente a um ser vindo de um planeta distante para falar comigo. E isso era apenas parte de toda uma antiga aventura. Meu Deus, como a vida e o mundo resultavam pequenos nesse momento. Como todos os problemas que enfrentara pareciam insignificantes. Sentia vontade de gritar a minha satisfação, a minha felicidade e a sensação de paz que voltava à minha alma. Eu estava diante de um velho amigo.

Olhando para ele, pensava na minha vida. Quantos anos devotei levando uma mensagem de reflexão, busca da verdade e abertura para a descoberta da vida? Quase uma década já se fazia nesse momento. E quantos anos mais teria pela frente?

Vê-lo não era por acaso. Ele sabia quão importante essa experiência resultaria para mim no futuro, pois quantas outras provações teria a enfrentar e quão seguro precisaria estar para não esmorecer. Eu estava pois numa arena chamada Terra e era um gladiador lutando por um caminho. A visão de um paraíso extraterrestre era fundamental para ter a força e determinação necessárias para subsistir. Tudo a enfrentar seria pequeno, pois o Universo não começava nem acabava nesta arena. Bem ao contrário, nós éramos um grão de areia na praia do Universo.

Nesse momento senti-me pequeno e grande ao mesmo tempo. Pequeno frente ao gigantesco compromisso de ser testemunha e portador de uma realidade fantástica. E grande pelo amor que sentia pelo nosso mundo e pelas pessoas. O amor de partilhar e dividir essa maravilhosa realidade de não estarmos sós e de poder sermos nós mesmos os arquitetos de um mundo de paz, justiça e felicidade. Eu tinha visto esse mundo com meus olhos e pisado em seus jardins. Eu havia bebido da fonte desse conhecimento e percebido a grandeza de viver em harmonia com a vida. Eu havia testemunhado a grandiosidade do conhecimento feito uma

cidade e uma civilização. E havia recebido em meu coração o amor e o carinho de criaturas que nos vêem como crianças na puberdade da evolução.

Como as mediocridades de nosso mundo pareciam pequenas mas desafiantes nesse momento. Como lamentava não haver podido dar mais de mim para fazer as pessoas pensarem sobre tantas possibilidades. Pois é, como resultava fácil coixomper-se pelas tentações do mundo, do ego e da vaidade.

Absorto em reflexões, Godar iniciou seus comentários: "... Estou aqui como resposta a uma necessidade. Meu objetivo é preencher algumas lacunas em teu conhecimento e dar um rumo ao trabalho. Estou para iniciar uma nova estapa nas nossas relações e estabelecer metas. Neste momento, podemos encerrar nossa relação e o projeto findar definitivamente. Tendo de admitir que não foi possível realizar teus e nossos objetivos até o momento. Se sentes que te faltam forças para seguir em frente, estou aqui para fortalecer teu ânimo; se te sentes fraco para continuar, estou aqui para te dar confiança e, se te sentes perdido e sem rumo, estou aqui para dar um norte...".

Essa deixa era a que eu estava esperando havia longa data. Era agora o momento de jogar todas as minhas duvidas sobre a proposta, meu desempenho e sobre a figura de Jesus, e entender, de vez, qual era o meu papel nesta incrível aventura.

Assim, curioso e motivado, passei a perguntar durante horas o significado de todo o projeto, sua estrutura, conteúdo e objetivos. Durante um longo tempo Godar de forma paciente discursou sobre alguns pontos me estimulando a refletir sobre outros. Postura, atitude, compreensão e trabalho foi revisto, analisando toda a história desta experiência e seus desdobramentos. Afinal, uma visão mais completa, detalhada e profunda havia sido formatada em minha mente.

Eu era apenas alguém preparado para reunir, estimular e dar o impulso para a construção desse nosso mundo melhor. Não deveria jamais liderar nem ser o eixo do processo, mas ser o catalizador de potenciais, capacidades, curiosidades e vontades de realizar. Eu seria o organizador mas jamais o realizador. Seria o convocador mas nunca o finalizador.

Conjuntamente, Godar discutiu comigo uma estrutura organizada de trabalhos e ações cujo resultado seria o balizador de nossas realizações. Agora, compreendia meu papel e os objetivos do projeto, e o melhor de tudo, tinha mais claro a forma de chegar até eles.

Embora estivesse entretido com tantos pontos e detalhes a discutir, não fugiu em momento algum a questão de Jesus e sua presença na praça dos bustos. Assim, numa oportunidade da conversa, perguntei: "... *Por que você me fez investigar tanto Godar? Durante anos tenho lido, pesquisado e a única coisa que pude constatar ê que somos maravilhosos corruptores da informação. Era esse teu objetivo?...".*

Godar olhou para mim e respondeu: "... Já parastes para pensar por que o homem corrompe o que adquire? Por que deturpa o que recebe? Por que altera tudo ou em parte aquilo que obteve?...".

De imediato retruquei: "... Acredito que o medo, o interesse e o egoísmo forçam para que as interpretações sejam acordes à manutenção de certas situações. Desta forma, a não mudança ou uma mudança relativa ajustada aos interesses do momento está garantida. As pessoas pouco se importam com a verdade ou com o universalmente correto. Procuram apenas o que seja cômodo e confortável para a perpetuação de seus interesses. Sei que manipulam o conhecimento assim como a inteligência para justificar seus atos e fazer prevalecer seus desejos e vontades. Já vi isso inúmeras vezes. O poder do argumento passa a existir a serviço da vaidade, do poder, da força ou simplesmente do interesse. O conhecimento é flexibilizado para justificar atitudes e manter comportamentos...".

O extraterrestre me olhou e respondeu: "... O progresso de uma criatura está em empregar a sua inteligência na busca de soluções e opções. Para isso, se faz necessário ter um vasto conhecimento o mais próximo possível da realidade e da verdade. Sem isso, decisões e atitudes resultam de alto risco comprometendo resultados e tornando o decurso da vida num sofrimento contínuo. Quanto mais você investiga e confronta, mais percebe onde estão as possíveis falhas de conteúdo. Quanto mais amplo é teu conhecimento e mais imparcial tua conclusão, mais apto estás de concluir próximo da verdade. Desta forma, quanto mais clara seja a tua percepção da vida pelo teu investigar, mais coerentes serão teus atos e mais profícuos teus resultados, pois optastes pelas atitudes mais prudentes e as opções mais acertadas. Se teu compromisso é com a construção de uma vida melhor e não apenas de constituir um analgésico para drogar teu sofrimento, terás de devotar tua vida à busca do conhecimento e do esclarecimento. Assim, darás como conseqüência um estado de consciência crescente. Se buscas apenas acalmar teu sofrimento e dar sossego à tua curiosidade, estarás procurando por simpatias e informações que estarão alienando tua vida e percepção. Estarás fechando os olhos para o Universo e negando a tua própria existência. O compromisso com a verdade e com a vida é o compromisso com o conhecimento, com o esclarecimento e com a investigação. Saber é fruto de bagagem, experiência e pesquisa. Quanto mais limitado seja teu conhecimento, mais pobre será a tua existência e menos opções terás para encontrar soluções e alternativas de melhoria. Se queres progredir, tens de vislumbrar, e ver mais longe é um ato de iluminação, fruto do conhecimento e da percepção...".

As palavras do ser me faziam refletir profundamente. E, a cada frase, inúmeros questionamentos surgiam em minha mente. De fato, a liberdade

de escolher um caminho e fazer a vida acontecer reside apenas na habilidade de enxergar as reais possibilidades existentes.

Normalmente, o ser humano emprega suas habilidades intelectivas para encontrar apenas formas de auto-afirmação e de reforço de suas atitudes, mas dificilmente para reformular seu jeito de ser e adequá-lo às reais necessidades da vida. Todo o nosso arsenal intelectivo está mais para dispositivo de defesa do que para mecanismo de desenvolvimento. E a única barreira existente é quanto medo temos da própria existência e do futuro, assim como de arriscar nas mudanças.

A vida do ser humano se resume numa terrível dependência do medo pela vida. De uma vida sem sentido ou razão evidente. De uma existência cuja única finalidade aparente resultará em morrer. E depois? Vivemos apenas para morrer? Será que tudo o que a gente faz é criar situações de entretenimento para esperar a chegada da morte? Será que inventamos inúmeras justificativas para encarar melhor esse momento? Será que nos sentimos insignificantes ao extremo de usar a nossa inteligência para construir justificativas e mentiras para minimizar o sofrimento de nos percebermos tão frágeis e descartáveis?

As nossas misérias interiores realmente resultam num terrível perigo contra nós mesmos. Até a aquisição de conhecimento pode resultar numa arma para se defender ou se impor. E, realmente, o que parece ser uma constante, é a facilidade com que o ser humano se corrompe frente ao poder e à capacidade de submeter.

Nesse devaneio de conjecturas, interpelei o extraterrestre perguntando:

"... Bom, seja como for, eu vi o rosto de um homem na sua cidade, e você me mandou pesquisar para descobrir as razões disso. Pelo menos, solicitastes que descobrisse porque ele mereceria estar lá. Fiz isso de forma extenuante e pude concluir que, além do homem deturpar os fatos e as informações, como já disse, tudo indica que Jesus é um mestiço

extraterrestre e foi colocado intencionalmente na Terra para cumprir um propósito vinculado ao desenvolvimento humano. De fato, ele marcou a história com a sua passagem e prováveis ensinamentos. Mas, ele morreu? Está vivo? Ele voltará? O que virá de tudo isso?...".

Godar olhou para mim calmamente, e de igual forma respondeu: "... Não está escrito que retornará no final dos tempos? Não está prometido desde o início um julgamento? Não foi colocado que eventos ocorrerão anunciando seu retorno?...".

De imediato, respondi: "... Então ele está vivo e voltará? Quando será isso?...".

O clima que se gerou nesse momento foi de tensão. Estava ansioso e ao mesmo tempo temeroso das colocações do ser. Quantas coisas estariam sendo confrontadas nessa resposta? Quantas possíveis crenças estariam sendo abaladas? E quem poderia acreditar em mim depois disso?

Sem grandes mudanças em seu rosto, o maravilhoso ser de Apu, placidamente e sem qualquer manifestação de incômodo, respondeu-me o seguinte: "... Está claro que a nossa civilização vem acompanhando e interferindo neste mundo há milênios. Sempre nos preocupamos por dar um norte voltado ao desenvolvimento positivo e à construção de uma qualidade de vida profícua e digna. Os nossos erros do passado estão sendo pagos ao longo de todo esse tempo, visando estabelecer com as nossas ações as bases de uma cultura orientada na educação, no conhecimento, na reflexão, na justiça e na conquista de um amor fraterno..."

"... Durante todo o tempo em que estivemos agindo, procuramos deixar para o ser humano conceitos, princípios e orientações ligados especificamente ao entendimento de sua natureza, razão de sua existência e missão no Universo. Além do mais, procuramos levá-lo a uma reflexão sobre as suas potencialidades e capacidades. Mostramos pois que a união

das forças em prol de um ideal garantem sua realização e a força gerada pela compreensão de sua necessidade torna essa realização permanente. Nunca procuramos ser mestres mas apenas colaboradores de um despertar. E para isso se fez necessário interferir e até participar..."

"... Jesus foi pois um desses casos de interferência direta, concebido como objeto de várias experiências. A sua presença e atividade, tanto no período como posterior a ele, nos daria não somente a leitura da capacidade humana de refletir, compreender e agir, mas também de preservar, garantir e empregar o adquirido. Desta forma, poderíamos acompanhar a evolução de um legado medindo os fatores de deturpação e os de sustentação e continuidade. Além do mais, mesmo que deturpadas, algumas mensagens teriam necessariamente que continuar e influenciar, para permitir ter no futuro o resultado final de toda essa experiência. Por isso, sistematicamente mantivemos experiências alimentando a informação considerada importante para a manutenção do projeto. Inclusive, provas materiais, "milagres" e testemunhas foram providenciadas para dar sustentação ao trabalho e força aos efeitos desejados e pesquisados..."

"... O projeto denominado Emanuel, que em hebraico significa 'Deus está conosco' ou 'Salvador', foi concebido resultando num desafio ou charada interessante, estruturada para interessar a determinado tipo de pessoa, tanto no passado como no futuro. O impacto histórico deste personagem deveria empolgar a curiosidade e a vontade de compreender e saber do ser humano. Por outro lado, nos permitiria medir o grau de ingenuidade e credulidade humana, assim como a confiança e fé existente no semelhante e a percepção de uma necessidade de um câmbio de atitude para uma melhoria na qualidade de vida. O imediatismo, a impaciência e a desconfiança também são fatores complicadores de um processo de desenvolvimento, principalmente se ele deve decorrer de forma

socializada. Por isso, o emprego e implementação desta experiência no cotidiano, assim como suas interpretações, dariam uma ampla visão dos valores vigentes nos detentores desse conhecimento..."

"... Em outras palavras, Jesus foi um projeto elaborado para medir o desempenho humano em relação ao conhecimento obtido, às evidências e fatos vinculados ao gerenciamento dessa coleta e ao resultado desse entendimento, tudo ao longo de um período prolongado de tempo. Mas com a possibilidade sempre presente de ser confrontado. Por isso, a promessa de um retorno foi estabelecida para identificar a credibilidade desse fato em relação à aceitação da existência e prédica de Jesus. Melhor explicando, posso te dizer que a promessa de seu retorno deveria ter garantido a fidelidade de suas palavras e ensinamentos, assim como a aferição da conduta de seus seguidores e representantes. Tão certo para eles fosse acreditar nesse retorno, mais fiéis deveriam ter sido em relação a seguir suas palavras. O fato de ocorrer um desvio ou desvirtuamento do conteúdo, apenas demonstraria a fragilidade da crença desse futuro retorno de acerto de contas e da validade e compreensão desses ensinamentos..."

"... Você encontrou o rosto de um homem que participou e ainda participa de um processo na descoberta do homem. Ele existiu e existe para provar e testar a índole humana e sua capacidade de valorizar o sentimento, a confiança, a justiça, a fé numa vida fraternal e a vontade de conhecer e saber. Esse personagem ainda será fator de muita polêmica em teu mundo, pois nele se encerram aspectos que podem libertar o homem de seu indolente egoísmo...".

Perplexo e completamente atônito frente a essa revelação, não sabia o que responder. Minhas suspeitas haviam sido confirmadas, mas as afirmações do extraterrestre eram por demais fortes e pesadas. Jamais ninguém

acreditaria em mim se divulgasse essa informação pois provocaria muito mais confusão do que esclarecimento - pensei.

A declaração de Godar justificava o fato de informações tão curiosas terem existido na antigüidade. Tais como o gênese do homem ser produto de uma interferência "divina". Ou as declarações de Jesus nos textos apócrifos sobre ser o homem produto do demônio e não realmente de um princípio criador natural. Até os milagres ficaram mais fáceis de se entender dada a tecnologia e conhecimentos que deveriam manipular e, porque não, de suas previsões, pois os extraterrestres são capazes de realizar incríveis projeções de eventos a ocorrer. Além do mais, toda a preparação da chegada de Jesus e as manifestações aos antigos profetas como Enoch, Moisés, Elias, Eliseo, Ezequiel e as revelações a Isaías, Samuel, David e tantos outros, não eram mais que um direcionamento para a conquista de um resultado.

Não era pois à toa que os "anjos" haviam sido os responsáveis por tanta coisa no passado e que, conforme as escrituras, anunciariam o retorno de Jesus ao mundo.

Ainda chocado com o tamanho de semelhante afirmação, o extraterrestre dirigiu-se para mim afirmando: "... Não tenho mais nada a comentar, pois tudo que tinha de ser dito já foi. Agora é com você. Tua vida e tuas ações deverão seguir um rumo ordenado pelo que tens compreendido. Nunca serás perfeito e errar será tua sina, pois somente não erra quem nada faz. Segue teu coração e ouve teus conhecimentos. Caminha firme no teu propósito e quando for o momento conversaremos novamente...".

Dito isso, meu amigo sideral entrou novamente no portal dimensional, e o silêncio da noite se fez sentir. Mais uma vez estava só, mas agora motivado e convencido que algo pode e deve ser feito. Errarei inúmeras vezes, e em cada erro haverá um novo aprendizado e uma nova tentativa.

O desafio é não se deixar abater pelos fracassos, mas motivar-se ainda mais pelas possíveis conquistas que estão para ocorrer.

Retornando a São Paulo, reuni um grupo de amigos e recomecei o trabalho, agora ordenado por procedimentos mais estruturados e um esquema mais eficiente.

Com o tempo o trabalho foi frutificando, enfrentando seus altos e baixos, suas derrotas, erros, conquistas e mudanças. Sempre visando crescer, aprender e lutar para sermos melhores. Buscando o momento de dar um passo a mais, um pulo a mais e recuar quando necessário.

Sempre procurei e sempre buscarei lutar pelo mundo que sei que somos capazes de construir. Pois existem seres humanos bons, honestos, idealistas e sonhadores. Criaturas cujo coração acredita no amor, na amizade, na verdade e na felicidade. Entidades maravilhosas cujo espírito pertence às estrelas e cuja mente está posta para aprender.

São eles meu alvo e serão sempre meu objetivo. Serei para eles um ponto de convergência, uma luz para seus ideais e um porto para abrigar seus sonhos. Estou para dar forma a suas idéias e dar força a suas vontades. Jamais para liderá-las, mas apenas para ser mais um na construção de nosso futuro.

Ao longo de minha vida, os extraterrestres me mostraram o que conseguiram realizar pelo seu esforço. Uma amostra do que nós poderemos algum dia conquistar para nós mesmos. E eu acredito nesse futuro e nessa possibilidade.

Não busco que acreditem em mim nem nas minhas experiências. Nos meus contatos ou conversas com extraterrestres. Apenas que acreditem que amo o mundo, o ser humano e o Universo do qual somos parte. Quero que acreditem nos meus sonhos de uma vida melhor e que existem pessoas capazes de construí-la, pois amam a vida como eu.

Busco desesperadamente encontrar sonhadores que, como eu, vêem através de seus corações o despertar de um Universo que nos estende seus braços e que quer se aproximar. Procuro obsessivamente amantes da vida, que como eu querem desfrutar desse amor cósmico e profundo. Aquele capaz de superar toda e qualquer dificuldade ou barreira. Aquele que une as pessoas mais a cada momento e as faz serem fortes, resistentes e seguras. Aquele que nos preenche e toma por completo pois torna a amizade algo maravilhoso e poderoso.

Nosso futuro precisa de nós. O mundo precisa de nós. O amor e a vida precisam de nós.

Não interessa quem somos, que somos, qual o nosso sexo ou qual a nossa história pessoal. O que importa é que somos capazes de realizar e temos a vontade de realizar, pois a vida será sempre repleta de erros, dificuldades e incompreensão. Mas a nova vida, o mundo novo, será repleto de vida nova, de amor, de tolerância, respeito, compreensão e amparo. De igual forma como o Universo nos acolheu um dia e nos colocou neste pequeno planeta, devemos nós, cada um de nós, acolher os nossos semelhantes. Buscar nos amar, nos respeitar e construir nossa mente para lapidar o nosso coração e dar forma a nossas vidas.

Temos a missão de sermos artífices da paz e da felicidade. Temos a obrigação de viver em paz e dignamente. Temos a responsabilidade de nos preparar para descobrir as técnicas, as formas, os passos, os conhecimentos que nos permitam realizar essa missão.

Dois milênios atrás veio uma criatura ao nosso mundo, perdoando, amando, ensinando, levando esperança e compreensão. Amou desmiolados, acudiu doentes, acolheu prostitutas e recriminados pelo preconceito, levou esperança aos pobres e conhecimento a quem o ouviu. Que seu exemplo nos guie no caminho da vida, que suas obras iluminem

nossas ações e que na sua futura vinda nos encontre dignos de sermos, enfim, amados e reconhecidos como verdadeiramente humanos.